

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós- Graduação em Educação
Dissertação de Mestrado



*O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em
Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas
do século XX:
identidade e cultura escolar*

Patrícia Weiduschadt

Pelotas, 2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Patrícia Weiduschadt

O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XX:
identidade e cultura escolar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Elomar Tambara

Pelotas, 2007

Dados de Catalogação na fonte:
Aline Herbstrith Batista- CRB: 10/1737

W418s Weiduschadt, Patrícia

O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XX: identidade e cultura escolar / Patrícia Weiduschadt; orientador Elomar Tambara. – Pelotas: [s.n.], 2007.
253 f.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação,
Universidade Federal de Pelotas, 2007.

1.Educação. 2.Educação pomerana. 3. Sínodo de Missouri. 4.
Identidade. 5.Cultura escolar. I. Tambara, Elomar. II. Título.

CDD: 370

Banca Examinadora:

Profª Drª Eliane Peres (FAE/UFPEL)

Profª Giana Lange do Amaral (FAE/UFPEL)

Prof. Dr. Lúcio Kreutz (UCS- Universidade de Caxias do Sul)

Dedico este trabalho a Rosa Blank Neunfeld (in memorium), avó materna, que com sua garra, coragem e participante de uma cultura escolar religiosa pomerana, instigou a pesquisa e a reflexões que compõe esta dissertação.

Agradecimentos

No trabalho de uma dissertação muitas dúvidas e angústias perpassam o processo. Não se faz um trabalho sem o auxílio de muitas pessoas. A ajuda e a colaboração é sentida tanto no plano pessoal como no plano acadêmico. Por isso, quero agradecer a pessoas e instituições que de uma forma ou de outra fazem parte da finalização desta pesquisa.

Ao professor Elomar Tambara, pelas suas sugestões e incursões no trabalho, possibilitando a originalidade dos aspectos abordados na pesquisa, instigando a pesquisadora a buscar e descobrir estes aspectos.

Aos meus pais, Herbert e Loni, que foram incansáveis, não só como familiares, mas como participantes da pesquisa. Meu pai auxiliando nas traduções dos periódicos do alemão gótico e a minha mãe como intérprete num bom pomerano nas entrevistas.

A minha filha Raíssa e ao companheiro Alexsandro, por ter acompanhado os momentos difíceis da indefinição do trabalho e os momentos de satisfação.

Ao professor Carlos Moris que, apesar de avançada idade, trabalha no Instituto Histórico de Porto Alegre da IELB, traduzindo artigos sobre o Sínodo de Missouri e as atas do alemão gótico da comunidade de São Pedro.

À biblioteca do Seminário Concórdia em São Leopoldo por permitir a pesquisa dos periódicos usados na pesquisa.

Aos depoentes da pesquisa, que foram receptivos nas entrevistas buscando, através de suas memórias escolares enriquecer o trabalho.

Às comunidades de São Pedro, Bom Jesus, Santa Coleta, Solidez, Canguçu que auxiliaram no trabalho, emprestando material para servir de subsídio na pesquisa.

Ao grupo do CEIHE, (Centro de Estudos Investigativos em História da Educação), colegas e professores, por colaborarem no trabalho através de debates e sugestões.

Voltei a entender que a grande ênfase deve ficar, em as crianças serem ordenadas a assumir uma visão de vida dentro dos mandamentos da bíblia luterana. Lutero disse: 'Em torno da igreja desejamos ter e preservar escolas cristãs. Deus preserva a Igreja através da escola'. Os jovens se tornarão com o espírito de Deus e santificados com a cristandade se mais cedo possível forem educados e criados em escolas cristãs. (Prefácio da Cartilha do Sínodo de Missouri)

RESUMO

Na região meridional do Estado do Rio Grande do Sul, nas regiões do interior Pelotas e São Lourenço do Sul estabeleceu-se em meados do século XIX descendentes de pomeranos. Estes imigrantes buscaram organizar uma vida comunitária no seu cotidiano, organizando as escolas e igrejas nas suas comunidades. Entretanto, no início do século XX, o Sínodo de Missouri, uma igreja luterana confessional oriunda dos Estados Unidos instala-se entre estas comunidades. O Sínodo de Missouri buscou implantar um projeto escolar e religioso diferenciado, com uma formação doutrinária luterana ortodoxa. Procuramos aqui analisar a formação da identidade do Sínodo nas comunidades pomeranas nas primeiras décadas do século XX. Explicitamos os conceitos de identidade, não os entendendo como algo dado, mas construído e reinventado nos processos conflituos da aceitação do Sínodo na educação pomerana. Para entendermos a formação identitária, abordamos as origens históricas e bases doutrinárias do Sínodo de Missouri, o início na Alemanha, com o descontentamento da influência racionalista na igreja luterana, a migração para os Estados Unidos, consolidando uma instituição sinodal baseada em fundamentos confessionais do luteranismo e o espírito missionário do Sínodo, com a expansão do seu trabalho no Brasil. As justificativas da instalação do Sínodo são analisadas nos seguintes aspectos: a necessidade de se diferenciar de outras instituições religiosas e a demarcação de um campo religioso de acordo com os seus princípios, interiorizando um *habitus* nas condutas das pessoas educadas na instituição. Na análise dos caminhos do Sínodo são apresentadas características que o distinguem: a necessidade de formar pastores e professores, qualificando-os no trabalho religioso e escolar. Assim, o surgimento do primeiro seminário no interior de São Lourenço do Sul entre os

pomeranos propiciou um estudo do projeto do Sínodo na compreensão da identidade teológica pedagógica dos primeiros estudantes, que, posteriormente, atuaram nas comunidades pomeranas. No intuito de revelar aspectos da formação de uma identidade, analisamos a representação do Sínodo em acreditar ser a “verdadeira igreja luterana”. Esta crença foi legitimada através de práticas diferenciadas das outras instituições consideradas luteranas, as comunidades independentes e o Sínodo Riograndense, como a necessidade da formação de pastores e professores e a educação doutrinária luterana ocupar lugar especial na cultura escolar. Através das práticas escolares nos propomos a entender o currículo destas escolas. O ponto central do seu currículo era o ensino religioso e suas relações com os ritos da igreja de forma acentuada, apresentando o aprendizado da língua alemã como essencial para a participação da vida religiosa. Este projeto de educação do Sínodo também contou com a análise do material didático nas escolas, e através deste estudo podemos perceber aspectos que diferenciavam a produção e constituição deste material do das outras instituições e privilegiando o fomento de uma educação doutrinária ortodoxa. Na comparação entre o material didático do Sínodo de Missouri e o do Sínodo Riograndense encontrado nas escolas pomeranas foi possível apontarmos as diferenciações sutis no projeto de educação desta instituição e entendermos aspectos da formação do processo identitário das comunidades pomeranas ligadas ao Sínodo de Missouri.

Palavras chaves: Educação pomerana, Sínodo de Missouri, Identidade, Cultura Escolar.

Abstract

In the meridional region of the state of Rio Grande do Sul, in the countryside of Pelotas and São Lourenço do Sul, descendants of Low Germans settled down in the middle of the nineteenth century. These immigrants tried to organize a communitarian life in their quotidian by organizing schools and churches in their communities. However, in the beginning of the twentieth century, the Synod of Missouri, a confessional Lutheran church original from the United States settled down among these communities. The Synod of Missouri tried to implant a different scholar and religious project, with an orthodox Lutheran doctrinaire formation. It is tried here to analyze the formation of the identity of the communities inserted in the Synod. The work explicits the concepts of identity, not by understanding them as something given, but built and reinvented in the conflictive processes of acceptance of the Synod in the Low German education. In order to understand the identity formation, the research approaches the historical origins and the doctrinaire basis of the Synod of Missouri, the beginning in Germany, with the discontentment of the rationalist influence in the Lutheran church, the migration to the United States, consolidating a Synod institution based on confessional basis of Lutheranism and the missionary spirit of Synod, with the expansion of his work in Brazil. The justifications for the installation of the Sydon are analyzed in the following aspects: the necessity to differ from other religious institutions and the demarcation of a religious field according to its principles, internalizing a *habitus* in the behaviors of the people educated in the institution. In the analysis of the course of Synod, characteristics that distinguish it are presented: the necessity to form pastors and teachers, qualifying them in the scholar and religious work. Thus, the arising of the first seminary in the countryside of

São Lourenço do Sul among the Low Germans propitiated a study of the project of the Synod in the comprehension of the pedagogical-theological identity of the first students, who, later, acted in the Low German communities. With the intention to reveal aspects of the formation of an identity, the representation of Synod believed to be the “true Lutheran church” has been analyzed. This belief was legitimated through different practices of the other institutions considered Lutheran, the independent communities and the Riograndense Synod, as the necessity of the formation of pastors and teachers and the Lutheran doctrinaire education occupy special place in the scholar education. Through the scholar practices the present study proposed to understand the curriculum of these schools. The central point of its curriculum was the religious teaching and its relations with the rites of the church in an accentuated way, presenting the learning of the German language as essential for the participation in the religious life. This educational project of Synod also figured on the analysis of the didactic material in schools, and through this study it was possible to notice aspects that differed the production and constitution of this material from of the other institutions and the privileging of the fomentation of an orthodox doctrinaire education. Through the comparison between the didactic material of the Synod of Missouri and the Riograndense Synod, found in the Low German schools, it was possible to point out subtle differences in the project of education of this institution and understand the aspects of formation of the identification process of the Low German communities connected to the Synod of Missouri.

Key Words: Low German Educacion, Synod of Missouri, Identity, Scholar Education.

Lista de Figuras

Figura 1- Os Saxões – Mensageiro Luterano.....	58
Figura 2- Ata da primeira reunião distrital do Sínodo de Missouri no Brasil.....	80
Figura 3- Imagens do primeiro seminário do Sínodo de Missouri no interior de São Lourenço do Sul.....	106
Figura 4- Turma de alunos de uma das primeiras escolas do Sínodo de Missouri.....	142
Figura 5- Contracapa da Cartilha do Sínodo de Missouri.....	197
Figura 6.- Capa dos livros usados no trabalho-	201
Figura 7- Conteúdo da Cartilha no ensino da letra “g”, na escrita cursiva.	204
Figura 8- Ilustração na Cartilha no ensino da letra “f” na escrita impressa.....	205
Figura 9- Ilustração da Cartilha do Sínodo de Missouri. “A criança no cavalinho”.	207
Figura 10 –Ilustração da Cartilha do Sínodo de Missouri: “O sapo e o boi”.	207
Figura 11- Ilustração da Cartilha do Sínodo de Missouri: “Inverno na Alemanha”.....	208
Figura 12- Texto e ilustração da Cartilha do Sínodo de Missouri: “Quem nos contou tão lindamente as histórias da Bíblia?”.....	211
Figura 13- Ilustração da Cartilha do Sínodo de Missouri: “A tarefa de aprender e tomar lição.”.....	213
Figura 14- Ilustração e texto da Cartilha do Sínodo de Missouri: “Disciplina precisa haver”.	217
Figura 15- Ilustração e texto da Cartilha do Sínodo de Missouri: “Lutero como pai”.....	218
Figura 16- Ilustração da Cartilha de Rotermund: “A viagem alegre”.....	221

Lista de Tabelas

Tabela 1- Primeiros números das comunidades do Sínodo de Missouri.....	93
Tabela 2-Números de membros do Sínodo de Missouri e a relação de pastores	110
Tabela 3- Números de escolas/alunos do Sínodo de Missouri e a relação de professores.....	111
Tabela 4- Números de comunidades e pastores do ano de 1909.....	112
Tabela 5- Números de alunos e professores do ano de 1909.....	112
Tabela 6 – Relação dos entrevistados.....	152

Sumário

Introdução.....	15
Capítulo 1-Percursos, metodologia e contexto.....	22
1.1. Origem e Justificativa.....	22
1.2. Referenciais Teóricos Metodológicos.....	27
1.2.1 Referencial Metodológico.....	33
1.2.1.1 O uso de impressos e as atas.....	33
1.2.1.2 Fontes orais: as entrevistas.....	36
1.2.1.3 Livros Didáticos.....	39
1.2.2. Referencial Teórico.....	40
1.2.2.1 A identidade e memória como categoria conceitual da pesquisa.....	40
1.2.2.2 Múltiplas identidades: nacional, religiosa e étnica.....	44
1.3 As comunidades pomeranas- contextualização histórica e espacial.....	51
 Capítulo 2- Origem e bases doutrinárias do Sínodo de Missouri.....	 58
2.1 Origens e surgimento do Sínodo de Missouri.....	59
2.1.1 Reforma Protestante.....	59
2.1.2 Luteranismo e o Sínodo de Missouri.....	62

2.3 Sínodo de Missouri no Brasil.....	69
2.3.1 Trabalho do Sínodo de Missouri – justificativa da missão.....	73
2.3.2 Identidade e tradição reiventada no contexto.....	77
Capítulo 3 - Os caminhos da instalação do Sínodo de Missouri no Brasil.....	80
3.1 Primeiras comunidades inseridas no Sínodo de Missouri no Brasil.....	86
3.1.1 Confrontos com organizações religiosas: Sínodo de Missouri e o independentismo.....	97
3.1.2 Confrontos com organizações religiosas: Sínodo de Missouri e o Sínodo Riograndense.....	101
Capítulo 4- Sínodo de Missouri e a Educação.....	106
4.1 O fomento da educação doutrinária.....	107
4.2 Preocupação com a formação de pastores e professores.....	108
4.3 Fundação do primeiro seminário em Bom Jesus- São Lourenço do Sul.....	113
4.3.1 Justificativa da fundação do Seminário.....	113
4.3.2 Os estudantes.....	119
4.3.3 Início do seminário- descrição e constituição.....	120
4.3.4 Cotidiano do seminário.....	123
4.3.5 Currículo do seminário.....	125
4.3.6 Conflitos e disputas na instalação do seminário.....	130
4.3.7 Término do Seminário em Bom Jesus e a transferência para Porto Alegre.....	137
Capítulo 5- Memória e Cultura Escolar.....	142
5.1 Sínodo de Missouri e a organização escolar.....	143
5.2 Cultura escolar e práticas escolares.....	148
5.3 Memória e os depoentes da pesquisa.....	149
5.3.1 Os depoentes da pesquisa.....	152
5.3.2 Língua como categoria conceitual na pesquisa.....	158

5.3.2.1 Uso da língua na escola e no cotidiano.....	158
5.3.2.2 Língua como pertencimento étnico.....	162
5.4 A organização escolar das comunidades.....	165
5.5 A figura do professor e pastor nas comunidades.....	170
5.6 Currículo das escolas pomeranas.....	178
5.6.1 A religião no currículo.....	180
5.6.2 Práticas de leitura e escrita.....	185
5.6.3 As disciplinas do ensino secular.....	193
5.7 Aproveitamento escolar dos alunos.....	195
Capítulo 6- Livros Didáticos nas escolas pomeranas.....	197
Conclusão.....	224
Referências Bibliográficas.....	234
Anexos.....	245

Introdução

As escolas denominadas confessionais, ou seja, aquelas organizadas por comunidades ligadas a uma instituição religiosa, marcaram presença entre comunidades de imigração alemã, em especial, no Rio Grande do Sul. Na região meridional do Estado, nas regiões de Pelotas e São Lourenço do Sul, as comunidades de imigrantes, em sua maioria constituídas por pomeranos, mantinham as formas de uma organização comunitária da escola relacionada com a religiosidade.

As primeiras comunidades de imigração alemã formadas no interior de Pelotas e São Lourenço do Sul tiveram o predomínio de descendentes da etnia pomerana. Os pomeranos chegaram na região em meados do século XIX, vindos de uma região da Alemanha chamada Pomerânia. Os imigrantes alemães eram representados por vários grupos étnicos, que mantinham seus dialetos e costumes. Com os pomeranos não foi diferente, este grupo tinha a sua forma de se expressar num dialeto próprio, bem diferente do alemão escrito, e conservava costumes peculiares. Esta etnia era, ainda, discriminada na Alemanha, sendo considerada inferior em relação a outros grupos germânicos.

Entretanto, os pomeranos, a exemplo de outras etnias alemãs, buscaram uma organização comunitária no Brasil, a fim de se estruturar e tentar obter sucesso em terras estranhas. Como a maioria dos imigrantes, eles organizaram-se em pequenas propriedades, dedicaram-se à agricultura e prezaram uma educação relacionada à religião.

Porém, a organização escolar e religiosa desses imigrantes mantinha como objetivo central a unidade comunitária, ou seja, privilegiavam as relações sociais da comunidade, para se fortalecerem como grupo. A sua preocupação com a igreja e a escola se dava com a consolidação da língua alemã, que deveria ser apreendida na oralidade e na escrita, juntamente com as noções de conhecimento básico do ensino secular. Além disto, eles relacionavam igreja e escola, numa tentativa de propiciar valores religiosos e morais ao grupo.

Por isso, a maioria dessas comunidades organizou as suas igrejas em comunidades independentes luteranas¹. Não era conveniente instalar uma igreja oficial devido aos problemas enfrentados na Alemanha com a igreja luterana estatal. As comunidades eram autônomas, ou seja, cada uma supria suas necessidades., contratavam um pastor ou professor, que, em geral, era uma pessoa possuidora de melhor instrução, mas continuava tendo sua profissão, normalmente os professores e pastores eram agricultores.

No Rio Grande do Sul, nos primórdios da imigração, que ocorreu no norte do Estado (Vale do Rio dos Sinos, especialmente nas localidades de São Leopoldo e Novo Hamburgo), no início do século XIX, o governo brasileiro foi tolerante na organização religiosa do grupo. Muitos pastores vieram da Alemanha para suprir a necessidade religiosa dessas comunidades. Elas também buscaram uma organização comunitária coesa entre escola e religião. Diante desta realidade, uma instituição oficial começou a surgir: o Sínodo Riograndense². Este era uma igreja institucional que tentava reunir as igrejas denominadas confessionais luteranas. Possuíam muitas divergências doutrinárias entre si, mas buscavam um trabalho religioso forte nas comunidades de imigração.

Na região meridional do Estado, o Sínodo Riograndense³ não teve muita penetração no início da constituição dos pomeranos na região, facilitando a

¹ Ver trabalho sobre o movimento do independentismo religioso em Eliseu Teichmann (1996) Imigração e Igreja: As comunidades Livres no Contexto de Estruturação do luteranismo no Rio Grande do Sul (dissertação de mestrado).

² Desta organização sinodal originou-se a IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil).

³ O Sínodo Riograndense é uma instituição religiosa de cunho luterano influenciada e em muitos casos, subsidiada por igrejas luteranas alemãs. Esta instituição se estabeleceu no Brasil no século XIX, a partir da reunião de pastores vindos da Alemanha para atuar nas comunidades de imigração, consideradas luteranas. A sua expansão se deu mais em comunidades no norte do Estado que valorizavam a Igreja e a escola, como uma instituição associativa. Para saber mais, ver em René Gertz, O perigo alemão (1998); Elomar Tambara O positivismo sob o Castilhismo tese de doutorado (1991), Martin Dreher, Igreja e Germanidade (1984).

organização das comunidades independentes. Torna-se fácil imaginar que a resistência pomerana a uma igreja institucional seria maior. Eles tiveram muitas dificuldades e sofreram muitas discriminações do Estado alemão: como a religião na Alemanha era, em sua maioria, estatizada, permanecia a desconfiança em relação a um órgão institucional.

No início do século XX, dentro desse contexto organizativo das comunidades pomeranas, outra instituição religiosa busca instalar-se nestas comunidades. É relevante mencionar que os pomeranos aceitaram um trabalho religioso que, em certa medida, era diferente ao que estavam acostumados.

Esta instituição era o Sínodo de Missouri⁴, uma organização confessional luterana que mantinha nos Estados Unidos igrejas unidas em forma de um Sínodo. O Sínodo de Missouri, mesmo estabilizado na América do Norte, buscava implantar sua organização em diferentes lugares, realizando um trabalho missionário, em que enviavam pastores e divulgavam a literatura religiosa produzida por eles.

Com esta perspectiva o Sínodo chega ao Brasil. Esta instituição buscava diferenciar-se no contexto, apregoando uma religião doutrinária ortodoxa, pautada numa educação religiosa dos fiéis para os ensinamentos doutrinários e o ensinamento secular. Apostavam em pastores e professores preparados com formação pedagógica e teológica para suprir o projeto educativo e religioso que a ser instaurado nas comunidades pertencentes ao Sínodo.

Então, o Sínodo de Missouri se estabelece nas regiões de Pelotas e São Lourenço do Sul no início do século. A data da fundação da primeira igreja é do ano de 1900, na comunidade denominada São Pedro, atual localidade de Morro Redondo. Em seguida registra-se o surgimento de outras quatro comunidades compostas predominantemente por descendentes pomeranos: Morro Redondo, Santa Coleta e Santa Eulália, interior de Pelotas e Bom Jesus II, interior de São Lourenço do Sul. Nesta última comunidade começou funcionar o primeiro seminário desta instituição para formação de pastores e professores.

Notamos a relevância da adesão destas comunidades no Sínodo de Missouri uma vez que se percebem modificações identitárias na organização comunitária devido à influência religiosa, doutrinária e educacional da instituição sinodal.

⁴ Esta instituição originou a atual IELB (Igreja Evangélica Luterana do Brasil).

Sendo assim, nos propomos analisar a educação apregoada pelo Sínodo de Missouri na realidade pomerana, em comunidades localizadas nas regiões do interior de Pelotas e São Lourenço do Sul, compreendendo a demarcação de uma identidade desta instituição nas comunidades a partir da formação de uma cultura escolar diferenciada das demais instituições religiosas.

Ainda, busquei entender a identidade teológico pedagógica do Sínodo de Missouri e sua preocupação na sistematização da escola junto com a igreja, influenciando a formação de pastores e professores.

A identidade demarcada foi construída a partir de conflitos e lutas entre os grupos religiosos que faziam o seu trabalho na região, como os embates entre as comunidades e o Sínodo. Explicitamos o conceito de identidade como uma categoria conceitual central do trabalho para entender o processo de formação escolar, em que o Sínodo procurou fortalecer um campo religioso diferenciado ao instaurar um *habitus* com estes preceitos nas comunidades.

Assim, os conceitos de campo e *habitus*, desenvolvidos por Pierre Bourdieu, orientam teoricamente a pesquisa, no sentido de entender a consolidação de um campo religioso, pautado na doutrina luterana ortodoxa, levando a um *habitus*, ou seja, a uma interiorização no grupo de práticas religiosas e escolares difundidas pelo Sínodo.

Para explicitar estas práticas escolares das comunidades pomeranas no Sínodo, contamos com a análise da cultura escolar promovida pelo Sínodo em comunidades pomeranas.

Com estas categorias conceituais, optei por uma metodologia baseada numa perspectiva da História Cultural, em que se faz necessário problematizar os achados e contextualizar o objeto, ou seja, a pesquisa não buscou ser uma simples narrativa de acontecimentos e descrição dos fatos, mas entender os processos da consolidação do modelo educacional do Sínodo de maneira crítica.

Não pretendemos defender algum modelo de educação ou de religião, mas tentamos compreender as representações tidas pelo Sínodo de Missouri e pelas comunidades sobre a educação em consolidação.

Para entender estes processos identitários da educação pomerana e do Sínodo de Missouri, utilizei como instrumentos metodológicos fontes escritas, fontes orais e material didático usado nas escolas.

As fontes escritas estão representadas pelos impressos do Sínodo. Os mais utilizados foram o *Der Lutheraner*, produzido nos Estados Unidos, escrito em alemão gótico. Este impresso vinha organizado em forma de revista, era distribuído quinzenalmente, circulava em diferentes países, especialmente naqueles em que o Sínodo estava instalado ou pretendia instalar-se.

Outro periódico foi o *Kirchenblatt*, que mantinha as mesmas características do *Der Lutheraner*, mas era uma revista editada no Brasil, logo no início da instalação do Sínodo. Nesta revista, a descrição do trabalho das primeiras comunidades era mais visível, embora o enfoque fosse a propaganda dos princípios religiosos do Sínodo.

O periódico *Der Lutheraner* foi analisado nos anos de 1899-1915, buscando nestes períodos entender o projeto de missão do Sínodo no Brasil e a sua instalação e a preocupação com uma religião e educação doutrinária. O *Kirchenblatt* foi analisado nos anos de 1903- 1915, sendo que os periódicos dos anos de 1905-1906-1907 não foram encontrados. Além destas duas revistas publicadas no início do século XX, duas outras foram publicadas em períodos posteriores: *Mensageiro Luterano* e *Jovem Luterano*, que apresentavam reportagens sobre a história da constituição do Missouri e sobre a instalação do Sínodo no Brasil. Elas utilizavam depoimentos de alunos e professores participantes no início do trabalho sinodal.

Ainda como fonte escrita, encontrei a ata da primeira comunidade de São Pedro e a primeira ata da assembléia sinodal, através dos membros da referida comunidade, e estas serviram como fonte de pesquisa.

Como as fontes não apontavam diretamente as escolas das comunidades, não aparecendo dados visíveis sobre a cultura escolar, tais como o currículo, as práticas, o material didático, optei por complementar a pesquisa com as fontes orais.

Foram realizadas oito entrevistas com depoentes que tivessem tido a sua escolarização em língua alemã, ou seja, anterior à proibição da língua alemã nas escolas. Ainda é possível encontrar depoentes que foram alunos dos primeiros professores formados pelo Sínodo.

No intuito de enriquecer o trabalho optei por realizar cinco entrevistas com alunos de escolas orientadas pelo Sínodo de Missouri e outras três entrevistas orientadas por instituições religiosas luteranas de que o Sínodo buscava diferenciar-se.

A partir das entrevistas foi possível encontrar livros didáticos que foram usados nas escolas. Estes livros serviram de fonte de análise da pesquisa. Um dos livros foi produzido pelo Missouri e pude analisar a produção, circulação, apropriação e natureza deste material no processo educativo destas comunidades.

A partir do que foi exposto, a pesquisa estrutura-se da seguinte forma: inicia no primeiro capítulo com a origem e justificativa da pesquisa, a fim de entender o meu percurso na escolha do objeto, para melhor compreender o interesse por este assunto.

A seguir os referenciais teóricos metodológicos são explicitados de forma detalhada. Referendi a opção pela História Cultural como orientação metodológica, explicando os instrumentos da pesquisa. Analisamos como categoria a memória, dando sustentação às fontes orais e, como categoria central do trabalho a identidade. Nesta parte detalhei os aspectos de uma formação de uma identidade étnica, nacional, educacional e religiosa.

A fim de entender a formação das comunidades pomeranas apresento o processo de formação desta etnia e os motivos da imigração na região, bem como a sua organização comunitária.

O segundo capítulo revela a origem e a história do Sínodo de Missouri. Busquei entender a formação do Sínodo com suas bases doutrinárias e históricas fundamentadas no Luteranismo, o descontentamento na Alemanha, a imigração para os Estados Unidos e a justificativa de missão no Brasil, o que gera a formação de uma identidade perpassada por uma tradição reinventada no contexto.

No capítulo três abordei os caminhos da instalação do Sínodo no Brasil, apresentando as primeiras comunidades pomeranas inseridas no Sínodo e o confronto destas comunidades orientadas pela instituição com as organizações independentes e com as comunidades do Sínodo Riograndense.

No capítulo quatro enfatizei a preocupação do Sínodo de Missouri com a educação, como esta instituição organizou um projeto religioso e doutrinário através do fortalecimento das escolas. Além de relatar a organização escolar, neste capítulo analisei a formação do primeiro seminário de formação de professores e pastores no interior de São Lourenço do Sul. Este projeto pedagógico e teológico tentava instaurar um campo religioso e um *habitus* em estudantes brasileiros, oriundos na sua maioria de comunidades pomeranas. Em relação ao seminário são abordados desde o início do projeto, os estudantes, o currículo, os conflitos e até o término e a

transferência para Porto Alegre. Mas, apesar de ter funcionado por pouco tempo, menos de dois anos, os alunos que por ali passaram transformaram-se professores das escolas comunitárias atendidas pelo Sínodo.

No capítulo cinco abordei a memória e a cultura escolar, a partir das fontes orais e escritas. Reforcei a análise da organização escolar nas escolas, apresentando os depoentes da pesquisa. Neste sentido, como a categoria de escolha era o uso da língua alemã na escolarização, analisei a utilização da língua na escola e no cotidiano e o significado dela como pertencimento. Concomitante, segui na pesquisa o estudo do modelo das escolas nas comunidades, a figura do professor e o currículo das escolas pomeranas, tendo a religião como disciplina central, seguida das práticas de leitura e as demais disciplinas do ensino secular. Ainda, pesquisei o aproveitamento escolar dos alunos envolvidos.

Por fim, no capítulo seis busquei, através do estudo dos livros didáticos, entender o projeto de educação do Sínodo materializado na produção destes livros para as escolas religiosas, no caso da pesquisa, as escolas pomeranas. Através da análise dos textos, das ilustrações e da forma como os livros se apresentaram foi possível abordar os valores morais e religiosos que o Sínodo pretendia difundir nas suas comunidades para se fortalecer.

Nesse sentido, este capítulo procura comparar a Cartilha do Sínodo de Missouri com a Cartilha produzida por Rotermund, ligada ao Sínodo Riograndense. A comparação entre as duas cartilhas teve como propósito estabelecer diferenças entre a produção e a apropriação mantidas pelas instituições religiosas.

Após o último capítulo, busquei concluir o trabalho a partir da análise das fontes e do uso dos conceitos abordados, tentando responder às indagações levantadas e corresponder aos objetivos propostos.

Percursos, metodologia e contexto

1.1 Origem e Justificativa

Acredito que este capítulo é dedicado a desvendar os percursos e caminhos que a pesquisa constituiu. É o momento mais pessoal de se colocar como cheguei a definir o objeto, tarefa nada fácil, e como chegamos a definir também a metodologia e a estruturação do trabalho.

Sei que a pesquisa não é realizada de forma neutra e imparcial, ao chegar na definição do que se quer pesquisar, muitos caminhos são trilhados. Nestes caminhos consolida-se uma trajetória para alcançar determinado objetivo.

Nesta pesquisa não foi diferente. A trajetória do trabalho foi feita de construções e desconstruções. Foi neste processo que consegui melhorar e aperfeiçoar o trabalho.

Para explicitar melhor a origem desta pesquisa é preciso relatar alguns percursos feitos por mim: formação acadêmica, formação pessoal, enfim o que me levou para escolha e definição do tema desta dissertação.

A minha atuação na educação vem desde a formação de ensino em magistério no ensino médio. Na graduação optei por um curso de licenciatura: a Educação Física, durante o tempo da graduação o trabalho em pesquisa era intenso, sendo que uma delas possibilitou-me constituir, em parte, o objeto desta pesquisa.

A pesquisa da graduação objetivava entender as relações de lazer de uma comunidade rural pomerana. Esta comunidade estava localizada na Colônia Triunfo, atual 4º distrito de Pelotas, pertencente a Igreja Evangélica Luterana do Brasil- IELB (originária do Sínodo de Missouri). Esta pesquisa continuou no curso em nível de pós graduação em Memória, Identidade e Cultura Material do Departamento de História (UCH-UFPEL), em que aprofundei as questões de identidade, memória e etnia. Nestas pesquisas o enfoque era dado em relação ao lazer nesta comunidade, mas pude perceber que o lazer estava relacionado com as esferas da educação e da religião.

No ingresso do Mestrado, o projeto inicial era estudar as relações de educação numa comunidade pomerana a partir das escolas. Mas uma questão interessante apareceu ao longo das discussões com o orientador e da análise das fontes encontradas: as escolas de etnia pomerana estavam influenciadas fortemente por instituições religiosas, sendo que muitas comunidades eram influenciadas pelo Sínodo de Missouri (atual IELB).

Procurei, assim, colocar as questões conceituais de identidade, memória e etnia no foco da educação pomerana inserida nesta organização religiosa. Assim, como era visível a demarcação de um campo religioso para instituir um *habitus* imbuído de religiosidade na conduta das comunidades.

Um dos motivos para estudar a educação pomerana inserida no Sínodo de Missouri foi a necessidade de entender a peculiaridade que esta organização pretendia manter em suas escolas, devido às posições doutrinárias da Igreja. Também é interessante considerar que o início do Sínodo se deu na região de Pelotas e São Lourenço do Sul, dentro de comunidades rurais pomeranas, com uma preocupação em organizar escolas ao lado de igrejas. Um fato relevante foi a fundação do primeiro seminário para a formação de professores e pastores no interior de São Lourenço do Sul, em uma das primeiras comunidades do Sínodo de etnia pomerana.

O meu percurso pessoal também foi importante na escolha desta pesquisa. Ao afirmar que não há neutralidade na pesquisa, percebemos as escolhas que fazemos ao delimitar o objeto. A pesquisa, mesmo fazendo parte trajetória pessoal, não pode perder de vista o rigor científico.

Deste modo, faço parte da comunidade, pois sou luterana, filiada ao Sínodo de Missouri e acompanho de perto o trabalho da igreja, já que o meu pai é pastor de comunidades rurais entre os pomeranos.

Minha família é pomerana. Em alguns aspectos fazer parte desta etnia auxilia a compreender alguns costumes e tradições, já que consigo manter proximidade com a língua alemã e o dialeto pomerano.

Por outro lado, é preciso ter alguns cuidados, mantendo um certo distanciamento como pesquisadora. O contexto que vai ser pesquisado faz parte da minha história de vida. Mas acredito que é vital manter um nível de distanciamento/aproximação no processo da pesquisa para respeitar o rigor metodológico do trabalho e delimitar melhor o objeto.

É importante pesquisar a identidade pomerana, sendo necessário entender os valores desta etnia, em relação à educação e ao Sínodo de Missouri, já que há poucos estudos na região meridional do nosso Estado.

O percurso na pesquisa foi muito relevante para a constituição do objeto e das fontes que descobri. Considero este um dos primeiros trabalhos com o enfoque na educação no Sínodo de Missouri na realidade pomerana. Ao mesmo tempo que tentava encontrar as fontes para o trabalho, realizávamos um trabalho árduo no estudo e nas leituras dos conceitos que pretendíamos usar.

Para entender os conceitos de identidade foram utilizados os estudos de Hall (2000;1997), Kreutz (2004b; 2003; 2000a;2000b; 1998; 1994), Mendes (2002), Meyer (2003; 2001), Woodward(2000), entre outros.

Num primeiro momento, a definição das fontes foi um trabalho difícil. Precisei descobrir em lugares diferentes e “garimpar” as fontes que não estavam sistematicamente organizadas.

Através do instituto histórico da IELB, localizado na sede administrativa em Porto Alegre, mantive contato com o professor Carlos Moris para tentar buscar as fontes relativas a constituição das primeiras comunidades pomeranas. A sua indicação foi significativa, porque ele já havia traduzido artigos de periódicos relevantes sobre a história da igreja. Uma informação importante foi a tradução da ata de São Pedro. O instituto guarda a original, e a ata escrita em alemão gótico cursivo foi encontrada na própria comunidade por acaso, atrás de um antigo harmônio (instrumento musical similar a um órgão), na comemoração do centenário da fundação da comunidade de São Pedro.

Entretanto, pelo contato inicial com estas fontes encontradas busquei organizar este material. Sabia da existência de periódicos que circulavam na época da formação das primeiras comunidades. Nos estudos de Steyer (1999) e de Warth (1979) havia relatos e menções sobre os jornais Der Lutheraner e o Kirchenblatt, periódicos que tiveram importância na divulgação do Sínodo no Brasil.

Então, procurei os periódicos no atual Seminário da IELB, localizado em São Leopoldo. O contato foi na biblioteca daquela instituição, onde os impressos Der Lutheraner e Kirchenblatt estavam disponíveis e foi possível pesquisar livremente com apoio da bibliotecária. O Der Lutheraner estava completo com todas as edições, desde o primeiro exemplar, em 1844, até a década de 1950, mas o Kirchenblatt, estava incompleto faltando alguns exemplares dos anos de 1904 e os anos de 1905 até 1907. Infelizmente os dos primeiros anos, que foram os da constituição do Sínodo estavam faltando, supondo que estes já haviam sido utilizados em outras pesquisas e haviam sido extraviados. Tentei encontrar estes números em bibliotecas particulares de pastores mais antigos, mas não logrei êxito. Outra dificuldade foi a linguagem usada nestes periódicos, eles estão escritos em alemão, na escrita gótica, necessitando uma tradução. Esta tradução estendeu o tempo da análise dos periódicos, pois precisei do auxílio do meu pai apesar de acompanhá-lo durante essa tarefa.

O enfoque central para a seleção das notícias dos periódicos, antes mesmo da definição das categorias, foram as notícias do início da missão, especificamente na região meridional do Estado, enfatizando a descrição das comunidades, tentando encontrar aspectos da educação doutrinária e religiosa que o Sínodo gostaria de demarcar. Também foi destacado a constituição do Seminário em Bom Jesus e a realidade das escolas comunitárias relacionadas ao Sínodo.

Em relação às atas de São Pedro foi preciso buscar contato na comunidade atual e encontrar as atas traduzidas. Muitas pessoas foram solícitas, emprestando o material para pesquisa. Encontrei atas completamente traduzida pelo professor Mores, tal como a primeira ata da assembléia sinodal em 1904. Outros periódicos usados como o Mensageiro Luterano e Jovem Luterano foram encontrados na biblioteca em São Leopoldo, sendo analisados números posteriores (década de 1940-1950) com relatos do primeiro professor e de um dos primeiros alunos do Seminário. Apesar de o período não ser o mesmo, entendi ser importante esta análise porque era possível encontrar elementos que descrevessem o projeto do

Sínodo através de recordações e lembranças de pessoas que fizeram parte do projeto inicial da instituição.

Durante a busca e a análise dos periódicos e das atas, verifiquei que somente estas fontes não seriam suficientes para entender a construção da identidade de uma educação pomerana. As fontes escritas não forneciam explicações claras sobre o processo educacional, elas estavam mais relacionadas com a constituição das igrejas. Tentei encontrar livros, planos de ensino nas escolas, orientações pedagógicas do primeiro seminário. Mas não foi possível achar. Diante desta realidade, com o auxílio das orientações do professor Elomar Tambara entendi que as fontes orais poderiam complementar o que não se encontrava nas fontes escritas. O que me intrigava era como estas comunidades apoiaram o projeto do Sínodo, através de uma escolarização doutrinária fortemente institucionalizada, conseguindo se alfabetizar numa língua totalmente diferente daquela que eles falavam. Ora, se sabe que língua usada era o pomerano. Este era um dialeto e não possuía gramática, portanto, não possuía escrita e leitura. Então, a escolarização se dava num contexto em certa medida diferente do que era vivido em casa com a família.

Então, começou a busca por depoentes que ainda tivessem tido a sua escolarização em língua alemã. Encontrei alguns depoentes que tiveram como professores os primeiros alunos do Seminário. Entrevistei depoentes que tiveram a sua escolarização em outras instituições religiosas consideradas luteranas: como a do Sínodo Riograndense e as comunidades independentes. Optei por entrevistar depoentes não pertencentes ao Sínodo, não só a título comparativo, mas como uma forma de entender a demarcação de uma identidade na diferenciação entre as instituições.

Deste modo, encontrei depoentes por indicações dadas nas comunidades existentes do Sínodo, no interior de Pelotas e Canguçu, ou indicadas por parentes ou amigos que sabiam da sua escolarização e que teriam alguma informação relevante.

Nas entrevistas encontrei muitos aspectos relevantes da cultura escolar vivenciada por estes depoentes. Mas um dado relevante foi poder encontrar em poder de uma das depoentes material didático considerado raro, pois nos arquivos da própria editora não se encontra este material.

Este material didático foi encontrado na casa de uma entrevistada e foi gentilmente emprestado. Na análise deste material compreendi o projeto educacional do Sínodo, materializado no livro didático, através do prefácio e dos tipos de leitura que se divulgava.

Assim, através da “garimpagem” das fontes, ao entender o que se pretendia pesquisar, tentei delimitar o objeto. Sabia que a pesquisa, precisava apontar os caminhos da instalação do Sínodo para compreender o que esta instituição pretendia e focar na educação destas primeiras comunidades. Para isto era preciso conhecer a cultura escolar através dos depoentes, para perceber os objetivos desta escolarização, ou seja, as peculiaridades e as diferenças da educação do Sínodo na região em relação a outras instituições.

Neste sentido, as entrevistas de depoentes de diferentes instituições foi relevante porque na diferença se demarcou o processo identitário.

Assim, através de minha trajetória pessoal, buscando delimitar o objeto se constituiu a pesquisa. Espero se estes caminhos que na maioria das vezes, foram permeados de dificuldades e angústias, possam ter possibilitado a demarcação e a construção do objeto, tanto nos achados das fontes e na sua análise, quanto na relação do empirismo destas fontes.

Na busca e no entendimento das fontes procurei relacioná-las com as bases conceituais do trabalho. A partir dos conceitos de identidade, memória, etnia, história cultural, campo e *habitus*, cultura escolar, estudados através de leituras e análises de muitos autores embasei a pesquisa com aportes teóricos dando sustentação na análise das fontes, acreditando que na pesquisa não se desvinculam os achados empíricos nas fontes dos estudos dos marcos teóricos usados.

1.2 Referenciais Teóricos Metodológicos

Pretendi delimitar os referenciais que auxiliarão na metodologia da pesquisa para demonstrar como quero chegar aos objetivos. Sem dúvida, esta questão perpassa pela explicação dos métodos e das fontes a serem utilizados.

A História da Educação possui vinculações estreitas com a História, quando se pesquisa a realidade educativa, numa perspectiva de retomar o passado, os

conhecimentos históricos auxiliam o pesquisador que investiga as instituições escolares.⁵

Na presente pesquisa, em que o foco está na identidade de uma etnia pomerana relacionada com os processos educativos, inseridos num contexto religioso, pretende-se utilizar os conceitos defendidos pela História Cultural⁶. Conceitos estes também utilizados nas investigações e temas da História da Educação.

A História Cultural, nas diferentes concepções, pretendeu se contrapor a uma perspectiva de história tradicional que vinha sendo anteriormente utilizada e se consolidou a partir da Escola de Annales, onde Lucien Febvre e Marc Bloch lançam uma revista em 1929, intitulada Anais de História Econômica e Social. Diante da instalação dessa nova perspectiva, vai se solidificando uma nova forma de ver a história. Diversos autores, que adotaram novas concepções de enxergar a história, pretendiam trabalhar com uma história que não levasse somente em consideração os fatos, mas que permitisse problematizá-los. Peter Burke (1992), um dos autores defensores da História Nova tenta definir “O que é nova história?”

A expressão ‘a nova história’ é bem mais conhecida na França. *La nouvelle histoire* é o título de uma coleção de ensaios editada pelo renomado medievalista francês Jacques Le Goff. Le Goff também auxiliou na edição de uma maciça coleção de ensaios de três volumes acerca de ‘novos problemas’, ‘novas abordagens’ e ‘novos objetos’. [...] Mais exatamente, é a história associada à chamada *École des Annales*, agrupada em torno da revista *Annales: économie, sociétés, civilisations*. (BURKE, 1992, p. 9).

Nesse contexto, a História Cultural se forma com novos enfoques e novas formas de se abordar os fatos históricos, a partir deste movimento da Escola de Annales.

Os princípios desta nova abordagem se opõem à história tradicional. Alguns pontos são analisados por Peter Burke (1992): ela é culturalmente constituída, não é dada de forma natural ou essencial, os fatos e acontecimentos que nos chegam

⁵ Nesta perspectiva a História da Educação tem dificuldades em definir a sua área, que busca recentemente uma autonomia epistemológica, ou seja, cerca os estudos e objetos de pesquisa com metodologias construídas para o seu conhecimento específico, não utilizando apenas métodos e conhecimentos da História ou dos Fundamentos da Educação, como a Sociologia ou a Filosofia. Não estamos querendo dizer que não há nenhuma influência de outras áreas na História da Educação, mas sim que estas áreas auxiliaram a construir o seu campo, mas é preciso buscar uma metodologia própria aos objetos investigados. Para aprofundar esta questão ver em TAMBARA (1998) Problemas teórico-metodológicos da História da Educação; LOPES E GALVÃO (2001) História da Educação.

⁶ Sabemos que na constituição da História Cultural, também ela é foi conhecida por “História Nova”, por abordar de maneira nova os objetos de estudo na história, mas no trabalho irá se adotar a expressão “História Cultural”, por ser a expressão mais usada atualmente nos estudos e definir melhor a perspectiva a que se está pesquisando.

não são conhecidos ao acaso, eles foram escolhidos por algum motivo; a História Cultural se preocupa com a análise das estruturas e não apenas com a narrativa dos acontecimentos; enquanto a história tradicional se ocupa de uma visão dos grandes feitos “uma história vista de cima”, a História Cultural privilegia a história “vista de baixo”; outro ponto que merece destaque é o tratamento que se dá as fontes e aos documentos, a História Nova usa diferentes tipos de fontes e procura olhá-las de forma crítica e sempre problematizando-as; uma última colocação é a história nova se utilizar de um certo relativismo cultural, tanto em relação à sua escrita quanto aos seus objetos. (BURKE, 1992, p. 11-15)

Diante do movimento da História Cultural, os meios para se abordar diferentes objetos foram se modificando. Era necessário realizar as pesquisas de uma maneira mais crítica e questionadora. Assim LUCIEN FEBVRE (1989) aponta nos seus estudos que, para se usar a história “é preciso ter horror ao pequeno, ao mesquinho, ao pobre, ao antiquado. Numa palavra, é preciso saber pensar.” (FEBVRE, 1989, p. 41)

Neste sentido, o historiador não pode se colocar como um mero narrador dos acontecimentos, é preciso que se coloque o seu olhar e sua compreensão nos objetos e nos fatos que lhe surgem.

Esta perspectiva criticou a história feita apenas de narrativas ou somente de acontecimentos, centrada nos fatos e datas. Mas, na concepção da História Cultural pretendeu-se utilizar a história com princípios inovadores, como nos sugere Le Goff:

Entretanto, a história não se contentou com abrir aqui e ali novos horizontes, novos setores para si.[...] Ela se afirma como história global, total, e reivindica a renovação de todo o campo da história. Aliás, de uma maneira ou de outra, as obras pioneiras num setor da história nova afirmam sua ambição para além de toda e qualquer especialização.[...].(LE GOFF, 1988, p. 27)

Esta renovação defendia entender um conjunto, ou seja, o contexto dos fatos, sem querer se prender somente aos acontecimentos de uma forma linear e cronológica, mas pretendia não se deixar influenciar por uma história feita em fragmentos. A questão colocada a partir destas concepções é a de que os pesquisadores em história precisavam enxergar o contexto de uma forma crítica e contextualizada.

A História nesta nova perspectiva precisa de diferentes tipos de fontes e de um olhar cuidadoso do pesquisador. A Escola de *Annales* auxiliou para a implantação destes cuidados com as fontes e com o objeto.

Muitos historiadores, especialmente na Europa continental, foram inspirados pela escola francesa dos *Annales*. Sem dúvida, muitos dos vários trabalhos produzidos pelos escritores, que operam dentro da tradição dos *Annales*, não apenas aprofundaram nosso conhecimento do passado, mas também proporcionaram incríveis reflexões metodológicas demonstrando o uso inovador que pode ser feito das formas familiares de documentação e o modo como novas questões sobre o passado podem ser formuladas. (SHARPE, 1992, p.51)

A História Cultural pretende fornecer novas perspectivas para as pesquisas em História, bem como em História da Educação. O pesquisador que trabalha com esta abordagem precisa ser mais cuidadoso, porque os riscos são maiores em abordar a pesquisa com conceitos nem sempre tão objetivos. Na História Cultural é preciso construir a todo o momento os dados e questionar de forma crítica o objeto. Como nos coloca Sandra Pesavento (2004) ao concluir o livro *História e História Cultural*.

Mas a História Cultural apresenta riscos e põe exigências: é preciso teoria, sem dúvida, ela exige o uso desses óculos, conceituais e epistemológicos para enxergar o mundo. A História Cultural pressupõe um método, trabalhoso e meticuloso, para fazer revelar os significados perdidos do passado. Pressupõe ainda uma carga de leitura e bagagem acumulada, para potencializar a interpretação por meio da construção do maior número de relações possíveis entre os dados. Como resultado, propõe versões possíveis para o acontecido, e certamente provisórias. (PESAVENTO, 2004, p. 11)

A História Cultural necessita de um rigor metodológico mais apurado. Os riscos, na verdade, são maiores, já que a pesquisa parece ter mais autonomia em relação ao objeto pesquisado. Sem dúvida a subjetividade do pesquisador é mais exigida. Exige também um preparo melhor do pesquisador para desenvolver um olhar crítico e uma maior erudição ao construir as teorias que embasarão a pesquisa.

É necessário um uso inovador das fontes, acentuando uma maior reflexão acerca do que se quer pesquisar. Neste sentido os fatos representados nas fontes precisam ser construídos. Nesta nova abordagem, o passado que se quer entender não está dado, já que não se acredita na narrativa dos acontecimentos sem questionamentos e indagações, é preciso, sobretudo reconstituir os fatos usando diferentes fontes. Como reforça Pesavento (2004) “Neste processo, o historiador trabalha com os traços que lhe chegam de um outro tempo, mas estes não têm

caráter mimético em si próprios, como evidências do passado. Eles precisam ser construídos, enquanto passado pela escrita do historiador.”(PESAVENTO, 2004, p. 36).

Na verdade o historiador trabalha com um passado reconstruído através dos questionamentos suscitados pelas fontes. Não é uma tarefa fácil. Tenta-se esclarecer esta questão a partir de Lopes e Galvão (2001):

Como reconstituir/reconstruir pedaços da história?
Em sua inteireza e completude, o passado nunca será completamente conhecido e compreendido; no limite, podemos entendê-lo, em seus fragmentos, em suas incertezas. Por mais que o pesquisador tente se aproximar de uma verdade sobre o passado, apostando no rigor metodológico, permanecem sempre fluido e fugidios os pedaços da história que se quer reconstruir. (LOPES E GALVÃO, 2001, p 77)

Esta reconstrução é uma tarefa árdua, que exige cuidados para que não se faça uma história apenas em fragmentos, ou apenas na totalidade. Mas, para que possamos conseguir reconstituir o passado no rigor e na perspectiva de reconstrução, as autoras sugerem algumas alternativas.

Mas mesmo em sua imponderabilidade, como ter acesso ao passado? Certamente através de traços que foram deixados, dos vestígios não apagados que representam ou que dizem sobre a vida de homens e mulheres das sociedades passadas. [...] sobre o que é a matéria- prima básica do historiador, sobre o que se encontra disponível ou procura e utiliza para fazer história: as fontes. (LOPES E GALVÃO, 2001, p 77)

É preciso um trabalho metódico em relação às fontes. Ainda mais, diante das perspectivas que se apresentam, em que a multiplicidade das fontes podem ser utilizadas e confrontadas para se tentar reconstruir o passado.

Independente do tipo de fontes a se usar, é preciso ter bem claro os cuidados do pesquisador em relação a elas. É necessário a todo instante problematizar e questionar as fontes, nunca acreditando que elas representem a “verdade absoluta” dos fatos. A história e o que nelas está para ser reconstruído é uma constante escolha.

[...] Não escolhamos... Diziam isso, os nossos mestres, como se toda a história não fosse uma escolha, pelo simples facto do acaso que destruiu determinado vestígio e protegeu outro (não falemos, por agora, do facto homem): E se houvesse apenas espécies de acasos? – De facto, a história é escolha. Arbitrária, não. Preconcebida, sim.[...] (LEFBVRE, 1989, P. 119)

Assim, na definição dos objetos de estudos da História e da História da Educação não é possível aceitar que eles possuam uma neutralidade. A definição

dos objetos assume opções e escolhas que estão de acordo com as concepções do próprio pesquisador.

As fontes que reconstroem o passado são escolhidas ou selecionadas por alguém que as colocou à disposição no presente. Não uma seleção aleatória e casual, mas uma seleção com propósitos e funções que o pesquisador precisa apreender.

A seleção [das fontes] já foi feita tanto por aqueles que produziram o material, pelos que o conservaram ou que deixaram os rastros de uma destruição- intencional ou não -, por aqueles que o organizaram em acervos e pelo próprio tempo. Neste sentido é que a história será sempre um 'conhecimento mutilado', pois só conta aquilo que foi possível saber a respeito do que se quer saber. O passado nunca é demais repetir, é uma realidade inapreensível. (LOPES E GALVÃO, 2001, p.79)

Portanto, a seleção das fontes não é imparcial. A seleção e a descoberta das fontes não pode ser considerada mero acaso.

Por isso, acredita-se que “A fonte é uma construção do pesquisador[...] A fonte provém do passado, é o passado, mas não está mais no passado quando é interrogada.”(RAGAZZINI, 2001, p.14)

Daí a importância da fonte ser interrogada, porque ela é, em certa medida, uma representação da realidade num dado contexto.

[...] Mas em vez de fetichizarem o documento, acreditando que eles possam falar toda a verdade, os historiadores tem se esforçado para problematizar as fontes. Em outras palavras, é preciso discutir, por exemplo, o que presidiu a publicação de uma ato oficial ou entender que, ao lado da intenção da lei, existem práticas que fazem o dia-a-dia da escola. [...].(LOPES E GALVÃO, 2001,p. 81)

O pesquisador poderá enfocar de maneira diferente as fontes, mas sem fugir do rigor metodológico e das interrogações levantadas. Estas indagações precisam estar relacionadas com o objeto da pesquisa e esta estar sintonizada com o olhar do pesquisador. Como sugere Pesavento (2004):

[...] A rigor, o historiador lida com uma temporalidade escoada, com o não-visto, o não- vivido, que só se torna possível acessar através de registros e sinais do passado que chegam até ele.[...] São, por assim dizer, representações do acontecido, e que o historiador visualiza como fontes ou documentos para sua pesquisa, porque os vê como registros de significado para questões que se levanta. Estamos, pois, diante de representações do passado que se constroem como fontes através do olhar do historiador. (PESAVENTO, 2004, p. 42)

Como já foi apontado, o olhar do pesquisador é relevante e o seu trabalho vai constituir-se a partir das questões que auxiliarão na pesquisa.

Diante destas considerações metodológicas que apresento a razão das fontes que sustentaram a pesquisa. O objeto desta pesquisa se constitui não de uma história de narrativas e acontecimentos dos fatos, mas na tentativa de entender os processos identitários construídos, a visão étnica dos pomeranos e como se constituíram estes processos através da escolarização e da religião, inseridos na instituição religiosa do Sínodo do Missouri.

Além da perspectiva da História Cultural para entender as representações e práticas educativas nas comunidades, nos cercamos de um aporte teórico para entender as categorias encontradas. Para entender a identidade de uma etnia, usei o conceito de campo e de *habitus*, de Pierre Bourdieu, por entender que no primeiro conceito é possível visualizar através das fontes escritas, orais e de material didático encontrado uma demarcação de um campo educativo religioso específico da instituição do Sínodo de Missouri e no conceito de *habitus* é percebido como na construção deste campo necessita instaurar modos de conduta desejáveis de acordo com o projeto do Missouri no grupo.

Outro aporte teórico foi nos estudos de Max Weber, em que foi relacionado o cotidiano desta comunidade com a educação religiosa e escolar, proporcionando uma conduta ascética e doutrinária nas comunidades, tanto nas atividades de trabalho, como lazer e educação.

Ainda é colocada uma discussão teórica em relação aos conceitos de identidade e memória, a fim de evidenciar que estes são construídos e permeados pelas relações sociais e culturais que cada grupo se constitui.

1.2.1 Referencial Metodológico

1.2.1.1 O uso de impressos e atas.

Conforme foi afirmado, busquei um aporte metodológico nas concepções da História Cultural, apoiados pelas teorias conceituais de campo, *habitus*, ascese protestante, identidade e memória por entender que estas perspectivas podem possibilitar uma análise das manifestações escolares na educação pomerana.

Ao refletir sobre estas comunidades pomeranas, limitando-as à inserção ao Sínodo do Missouri, é necessário entender esta instituição na sua gênese no Brasil, a constituição histórica e a demarcação de uma influência na escolaridade nas comunidades atendidas.

Para tanto, as fontes utilizadas no presente trabalho foram os impressos, ou seja, revistas e semanários produzidos pelo Sínodo de Missouri. Conforme já foi dito anteriormente as revistas utilizadas foram : “Der Lutheraner”, uma revista quinzenal, produzida nos Estados Unidos que circulava no Brasil mesmo antes do início do Sínodo. Nesta revista aparecem notícias do Sínodo no Estados Unidos, propagando suas doutrinas, analisam as instituições que formavam pastores e professores, bem como notícias relativas a novos lugares em que o Sínodo vinha se instalando, ou seja, os projetos missionários. Esta revista foi lançada nos Estados Unidos, em 1844, logo no início desta instituição no contexto norte americano. A análise do periódico Der Lutheraner na pesquisa foi dos anos de 1899 até 1915, buscamos nestas décadas, através do periódico, entender o projeto de missão do Sínodo no Brasil

Outro periódico utilizado é o “Kirchenblatt”, produzido no Brasil em 1903, logo no início da formação do Sínodo. Este periódico também era distribuído quinzenalmente, mantendo características similares às do Der Lutheraner. O período analisado foi de 1903 até 1912, a fim de compreender o trabalho do Sínodo nas primeiras comunidades.

Estes dois periódicos eram revistas produzidas em alemão gótico, necessitando uma tradução ao português. O conteúdo analisado destas fontes esteve focado em notícias e relatos sobre a região sul do Estado, ou seja, a região das primeiras comunidades que se está pesquisando.

As notícias das comunidades são contadas nestes periódicos e, a partir delas, pude observar algumas categorias relevantes na pesquisa. Este era o objetivo deles: divulgar o trabalho do Sínodo e demarcar uma identidade religiosa nos seus fiéis.

Na análise destas duas revistas busquei entender algumas categorias da pesquisa: o projeto inicial do Sínodo nas primeiras comunidades que aderiram a ele na região de Pelotas e São Lourenço do Sul; a justificativa de missão no Brasil; a preocupação com a formação dos pastores e professores; o início e o fim do projeto do Instituto em Bom Jesus, interior de São Lourenço do Sul; o trabalho e desenvolvimento das escolas ligadas ao Sínodo; as conferências sinodais com os dados estatísticos da igreja e da escola e a questão do uso da língua alemã nas escolas e na igreja. Além disso: relatos e descrição de comunidades e também

foram relevantes as reportagens que orientavam as pessoas na verdadeira doutrina luterana, como uma forma de definir uma identidade religiosa própria.

O impresso tem sua importância na pesquisa devido ao modo de produção, circulação e propaganda, podemos observar a relevância destes periódicos no destaque da própria revista do Kirchenblatt, na qual o Sínodo faz a propaganda do uso deste material:

‘Gosto muito de ler as notícias de nosso distrito brasileiro, pois me interessa saber do progresso da obra de Deus realizada pelo Sínodo de Missouri’ me disse um antigo leitor o receber o Kirchenblatt. Eu o apoiei nisso, pois eu mesmo leio tudo o que nossos pastores contam de seus campos de trabalho no qual Deus os colocou, e o faço com muita atenção. Meu desejo é que cada número do Kirchenblatt contenha relatos de nossos irmãos de ministério, contando o que Deus tem feito e agido através de Sua fidelidade. Essas notícias de nosso distrito são com certeza importantíssimas. Os leitores do jornal têm uma idéia do que está acontecendo na obra do Senhor em nosso Distrito Sinodal brasileiro; são encorajados e alegrados ao saber como Deus tem firmado a sua Sião Luterana e a tem expandido por aqui. (KIRCHENBLATT, 01/10/1908, Ano 5, p. 146)

Nesta citação percebemos que o periódico servia aos leitores para conhecer o trabalho do Sínodo e também para este ser fortalecido nas comunidades. As informações fortaleceriam o projeto do Sínodo na propaganda das experiências que estavam dando certo, além de pedir auxílio para socorrer comunidades que estivessem em dificuldades.

Ainda outras duas revistas foram usadas. São as revistas produzidas no Brasil, escritas em português, distribuídas e difundidas anos mais tarde: “Mensageiro Luterano” e o “Jovem Luterano”. Nestes periódicos foi possível encontrar relatos posteriores de professores e alunos do primeiro seminário. Através deles também podemos contextualizar a história do Sínodo de Missouri desde o descontentamento na Alemanha, a consolidação nos Estados Unidos e a instalação no Brasil.

É importante dispor destes recursos de fontes através de jornais e revistas porque eles denotam a importância de poder reconstruir a função da igreja na educação destas comunidades pomeranas.

Na verdade, as pesquisas em História da Educação, especialmente aquelas sob a perspectiva da História Cultural, consideram importante a utilização dos impressos. Podemos correr o risco de apenas ficar com uma visão da instituição que produziu os impressos, por isso, o pesquisador precisa ficar atento e considerar que estas fontes não representam uma realidade dada e acabada, mas, a partir delas, é possível reconstruir o passado tentando dar sentido ao foco na pesquisa.

Maria Helena Câmara Bastos (2002) descreve o papel da imprensa educativa para entender metodologicamente objetos da História da Educação, podemos abordar este sentido dado pela autora também no uso destes impressos da instituição religiosa do Missouri, porque de uma certa forma apresentava uma forma de imprensa educativa religiosa. Assim a autora define que a imprensa:

é um instrumento privilegiado de pesquisa para a construção do conhecimento em história da educação. A imprensa pedagógica- jornais, boletins, revistas, magazines- feita por professores para professores, feita para alunos por seus pares ou professores, feita pelo Estado ou por outras instituições- sindicatos, partidos políticos, associações de classe, Igreja- contém e oferece muitas perspectivas para a compreensão da história da educação e do ensino. Sua análise possibilita avaliar a política das organizações, as preocupações sociais, os antagonismos e as filiações ideológicas, as práticas educativas. (BASTOS, 2002, p. 153)

Nesta perspectiva busquei analisar os periódicos como impressos que mantinham uma circulação entre as primeiras comunidades do Sínodo. O que era importante divulgar para conseguir atingir os objetivos da instituição, o que deveria ser reforçado ou negado. Como estes periódicos influenciariam a constituição religiosa educativa das pessoas envolvidas.

Além do uso dos impressos, utilizamos atas da comunidade de São Pedro, tentando confrontar com as demais fontes. Nas atas pude observar a forma de organização comunitária, a preocupação dada na formação de uma educação relacionada com a religião. Sobretudo, é importante salientar que estas fontes não representam em si a realidade escrita nos registros. Daí a necessidade de se estabelecer significados a partir do que está nas entrelinhas do documento e confrontar as atas com os impressos (BURKE, 1990). Entendemos, assim, que “a pesquisa não é um belo mapa, definido e preciso, mas sim um mapa no qual partes bem representadas se alternam com partes menos representadas”.(RAGAZZINI, 2001, p. 25).

1.2.1.2 As fontes orais

No decorrer da pesquisa percebi que as fontes escritas não ofereciam subsídios suficientes para entender a construção identitária da educação pomerana relacionada com a instituição do Missouri. As fontes escritas relatavam os fatos da história da igreja, deixando dúvidas na constituição das escolas e do projeto educacional do Sínodo. Era preciso entender como as práticas educativas aconteceram no início do trabalho sinodal. Para tanto, precisei utilizar fontes orais

para compreender uma cultura escolar desta forma de educação. Necessitei usar mais de um tipo de fonte a fim de entender certas categorias no trabalho. A diversificação de fontes é defendida por DEMARTINI (1998):

A diversidade de fontes compreendendo documentos escritos, relatos orais e imagens torna-se fundamental, especialmente pela riqueza que a complementaridade entre as mesmas pode permitir.[...] De qualquer maneira, esta complementaridade é necessária, pois através destas diferentes fontes poderemos acompanhar o registro que se efetiva em momentos distintos. [...]. (DEMARTINI, 1998, p. 187)

Neste sentido, busquei nas fontes orais enriquecer o trabalho, mesmo não sendo o mesmo período da escolarização dos depoentes do impressos e atas analisados, estas fontes foram complementadas a fim de compreender o modelo de educação do Sínodo.

O critério para a escolha dos depoentes era o fato de terem tido a sua escolarização em língua alemã, pois as leituras e a alfabetização da época se davam nesta linguagem. Busquei este critério porque era preciso relacionar o dialeto pomerano aprendido em casa com o aprendizado da língua escrita e falada em alemão, a qual era utilizada em ritos religiosos e na leitura dos periódicos da igreja, da Bíblia e do catecismo.

A escolha da língua como categoria de seleção para os depoentes se fez necessária porque a investigação passava por uma questão étnica, dizia respeito a uma etnia pomerana que mantinha o seu dialeto, completamente diferente da língua clássica alemã. Nesse sentido o apoio dos estudos de Lúcio Kreutz (1998) são relevantes como o autor explicita o uso da etnia na história da educação:

A articulação ente etnia, educação e história pode ser um terreno fecundo para a percepção da dinâmica do processo, para entender a educação em sua historicidade. Parece-me uma referência para a leitura da história da educação, juntamente com a perspectiva de gênero, classe e outras. Há aí, uma dimensão profundamente histórica do étnico/cultural que se vincula essencialmente com o educacional, porém não foi valorizada no processo escolar. (KREUTZ, 1998, p. 102)

Na verdade a defesa do autor é de que se privilegie nas pesquisas em história da educação a questão étnica, alertando que são raros os trabalhos feitos nesta perspectiva.

Utilizei, assim, uma metodologia de entrevistas orais com alunos que freqüentaram as escolas do Sínodo de Missouri, e algumas entrevistas foram de

depoentes que estudaram em outras instituições religiosas com a finalidade de possibilitar entender também a educação do Missouri, comparando-a com outras formas de educação institucional.

Foram realizadas oito entrevistas com as categorias centradas na vida escolar destes depoentes, tentando entender as práticas educativas e a cultura escolar dos entrevistados. Cinco entrevistados pertenciam ao Sínodo de Missouri, duas pertenciam a comunidades independentes e uma, ao Sínodo Riograndense.

Os aspectos abordados nas entrevistas foram o cotidiano escolar; o currículo das escolas; a figura do professor; a disciplina e o envolvimento destes depoentes na sua escolarização; a orientação das instituições religiosas nas escolas e o material didático. Ao mesmo tempo que utilizei as fontes orais nas discussões da cultura escolar, também abordei dados da escolarização nos impressos do Sínodo de Missouri, apontados anteriormente.

A cultura escolar destes depoentes foi buscada para entender o modelo pedagógico religioso pregado pelo Sínodo de Missouri. Segundo Justino Magalhães (1998) ela envolve as práticas escolares e tem como foco perceber categorias referentes a estas práticas. Então, o autor revela que a cultura escolar proporciona:

Uma historiografia que tem vindo a construir um conjunto de categorias conceptuais, internas aos quadros educativos e acentuadamente focalizados na escola- o tempo, o calendário escolar, o currículo, o (s) espaço (s), a instituição educativa, os professores, os manuais escolares. (MAGALHÃES, 1998, p. 54)

Levei em conta a idéia de que a memória não é estática mas também, um processo de construção. Nas entrevistas não busquei uma narrativa linear dos fatos, mas sim, os significados e sentidos que estes depoentes colocavam em relação a sua escolaridade. Esses depoentes possuem uma memória social que se produz no presente com representações no passado. Concordo com HALBWACHS (1990) em a memória ser coletiva porque as recordações do grupo marcam a lembrança do indivíduo pelo outro. É necessário ter o outro para reforçar ou lembrar as recordações escolares, daí a importância de recordar os colegas, o professor, o cotidiano. Logo:

[...] A idéia que representamos mais facilmente, composta de elementos tão pessoais e particulares quanto o quisermos, é a idéia que os outros fazem de nós: e os acontecimentos de nossa vida que estão sempre mais presentes são também mais gravados na memória dos grupos mais chegados a nós.[...]. (HALBWACHS, 1990, p. 49)

O que irá fazer evocar as lembranças será aquilo que o depoente vivenciou no meio social, ou seja nas relações com o seu grupo. Como revela Ecléa Bosi (1987) “ A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, enfim com os grupos de convívio e os grupo de referência peculiares a este indivíduo”. (BOSI, 1987, p. 17)

Daí a necessidade de entendermos os depoimentos nesta perspectiva, como se processou a memória escolar dos indivíduos, especialmente a relação da escolarização com a religiosidade.

Foi relevante também, pois faz parte da memória destes depoentes, o material didático encontrado, como a Cartilha do Sínodo de Missouri, que apesar de escassos, os achados foram significativos e os usei como instrumento metodológico no trabalho.

1.2.1.3 Livros didáticos

A partir das entrevistas foram localizados alguns livros didáticos utilizados pelos depoentes. Um dos livros encontrados foi produzido por Rotermund, sendo mais conhecido e analisado em estudos de História da Educação⁷. Este material era usado por uma depoente que pertencia à igreja independente.

Outro livro, considerado raro, foi o produzido pelo Sínodo de Missouri, publicado no Brasil pela Casa Publicadora Concórdia.⁸

Analisei o material didático para entender o modelo educacional do Sínodo. Analisar também o livro da outra instituição foi relevante a fim de comparar as diferenças e semelhanças existentes entre este material e os demais.

Eram livros iniciais de leitura para a iniciação da alfabetização das crianças em escolas religiosas, escritos em alemão gótico, com poucas leituras na escrita latina, e mais na língua alemã.

⁷ Ver em estudos de Lúcio Kreutz (1994) Material Didático e currículo na escola teuto-brasileira no Rio Grande do Sul.

⁸ A Casa Publicadora Concórdia funcionava como uma editora de livros relacionados a literatura religiosa. Pelas fontes o Sínodo desde a fundação de um distrito sinodal apontou a necessidade de fundar uma editora no Brasil (ata sinodal 1904), a exemplo da matriz nos Estados Unidos Concórdia Publishing House. Entretanto, de acordo com as fontes da pesquisa a editora no Brasil começou a funcionar nas primeiras décadas do século XX, editando livros, catecismos e material religioso e escolar em geral. A editora funciona ainda hoje, infelizmente não possui os livros didáticos produzidos nesta época.

Apresentam uma estrutura semelhante na organização dos níveis e dos tipos de leitura. Mas em contrapartida apresentam diferenças doutrinárias, possibilitando identificar o projeto do Sínodo de Missouri.

Busquei compreender no uso dos livros didáticos a produção, a circulação e a apropriação deste material baseado em estudos de Roger Chartier, que menciona “A leitura é sempre uma apropriação, invenção, produção de significados” (CHARTIER, 1999, p. 77). Destaco que os estudos deste autor consideram o livro não apenas como um material em si, mas o que ele representa na sua utilização.

Da mesma forma seguimos os estudos de CARVALHO (1998), que remete a Chartier destacando a necessidade de pesquisar o material didático:

Pondo ênfase nos suportes materiais de produção e circulação e apropriação dos saberes pedagógicos, essas investigações abrangem estudos sobre uma pluralidade de impressos de destinação pedagógica: livros didáticos, manuais escolares, imprensa periódica especializada em educação, etc.[...] Passam a interessar como objeto, no duplo sentido de objeto de investigação e de objeto material, cujos usos, em situações específicas, se quer determinar. (CARVALHO, 1998, p. 34)

Nesse sentido, os livros usados nas referidas escolas foram utilizados pelos alunos foram produzidos pelas instituições religiosas no intuito de formar e moldar as condutas e as práticas ao fazer a escolarização das comunidades.

A partir dessa concepção compreendemos o estudo do material didático, dos impressos e das fontes orais numa perspectiva da História Cultural, ou seja nestes instrumentos apresentam-se as práticas e representações da educação pomerana inserida nas instituições do Missouri. Assim também a identidade e memória desta etnia mostram-se a partir de uma educação religiosa institucional.

A formação de uma identidade e memória é um campo da História Cultural, considerando a idéia da importância do pertencimento do grupo pela escolarização e religião, entendo que as identidades são múltiplas e neste caso se constituem e se alternam a partir da etnia, nacionalidade, escola e religião e podem dar conta na pesquisa dos múltiplos enfoques das relações sociais que se quer analisar, assim como a memória nas fontes orais contribuiriam para a percepção de que ela também é construída e depende das relações sociais. (PESAVENTO, 2004)

A partir da metodologia e do uso das fontes na perspectiva explicitada pretendo organizar e fundamentar a pesquisa.

1.2.2 Referencial Teórico

1.2.2.1 A identidade e memória como categoria conceitual na pesquisa

Pretendo analisar a perspectiva da identidade teológica pedagógica das comunidades rurais de etnia pomerana relacionadas no Sínodo de Missouri. Sobretudo, defrontar a importância da construção da identidade e memória interligados com a constituição do processo escolar e religioso na formação de professores e pastores.

No Brasil, para os descendentes germânicos, de forma geral, a educação e a escola representava um papel fundamental na sua formação identitária. Isso se deve, especialmente, à caracterização do grupo pautada em princípios de organização comunitária. Como analisa Lúcio Kreutz(2000):

Parte dos imigrantes provinha de forte tradição escolar em seu país de origem, era alfabetizada e cônica da importância da escola, porém, não encontrando escolas públicas nem muitas perspectivas para serem atendido seu pleito, os imigrantes puseram-se a organizar uma rede de escolas comunitárias. (KREUTZ, 2000, p.348)

O autor mencionado acima reforça o que as estatísticas demonstram desde o início da imigração: os imigrantes de descendência alemã possuíam um grau de alfabetização elevado em relação a outros grupos de imigrantes⁹. Portanto a preocupação com a educação é marcante no processo imigratório germânico, possibilitando um fortalecimento da criação de escolas chamadas teuto-brasileiras.

10

De maneira similar os pomeranos já tiveram uma preocupação com a sua educação¹¹. As escolas no contexto pomerano possuíam uma ligação forte com outras esferas da rede comunitária como, por exemplo, a igreja, o trabalho e o lazer

⁹ “Um levantamento da Secretária da Agricultura de São Paulo, feito entre 1908 e 1932, registrou o índice de alfabetização dos imigrantes que entraram pelo porto de Santos. O grau de alfabetização por grupo étnico foi: Imigrantes alemães 91,1%, imigrantes japoneses 89,9%, imigrantes italianos 71,3%, imigrantes portugueses 51,7%, imigrantes espanhóis 46,3%. Esses dados referem-se somente pelo porto de Santos e não podem ser tomados como representação completa de cada grupo étnico.(...)” (Kreutz, 2000, p.353)

¹⁰ A definição deste termo teuto- brasileiro pode ser entendida a partir de estudos de Lucio Kreutz, Rene Gertz, ou ainda em Dagmar Meyer que colocam as diferentes definições de alemães que haviam nascido na Alemanha unificada, ou aqueles que haviam passado por outras imigrações e não haviam perdido a cidadania alemã, assim define os estudos de Meyer (2001): “[...] E o termo teuto-brasileiro referia-se, especificamente, a um segmento desde já ampliada categoria de alemães (ou Auslanddeutschen), os que haviam nascido e viviam no Brasil”. (MEYER, 2001, p. 88)

¹¹ Nos estudos de Salamoni (1996) sobre a educação pomerana, apontam que esta etnia mantinha-se reservada pois era discriminada pelos grupos vizinhos, inclusive por alemães de outras procedências Mas a autora coloca que as escolas foram consequência da vinda de pastores alemães convidados por Rheingantz (um dos primeiros exploradores das colônias da região meridional). Estes pastores não tinham muita capacitação pedagógica e teológica. Eles não tinham sido aprovados nos seminários alemães. De qualquer modo é possível perceber que as comunidades mantinham uma organização autônoma das igrejas e escolas.

que possibilitavam a sociabilidade do grupo. E nessas redes de sociabilidade se construía a identidade e memória deste grupo.

A identidade se constrói através de um processo, e que não pode ser entendida como algo natural que nasce com os indivíduos. Por isso, para Mendes(2002):

[...] As identidades não são essências desencarnadas, mas teias complexas de relações, materiais e desejos. A tarefa principal mais difícil para cada pessoa é integrar as suas diferentes subjectividades incorporadas.(MENDES, 2002, p.523)

Assim, é fundamental entender a identidade como um processo que se constitui. Para isso ocorrem diferentes processos, as identidades são formadas no confronto das diferenças dos sujeitos envolvidos nas relações sociais dentro do próprio grupo e fora dele. O processo identitário é entrelaçado na rememoração, na medida em que é construído todo um processo de memória na busca de uma identidade, já que “ (...) a memória resulta sempre de um trabalho de construção e reconstrução permanente, de um trabalho de enquadramento” (MENDES, 2002, p. 514), estes processos são sempre dinâmicos e modificados.

A identidade e a memória de um grupo estabelecem reminiscências e recordações sobre o passado. O grupo tenta projetar as recordações a partir de suas construções imaginadas. As comunidades de imigrantes podem ser um exemplo deste tipo, já que tentam a qualquer custo rememorar as tradições da terra natal a partir de uma “memória imaginada”, possibilitando-lhes diferentes formas de construção identitária.

As comunidades de descendentes germânicos organizaram-se em grupos para a formação das escolas, igrejas, sociedades, numa tentativa de rememoração da terra natal. Para estas comunidades “A terra natal, torna-se um depósito de memórias e associações históricas, o local onde trabalharam, oraram e lutaram os nossos sábios, santos e heróis[...]”. (SMITH, 1997 p.23)

Assim como a identificação a memória pode ser construída na terra de origem e com os símbolos implícitos a terra natal. Temos como principais símbolos a língua, a nacionalidade, a religião e a etnia.

De fato, a memória para ser reavivada e recordada precisa de linguagem e símbolos compartilhados num grupo. Uma memória que se forma nas comunidades

é uma memória coletiva, não existindo uma memória individual e essencial¹². Assim, parafraseando Fernando Cartroga (2001) “O que mostra que, nos indivíduos, não haverá memória colectiva sem suportes de memória ritualisticamente compartilhados”. (CARTROGA, 2001, p. 48)

Para isto a memória e a identidade estão entrelaçadas num processo que cria um sentimento de pertença do grupo, ao mesmo tempo que se identificam entre si, criam uma memória social no grupo com recordações similares que se relacionam, formando uma rede de associações e de esquecimento. Muitos estudos apontam grupos que fazem questão de esquecer certos momentos que passaram, por vezes, acontecendo um esquecimento coletivo¹³. Nas entrevistas orais foram percebidos alguns silêncios e esquecimentos como uma forma de apagar e não lembrar o que não condiz com a sua identidade. Portanto, a memória seleciona o que se quer lembrar. “Ela nunca poderá ser um mero registro, pois ela é uma representação afectiva, ou melhor, uma re-presentificação, feita a partir do presente e dentro da tensão tridimensional do tempo”.(CARTROGA, 2001, p. 46)

Neste sentido, para o grupo de imigrantes que organizaram as primeiras escolas e igrejas, era necessário construir uma identidade e memória baseada na terra natal, organizando espaços de sociabilidade em que pudessem construir também uma unidade étnica. A evocação de uma terra natal, assentada na pátria de origem, era valorizada na medida que era possível reforçar os símbolos e crenças, fortalecendo o grupo imigrado em outro país.

Uma das características que pontuam a constituição de uma identidade étnica, em especial a de comunidades de imigrantes, é a crença numa identidade essencialista, ou seja, acreditamos que o pertencimento a uma determinada etnia ou uma determinada nacionalidade se dá em função do nascimento ou de possuir características raciais e biológicas.

Muitas vezes o grupo aceita esta identidade essencialista, não percebendo que as relações sociais e culturais na convivência constituem a sua identidade, ou

¹² Em relação a idéia de oposição a uma memória essencialista, trata-se de entender que a nossa memória é construída e como menciona HALBWACHS (1990) nós não possuímos uma memória em forma de tabula rasa, onde se inscreve de maneira lógica, linear e individual as nossas lembranças. A nossa memória é construída, seletiva e perpassada pelas relações sociais.

¹³ Neste sentido, muitos trabalhos tratam da memória que não faz questão de lembrar de situações traumáticas e difíceis em comunidades inteiras. Para exemplificar o estudo de Eric Hobsbawn (1998) com o título “Não basta a história da identidade”, revela que muitas vezes a memória incomoda, preferindo os grupos não lembrar o que aconteceu, especialmente em período de conflitos e guerras. Também é relevante o artigo de Nicole

seja, não é possível manter inalterada por muito tempo uma organização social, entretanto os grupos preferem acreditar numa linearidade de tradições e genealogia.

Seguindo nesta direção queremos apontar os conceitos defendidos por Kathryn Woodward (2000) ao definir uma perspectiva essencialista e uma perspectiva não essencialista, a partir de um exemplo das tensões ocorridas no grupo étnico sérvio.

Na base da discussão sobre estas questões está a tensão entre perspectivas essencialistas e perspectivas não essencialistas sobre identidade. Uma definição essencialista 'sérvia' sugeriria que existe um conjunto cristalino, autêntico, de características que todos os sérvios partilham e não se altera ao longo do tempo. Uma definição não-essencialista focalizaria as diferenças, assim como as características comuns ou partilhadas, tanto entre os próprios sérvios e outros grupos étnicos. Uma definição não essencialista prestaria atenção também as formas pelas quais a definição daquilo que significa ser um 'sérvio' têm mudado ao longo dos séculos.[...]. (WOODWARD, 2000, p 12)

A partir da exemplificação acima analisada pela autora, entendemos que dentro do grupo étnico pomerano a identidade pode ser perceptível sob essas duas formas. Numa perspectiva essencialista, poderíamos entender que as pessoas pertencentes a etnia pomerana tentam partilhar de uma identidade unitária e inalterada, preconizam que a sua etnia possui esses preceitos, procurando reforçar a sua unidade na consolidação de valores e instituições que reforcem os símbolos e crenças trazidos de sua pátria de origem.

Por outro lado, ao analisarmos a identidade numa perspectiva não essencialista, percebemos que as diferenças aparecem e são pontos relevantes na constituição de uma identidade. Nesse caso, apoiando-se numa perspectiva não essencialista, entendemos como se deu a formação de uma identidade teológica pedagógica da instituição do Sínodo de Missouri.

Para compreender o conceito de identidade é preciso perceber que

[...]a identidade torna-se, aos olhos do sociólogo, não o apelo a um ser, mas a reivindicação de uma capacidade de acção e de mudança. Definem-se em termos de escolha e não de substância, de essência ou de tradição.[...]. (TOURAINÉ, 1996, p.121).

Como a identidade não é essencial, ela se constitui a partir de diferenças e se dá de forma relacional. O que demarca a identidade do grupo étnico pomerano, por exemplo, é eles saberem que não são lusos. Ou no caso da identidade religiosa,

Lourax(1998), intitulado “De la amnistia y su contrario”, em que é analisado o processo de discussão de anistias onde o esquecer e o lembrar entram em conflito.

os que pertencem ao Sínodo de Missouri demarcam uma identidade a partir da diferença de outras instituições religiosas. Como menciona Woodward:

A identidade é, na verdade relacional, e a diferença é estabelecida por uma *marcação simbólica* relativamente a outras identidades (na afirmação das identidades nacionais, por exemplo, os sistema representacionais que marcaram a diferença podem incluir um uniforme, uma bandeira nacional ou mesmo os cigarros que são fumados). [...] As identidades não são unificadas. Pode haver no seu interior que têm que ser negociadas;[...]. (WOODWARD, 2000, p 14).

A partir da diferença e da relação, a identidade se constitui utilizando elementos como os símbolos e crenças, e também os valores.

1.2.2.2 Múltiplas identidades: nacional, religiosa e étnica

As identidades são múltiplas e relacionadas. No presente trabalho focamos a constituição de uma identidade nacional e étnica, ao analisarmos constituição do grupo étnico pomerano num país diferente do original, e uma identidade religiosa, ao analisar a constituição do Sínodo de Missouri. Não pretendemos afirmar que a construção destas identidades: nacionais, étnicas e religiosas são constituídas de forma estanques e dissociadas, mas acreditamos que elas são relacionadas entre si para demarcar e consolidar a identidade do grupo a partir da etnia, da nação e da religião.

A identidade nacional para estes imigrantes foi um fator que influenciou a consolidação de uma constituição religiosa peculiar. Neste sentido, para estas comunidades era possível não estar morando na terra natal, e sentir-se ainda como se fosse pertencente a pátria alemã. Para conseguir este sentimento de pertencimento havia a necessidade de reforçar símbolos que lembravam a terra natal, como a língua, a religião, a organização do trabalho, etc.

A identidade nacional se dá através de símbolos específicos, baseados em elementos cívicos e étnicos, e através de crenças do que se constitui uma nação. Assim, as identidades não são estáticas e muitas vezes são escolhas feitas pelos grupos. Por vezes, a identidade nacional é pautada em aspectos que tentam limitar o conceito de uma nação. Como reflete Smith, ao tentar relativizar os conceitos acerca do que é uma nação:

Uma nação pode assim ser definida como uma determinada população humana, que partilha um território histórico, mitos e memórias comuns, uma cultura pública de massas, uma economia comum e deveres legais comuns a todos os membros. Esta definição de solução provisória revela a natureza complexa e abstrata da identidade nacional. A nação acarreta, de facto,

elementos de outros tipos de identidade colectiva, o que explica não só a forma pela qual a identidade nacional pode ser associada a estes outros tipos de identidade- de classe, religiosa ou étnica.[...]. (SMITH, 1997, p. 28 e 29 grifos do autor).

Por isto, enfatizo que a constituição de uma identidade nacional está imbricada com a identidade religiosa e étnica. Partindo do conceito tradicional do que seria uma nação, como um laço cultural e político que mantinham, os imigrantes germânicos não poderiam se sentir fazendo parte de uma etnia germânica em solo brasileiro. O território que eles estavam ocupando não fazia parte de sua história, ou de seus antepassados. Os mitos e histórias precisavam ser reinventados em uma nova terra. Daí inferimos a relevância dada por estes imigrantes em se organizar coletivamente a partir da religião e escola. Os imigrantes precisavam criar novas formas de “reviver” a sua identidade através de uma identidade religiosa ou étnica. Daí, a preocupação em fortalecer uma organização comunitária nos primórdios da imigração alemã.¹⁴

A identidade coletiva através dos símbolos e crenças precisava ser construída, mesmo que fosse recriada ou reinventada como nos coloca Hobsbawn (1997, p. 15)

Não nos cabe analisar até que ponto as novas tradições podem lançar mão de velhos elementos, até que ponto elas podem ser forçadas a inventar novos acessórios ou linguagens, ou a ampliar o velho vocabulário simbólico. Naturalmente, muitas instituições políticas, movimentos ideológicos e grupos- inclusive o nacionalismo- sem antecessores tornaram necessária a invenção de uma continuidade histórica, por exemplo, através de uma continuidade histórica real seja pela lenda,[...]ou pela invenção.[...]. (HOBSBAWN, 1997, p. 15)

Interessante notarmos que as tradições dos imigrantes pomeranos também tentaram recriar certas tradições, especialmente pautadas na nação de origem. Havia tentativas destas comunidades em fortalecer um nacionalismo germânico que não era similar ao da Alemanha. Era evidente o reforço em se considerar alemão a partir de alguns símbolos como o hino, a língua, a bandeira, os cânticos nacionais.

Entretanto, muito foi discutida a identidade nacional alemã numa perspectiva de unidade, como nos coloca Meyer (2001, p.86):

[...] muitos dos estudos que discutem a construção da nacionalidade e da identidade nacional estão preocupados em compreender as estratégias discursivas e os mecanismos de poder que tornam possível a produção de idéias de unidade, comunidade e/ou homogeneidade cultural contidas no

¹⁴ Ver em estudos sobre a necessidade de organização logo no início da imigração. Pode-se citar KREUTZ (2004) O professor paroquial Magistério e Imigração alemã. RAMBO (1996) A escola Comunitária teuto-brasileira católica. A associação de Professores e a Escola Normal.

termo nação, sendo que, em determinadas circunstâncias, pode ser bem mais relevante e necessário compreender a produção da nação na perspectiva da acentuação de suas diferenças internas. (MEYER, 2001, p. 86)

O sentido de identidade nacional construído pelos pomeranos foi demarcado pelas diferenças encontradas entre os grupos e também pelas diferenças que eles sentiam em relação a outro grupo étnico. Eles puderam constituir um modo de vida valorizando e recriando instituições existentes na Alemanha, como as escolas e igrejas, mas com novos arranjos e produzindo novas formas de constituí-las.

Esses arranjos não poderiam estar isentos de conflitos e tensões, para os pomeranos que imigraram para a região meridional do Rio Grande do Sul, bem como outros grupos germânicos de imigrantes. A constituição da nacionalidade ocorreu através de processos peculiares, já que teriam que produzir formas de conviver com uma nacionalidade alemã do país de origem e com uma cidadania do país que estavam fixados.

Nesse sentido, os estudos de Giralda Seyferth (1994) apontam no processo migratório um sentimento de duplo pertencimento, ou seja, para os imigrantes era possível sentir-se pertencendo a nação alemã, num sentido cultural e sentir-se um cidadão brasileiro, ao se naturalizar.

Os imigrantes, simbolicamente, romperam os laços com o território alemão no ato da renúncia da cidadania de origem, assumindo a 'colônia' como uma nova pátria.[...]a expressão 'criar raízes', no contexto pioneiro, remete à questão da cidadania brasileira, reivindicada através do ato de naturalização Mas a cidadania não anula o ideal de pertencimento ao povo alemão-lembrando sempre que o termo Volk é traduzível como etnia. A categoria Deutsch-brasilianer aparece na segunda metade do século passado para definir o duplo pertencimento- à etnia alemã e ao Estado brasileiro na qualidade de cidadão. (SEYFERTH, 1994, p. 15)

Neste duplo pertencimento é possível visualizar uma formação identitária própria, porque esta indefinição de pertença não era compreendido pela realidade brasileira e seriam inevitáveis os conflitos e tensões na constituição de uma identidade de dupla pertença. Isso provocou estranhamentos, especialmente em relação ao uso da língua alemã, que demarcava uma identidade étnica diferenciada. Rene Gertz (1994) reforça a idéia do duplo pertencimento, analisando as diferenças de concepções dos imigrantes alemães e os brasileiros.

Na tradição brasileira, a cidadania é pensada basicamente como uma questão ligada ao território, o que no jargão jurídico é denominado *jus soli*, isto é, brasileiro é todo aquele que nasce em solo brasileiro. Inversamente, na tradição alemã domina o *jus sanguinis*, o que se considera 'alemão' todo aquele que possui 'sangue alemão', independente do solo em que tenha

nascido. Nesse caso, admite-se que uma pessoa pode, juridicamente, ser cidadão de um outro Estado que não a Alemanha, mas continuar pertencendo à abstração 'povo alemão'.[...] (GERTZ, 1994, p. 30)

Na realidade brasileira os imigrantes buscavam, pois, esse pertencimento à cultura alemã através da religião, da língua e dos símbolos que tentavam preservar, ou melhor, reinventar. Mas aceitavam-se como cidadãos cumprindo as obrigações civis, militares da cidadania brasileira.

Entretanto, a preocupação dos imigrantes com a religião estava relacionada com a preservação de uma identidade étnica e, de uma certa forma, de uma identidade nacional. A religiosidade favorecia a manutenção de símbolos, crenças e, em especial, a preservação da língua materna.”[...]Para os imigrantes o uso da língua materna facultaria expressar melhor o sentimento religioso, o que não significava adesão política à Alemanha, a não ser com raras exceções.[...]”(KREUTZ, 2004, p. 223)

Constatamos assim, a necessidade de preservar a língua para os elementos religiosos, e dentro disto, que era necessário uma consistente e organizada educação. Dentro deste contexto, era fácil constituir a formação da igreja do Sínodo de Missouri, já que esta instituição agregava a formação religiosa com a formação escolar.

Na verdade, o grupo precisava possuir expressão em constituir sua cultura. A língua é uma dessas expressões marcantes, tanto que é usada como defesa, ou ainda para fornecer uma unidade étnica a este grupo. Mesmo reconhecendo que esta unidade é repleta de conflitos, o grupo tenta acreditar que ela exista, e, para isto, se utilizava da língua para tentar preservar esta identidade étnica.

É interessante notar que a língua alemã era importante ser conservada, não só para expressar sentimentos religiosos e culturais através das leituras, dos ritos religiosos, das canções aprendidas, mas também para preservar sua cultura e tentar defendê-la através do uso da língua.

Mesmo os dialetos¹⁵ que não eram utilizados nas leituras ou na religião, adquiriram importância na medida em que consolidaram uma identidade étnica no cotidiano do trabalho, da família, do lazer.

¹⁵ O pomerano é uma língua falada, considerada portanto um dialeto de uma região da Alemanha, a Pomerânia. Na realidade alemã do período da imigração, cada região mantinha seu dialeto, mas utilizado como língua falada e não escrita. Na verdade, desde o princípio da imigração pomerana ao Brasil, não se tem textos escritos em

A preservação da língua é vital para os imigrantes porque ela inscreve muitas identidades. Através da língua podemos recriar as tradições, crenças, valores, símbolos, enfim, recriar uma identidade nacional, étnica e religiosa.

A discussão sobre a necessidade de preservar a língua alemã e os dialetos é relevante porque ela está estreitamente relacionada com a constituição da formação das igrejas e escolas. A língua é necessária para reforçar os discursos, os quais são utilizados como forma de constituir identidades. No caso da língua alemã há a necessidade da utilização da língua falada e escrita na consolidação da religião e da escolarização nas escolas, já que era necessário para o cumprimento dos rituais religiosos a leitura da Bíblia, do Catecismo e do cântico dos hinos. Como nos coloca Meyer (2003, p. 201):

A Reforma Protestante teve, aqui, um impacto significativo, pois atribuiu a uma língua vulgar (o alemão) a possibilidade de operacionalizar essa mediação. Esse impacto foi tanto mais significativo se considerarmos que esta língua vulgar- muito vinculada aos mecanismos da oralidade e do cotidiano das classes subalternas- transformou-se numa língua escrita e oficial, pela qual todos e não só a nobreza, o clero e os burocratas, desde que minimamente escolarizados, teriam acesso livre e direto à palavra de Deus, na Bíblia.(MEYER, 2003, p. 201)

Historicamente a Reforma Protestante influenciou a popularização da língua alemã e proporcionou um fomento na alfabetização das pessoas que sentiam a necessidade de conhecer a Bíblia. A população que vivia nos territórios onde, depois constituiu-se a Alemanha unificada, preocupava-se com o conhecimento da língua alemã escrita, especialmente para fins religiosos.

A valorização da língua para qualquer etnia é relevante, mas, para aqueles que eram de descendência germânica e, ainda, luteranos, a língua representava uma importância maior, já que era determinante na formação da identidade religiosa e escolar.

Além de a língua ter tido esta importância na religião e na escolarização, ela foi utilizada para reforçar símbolos e conseguiu veicular os discursos que iriam constituir também as identidades. “As identidades constroem-se no e pelo discurso, em lugares históricos e institucionais específicos, em formações práticas e discursivas específicas e por estratégias enunciativas precisas.” (MENDES, 2002, p 522)

pomerano, daí a necessidade de aprender a ler e escrever em alemão clássico, chamado o ‘Hoch Deutsch’ (alto alemão) que era considerado o alemão gramatical.

Através dos discursos, as práticas se consolidam. Na pesquisa percebi que os discursos são utilizados pelo Sínodo de Missouri através da intensa publicação em revistas, semanários e livros de orações. Também é observável a utilização dos discursos nas práticas religiosas, no uso da palavra do pastor e do professor no intuito de propagar a doutrina luterana para consolidar o sistema religioso e escolar.

A formação da identidade pelo discurso é extremamente favorecida, porque também através dele que se formam os preceitos e valores que o grupo tenta conservar ou modificar. Assim, entendemos o quanto havia no contexto pomerano, onde o Sínodo de Missouri começou a se instalar, a preocupação em criar ou recriar uma identidade religiosa e escolar interligadas, por vezes adaptando-se com a realidade destes imigrantes, outras vezes, entrando em conflito, provocando tensões e novas configurações.

[...]Nesse sentido, o espaço escolar, o currículo e os discursos que os constituem e atravessam estão envolvidos com uma ampla rede de produção de identidades sociais e que este processo está vinculado a complexas dinâmicas sociais de classe, gênero, raça/etnia/nação, sexualidade e geração, para citar apenas algumas mais significativas.[...]. (MEYER, 2001 p. 81)

O espaço escolar e o espaço religioso nas comunidades pomeranas constituíam-se de múltiplas identidades. Percebemos, assim, que havia uma necessidade na escolarização deste grupo para preservar e constituir elementos sociais identitários. Por isso entendemos:

[...] Tais identidades não se produzem/deslocam de forma original e exclusiva no espaço e no processo escolares, mas elas estão ativamente presentes em conhecimentos e práticas, em estratégias de controle e regulação, em mecanismos de classificação e diferenciação, os quais possibilitam a configuração escolar em sentido amplo e podem, ao mesmo tempo, instituir, ali, sentidos e dinâmicas particulares que têm efeitos muito concretos na vida dos sujeitos que estão envolvidos na escolarização. (MEYER, 2001 p. 81)

O processo escolar e também o processo religioso são constituídos paralelamente, como formas de constituição de identidades. O processo de formação de igrejas e escolas era direcionado para reviver as tradições da terra natal dos imigrantes, mas também para permitir novas práticas que serviriam de regulação moral e social.

O espaço religioso e escolar interligados neste contexto possibilitava manter as relações de sociabilidade nos princípios comunitários dos grupos de descendentes de imigrantes. Para tanto, era preciso utilizar as práticas escolares e religiosas como forma de controlar e regar o cotidiano das comunidades.

Nesse sentido, é importante abordarmos esses conceitos de identidade, numa perspectiva de identidade construída, fabricada, relacional e não essencialista, para entendermos melhor os processos que se constituem na formação de uma identidade teológico pedagógica da instituição do Sínodo de Missouri.

As tradições que são representadas nos símbolos, crenças e valores são expressas de forma marcante na religiosidade e na escolarização dessas comunidades. O espaço escolar imbricado com o espaço religioso é propício para as manifestações étnicas e nacionais do grupo pomerano.

Acreditamos, assim, que a formação de igrejas e escolas no contexto pomerano puderam construir uma identidade peculiar influenciada pelo Sínodo de Missouri.

1.3 As comunidades pomeranas- contextualização histórica e espacial

Para entendermos melhor o objeto do estudo pretendo contextualizar as localidades das primeiras comunidades de etnia pomerana inseridas no Sínodo de Missouri. Também pretendemos abordar o contexto histórico e imigratório da época da fundação de igrejas nestas comunidades.

As primeiras comunidades do Sínodo surgiram no interior de Pelotas e no interior de São Lourenço do Sul entre as comunidades de etnia pomerana. As dificuldades começam quando abordamos o contexto rural de Pelotas já que há mais estudos concernentes a uma cidade urbanizada que representava um grande progresso em termos de educação e cultura.¹⁶

No entanto, alguns estudos apontam que estas comunidades de etnia pomerana possuíam uma preocupação com a educação de sua família por motivos econômicos e religiosos. Salamoni,(1996);Fachel,(2002), Roche,(1969), Ulrich(1999), Mulhall(1974).

Em relação à economia eles precisavam aprender fundamentos básicos de matemática para que fosse permitido negociar seus produtos agrícolas. Quanto à

¹⁶ Os estudos sobre a história de Pelotas estão mais centrados no contexto urbano, do que no rural. Há poucos subsídios e obras para pesquisar a colonização rural e a formação histórica desta realidade. Em relação aos estudos urbanos temos entre estudos consagrados como MAGALHÃES (1993) Opulência e Cultura na Província de São Pedro- Um estudo sobre a cidade de Pelotas (1960-1890); OSÓRIO (1962) A cidade de Pelotas.

religião era necessário aprender a ler a Bíblia e ler o hinário nas práticas religiosas, especialmente entre os protestantes.

Por isso, queremos privilegiar também na pesquisa a questão da imigração alemã nessas regiões do Estado.

Para entendermos a consolidação do processo escolar, pretendemos também expor brevemente o movimento migratório germânico. A formação identitária desses imigrantes repercutiu tanto na vinda deles como na própria escolha do país em que iriam se instalar.

A unificação alemã aconteceu tardiamente em relação à formação de outros países europeus, e, portanto, a constituição do território fez-se com grandes dificuldades. A consolidação efetiva deu-se apenas em meados do século XIX, com o comando de Bismark.

O século XIX era para a Alemanha mais do que para qualquer outro país um período de mudança. Em seu despertar- no Congresso de Viena- não existia até mesmo um Estado alemão: em vez disso, havia uma conglomeração de estados médios e pequenos, monarquia, ducados, estados eclesiásticos e cidades livres,- a maioria dos quais empobrecidos e rurais com poucas cidades grandes- , ligados por poucos rios importantes e algumas estradas em más condições. No fim do século, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha era o principal país industrial do continente, unificado, forte, largamente urbanizado e expandindo seu comércio para os quatro cantos do mundo. (KENT, 1982, p. 143)

O motivo deste povo em vir ao Brasil, poderia ser pelas dificuldades enfrentadas na Alemanha, devido aos altos impostos cobrados pelo Estado e à escassez de terras, ou ainda, o excesso de população, pois, em 1875, a Alemanha configurava-se como o segundo país mais populoso do mundo ocidental, contando com 41 milhões de habitantes¹⁷. Para entender o processo de imigração e colonização é necessário compreender o momento histórico da época, tanto no Brasil como na Europa.

O primeiro movimento da imigração germânica ao Brasil, deu-se antes da unificação alemã, em 1824, chegando os primeiros imigrantes no Rio Grande do Sul, em São Leopoldo. Ao longo deste processo, a imigração seguiu muitos percursos:

Os imigrantes de origem rural, por sua vez, partiram de regiões muito diversas. Os primeiros que se fixaram no Rio Grande do Sul, provinham de Holstein, de Hanover, de Mecklembourg. Seguiram-se, logo depois camponeses originários de Hunsruck; estes últimos, em maior número, ‘assimilaram’ os que procediam de Saxe, de Wurttemberg ou de outras regiões. Os vetsfalianos concentraram-se, a partir de 1868, de preferência em Estrela, os pomeranos em Santa Cruz ou em São Lourenço, os naturais de Schwaben, mais tarde em Panambi. Física e mentalmente, os imigrantes

¹⁷ Segundo dados do Jornal do Comércio de 02/03/1875, número 48, página 1

rurais apresentavam grande variedade de traços: os renanios eram considerados mais inteligentes, os pomeranos mais trabalhadores.[...]. (ROCHE, 1969, p.158)

Neste sentido, percebemos que a unificação alemã não era totalmente única. Havia uma diferenciação étnica nos seus territórios, que era possível diferenciar os grupos e possibilitar construções identitárias de acordo com as características que cada grupo tinha de si. Os pomeranos, na Alemanha, mantinham uma característica própria de organização social, devido a constituição histórica em que estavam inseridos. Nos estudos de Salamoni (2000) a autora analisa a formação geográfica e histórica desta etnia:

No caso específico da Pomerânia, terra de origem dos imigrantes, esta localizava-se na região oriental da Alemanha, sob o domínio do Império Prussiano. Nessa região, a transição do sistema feudal para o capitalismo teve início em 1807, quando o Estado Prussiano decretou a abolição definitiva da servidão camponesa. Contudo, a maior parte dos camponeses perdeu parte ou todas as terras que cultivava, sendo obrigada a se submeter ao trabalho nas propriedades senhoriais ou então, buscar ocupação nas indústrias urbanas, engrossando a massa de deserdados que passavam a viver nas cidades. Além dessas possibilidades restava, ainda, a alternativa de migrar para América, na busca de melhores condições de vida.

Diante deste quadro é possível entender que os camponeses, no caso de origem pomerana, habituaram-se a ser conduzidos pela mão por um 'senhor' que lhe ordenava e proibia, e, por fim, se ocupava dos problemas fundamentais de sua existência. (SALAMONI, 2000, p 37)

Dentro deste contexto a maioria dos pomeranos eram agricultores e considerados escravos. Enfrentavam bastante dificuldades no país de origem, devido ao escasso trabalho e pouco acesso às terras, sobretudo, devido ao preconceito de serem considerados inferiores. Por isso, necessitavam de trabalho e buscaram outros lugares para se estabelecer, com possibilidades de se firmar como grupo étnico sem serem explorados como quase escravos. Os pomeranos, assim, podiam ser considerados desconfiados, pois, devido às dificuldades encontradas, apresentam uma resistência passiva quando não queriam aceitar determinada situação.

Nesta realidade muitos pomeranos buscaram o Brasil e procuraram estabelecer uma organização comunitária coesa e forte. A imigração para o governo brasileiro era importante desde meados do século XIX, não só de alemães - mas também ingleses, italianos e outros, obedecia a vários objetivos e poderíamos discorrer discussões e debates acerca desta questão. No século XIX o Rio Grande

do Sul começava a estruturar a formação agrícola, mesmo estando baseado ainda em uma economia eminentemente pecuarista, que forçava o processo migratório.

Entretanto, as pressões dos latifundiários e dos proprietários de terras acentuavam os problemas das questões agrárias no Rio Grande do Sul. Devido a problemas da legislação vigente do século XIX e aos conflitos políticos entre as forças que dominavam no Estado havia muita dificuldade em relação a posse das terras.

A primeira fase de ocupação do Rio Grande do Sul resulta, então de uma organização sócio-econômica baseada nas estâncias pecuaristas, nas fortalezas, nas datas de base agrícola distribuídas aos açorianos e em freguesias e pequenas vilas. (KLIEMANN, 1986, p.18)

Percebemos dessa forma, que o Brasil possuía uma economia agrária estática, em que a agricultura estava ainda em estágios iniciais de desenvolvimento, e não havia uma sistematização agrícola em larga escala, sendo comum a prática da pecuária latifundiária no solo brasileiro, bem como no Estado do Rio Grande do Sul.

Ao mesmo tempo em que havia uma necessidade social e econômica de colonizar o Estado, permanecia uma resistência de setores conservadores, de políticos e de grandes proprietários. Os conflitos e lutas permaneciam então.

Dessa forma, as contradições de tais reformas começam a evidenciar-se. Teoricamente, a Lei de Terras de 1850 resolveria inúmeros problemas: acesso à terra, reorganização da produção e da sociedade e satisfação dos anseios das elites produtoras e dos intelectuais anti-escravagistas, partidários da necessidade de uma purificação do sangue e da cultura brasileira através da colonização estrangeira. Na prática, ela foi geradora de novos conflitos, pois a centralização forçada não conseguiu atenuar o descompasso entre o projeto do governo central e dos governos provinciais, ou seja, entre a legislação e as realidades agrárias regionais. (KLIEMANN, 1986, p.20)

Havia na época uma certa vontade política em proporcionar a colonização, que facilitava ao imigrante as terras para o trabalho agrícola e voltava-se para uma perspectiva de substituição da mão -de- obra escrava.

Uma atenção especial em relação à imigração foi levantada pela pressão causada pela busca do fim da escravidão, em especial, no Rio Grande do Sul. A partir das novas idéias de civilidade e humanismo começou a ser demonstrado uma preocupação para a questão do “branqueamento” da raça, havendo preferência por um determinado tipo de “imigrante”:

Desta forma o escravo representava uma força negativa ao espírito de expansão do sistema capitalista, pois, na medida em que seu círculo de necessidades era muito reduzido, não via em trabalhar mais para aumentar seus ganhos. Isto se explica pela própria natureza do sistema capitalista,

que se assenta sobre o trabalho assalariado, pois somente este permite ao empresário apropriar-se de parte do produto do trabalhador.[...](LANDO E BARROS 1992, p.17)

Com o ideário liberal e republicano consolidando-se na vida brasileira não era possível aceitar as normas escravagistas, pois não atendiam às necessidades de mercado ao exigir trabalho assalariado e uma expansão da economia agrícola do estado.

Ainda, os interesses políticos e econômicos do governo provincial e das associações privadas vão contornando e demarcando os processos imigratórios, em disputas legais e sociais. O interesse em ampliar a economia agrícola riograndense era grande, ora por parte do governo, ora por parte dos interesses privados em lucrar com as vendas das terras.

Os objetivos de proporcionar à imigração e à conseqüente colonização partem de uma sociedade apoiada no latifúndio e com interesse em atender a manutenção da economia de uma classe dominante no estado e no país.:

Em primeiro lugar, a análise evidencia que, no séc. XIX, ao tentar enquadrar os diversos problemas de ocupação e povoamento do solo brasileiro pela Lei das Terras, o Estado brasileiro permitiu o aparecimento de novas contradições que se somaram àquelas oriundas no período colonial. A referida lei, além de proteger o latifúndio, permitiu ao Estado regular a posse da terra e construir regiões de interesse ao avanço do capitalismo. Algumas dessas regiões, como o Rio Grande do Sul, foram instadas a criar núcleos de colonização estrangeira, a partir da pequena propriedade, a fim de gerar um economia subsidiária ao centro do país, ligado à grande lavoura de exportação- o descompasso existente entre o projeto do governo brasileiro e as condições regionais de atendê-lo levou à necessidade de constante intervenção do aparelho administrativo, representado pela burocracia e também por segmentos da Igreja e da Justiça. Tal intervenção, quase sempre desorganizada e eivada de interesses particulares, fez da questão agrária, já no final do séc. XIX, respeitável obstáculo ao desenvolvimento regional. (KLIEMANN, 1986, p.149)

Assim, o projeto de colonização pela imigração foi pautado por constantes contradições, devido às questões das Leis de Terras no Estado. Elas buscavam legitimar as propriedades doadas ou compradas, sendo normalmente modificadas e reelaboradas com princípios autoritários e com interesses de explorar estes colonos. Possuíam uma visão centralizada para atender a demanda do país, conseqüentemente não levavam em conta as necessidades regionais. Evidenciavam-se, assim, nas questões agrárias inúmeros conflitos.

Os imigrantes sentiam-se desprotegidos e quase sem apoio do governo provincial e estavam constantemente cercados pelo perigo da exploração particular.

Na região sul as origens da colonização estrangeira tiveram causas semelhantes ao restante do Estado. Salamoni (1996) aponta esta questão que analisa no estudo sobre os valores culturais dos pomeranos:

O início da colonização da região sul do rio Camaquã- Serra dos Tapes, interior dos atuais municípios de Pelotas e São Lourenço do Sul, no ano de 1856, deveu-se à necessidade de ocupação dessa área com imigrantes que desenvolvessem atividades agrícolas. Ressentia-se essa região da falta de agricultores, por razões historicamente explicáveis. (SALAMONI 1996, p. 14)

Assim aconteceu a imigração na região meridional do Estado do Rio Grande do Sul. Logo nos primórdios da colonização foi fundada a colônia de São Lourenço do Sul, por Jacob Rheingantz em 1858.¹⁸ Em relação ao início desta colônia Salamoni (1996, p.17) aponta:

Os núcleos de colonização, a partir de então, foram estabelecidos, alguns pelo governo imperial ou provincial e outros por iniciativa privada. As imigrações realizadas por empresas particulares em várias regiões do Brasil, não obtiveram o sucesso esperado, com exceção da Colônia de São Lourenço, organizada e promovida por Jacob Rheingantz em 1858, na Serra dos Tapes, Município de Pelotas, no Rio Grande do Sul (SALAMONI 1996, p. 17).

Os primeiros imigrantes alemães ao sul do estado do Rio Grande do Sul vieram em grupos, na região de São Lourenço do Sul, na época fazendo parte do município de Pelotas.

Outro estudo relata o início da Colônia de Rheingantz a partir de um estatístico inglês, Michael G. Mulhall, que esteve em excursão em 1871 nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul. Assim, ele descreve:

São Lourenço foi iniciada pelo sr. Jacó Rheingantz perto de Pelotas em 1858. O governo paga um prêmio de 2 libras por cada imigrante que o sr. Rheingantz trazer, enquanto este paga a passagem da Alemanha, fornece suprimentos para o primeiro ano e vende os lotes de terra para os colonos, a serem pagos em prestação. A colônia tem tido muito sucesso: compreende 1.637 pessoas, em 340 famílias, que cultivam 372 fazendas e plantam grandes quantidades de cereais e legumes para os mercados de Pelotas e Rio Grande. Há 3 colonos protestantes para 1 católico e há duas escolas. (MULHALL, 1974, p. 117)

Neste relato, salientamos a formação da colônia com interesses da iniciativa privada e pública em financiar a viagem e o estabelecimento dos imigrantes para trabalharem como colonos. Apesar de o relato revelar dados descritivos que não levam em consideração a visão dos colonos, podemos entender alguns aspectos da

¹⁸ Segundo dados do Álbum Oficial do Sesquicentenário da Imigração Alemã, da Sociedade Editora de Publicações Especializada EDEL, LTDA, 1973

realidade que eles viviam: o número de pessoas, o trabalho na agricultura e as preferências religiosas.

Na colônia inicial não vieram apenas pomeranos. Mas foi a etnia que mais se fortaleceu na região meridional do Estado.

Na listagem dos primeiros colonos assentados pela iniciativa de Jacob Rheingantz e aqui chegados em 18 de janeiro de 1858, observa-se a presença de elementos procedentes de Altona, Nannover, Prússia, Saxônia, Hamburgo, Holstein, România, Osterfels, Lubeck e da Pomerânia. (SALAMONI 1996, p. 19)

Os pomeranos que aqui se estabeleceram logo adaptaram-se à agricultura, apesar de a opção pela agricultura ser quase inevitável, sendo na maioria das vezes a única alternativa oferecida. Mas, a marca dos pomeranos estava associada à terra, eram naturalmente colonos que já haviam se dedicado a atividades agrícolas, indo ao encontro dos interesses do governo brasileiro em promover a imigração voltada para a ocupação do estado. Assim, a imigração alemã muitas vezes teve que se estruturar por iniciativa própria, bem como se organizar em termos de educação, religião e saúde.

“A instalação das escolas aconteceu simultaneamente com a edificação das Igrejas, uma vez que não se poderia imaginar uma comunidade sem um Templo” (SALAMONI, 1996, p. 38) . A ligação da religião com a educação é evidente. Foi preciso iniciativa própria para estas instituições se estruturarem sozinhas no contexto de colonização.

Nesse sentido, os colonos exigiram das autoridades a construção das escolas e a manutenção de professores no que raramente foram atendidos, fazendo com que ou construíssem eles próprios uma Igreja que servisse de escola, ou coubesse ao pastor, com a ajuda da comunidade, a construção de uma escola ao lado do templo. (FACHEL, 2002, p. 153)


Isso demonstra a preocupação destes imigrantes em fortalecer uma unidade étnica a partir da educação e da religião, mesmo que os hábitos e costumes tivessem que se adaptar, tanto no sentido cultural quanto no físico, inclusive, em termos de relevo e clima.

Diante desta situação, muitas vezes, ocorreram alguns tensionamentos e conflitos no processo de imigração. E, sobretudo, os tensionamentos contribuíram para a construção identitária deste povo.

Neste contexto o Sínodo de Missouri se instala e tenta ganhar espaço, mas através de lutas e conflitos na realidade das comunidades pomeranas.

Origens e Bases Doutrinárias do Sínodo de Missouri

OS SAXÕES



Por mares ignotas a terras estranhas,
Com alma partida, com olhos ardentes,
O fogo do amor devastando as entranhas,
Varões e mulheres, com preces ferventes
Nos lábios em pranto saudoso e durido,
A Pátria abandonam, o solo querido.

Entanto nos peitos valentes lateja
Com impeto grande uma força viril;
É povo que presa os ensinos da Igreja,
Que enjeita os retoques de humano buril
Nas Páginas santas, fiéis, lapidadas,
Nos atos sagrados perante os altares.

Na Pátria aos seus filhos aguarda a ruína,
O abismo que as almas com ódio esfacela
De encontro aos penedos de falsa doutrina;
Doutrina que endeusa a razão e debela
O Verbo de Deus, a Palavra da Cruz,
A fé na obra santa de Cristo Jesus.

O amor que os vincula ao Herói do Calvário
Arrasta-os da Pátria a longínqua nação,
E no érmo das selvas, no chão solitário,
No inhóspito clima, o sagrado pendão
Da ex-celsa Verdade levantam firmados
Na Rocha, o refúgio no mar dos pecados.

Nos lances tremendos, na angústia do embate
Com ondas de inópia, com transeos panceos,
Desânimo perdido quase os abate.
Porém o tumulto de dias lutosos
Do troço da graça o bom Deus presto enfrena
E implanta uma lide profícua e serena.

Estranho que fôra, esse solo angaria
O amor e fervor do pugilo de bravos
Que, em nome de Deus, sem temor se expatRIA,
Fugindo a uma vida mesquinha de escravos,
Aqui lhes sorri a ideal liberdade;
Desfraldam aqui o pendão da Verdade.

E as portas do inferno não prevaleceram
Contra este rebanho do grande Pastor,
À luz da Escritura os combates venceram,
Sorveram na Cruz seu pujante fervor.
Vingaram seus feitos, cresceram, floriram
E ao lábaro santo milhares reuniram.

A Deus subam hinos de graças e glórias!
Celebrem num preito de graço sentir
As muitas, preciosas, perfeitas vitórias
Que fez à invencível Igreja sorrir.
Lembremos seus feitos, seu nome invoquemos,
E a novos triunfos confiantes marchemos.

M. L. H.

2.1. Origem e surgimento do Sínodo de Missouri

O Sínodo de Missouri é uma instituição religiosa confessional luterana, fundada nos Estados Unidos, por imigrantes alemães oriundos da Saxônia. Tentamos definir no estudo a identidade confessional dessa instituição a partir das fontes produzidas pelo Sínodo. Relevante também foi questionar e problematizar estas fontes, lembrando que estamos falando na perspectiva da própria instituição, ou seja, como a instituição se representa. Mas, mesmo assim o risco de a análise das fontes não ser proveitosa aconteceria se não houvesse um olhar crítico em relação a essas fontes, e elas não fossem entendidas como uma forma de representação da instituição .

A história do início do Sínodo de Missouri é contada nos seus periódicos de uma forma heróica. Afirmam que a sua doutrina é pura e verdadeira e condiz com os ensinamentos de Lutero.

Ora, nessa forma resumida de definir o Sínodo, não poderíamos entender o que se diferencia de outras instituições luteranas ou protestantes. Não pretendemos entender de forma real as diferenciações, mas, sim, como o Missouri colocava-se diferente de outras denominações religiosas.

Para compreender essas nuances, é necessário perceber a formação histórica desta instituição. O Sínodo começou a partir de uma organização religiosa descontente com o que estava acontecendo com o luteranismo na Alemanha.

2.1.1 A Reforma Protestante

A partir da reforma promovida por Lutero, um monge alemão, as doutrinas católicas vigentes na Idade Média foram questionadas nas 95 teses que Lutero afixou no castelo de Wittenberg. O alvo crucial era a cobrança de indulgências.

Nesse contexto, na Alemanha Lutero encontra apoio e resistências para o movimento luterano continuar. O apoio encontrado era de alguns bispos e príncipes e as resistências eram comandadas pela Igreja Católica. Lutero tinha o objetivo de organizar uma instituição religiosa em que o povo tivesse acesso à Bíblia, por isso a traduziu na língua alemã. Logo esteve envolvido e preocupado na questão educacional do povo, criando e difundindo livros que preparassem as crianças para conhecer a doutrina e a Bíblia Sagrada. Tentou popularizar o ensino, diferenciando-o

de um ensino elitista apenas destinado nos mosteiros medievais que havia. Segundo Nestor Beck (1996), Lutero renovou as estruturas educacionais de sua época.

Lutero reestruturou estruturas antigas e criou novas. Além das citadas, quero lembrar uma que é extremamente importante. É a própria reestruturação dos estudos na universidade de Wittemberg.[...] Paralelamente, sob a liderança de Melanchton, se reestruturam os estudos em nível médio. Implantam-se ginásios na linha do humanismo cristão (escolas latinas) e se criam escolas elementares, que cultivavam a língua do povo. [...]. (BECK, 1996, p.151)

De fato, a preocupação com a popularização da educação era evidente para Lutero. Juntamente com seu colega Melanchton promoveu visitas às escolas existentes a fim de formular um currículo acessível às crianças, introduzindo o Catecismo Menor, para o ensino da doutrina nas escolas de forma didática. (BECK, 1996)

A insistência de Lutero na organização educacional é bem representada nas seleções com o título “Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs (1524)”. Nesse artigo o Reformador exorta as cidades alemãs a organizarem a educação e investirem na educação popular para as crianças não somente em mosteiros e conventos. Leva os pais ao compromisso de ensinar os filhos na fé cristã, mas reconhece que eles não teriam condições de se responsabilizar pela formação escolar, por isso, era preciso conhecer a Bíblia e as doutrinas nas escolas. (Lutero apud Altmann 1994) Mas, para ele, um currículo que ensinasse a religião estaria preparando as crianças e os jovens como bons cidadãos com o aprendizado do ensino secular.

Mesmo que (como já disse) não existisse alma e não se precisasse das escolas e línguas por causa da Escritura e de Deus, somente isso já seria motivo suficiente para instituir as melhores escolas, tanto para meninos como para meninas em toda parte, visto que o mundo precisa de homens e mulheres excelentes e aptos para manter seu estado secular exteriormente [...]. (LUTERO apud ALTMANN, 1994, p. 199)

A organização educacional era voltada para o ensino misto e com vistas aos conteúdos seculares, para formar também o homem na sociedade em que vivia. Apesar do conselho de Lutero às cidades, no que concerne à ligação da educação religiosa e secular, os preceitos luteranos buscaram um distanciamento da secularização. O próprio Lutero preferiu na Visitação às escolas, na Alemanha, antes de introduzir o uso do Catecismo Menor, que a responsabilidade fosse dada a bispos católicos, e não a visitantes laicos, como funcionários do governo. (BECK, 1996).

Dentro dessa análise da religião, WEBER (1984) aponta para esta característica do luteranismo.

O luteranismo religioso, por exemplo, tomou a posição contrária. [envolvimento do poder secular]. Rejeitou a cruzada e o direito à resistência ativa contra qualquer coação secular em assuntos de fé; considerou essa coação uma arbitrariedade, que emaranha a salvação no pragmatismo da violência. Nesse campo, o luteranismo só conhece a resistência passiva. Aceitou, porém, a obediência à autoridade secular, como irrecusável, mesmo quando essa autoridade tenha dado ordem de guerra, porque a responsabilidade da guerra cabe a ela, e não ao indivíduo, e porque sua autonomia ética em contraste com a instituição universalista (católica) da graça era reconhecida. (WEBER, 1984, p. 386)

Assim, é possível compreender a valorização da religião e dos modos de praticar esta religião por grande parte dos movimentos luteranos.

Entretanto, não é possível as tradições permanecerem intactas, já que a história é um processo. O movimento da reforma também sofreu diferentes influências de acordo com o contexto social e político em que estava inserido. A consolidação e aceitação de uma doutrina luterana também foi modificada e adaptada. A própria Confissão de Augsburgo, que é considerada a carta básica doutrinária do luteranismo, não esteve imune a conflitos e lutas entre diferentes grupos na consolidação da Reforma. É importante entender o que representou este documento, considerado como suporte doutrinário da Igreja do Missouri, pois a sua adoção influenciou o início da Igreja Luterana.

Segundo os estudos de Nestor Beck (1996), em 1530 foi aprovada esta Confissão perante o imperador Carlo V. Era uma defesa das idéias luteranas defendidas por Lutero e alguns de seus colaboradores. De forma resumida eles afirmavam que os luteranos não eram hereges, confessavam a mesma fé católica, não queriam subverter o culto nem a ordem social, apenas queriam evitar os abusos cometidos e gostariam de viver em comunhão com a igreja existente e não serem excluídos. Mas não foi possível a tolerância e, a partir daí, aconteceram muitos conflitos e debates, até que, em 1555, veio a paz de Augsburgo, decidindo que cada príncipe resolveria se a igreja seria a tradicional ou a reformada. (BECK; 1996)

Por isso o autor supracitado questiona:

Mas o que tem tudo isso a ver com a vocação histórica da igreja luterana? Ocorre que em Augsburgo, com a apresentação da Confissão de Augsburgo em nome de todos os luteranos da Alemanha nasceu aquela solidariedade que resultou, mais tarde, na formação das diversas igrejas territoriais luteranas da Alemanha. Essa Confissão de Augsburgo é, pois a carta magna, a constituição da igreja luterana. [...]. (BECK, 1996, p. 19)

Diante dessa explanação histórica, percebemos que o documento da confissão não esteve imune a mudanças. A própria elaboração esteve repleta de conflitos e contradições. Max Weber (2004) nos seus estudos sobre religião revela que nem sempre o movimento luterano conseguiu controlar os seus fundamentos doutrinários. “As conseqüências de um movimento religioso não estão sob o domínio de quem o promove.” (BOBSIN, 2005, p. 216). Então, segundo Weber (2004):

Por isso temos que admitir que os efeitos culturais da Reforma foram em boa parte- talvez até principalmente, para nossos específicos pontos de vista- conseqüências imprevistas e mesmo indesejadas do trabalho dos reformadores, o mais das vezes bem longe, ou mesmo ao contrário, de tudo que eles próprios tinham em mente. (WEBER, 2004, p. 81)

Na Alemanha o movimento da reforma teve várias tendências, especialmente após Lutero. Dependendo da organização religiosa de cada grupo, havia uma característica doutrinária difusa. Não se trata somente dos calvinistas, batistas, metodistas e outros. Mas, dentro da própria Igreja Luterana diferentes movimentos religiosos surgiam a partir de alguma discordância de seus ideais doutrinários. Muitas organizações religiosas diziam aceitar determinada exortação e, na prática, isto não acontecia. Diante desta diversidade, muitas organizações luteranas também se formaram por diversificados motivos.

2. 1.2 Luteranismo e o Sínodo de Missouri

O surgimento do Sínodo de Missouri não foi diferente. Ele começou a partir de divergências doutrinárias nas práticas confessionais e litúrgicas de organizações religiosas reformadas na Alemanha.

Começa na Alemanha com os pastores M. Stephan e C. F. W. Walther e outros pastores que atuavam no país. Eles possuíam uma visão mais rígida e ortodoxa da igreja. Segundo os relatos no Jovem Luterano com o título “Começos de uma igreja”, muitos pastores não aceitavam o crescente racionalismo que vinha acontecendo na realidade germânica. “Porém, pouco a pouco, as condições na igreja se tornaram tão deploráveis que um cristão não podia pertencer com boa consciência à igreja do Estado. Os racionalistas tomaram conta da igreja. Eles colocaram a razão acima da Bíblia.”(JOVEM LUTERANO, outubro de 1946, Ano VII, nº 10, p148)

Os ideais racionalistas haviam sido difundidos na Europa desde o século XVIII, acentuando-se no final do século XIX, mas, segundo estudos de Eric

Hobsbawn (1996), os princípios religiosos vinham sendo abalados pelos modelos de racionalidade e laicização, mas ainda encontravam forças e resistiam.

Comparada com a ideologia laica, a religião no nosso período é de interesse incomparavelmente menor e não merece um tratamento mais prolongado. Mas, mesmo assim, merece alguma atenção, não apenas porque ainda formava o idioma no qual a esmagadora maioria da população mundial pensava, mas também porque a própria sociedade burguesa, apesar de sua crescente laicização, estava bastante preocupada em relação às possíveis conseqüências de sua audácia.[...]. (HOBBSAWN, 1996, p. 375)

A influência religiosa permanecia, apesar da racionalização e da laicização da religião, visto que a sociedade alemã procurava preservar uma igreja luterana e reformada diretamente como uma instituição oficial e estatal. Não seria vantagem para o Estado promover o fim da religiosidade, isto poderia gerar um caos na cultura e organização social, por isso, buscou-se fomentar a igreja estatal.

Em meados do século XIX, a Igreja na Alemanha pertencia ao Estado e buscava uma certa unidade, inclusive a igreja estatal não tolerava facilmente dissidências. Por isso, quando o pastor Stephan, na Saxônia, começou a influenciar com as suas idéias doutrinárias e reforçar a permanência de rituais conservadores da igreja, como o significado doutrinário do Batismo e da Santa Ceia, começou uma pressão grande do Estado para que ele mudasse as suas orientações. (JOVEM LUTERANO, outubro de 1946, Ano VII, nº 10, p148)

A crítica maior dos precursores do Sínodo à realidade alemã era o racionalismo e a igreja unida (igreja e estado juntos), o chamado “unionismo”. Para eles estas foram as principais causas do abandono destes saxões da Alemanha. Eles buscaram uma terra em que fossem livres e pudessem levar a mensagem em que acreditavam.

Em periódicos do Mensageiro Luterano, com números posteriores ao início do Sínodo de Missouri no Brasil foi contada a história dessa instituição, relatando os motivos para a fundação de uma igreja verdadeiramente luterana.

O racionalismo na Alemanha não poderia ser tolerado. Este movimento, segundo o Sínodo, baseava-se no fortalecimento do calvinismo na Inglaterra e nas idéias liberais e materialistas francesas, propagandeadas por Voltaire ao rei da Prússia Frederico o Grande no século XVIII. (MENSAGEIRO LUTERANO, maio de 1938, Ano XXI, nº 5, p. 40). Neste artigo, reavivando a história do Sínodo, foi colocado um alerta para as dificuldades religiosas na Europa. Mas, então, o texto aponta.

E a Alemanha, berço da Reforma? As condições religiosas não eram muito melhores. Com exceção de uma pequena minoria, desprezou o povo germânico o Evangelho eterno que seu grande profeta Lutero lhe havia restituído em pureza primitiva pela Reforma. Começou-se do mesmo modo a adorar os deuses da razão, se bem que em forma mais polida do que em França. A Reforma foi suplantada pelo racionalismo, a religião da razão, que seguiu o pietismo frouxo e superficial. (MENSAGEIRO LUTERANO, maio de 1938, Ano XXI, nº 5, p. 40)

A reportagem reforça que uma pequena minoria estava fiel às doutrinas religiosas e aos modos de vida condizentes à ortodoxia luterana. O racionalismo, na verdade, acreditava em Deus e na vida eterna, mas questionava a Sagrada Escritura. Inclusive este modelo de Igreja, não reforçava o uso dos hinos, orações e estudos bíblicos por pastores formados nas igrejas.

O maior descontentamento era a posição descartável do pastor e do professor de escolas religiosas na sociedade. O estudo da Bíblia poderia ser feito em casa, de acordo com a razão e entendimento da Bíblia de cada família. A igreja era oficializada como uma instituição social, porém não doutrinária. A distinção entre leigos e pastores não haveria, pertencer a uma igreja ortodoxa não promoveria uma diferenciação, daí a busca por outros caminhos do Sínodo.

Além do racionalismo, havia o movimento do Unionismo, que consistia na união da Igreja e Estado. Segundo os fundadores do Sínodo esse movimento gerava confusão, porque misturava política com religião. O Sínodo defendia que este modelo era anticristão, invocando o que Cristo havia dito “Daí a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”. Referendavam os ensinamentos de Lutero, colocando-o como um ferrenho crítico da secularização da igreja e da educação.

Este principio genuinamente evangélico já ficou estabelecido na Confissão de Augsburg, confissão fundamental da Igreja Luterana e ao qual obedece sem restrição a legítima Igreja Evangélica Luterana do mundo inteiro. É o Artigo XXVIII da confissão em apreço. A união da Igreja com o Estado, mais tarde estabelecida na Alemanha, teria encontrado a mais enérgica resistência do Reformador, como a encontrou da parte de todos os teólogos e fiéis conscientemente luteranos. [...] (MENSAGEIRO LUTERANO, junho de 1938, Ano XXI, nº 6, p. 47)

O Sínodo justificava a consolidação de uma organização pura voltada para os verdadeiros princípios do Reformador. Um dos empecilhos para a igreja não cumprir o seu papel era o envolvimento com o Estado e com questões políticas. Esta mistura entre as esferas do Estado e da Igreja, segundo o Sínodo, atrapalhava a difusão da ortodoxia luterana. Ele reforça que o Estado deveria preparar os bons cidadãos e a Igreja cuidar do evangelho, e aqueles que fossem bons cidadãos

teriam morada no céu. (MENSAGEIRO LUTERANO, junho de 1938, Ano XXI, nº 6, p. 47)

No entanto, a igreja unida na Alemanha constituiu-se com violência e força, o rei Frederico Guilherme III da Prússia decretou, no início do século XIX a união da igreja luterana reformada, combatendo com violência quem não seguisse as novas ordens litúrgicas, instituídas por ele. Muitos não seguiram e resistiram a este modelo e foram perseguidos, o que forçou alguns a emigrarem para outros países como para a Austrália e para os Estados Unidos, ou ainda fundarem na Prússia, mesmo com a repressão do Estado, igrejas independentes do poder oficial. (MENSAGEIRO LUTERANO, junho de 1938, Ano XXI, nº 6, p. 48)

Uma das características da origem do Sínodo foi a pureza doutrinária e a desvinculação política da igreja com as outras esferas sociais. Podemos perceber que a preocupação em fortalecer a religiosidade sem laços políticos é histórica e uma forma de escamotear o posicionamento neutro que pretendiam impor. Na verdade, não é possível obter esta neutralidade, de uma forma ou de outra, as instituições estão inseridas na esfera social e política. Mas o que pretendemos entender na origem do Sínodo é como ele se representava como instituição religiosa, como ele influenciou um determinado contexto social e político.

2.2 Sínodo de Missouri nos Estados Unidos

Diante dos dissabores desse grupo fundador do Sínodo na Alemanha, eles buscaram outros lugares para exercer a religiosidade e emigraram para os Estados Unidos em meados do século XIX:

Quasi no fim do verão de 1838, umas 650 pessoas chegaram a Bremen, afim de embarcar para a América. Todo o dinheiro que eles podiam reunir foi colocado numa caixa comum, para pagar as despesas de viagem, afim de estabelecer uma colônia na América. [...] Eles contrataram cinco navios para levar a terra prometida. No mês de novembro de 1838, todos os cinco navios deixaram o porto com 634 pessoas da Saxônia e outras partes da Alemanha, a bordo. [...] Porém nos meses de janeiro e fevereiro os demais imigrantes alcançaram o primeiro alvo, a cidade de São Luiz, no estado de Missouri. (JOVEM LUTERANO, outubro de 1946, Ano VII, nº 10, p. 148-149)

Chegando aos Estados Unidos, a organização começou de forma modesta e com o propósito de restaurar a legítima Igreja da Reforma. (JOVEM LUTERANO, fevereiro de 1947, Ano VIII, nº 2, p. 22).

Então, segundo as atas da constituição do Sínodo e das reportagens nos jornais mantidos por esta organização, o Sínodo de Missouri foi fundado em 1847, assim relatado por Walter Steyer (1999, p.19):

Foi um pequeno grupo, cerca de 600 imigrantes alemães da Saxônia que, em 1847, fundou a *Deutsche Evangelische Luterische Synode von Missouri, Ohio und anderen Staaten* nos Estados Unidos, que, a partir de 1947, passou a denominar-se *The Luteran Church- Missouri Synod* (Igreja Evangélica Luterana – Sínodo de Missouri).

Este grupo de luteranos havia emigrado da Alemanha devido a uma série de fatores, tanto econômicos como religiosos.[...] (STEYER, 1999, p. 19).

Podemos perceber que o Sínodo se constituiu de imigrantes alemães que não estavam satisfeitos com seu país de origem por discordarem das orientações religiosas do seu país.

Ao começar, em Missouri, a congregação era pequena e comandada pelo reverendo C. F. W. Walther, sendo o idealizador da formação de um Sínodo. Mas ele e os demais saxões não conseguiram fundar um Sínodo sozinhos, contaram com ajuda dos luteranos do Norte dos Estados de Indiana, Michigan, Ohio e outros estados norte-americanos. Através de uma conferência entre os pastores responsáveis pelas comunidades, elaborou-se um anteprojeto de constituição que foi mandado aos membros das comunidades. “Depois de uma semana de discussão, concluíram o estudo em perfeito acôrdo. Resolveram-se reunir-se novamente na primavera de 1847 em Chicago, Illinois, afim de fundar um Sínodo que seria fiel às verdades bíblicas.” . (MENSAGEIRO LUTERANO, junho de 1946, Ano XXIX, nº 6, p. 43).

Então, o Sínodo foi fundado em 26 de abril de 1847 na comunidade de São Paulo, de Chicago, Illinois. No entanto, existiram algumas divergências. Nem todas as comunidades aceitaram a filiação ao Sínodo, inclusive a comunidade de Chicago não permanecendo filiada à organização.

No início nos Estados Unidos foi difícil e apareciam conflitos entre os luteranos que ali viviam. Como menciona o final do artigo sobre a sua fundação.

Queremos ainda salientar uma cousa que transparece nitidamente das discussões no ano de 1846 e mesmo já antes. Era com sinceridade sagrada que os nossos pais lutaram pela fundação duma igreja verdadeiramente crente. Não foi cousa fácil. Na mór parte, a luta era travada com alemães que não queriam saber das Escrituras e de confissões. Foram necessárias muitas lutas amargas para se conseguir a fundação de um Sínodo verdadeiramente luterano, e exigiu novas lutas, para que êste Sínodo permanecesse na Escritura e nas confissões. (MENSAGEIRO LUTERANO, junho de 1946, Ano XXIX, nº 6, p. 43).

Notamos a afirmação e o orgulho do Sínodo em se manter fiel ao seu rigor doutrinário e a sua ortodoxia. As lutas aconteceram naturalmente, porque, assim como na Alemanha, nos Estados Unidos havia divergência de posição religiosa. Ao que tudo indica o Sínodo permaneceu com uma posição radical em preservar no que acreditava. Julgava-se como sendo o detentor da verdade, dificultando aproximações com outras denominações religiosas. Mais tarde se instalou no Missouri, fundando a Igreja Evangélica Luterana do Missouri, Ohio e outros estados. É claro que ele mantinha um objetivo, que pode ser sintetizado na reportagem com o título “Nosso Sínodo”. Nela é lançada a pergunta: “Para que fins foi criado o nosso sínodo? Seu primeiro fim é êste: preservar em pureza a Palavra de Deus impedir o ensino de falsa doutrina; manter a unidade na fé, tudo isto dentro dos seus próprios limites, em nossas congregações.” (JOVEM LUTERANO, julho de 1945, Ano VI, Porto Alegre, nº 7, p. 101)

A pureza da palavra e a unidade não eram facilmente conseguidas pelas comunidades, como se constata no início de sua fundação. Mas, na realidade, como o Sínodo organizou a sua instituição? Que metodologias eram usadas para a expansão do seu trabalho? Não bastaria acreditar em determinados preceitos e doutrinas e não ter um planejamento para expandir os seus princípios.

Era claro que o Sínodo pretendia expandir-se apostando na educação e formação, tanto de pastores e professores, como na formação das gerações jovens. Nesse sentido, os periódicos serviam a este propósito, à divulgação de suas idéias e ao convencimento dos membros em se filiarem a esta instituição. Então, na reportagem supracitada, aparece outra questão fundamental:

De que maneira atingimos êste alvo? Formamos pastores e professores fiéis a Sagrada Escritura e às confissões luteranas. Visitamos as comunidades e seus guias por intermédio dos visitantes, para animá-los a ensinarem corretamente a Lei e o Evangelho e a viverem vida piedosa. Realizamos conferências de maior e menor envergadura em que os pastores e professores apresentam trabalhos sôbre determinada doutrina da Bíblia.[...]. (JOVEM LUTERANO, julho de 1945, Ano VI, Porto Alegre, nº 7, p. 101)

Neste contexto, o trabalho prático do Sínodo é organizado sistematicamente, através de controle e hierarquização nas comunidades, além de uma personalidade freqüente, com seus membros, ou seja, os fiéis junto com os pastores, orientados e até mesmos os professores das escolas religiosas são envolvidos no trabalho da igreja. Apesar de a reportagem ser diretamente relacionada com as comunidades brasileiras, é possível perceber que, desde o início da constituição do Sínodo, a

fundação de seminários e escolas, as conferências e visitas seguiram um modelo idealizado nos Estados Unidos e disseminado nos pontos missionários. Além desses métodos, o Sínodo investiu nas gerações jovens e nas crianças, responsabilizando-se por uma educação religiosa e doutrinária. Em um artigo do Jovem Luterano é possível visualizar essas metas. Esta revista destinava-se aos jovens e o artigo reforça o fato de o trabalho estar dando certo em função do investimento nas crianças e jovens, porque os descendentes de pessoas educadas na fé da Igreja poderiam seguir e aumentar o número de fiéis. Mas a aposta e o investimento desta instituição sempre foi em educação.

Apreciando o trabalho entre a juventude, logo verificamos que os nossos veteranos começavam com as crianças. E tinham razão. Não se pode lançar uma casa sem primeiro lançar o fundamento. [...] Eles mesmos puseram mãos à obra e organizaram escolas paroquiais, nas quais eram instruídas nas verdades da Bíblia e nas confissões da Igreja Luterana. Por meio destas escolas, organizadas e mantidas com tanto sacrifício dos professores, pastores e pais, colocaram os nossos antecedentes os alicerces tanto para o futuro edifício da Igreja como para o futuro labor entre os jovens. (JOVEM LUTERANO, fevereiro de 1947, Ano VIII, nº 2, p. 23)

Nesse sentido, a educação das crianças e jovens foi a melhor metodologia para expandir a doutrina, nos Estados Unidos, país onde foi fundado, e também no Brasil. O Sínodo ao vir ao Brasil organizava-se num espírito missionário e confessional, utilizando a educação como propagação de seus ideais.

O espírito missionário influenciou o estabelecimento dessa instituição no Brasil. A preocupação em ampliá-lo começou no país de origem, os Estados Unidos, e, logo em seguida se propagou por outros continentes.

Durante o primeiro meio século de sua existência, o Sínodo de Missouri tinha tanto trabalho nos Estados Unidos, especialmente entre as crescentes ondas de imigrantes luteranos alemães, que não era capaz de realizar muitas atividades missionárias em outros países. Enquanto o Dr. Heinrich Christian Schwan era o presidente do Sínodo de Missouri, as missões que mereceram maior atenção entre os imigrantes alemães ao Oeste do rio Mississipi, entre marinheiros, entre os judeus, entre os negros da Conferência Sinodal e entre as pessoas de outras línguas dentro dos Estados Unidos. Apesar disso, o Sínodo de Missouri deu apoio financeiro para sociedades missionárias luteranas européias, especialmente as sociedades de Leipzig e Hermannsburg. (REHFELDT, 2003, p. 29)

O trabalho do Sínodo nos últimos decênios do século XIX foi de fomentar projetos missionários, especialmente entre imigrantes alemães, mas não deixa de se aproximar de outros grupos. O trabalho de missão era baseado nas doutrinas do Sínodo, que eram propagadas através de auxílios financeiros e de pessoal

capacitado com formação específica nos seminários como pastores ou como professores.

2.3 Sínodo de Missouri no Brasil

A partir da análise dos periódicos: *Der Lutheraner* e *Kirchenblatt*, observamos algumas categorias referentes à instalação do Sínodo de Missouri e à relação dessa instituição com a educação.

Como já foi apontado, esses periódicos faziam uma espécie de propaganda do Sínodo nas terras brasileiras. Na maioria das vezes no período analisado os relatos descrevem as comunidades, expondo as localidades rurais, explicam a doutrina dita 'verdadeiramente luterana', preocupam-se com a formação de professores e pastores, inclusive com o projeto inicial da Seminário de Bom Jesus e, posteriormente, do Seminário de Porto Alegre, justificam a necessidade da missão para ampliá-la, relatam questões morais entre as comunidades e o pastor e reforçam a importância da escola na vida religiosa dos membros da comunidade.

Na primeira publicação do jornal "Kirchenblatt", percebe-se a ênfase do Sínodo em fortalecer uma igreja doutrinária e ortodoxa.

Futuramente, nessa região, deverá se falar da igreja luterana, perguntar por ela, conhecê-la e amá-la. A igreja luterana deve se fazer presente na região, nem que seja de forma modesta. Acreditamos, como anteriormente citado, que dessa forma será feito o maior serviço em prol da igreja. A Igreja Luterana é a guardiã e protetora da pura doutrina bíblica, do claro evangelho e dos sacramentos originais. Se a Igreja Luterana fosse extinta, quem cuidaria e lutaria pela sã doutrina? (KIRCHENBLATT, 01/11/1903, Ano 1, nº 1, p. 2)

Surgem os preceitos que a organização missouriana gostaria de difundir no Brasil. Ela se representava como uma das únicas religiões que possibilitavam o conhecimento da verdadeira fé luterana. Ainda, acreditavam que estes valores só poderiam ser assimilados nas comunidades do Brasil se fossem difundidos através do conhecimento doutrinário. A preocupação não era com o número de fiéis, mas sim com a qualidade desses para a expansão dos seus projetos. Daí, notamos que a representação de se enxergar como únicos e diferentes de outras denominações religiosas, inclusive das evangélicas, era de extrema importância. O que para eles determinava essa diferença?

Apesar disso, existem também entre os evangélico-luteranos diferentes linhas: quais delas são verdadeiramente luteranas? Para responder-se a essa questão, deve-se lembrar que já no ano de 1530 foi apresentada uma confissão de fé com a qual todos os evangélicos ou evangélicos-luteranos se identificavam unanimemente. E essa foi a Confissão de Augsburgo.[...] A

série de documentos confessionais, que se declarava abertamente a favor do ensino luterano foi finalizada em 1580 com a publicação do Livro de Concórdia.[...] A igreja ou comunidade que concordar com a confissão e ensino apresentados neste livro, pode ser considerada luterana. Por aceitarmos os textos confessionais do livro de Concórdia e nossos professores e pregadores assumirem compromisso com eles quando da posse de um cargo, explicitamos nossa confissão no nome que usamos.[...]. (KIRCHENBLATT, 01/11/1903, Ano 1, nº 1, p. 7)

A diferença apontada era doutrinária e baseada na aceitação fiel do Livro de Concórdia. Entretanto, a formação de uma comunidade passava inegavelmente pela adesão a estes preceitos. O compromisso precisava ser assumido por aqueles que iriam fazer parte desta instituição, principalmente por aqueles que iriam orientar os fiéis, os professores e pastores. Evidentemente a aceitação dos livros doutrinários refletir-se-ia na conduta dos fiéis.

Um ponto central para o Sínodo era a educação doutrinária dos seus fiéis. Uma educação religiosa precisava ser valorizada e fortalecida.

Nesse contexto não era novidade as escolas paroquiais, ou seja, escolas organizadas ao lado de igrejas, especialmente em zonas de imigração alemã. Sabemos que a organização das escolas nos primórdios da imigração esteve entrelaçada e circunscrita pelo campo religioso, ou seja, relacionada com a influência da igreja na consolidação do sistema escolar.¹⁹

Diante destes dois campos, escola e igreja, pretendemos abordar o conceito estudado por Pierre Bourdieu, que é o conceito de campo, uma das teorias centrais desse autor. Os diferentes campos são relacionais e dentro e entre eles aparecem conflitos constituindo um certo engendramento, sendo que nenhum campo perde a sua autonomia, ou seja, o campo religioso e o campo escolar possuem suas peculiaridades de constituição, ao mesmo tempo em que estão relacionados entre si. Bourdieu ao descrever o campo como conceito, menciona:

Essa estrutura não é imutável e a topologia que descreve um estado de posições sociais permite fundar uma análise dinâmica da conservação e da transformação da estrutura e da distribuição das propriedades ativas e, assim, do espaço social. É isso que acredito expressar quando descrevo o espaço social global como um *campo*, isto é, ao mesmo tempo, como um campo de forças, cuja a necessidade se impõe aos agentes que nele se

¹⁹Há vários estudos sobre as escolas paroquiais, ou seja, as escolas confessionais comunitárias. Estas escolas eram sustentadas por uma instituição religiosa com apoio da comunidade local. As comunidades de imigração alemã mantinham, em certa medida, uma similaridade na sua organização escolar, independente da orientação religiosa, seja ela de orientação católica ou evangélica. Sobre a educação católica têm-se os estudos de Lúcio Kreutz (2004), Professor Paroquial: Magistério e Imigração Alemã. Em educação evangélica os estudos mais significativos são os de Marthin Dreher (2002;2000;1984) Igreja e Germanidade: Estudo Crítico da História Evangélica de Confissão Luterana e Nilo Kolling (2000) Educação no Contexto pomerano (dissertação de mestrado), entre outros.

encontram envolvidos, e como um campo de lutas, no interior do qual os agentes se enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura do campo de forças, contribuindo assim para conservação ou a transformação de sua estrutura. (BOURDIEU, 1996, p.50)

O campo, nesta perspectiva, aparece como uma estrutura autônoma, a religião e a escola, por exemplo, possuem aspectos específicos na formação dentro do Sínodo de Missouri, mas aparecem engendradas num conjunto e, provavelmente, conseguem manter um arranjo de relações dentro deste projeto teológico pedagógico do Sínodo. Também é interessante notarmos que as forças medidas no campo vão estar em constante diferenciação e, ao mesmo tempo, tornar-se-ão complementares.

Daí podemos afirmar que, em certa medida, o Sínodo de Missouri, mantinha uma preocupação com o ensino sistematizado aos seus fiéis, preocupando-se em fundar escolas paroquiais junto às suas congregações. Era necessário consolidar um campo religioso e fortalecê-lo investindo na escola, e, ainda, influenciar o campo familiar dos seus possíveis fiéis. A consolidação desses campos não se constituiu de forma neutra e aleatória; mas estavam inseridos num determinado contexto e espaço social, e foram sendo determinados com os agentes sociais envolvidos neste processo: a organização do Sínodo de Missouri e os descendentes de imigrantes alemães. Por isso é preciso perceber que:

Nos diferentes campos, existe uma correspondência entre as divisões objetivas do mundo social notadamente entre dominantes e dominados- e os princípios de visão e de divisão que os agentes lhe aplicam. [...] A exposição repetida às condições sociais definidas imprime nos indivíduos um conjunto de disposições duráveis e transferíveis, que são a interiorização da realidade externa, das pressões de seu meio social inscritas no organismo.[...].(BOURDIEU, 2002 p.68)

Qualquer campo apresenta um espaço de lutas e conflitos, mantendo ou modificando interesses que lhe são constituídos. A partir da constituição de um campo acontece uma interiorização dos indivíduos, uma disposição em aceitar determinadas práticas. Isso não acontece de forma individualizada, mas relacionada às condições sociais vividas. Essas disposições são denominadas por Bourdieu (1983, p.94) como *habitus*.

O *habitus*, sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que podem ser objetivamente afins aos interesses objetivos de seus autores sem terem sido expressamente concebidas para este fim. (BOURDIEU, 1983 p.94)

No estudo, o conceito de *habitus* procura auxiliar o entendimento das práticas religiosas e escolares, influenciadas pelo Sínodo, que os grupos vão interiorizando a partir da escola. Do mesmo modo, queremos compreender as estratégias utilizadas pelo grupo e pelo Sínodo para consolidar determinados interesses e objetivos que são exigidos da instituição e dos integrantes da comunidade.

Dessa forma, o *habitus* interage com o campo que se quer constituir. “Os conceitos de *habitus* e campo são relacionais, no sentido que só podem funcionar um em relação ao outro”. (BOURDIEU, 2002 p. 68)

A organização religiosa aqui estudada precisava inserir um campo religioso diferenciado para propagar sua doutrina, operando na organização social dos descendentes germânicos, ou seja, precisava consolidar uma estrutura pautada no fortalecimento da igreja através da educação, e, ainda, modificando as disposições dos indivíduos em relação a esta nova forma organizativa, inculcando-lhes assim um outro *habitus*. Não queremos dizer que tanto a constituição do campo quanto a aquisição do *habitus* surjam de mecanismos determinados e estabelecidos, mas dos conflitos e embates que possam ser engendrados.

Enquanto coletivo individualizado pela incorporação do social, ou indivíduo biológico coletivizado pela socialização, o *habitus* não é uma matriz antropológica, mas uma matriz geradora, historicamente constituída institucionalmente enraizada e socialmente variável. O *habitus* é um operador de racionalidade, mas de uma racionalidade prática, inerente a um sistema histórico de relações sociais, assim transcende o indivíduo. O *habitus* é criador, inventivo, mas nos limites de suas estruturas. (BOURDIEU, 2002, p. 69)

A partir dessa definição, podemos abordar o conceito de *habitus* neste estudo como sendo uma forma construída a partir das relações sociais que o Sínodo quer imprimir na missão de fortalecer a igreja em solo brasileiro. Dispondo os indivíduos, no caso os fiéis desta instituição, para práticas orientadas predispondo-os à aceitação da doutrina desta organização religiosa.

Uma das formas encontradas pelo Sínodo, sem dúvida, foi estabelecer a propagação de seus princípios e bases doutrinárias através da igreja e da escola. Estas instituições estariam entrelaçadas num projeto que visasse à formação de uma identidade teológico pedagógica específica.

2.3.1 Trabalho do Sínodo – Justificativa de missão

O início da missão do Sínodo no Brasil foi conflituosa e repleta de tensões entre as expectativas doutrinárias do Sínodo e a realidade brasileira apresentada. Nas reportagens do periódico *Der Lutheraner*, aparecem as possibilidades da missão estabelecer-se com vantagens e desvantagens para uma avaliação da Comissão de Missão. Era praxe ele contar com uma sondagem na realidade em que eles pretendiam instalar-se. Era comum ele realizar trabalhos de missão em diferentes lugares e apresentar projetos missionários para difundir a instituição.

Uma forma eficiente de propagar a organização sinodal eram as publicações que circulavam nas revistas e semanários. Foi através da literatura circulante que o pastor auxiliar Brutschin ficou sabendo dos preceitos e doutrinas dessa organização. Em 1868, Brutschin era pastor em Dois Irmãos, no Rio Grande do Sul, tinha sido formado na Suíça. Começou como pastor do Sínodo Riograndense, mas divergia de alguns preceitos deste Sínodo, gostaria de fazer parte de um Sínodo, que para ele, fosse totalmente luterano. Então, em 1890, desligou-se do Sínodo Riograndense e tornou-se pastor e professor em Estância Velha. (WARTH, 1979, p. 9)

Diante deste afastamento o pastor Brutschin que conhecia o Sínodo de Missouri pelas suas revistas e publicações através de um amigo, tentou pedir auxílio para o Sínodo de Missouri para a instalação desta organização no Brasil.

No seu tempo de estudante [do pastor Brutschin] tinha na Alemanha um amigo na pessoa do futuro pastor Linsemann. Depois que Brutschin veio ao Brasil, seu amigo tornou-se pastor de nossa igreja nos Estados Unidos. Mantiveram correspondência entre si. Seu amigo lhe enviava a revista oficial do Sínodo de Missouri, 'Der Lutheraner', e a revista teológica 'Lehre und Wehre'. Assim chegou a conhecer a posição doutrinária do Sínodo de Missouri. Outro amigo, o pastor E. Duerr, também o provia de literatura luterana. Convencido de que o Sínodo de Missouri representava a fiel Igreja Luterana da América, expressou seu ardente desejo de filiar-se à mesma. (WARTH, 1979, p. 9)

Por meio da divulgação de revistas teológicas e informativas o pastor Brutschin pôde ter acesso aos princípios do Sínodo. Logo em seguida, ele entrou em contato com a instituição e pediu auxílio para instalar um projeto de missão no Brasil.

Percebemos, pois, as duas características fundamentais do Sínodo: o seu espírito confessional e missionário. Elas possibilitaram o interesse da instituição

pelo Brasil. Diante de pedidos para ser instalado, uma igreja considerada “verdadeiramente luterana”.

Dentre esses projetos missionários, aparece o interesse do Sínodo de Missouri pelo Brasil, já no final do século XIX, a partir de pedidos do referido pastor Brutschin. O pastor Brutschin ainda reclamava das péssimas condições religiosas e da negligência de alguns pastores. (WARTH, 1979, 10)

O enviado para o Rio Grande do Sul para se encontrar com o pastor Brutschin foi o pastor C. J. Broders.

O pastor J. C. Broders, na época pastor em Scranton, Missouri, EUA, havia sido capelão do exército norte-americano em Cuba durante a guerra entre os Estados Unidos e Espanha. Em concordância com sua congregação, aceitou a incumbência (comissionamento) de viajar para o Brasil na qualidade de ‘preposto’ do Sínodo de Missouri por um período de até dois anos (D.L.; 01.11.1901, p.307)

Broders chegou a Novo Hamburgo, RS, no dia 30 de março de 1900 (Warth, 1945, p.36). Foi hospedado pelo pastor Brutschin. Estabeleceu-se logo entre ambos uma cordial amizade.[...]. (STEYER, 1999, p. 36)

Na qualidade de “preposto” o pastor Broders deveria relatar à comissão sinodal as condições que o Brasil, mais especificamente o Rio Grande do Sul, apresentava para a instalação de uma organização religiosa. Ele deveria analisar as condições de comunidades de imigrantes que precisassem de atendimento religioso e espiritual ou, ainda, atendimento a denominações religiosas que estivessem descontentes com a igreja que possuíam, como era o caso do pastor Brutschin.

Então, o trabalho de missão foi iniciado no começo do século XX, com as sondagens do pastor Broders. Nessas sondagens o relato no Der Lutheraner aponta o início da missão e as justificativas que a instituição dava à sede da igreja nos Estados Unidos para o concretizar o estabelecimento do Sínodo no Brasil.

Como está a nossa missão no Brasil? É conhecido entre a cristandade como o nosso Sínodo tem esta preocupação em iniciar a missão na América do Sul, para alcançar bons resultados. Há anos existe um pastor luterano que trabalha naquela realidade, que conhece os nossos escritos, também concorda com a doutrina que nós pregamos e deu para nós esta incumbência de enviar um pregador daqui da América do Norte para assumir a sua comunidade, pois o mesmo se encontra em péssimas condições de saúde e ele pretende retornar à Alemanha.[...].(DER LUTHERANER, 24/07/1900, Ano 56, nº 15, p. 230)

O Sínodo precisava explicar como está o processo de implantação. O periódico funcionava como divulgador da missão. A justificativa principal era a necessidade de um guia espiritual que conhecesse a doutrina luterana. O pedido do pastor Brutschin no Brasil já havia sido feito, as oportunidades eram reais. Nas

linhas seguintes o Der Lutheraner explica que o pastor Broders de Scrantons, Missouri aceitou o chamado. Ele começa a sua viagem em fevereiro, chegando ao Rio de Janeiro em 21 de março e 28 de março chegou em Novo Hamburgo. Parte das despesas foram assumidas pela comunidade de Novo Hamburgo, mas o Sínodo também financiou parte das despesas da viagem. (DER LUTHERANER, 24/07/1900, Ano 56, nº 15, p. 230)

O relato menciona as despesas, numa forma de justificar aos leitores os gastos que teria na missão. Logo em seguida o pastor Broders começa a relatar a realidade local. Desde o início, o preposto relata as dificuldades em encontrar nas comunidades uma verdadeira fé luterana.

Ao decidir enviar um pastor para sondar as possibilidades da instalação e propagação desta entidade no Brasil, o Sínodo preocupou-se com as outras organizações luteranas já formadas em comunidades e igrejas. As existentes estavam vinculadas ao Sínodo Riograndense ou às comunidades livres independentes, que eram comandadas por pastores sem formação não possuíam uma organização doutrinária, não obedeciam a certos rigores, nem exigiam pastores com formação teológica, sendo, por isso, considerados pseudo-pastores.

Através de suas observações, Broders analisa a situação econômica do Brasil, colocando-a como instável e difícil para as comunidades, ressaltando que o Sínodo precisaria auxiliar financeiramente a organização religiosa. Junto com a situação econômica, Broders detinha especial atenção em relação à situação religiosa e moral dos descendentes germânicos. Nas primeiras pesquisas de campo, Broders chegou a conclusões nada animadoras para a instalação de uma igreja sinodal. A princípio, analisando a região norte do Estado, declarava que o povo dava maior importância aos salões de baile e viam a igreja mais como uma associação de caráter social e recreativo do que como uma organização doutrinária e de cunho espiritual. (DER LUTHERANER, 24/07/1900, Ano 56, nº 13, p.230)

Diante da realidade apresentada, Broders impressionava-se com os costumes religiosos e o uso da igreja pelos descendentes germânicos da região norte.

Têm-se 39 pastores evangélicos que servem 93 comunidades. Entre estes pastores ordenados, tem ainda 6 pseudo pastores que fazem coisas terríveis com as almas das pessoas. O Pastor Brutschin também acha que começamos muito tarde a nossa missão no Rio Grande do Sul, enquanto o Estado mais do que nunca teve vários trabalhos de missão. Temo que a missão não irá permanecer, que vamos ter apenas momentos de

lembrança pelos leitores de nossa literatura. (DER LUTHERANER, 24/07/1900, Ano 56, nº 15, p. 230)

Broders não conseguia enxergar muitas alternativas para o trabalho da missão, reclamava da atuação dos pseudo-pastores, o que é considerado pelo Sínodo uma ofensa. Apontava muitas dificuldades da missão, diante da realidade apresentada, ou seja, os costumes já estavam arraigados à cultura das pessoas. Entretanto, o pastor Broders alertava para a necessidade de uma espiritualização maior dos membros envolvidos na igreja.

O que pertence a Igreja aqui está bastante turvo. O povo alemão só segue as coisas da diversão. O Domingo é aproveitado para as todas as coisas como danças, bailes e começam as brigas de faca, nunca havia pensado que isto fosse desta forma. As coisas da igreja só são aparentes e dominam completamente as idéias do povo. A igreja não se desencaminha das pessoas, mas os salões de baile, esses parecem que vão fugir (ironia). A igreja eles não tem medo de perder, mas os salões de baile sim. O clima tropical influenciou os alemães a ter este comportamento mundano e não os aproximou da religião. (DER LUTHERANER, 24/07/1900, Ano 56, nº 15, p. 230)

Não podemos entender por completo se a visão do pastor Broders sobre os descendentes germânicos tinha algum interesse em não aprovar a missão no Brasil, ou se ele possuía valores morais e religiosos tão diferentes que não podia entender aqueles construídos pelos imigrantes ao longo do tempo.

Daí o estranhamento do pastor Broders na estreita relação das igrejas sondadas (região do Vale do Rio dos Sinos) com as associações recreativas. Ele defendia a necessidade de desvincular a igreja dessas práticas de lazer para o Sínodo tentar disseminar os ideais doutrinários do luteranismo confessional.

A dificuldade desse pastor era entender que os costumes e tradições das pessoas foram sendo alterados na construção identitária do grupo, não só a identidade nacional e étnica, mas também a identidade religiosa. Diante da realidade encontrada, o pastor Broders parecia tentar apoiar-se numa visão eugênica de que a raça alemã ter-se-ia se deturpado devido ao clima existente nos trópicos, e via com estranheza os hábitos e costumes praticados na comunidade.

2.3.2. Identidade e tradição reinventada no contexto

Percebemos que a identidade é construída de forma compartilhada entre os agentes a partir das relações sociais. Na pesquisa tentamos apresentar a construção das relações de sociabilidade do ponto de vista étnico, religioso e escolar, levando em conta que estas relações não são imparciais e neutras. Elas estão imbricadas por uma ideologia do grupo que se quer conservar e manter. No caso dos descendentes germânicos é importante pensar que a sua memória é sempre lembrada nos antepassados, reforçando a sua cultura como alemã, e não como brasileira, muitas vezes afirmando nos discursos e nas manifestações que a sua cultura está intimamente ligada à terra natal, mesmo que essa tradição seja uma invenção:

Por 'tradição inventada' entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma comunidade em relação ao passado [...]. (HOBBSAWN, 1997, p. 9)

Essa tradição necessita de práticas repetitivas que se configuram nas manifestações de rememoração dos seus símbolos e crenças. Em relação aos imigrantes, os símbolos que procuravam reforçar a tradição e os costumes eram a língua materna- representada nos dialetos- e a preocupação com a educação e religião das novas gerações, fortalecendo a língua clássica alemã e auxiliando na formação moral e cristã, pela esfera religiosa.

Entretanto, essas relações são constantemente modificadas e reguladas com regras. A tradição também é inventada no campo do trabalho, da religião e do lazer. Ao encontrar a população de descendentes germânicos, o pastor Broders imaginava que as tradições lingüísticas, religiosas e morais teriam permanecido intactas em relação à tradição original na Alemanha, ou ainda em relação a valores morais que a sua organização religiosa defendia. A vida comunitária destas pessoas estava imbuída por valores e preceitos diferentes do Sínodo de Missouri. As comunidades permaneciam organizadas em função da escola, igreja, trabalho e lazer, mas o campo religioso não parecia ser o alvo central da vida comunitária. Esta era a preocupação do pastor enviado ao Brasil: fortalecer o campo religioso e instaurar um *habitus* que definisse disposições para consolidar na comunidade de imigrantes gostos e práticas relacionados com a doutrina do Sínodo de Missouri.

A aquisição do *habitus* dá-se através de uma incorporação de práticas, ou ainda poderíamos denominar de uma “inculcação”:

O trabalho de inculcação através do qual se realiza a imposição duradoura do limite arbitrário visa naturalizar as rupturas decisórias constitutivas de um arbitrário cultural.[...] Esse mesmo trabalho também tende a inculcar disposições duradouras como gostos de classes, os quais, ao determinarem a ‘escolha’ dos signos corporais com que se exprime a posição social, como as roupas, estendendo-se à *hélix* corporal ou à linguagem fazem com que todos os agentes sociais sejam portadores de signos distintivos,[...] e o gosto enquanto princípio de produção de todas as práticas destinadas, intencionalmente, ou não, a significar e também a significar a posição social através do jogo e das diferenças distintivas estão fadados a funcionar como apelos mediante os quais se podem lembrar àqueles que poderiam esquecer (ou que preferissem se esquecer) o lugar que lhes confere a instituição. (BOURDIEU, 1996b, p. 103)

A incorporação de um *habitus* orienta os grupos sociais a possuírem signos de diferenciação. Mas a comunidade de imigrantes não via a necessidade de “preservar as suas tradições”, a partir da participação de uma igreja sinodal. Os imigrantes conseguiram em certa medida recriar a tradição, utilizando a associação comunitária na religião, na escola e no trabalho de forma mais autônoma, sem a interferência de doutrinas religiosas. Mas o Sínodo de Missouri, usando o poder institucional, tentou propagar os seus preceitos religiosos no sentido de instaurar novos gostos e práticas culturais com intuito de promover signos distintivos.

Poderíamos caracterizar as tradições como fazendo parte dos gostos e das práticas, porque elas estão em constante processo de construção. Uma tradição inventada é sempre uma tradição reinventada, ou seja, ela não é estática, apesar de a comunidade de descendentes alemães aparentemente permanecer isolada, há trocas e modificações na sua cultura.

Essas modificações são mais visíveis na segunda geração, em que as transformações e a formação de uma identidade acabam ficando mais explícitas. Nesse processo a identidade e a memória lembradas numa comunidade são reconstruídas, para a segunda geração, apesar de acreditar que suas tradições permanecem estáticas, elas já foram modificadas pelos seus antepassados. Demonstrando assim que:

[...] A partir de este intercambio de memórias. Llevado a cabo mediante el intercambio de relatos históricos, puede replantearse el problema del buen uso de las tradiciones. E cierto sentido, la tradición y la memoria son fenómenos que dependen el uno del otro y que poseen la misma estructura narrativa. Pero hay que aprender, mediante la presión de la crítica histórica, a desdoblarse la memoria en una ‘memoria –repetición’ y una ‘memoria-reconstrucción’. (RICOUER, 1999, p.5)

A memória juntamente com a tradição, através de processos repetitivos, reconstrói novas identidades em que o presente se baseia no passado, mas um passado lembrado sem automatismos, assentado sobre um presente que se reconstitui com novas mudanças.

A diferenciação parecia ser necessária para o Sínodo apresentar formas de distinção, pois não queriam ser vistos como mais uma igreja luterana que se instalara no Brasil. Nas relações sociais das instituições e dos sujeitos é visível a necessidade de diferenciação e poderíamos dizer que a diferenciação é um processo buscado em todas as relações sociais. A identidade teológico pedagógica do Sínodo de Missouri também foi construída a partir da diferença. Como nos coloca Stuart Hall (2000) ao definir a identidade a partir da diferença.

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma 'identidade' em seu significado tradicional- isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteira, sem diferenciação interna. (HALL, 2000, p. 109)

A diferença é um dos aspectos a ser levado em consideração, pois ela busca uma especificidade. No caso da instituição do Sínodo de Missouri, era necessário buscar uma distinção em relação a outras denominações religiosas, usando práticas e discursos assentados em valores doutrinários e de formação moral e cristã, utilizando estratégias de predominância do campo religioso sobre os demais campos. Acreditamos que a identidade teológico pedagógica da instituição é construída, 'costurada' (como coloca Hall) na tentativa de se distinguir, ao mesmo tempo em que se tenta uniformizar as práticas. Parece paradoxal, mas é neste confronto, ou neste jogo, que se quer formar uma identidade teológica pedagógica. Evidente que a tendência é aceitar, e isso vale para o Sínodo de Missouri, numa identidade essencial e naturalmente formada.

Essas mudanças aconteciam dentro do contexto abordado num jogo de forças e lutas para demarcar, de um lado, o campo religioso e escolar a ser instituído pelo Sínodo de Missouri e de outro a resistência das comunidades em relação a uma instituição.

Os caminhos da instalação do Sínodo de Missouri no Brasil

N.º 1.

1904 - "Rincão São Pedro" DOX

Ata da 1.ª reunião do Distrito
Sínodal Brasileiro.

1.ª sessão.

A reunião de pastores ev.-luteranos e deputados na Comunidade Ev.-luterana de Rev. Harder, em Rincão São Pedro, teve início na 5.ª feira, a 23 de junho à tarde, às 15.00 horas, na igreja. Após canto das primeiras três estrofes do Hino n.º 140, a sessão foi declarada aberta pelo pastor local, após leitura do Salmo 48, Oração e Pai Nosso.

Como presidente provisório foi escolhido por unanimidade o M. Rev. Goolner, delegado do Sínodo de Missouri; como secretários os pastores Kern e Peterson.

Ao tentar demarcar uma identidade e um campo religioso, o Sínodo de Missouri foi insistente na sua instalação no Brasil.

O pastor Broders seguiu insistindo no projeto de instalar o Sínodo no Brasil. Nos relatos do *Der Lutheraner*, as proposições do pastor oscilam entre fatos negativos e positivos para justificar a missão no Brasil. Ele apresenta as resistências de aceitação do Sínodo, mas mostra a urgência do trabalho. Podemos inferir que, ao mesmo tempo, que o relator demonstrava vantagens de o Sínodo estabelecer-se em terras brasileiras, apresentava as desvantagens no intuito de conseguir um maior auxílio da comissão missionária e dos membros americanos.

No ano de 1900 ele continuava os relatos na região norte, onde ele apontava a tentativa de pregação da Palavra e da doutrina do Sínodo. Numa reportagem subsequente, Broders retoma a esperança na região rural de Estância Vellha, reforçando as diferenças das pessoas do campo, como sendo estas mais receptivas e concentradas. Muitas delas choraram no sermão proferido por ele. Por outro lado mantinham costumes que desagradavam a doutrina do Sínodo. Outro dado preocupante era a convivência de pessoas que possuíam credos e posições diferentes, como por exemplo, os evangélicos do Sínodo Riograndense com os maçônicos. (DER LUTHERANER, 07/08/1900, Ano 56, nº 16, p. 244)

Mas admitia também que o poder pastoral não era tão grande, pois as comunidades gostavam da autonomia administrativa em relação à igreja. Era natural ele ter sentido dificuldades com a indiferença destas pessoas. Ele certamente teria percebido que não seria somente um grande trabalho organizar a igreja, mas era

²⁰ Fragmentos da primeira ata da reunião sinodal do Sínodo de Missouri no Brasil- 1904.

preciso motivar as comunidades a uma perspectiva teológica pedagógica diferenciada, instaurando um novo *habitus*.

O indiferentismo era inadmissível para o Sínodo. As pessoas possuíam um indiferentismo religioso que, na verdade, era um indiferentismo institucional. O costume era que cada pastor se adaptasse com a realidade encontrada e se contentasse com o salário recebido, ou seja, as pessoas estavam acostumadas a compartilhar a igreja como mais um espaço de sociabilidade, não estavam habituadas a compromissos doutrinários.

Em contrapartida, no final da mesma reportagem continuava o alerta e a incerteza do trabalho de missão do Sínodo.

Mesmo assim, não esqueçam que este relato é um prenúncio que o P. Broders nos contou. Ele fará outras incursões missionárias no Brasil. Apesar de tudo isto, nós devemos pensar que debaixo desta indiferença religiosa, ainda assim, o evangelho tem poder e pode fazer as pessoas voltarem e se redimirem. Nós norte americanos alemães não somos melhores que os sul americanos, nós temos que agradecer que aqui conosco existem outros costumes. Que a graça de nossos pais desde 60 anos atrás nos trouxeram uma pregação correta do Evangelho e que nossas crianças, filhos e netos até esses dias permanecem fiéis. (DER LUTHERANER, 07/08/1900, Ano 56, nº 16, p. 246)

A Comissão Missionária, usando o periódico como propaganda para se investir na missão brasileira, apontava que a causa da indiferença religiosa não estava nas pessoas, mas na falta do conhecimento da verdadeira doutrina. Especialmente, ao afirmarem que as pessoas da América do Sul eram alemães, possuíam a mesma etnia. De uma certa forma este fato parecia encorajar o trabalho de missão. Daí a dificuldade de entender certas práticas dos descendentes germânicos que não eram aceitas pelo Sínodo, até porque muitos dos costumes dos descendentes germânicos já se haviam modificado. Na própria condição de imigrante, as relações frente às tradições não permaneciam iguais às da Alemanha, ou às de imigrantes alemães erradicados nos Estados Unidos.

Ao diagnosticar a possibilidade deste projeto, o “preposto” pastor Broders, não estava enxergando num primeiro momento meios de alcançar estes objetivos devido à realidade mostrada. Por isto, o surgimento de uma comunidade que quisesse aceitar o Sínodo foi importante para o desenvolvimento desta instituição no Brasil. Otto Beer (1925), comenta a história do Sínodo em uma das obras sobre o seu surgimento no Brasil.

No sul do Estado, na região de Pelotas e São Lourenço, existia uma grande organização alemã. O Sínodo Evangélico (Sínodo Riograndense) tinha

descuidado e não vinha ocupando pastoralmente a região. Os assim chamados pseudopastores agiam ativamente na área. Aqui estavam radicados mais de 10.000 pomeranos e alemães da Renânia. Com o decorrer dos anos, organizaram-se entre eles cerca de 30 sociedades escolares que também assumiam caráter de comunidades (BEER, 1925, p. 22,23).

Ao chegar à região de Pelotas, especificamente na Colônia São Pedro, Broders conversa com um morador, o Sr. August Gowert, que aceita os préstimos do pastor. Então no dia 1º de julho de 1900 é fundada a primeira comunidade do Sínodo de Missouri na América do Sul. (BEER, 1925, p.38) Logo depois, o pastor Broders começa a propaganda pelas colônias da região meridional do Rio Grande do Sul, no interior de Pelotas e São Lourenço do Sul, onde grande parte é de descendência pomerana.

O Sr. August Gowert agrada-se do trabalho doutrinário do Sínodo. Ele preocupa-se com a origem confessional da instituição de Broders e questiona-o acerca de fundamentos teológicos.²¹(WARTH, 1979, RIETH; 1990)

No Der Lutheraner Broders menciona a esperança de formar uma comunidade luterana no interior de Pelotas. A reportagem intitulada: “Uma experiência compartilhada no Brasil” admitia que a instalação tinha muitos pontos contraditórios, por isto demorou a divulgar a decisão da implantação de um projeto, porque nos relatos anteriores havia “momentos de muita luz, mas de muita escuridão” (DER LUTHERANER, 11/12/1900, Ano 56, nº 25, p 389)

Nessa reportagem ficou confirmada a instalação do Sínodo, por Ter encontrado uma comunidade e grupos de pessoas que tinham o verdadeiro compromisso de fundar uma igreja luterana.

Pois, felizes são as notícias do pastor Broders nas últimas cartas enviadas para missão. Na sua viagem missionária Deus o levou onde há um maravilhosa esperança de sucesso. Com muita alegria, ele escreve em sua carta no dia 2 de julho as palavras em inglês: “I struck oil, some the finest quality” (Achei petróleo e da mais fina qualidade). A gente pode imaginar a alegria do nosso missionário. Pois, em outras tantas ocasiões foram funestos os resultados que o desanimavam. Agora Deus o colocou no lugar certo onde fundou a *primeira congregação verdadeira evangélica luterana* composta de 17 famílias. As 17 famílias, na grande maioria eram

²¹ Em anos posteriores, na revista Kirchenblatt há um relato sobre o falecimento do Sr. Augusto Gowert, colocando-o como um dos responsáveis pela manutenção do Sínodo no Brasil. “ Ele era um daqueles que amam a palavra de Deus. Mesmo na difícil época que a Boa Nova era rara por aqui, ele assumiu com diligência o papel de sacerdote do lar, suprimindo os seus com a palavra de Deus. [...] Ao lado de Deus, foi um dos grandes responsáveis pela igreja manter-se no colo da sã doutrina. Quando o pastor Broders passou pela região, estando em trabalho de pesquisa sobre campos missionários no estado, demoramos a crer nele, pois recentemente alguns pregadores de seitas haviam passado por aqui. A pessoa indicada para avaliar o teor da pregação e a pessoa de Broders foi o falecido: diante do seu veredicto, todos passaram a confiar no referido pastor. (KIRCHENBLATT, 15/10/1911, Ano 8, nº 7, p. 52)

pomeranas, assim como o pastor Broders relata. 10 mil pessoas, a maioria são pomeranas na região. E quatro famílias são os mais refinados teuto russos. Estas quatro famílias tinham o costume de cada domingo ter um culto de leitura, enquanto nos outros relatórios o pastor Broders queixava-se das lojas maçônicas e associações devoradoras. Assim relata que neste local há esperanças: Não há nenhum maçônico!". (DER LUTHERANER, 11/12/1900, Ano 56, nº 25, p. 389, grifos nossos)

Nesse contexto, o pastor Broders afirma ter encontrado pessoas que se afinaram com o projeto do Sínodo. A região encontrada era o interior de Pelotas, a comunidade de São Pedro, entre os pomeranos. Este grupo parecia seguir princípios religiosos parecidos com os do Sínodo. Broders os descreve com os de mais alta qualidade e destaca que eles estavam dispostos a aceitar a verdadeira fé luterana. Não havia possibilidades de aceitarem uma doutrina diferente como a maçonaria.²²

No ano seguinte, em 1901, os relatos de Broders acentuam o verdadeiro trabalho de missão e a necessidade de ampliar a igreja e a instituição do Missouri.

A palavra viva será somente vencedora no Brasil se as pessoas não deixarem se enganar. A comunidade de São Pedro é um testemunho fiel. Nós conseguimos desviar as pessoas da maldade. O nosso Sínodo e o nosso trabalho é uma boa nova para o povo do Brasil. Que continue a existir amáveis cristãos na América do Norte que enviam missionários para o Brasil a fim de enviá-los a uma comunidade cristã. Que continue existir luteranos na América do Norte e que desinteressadamente querem trazer aos sul americanos as boas coisas, mesmo que para alguns causam estranheza. Eles não tinham aprendido a Palavra de Deus, não havia sido introduzido o catecismo, não lhes foi explicado nenhuma história bíblica. Paciência e sacrifício deve prover os missionários, que se colocam a serviço do Senhor e realizem a tarefa para tal trabalho entre os brasileiros de descendência alemã de livre e boa vontade. Que Deus nos presenteie com tal homens. Os nossos irmãos sul americanos venham a nós, precisamos adotá-los, eles nos clamam: "Venham para cá e nos ajudem, nós queremos seguir com o velho Deus que nos abriu os olhos." (DER LUTHERANER, 25/06/1901, Ano 57, nº 13, p. 197)

Podemos perceber que o Sínodo demonstra que havia necessidade de investir no Brasil, com pessoas capacitadas. A justificativa da missão consistia em fazer um trabalho direcionado para a verdadeira fé luterana. Nessa reportagem aparece o apelo para que o missionário venha ao Brasil para poder auxiliar neste projeto. Para a igreja fortalecer-se era necessário investir nos ensinamentos da

²² A maçonaria era uma grande preocupação para Broders, especialmente quando ele esteve na região norte do Estado e impressionou-se com a aceitação e o convívio entre maçons e os adeptos do Sínodo Riograndense. Não conseguia aceitar esta tolerância religiosa. Por isso ele relata no Der Lutheraner "Como se encontra o Sínodo Evangélico homens tão negros? Eles vão de mão em mão e mantêm suas lojas. Inclusive um destes pastores é um mestre de cadeiras. A comunidade do presidente do Sínodo Evangélico e a cerimônia está repleta destes irmãos. Morre um católico que era maçônico e o pastor evangélico dá a mensagem fúnebre e o mestre de cadeira se deixa envolver." (DER LUTHERANER, 07/08/1900, Ano 56, nº 16, p. 246)

Bíblia e de cunho doutrinário. Daí o relato chamar atenção para o cuidado no aprendizado da religião, até mesmo como diferencial para o trabalho de outras instituições religiosas no Brasil.

O Sínodo desmerece os outros trabalhos religiosos, colocando-se como a única fonte e verdadeira igreja cristã. Insiste no chamado de outros missionários prometendo bons frutos nas comunidades brasileiras. Apela para o compromisso da igreja norte-americana na condução de pessoas que não tiveram oportunidades e acesso ao “verdadeiro conhecimento”.

No relato, **Uma vigem missionária pelo Brasil**, do ano de 1901, Broders seguiu comentando o trajeto nas comunidades vizinhas de São Pedro, que formaram as primeiras comunidades do Sínodo de Missouri no Brasil. Comenta que foi com um guia a cavalo, pelas picadas de Santa Helena, Santa Coleta, nas divisas de São Lourenço do Sul e Pelotas, tentando conseguir mais comunidades ao Sínodo. A sua metodologia era visitar as comunidades, algumas já estabelecidas como religiosas independentes, e propor a filiação ao Sínodo.

Entretanto, os conflitos e tensões apareciam. Broders falava da desconfiança por ele ser norte-americano. Também havia dificuldades nas comunidades, por elas já terem sido enganadas por falsos pastores.²³ As pessoas tinham receio em filiar-se a um Sínodo oficial. Mas mesmo assim ele não desistia e acreditava que a missão só iria dar certo se houvesse ajuda de mais missionários para o Brasil.

Verdadeiramente o campo está aberto para a colheita, mas pouco são os trabalhadores. Quando doutrinamos as pessoas e elas se filiam ao Sínodo, quão fácil será a missão e como será diferente a vida das famílias e das comunidades. Nós devemos nos chocar com estas comunidades que têm estes cura d'almas falsos? Devemos nós luteranos que temos a palavra pura de Deus e sem falsidade deixar esta situação no vento? Não temos nenhuma responsabilidade com estes pobres irmãos da fé continuem com esta situação? Deveríamos nós deixar mais de centenas de almas continuar sendo enganadas com profetas falsos e deixá-las nas suas necessidades espirituais sem que nós não dobremos as nossas mãos. Dê tu mesmo alento a tuas palavras.

Seu missionário!

Broders! (DER LUTHERANER, 25/06/1901, Ano 57, nº 13 , p. 197)

²³ Esta preocupação de desvincular a igreja do Missouri das questões políticas foi sempre presente. No primeiro número do Kirchenblatt, na apresentação do jornal é evidenciada esta posição. “A esse respeito só podemos continuar fazendo o que vínhamos fazendo: enfatizar que queremos distância da politicagem, que não promovemos interesses norte-americanos, nem alemães, e que nossos interesses estão em bem outra área que na política. Não é por amor a Alemanha nem pela América do Norte que buscamos despertar no povo a Palavra de Deus! Não queremos ser entendidos como apoio a colunas do comércio ou a indústria, mas sim como pregadores e mensageiros do Evangelho.[...] (KIRCHENBLATT, 01/11/1903, Ano 1, nº 1, p. 1)

A insistência em chamar outras pessoas era para fortalecer o campo missionário no Brasil. O argumento fundamental era tirar as comunidades das falsas palavras e pessoas que poderiam cada vez mais fazer as comunidades perderem valores religiosos fundamentais.

O trabalho inicia-se nestas comunidades da região sul com o envio de mais pastores missionários. Ao sustentar estas comunidades pomeranas, o Sínodo encoraja-se a investir em outras regiões do Estado. Assim expande-se para outras regiões.

3.1 Primeiras comunidades inseridas no Sínodo de Missouri

Na região sul do Estado, a maioria das comunidades de descendência germânica haviam organizado as suas igrejas e escolas. Entretanto, percebemos que estas comunidades podiam ser consideradas um movimento de imigração, na sua maioria de origem pomerana.

Como já foi comentado, o Sínodo de Missouri conseguiu instalar-se numa comunidade, liderada por uma pessoa que pediu os préstimos desta organização por considerá-la confessional e ortodoxa.

Mas as demais comunidades fundadas pelo Sínodo na região de Pelotas e São Lourenço do Sul estavam organizadas em comunidades independentes. No Rio Grande do Sul havia um movimento forte de independentismo religioso, ou seja, eram comunidades que não tinham ligação com nenhum Sínodo, eram organizadas individualmente sem relação entre si.²⁴ Ainda o estranhamento maior para o Sínodo era a orientação religiosa ser feita por pseudopastores, ou seja, pastores sem formação teológica.²⁵

As comunidades da região norte eram influenciadas pelo Sínodo Riograndense²⁶. Mas as comunidades da região de Pelotas e São Lourenço do Sul

²⁴ Para saber do movimento do independentismo religioso, ver em Eliseu Teichmann (1996) dissertação de mestrado. Posteriormente no trabalho iremos aprofundar a questão religiosa do confronto entre as comunidades independentes e a instituição do Sínodo de Missouri.

²⁵ O termo 'pseudo pastores' foi utilizado pelos Sínodos de forma pejorativa, e refere-se aos pastores que não possuíam formação teológica específica. Estes pastores atendiam as comunidades ditas independentes, para cumprir os ritos institucionais e possuíam, normalmente, outra profissão (em geral eram agricultores).

²⁶ Da mesma forma quer-se analisar o confronto entre as duas instituições posteriormente no trabalho. O Sínodo Riograndense é uma instituição religiosa de cunho luterano. Esta instituição já havia se estabelecido no Brasil anos antes do Sínodo de Missouri, possuindo algumas comunidades no norte do Estado e possuía um caráter de associação entre igrejas e escolas. Para saber mais, ver em René Gertz, O perigo alemão (1998); Walther Steyer (1999) Os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul: a fundação da IELB e o confronto com o Sínodo Riograndense 1900-19004 e Martin Dreher, Igreja e Germanidade (1984).

não tiveram muita influência dessa instituição. Entretanto, logo em seguida o confronto entre as duas instituições sinodais também tornou-se acentuado.

As primeiras comunidades na região sul do Estado do Rio Grande do Sul, que aceitaram fazer parte do Sínodo de Missouri possuíam as características do movimento imigratório, eram organizadas em pequenas propriedades, a maioria dos seus membros eram agricultores. Mantinham um sistema de agricultura familiar, as famílias em geral eram numerosas, por isso havia muitas crianças que deveriam freqüentar a escola.

No primeiro trabalho do Sínodo na região de Pelotas, além de São Pedro, outras comunidades localizadas na região de Pelotas e São Lourenço iriam se somar ao Sínodo. O trabalho tentava se expandir na região através de visitas e apresentações do pastor Broders.

Nos primeiros dois anos de fundação do Sínodo (1900-1902), as comunidades formadas nesta região eram inicialmente cinco: congregação de São Pedro, (localizada no interior de Morro Redondo, na época pertencente a Pelotas) e Morro Redondo, próximo a São Pedro, Santa Coleta e Santa Eulália (interior de Pelotas) e Bom Jesus (interior de São Lourenço do Sul).

Logo a seguir, essas comunidades deram origem às outras comunidades do Sínodo na região meridional do Estado, as quais foram sendo formadas no interior de Canguçu, Piratini, Pelotas e São Lourenço do Sul.²⁷

Nestas primeiras comunidades o envolvimento de um trabalho pastoral do Sínodo foi mais forte. Segundo as atas e documentos da igreja, as comunidades estabeleceram-se com um pastor formado do Sínodo que atendia às escolas ao lado das igrejas.

A fim de localizar melhor estas comunidades é importante uma breve contextualização: data de fundação, número de pessoas e formação econômica e cultural.

Há poucos estudos sobre a constituição das colônias no interior de Pelotas e também das colônias de São Lourenço do Sul, com exceção da colônia fundada por Jacob Rheingantz.

²⁷ Atualmente as comunidades que deram início ao Sínodo estão integradas em dois distritos: Distrito Sul I e Distrito Sul II, contando com 6169 e 9126 membros respectivamente, segundo dados estatísticos do Anuário 2005 da IELB, apontando a reunião de fiéis dos dois distritos como um dos maiores da IELB.

A partir dos estudos de Anjos (2000) sobre estrangeiros e modernização é feita uma breve caracterização das comunidades do interior de Pelotas:

Objetivando registrar a amplitude do surto colonizador levado a efeito na região serrana de Pelotas, nesse período, através da mesclagem dos dados obtidos em pesquisas efetuadas no Relatório da Intendência Municipal de 1922 e no documento elaborado por Carl Otto Ulrich, no final do século passado, para a Associação Central de Geografia e Incremento dos Interesses Alemães no Exterior, selecionou-se as seguintes informações a respeito das colônias identificadas. [...] (ANJOS, 2000, p. 68).

Conforme os estudos desse autor percebemos o mapeamento das colônias ocupadas em geral por estrangeiros. O autor identifica as fontes pesquisadas e notamos a relevância do documento de Ulrich, o qual servia como estímulo para a imigração na Alemanha, ou seja, este documento era usado como propaganda na Alemanha para buscar mais imigrantes no Brasil.

A partir de estudos de Anjos (2000) e do documento publicado de Carl Otto Ulrich (1999) pretendemos descrever a criação e constituição das quatro primeiras comunidades no interior de Pelotas. Essas colônias pertenciam, geralmente, a um único dono, que vendia os pequenos lotes aos colonos oriundos da imigração. Daí pode-se inferir que a maioria das colônias foram fundadas por luso brasileiros, que deveriam possuir os lotes e os vendiam diretamente aos colonos ou a exploradores de terras particulares

A Colônia de São Pedro, considerada a primeira comunidade do Sínodo de Missouri, ficava localizada próxima da Colônia Santa Bernardina. Consta nas pesquisas de Anjos (2000) que foi fundada por Pedro Nunes Baptista, possuía em 1900, 31 lotes com 16 famílias e 104 pessoas.

Registramos a sua fundação inserida no Sínodo pelas atas e estatutos da comunidade em 1º de julho de 1900. É apresentado um histórico nas Crônicas da Igreja como sendo este o início da comunidade.

A comunidade de São Pedro é considerada a primeira filiada ao Sínodo e com uma especial peculiaridade. Ela não foi criada a partir de uma organização independente já existente anterior à vinda do Sínodo, assim como a comunidade vizinha de Morro Redondo. Nas Crônicas da Igreja aparece o relato do início desta comunidade:

A região de São Pedro, Pelotas, foi colonizada em 1894 por imigrantes procedentes da Rússia e Alemanha, quase todos de confissão luterana, mas totalmente desprovidos de pastores. Havia esporadicamente pastores ambulantes que davam cultos e batizavam crianças. Isto causava decepção entre aquela gente e por isso resolveram realizar cultos de leitura entre si,

sempre renovando o pedido de Deus que lhe enviasse um pastor luterano. (WARTH, 1979, p. 45).

De acordo com o relato acima, percebemos a dificuldade de encontrar um pastor qualificado e uma igreja também qualificada. As práticas de culto e formação eram conhecidas. As condições de interesse eram manifestadas tanto da parte do Sínodo de Missouri, quanto da comunidade. Logo no início o Sínodo fundou uma escola em São Pedro, aparecendo a preocupação da escolarização religiosa nas atas da comunidade. Essa congregação seria a pioneira e fortaleceria às outras que seriam fundadas quase no mesmo período.

Logo em seguida o Sínodo de Missouri funda uma comunidade próxima à de São Pedro, a comunidade de Morro Redondo. Esta colônia foi fundada em 1885, por Dr. Vicente Cypriano de Maia, havia em 1900, 6 lotes com 5 famílias e 30 moradores. (ANJOS, 2000, p. 71). Esta colônia havia sido fundada após as outras e recebeu, ainda no início do século XX, um bom número de imigrantes.

Nesse sentido, o Sínodo de Missouri enxergava muitas possibilidades da comunidade de Morro Redondo se desenvolver. Em 1902, esta congregação era formada por 6 famílias e tinha uma escola com 40 alunos. (26º Synodal –Bericht, Detroit, p 59 apud Steyer, 1999)

As outras três comunidades vieram de antigas comunidade livres ou assistidas por associações escolares Segundo o Sínodo eram atendidas por 'pseudopastores'. Segundo a documentação os colonos de Santa Eulália, Santa Coleta e Bom Jesus pediram serviços ao Sínodo de Missouri. (WARTH, 1979, p. 45)

A comunidade de Santa Eulália ficava localizada em Pelotas. Ela foi fundada em 1889, por Heliodoro de Azevedo dos Anjos, possuía em 1900, 91 lotes com 78 famílias alemãs e 340 moradores, ficando distante de Pelotas, 4 a 5 léguas. (ANJOS, 2000, p. 71)

A Congregação de Santa Eulália foi ligada ao Sínodo desde 1901. Tinha 24 membros registrados, uma escola com 33 alunos. Esta congregação não ficou ligada ao Sínodo por muito tempo, devido ao primeiro pastor e professor Rev. H. Stimeke, que começou seu trabalho em 1901 ter saído desta localidade em 1904, tornando-a vacante, por isso a comunidade procurou, em seguida, outra instituição religiosa. (WARTH, 1979, p. 45)

A Congregação de Santa Coleta foi filiada à Igreja no mesmo ano que a de São Pedro, sendo também pioneira no trabalho do Sínodo. De acordo com os dados

historiográficos a Colônia Santa Coleta foi fundada em 1882 pelo senhor Antônio Francisco Ribeiro, ele era o Capitão Ribeiro. Era ligada a leste com a Colônia da Câmara, um lote de colônias pertencentes a uma única família alemã. A Colônia de Santa Coleta possuía nesta época 30 a 40 lotes e 200 moradores, ficando de 7 a 8 léguas de Pelotas. (ANJOS, 2000,p. 70; ULRICH, 1999, p. 158)

A partir dos relatos do final do século XIX de C. O. Ulrich, esta colônia não tinha escola estabelecida, não existiam também casas comerciais, mas a colônia possuía estradas razoáveis com uma produção agrícola considerável. Os colonos plantavam milho, feijão, batata inglesa e produziam banha, manteiga, ovos, etc. (ULRICH, 1999, p. 144)

Segundo o livro de registros de batismo, a comunidade funcionava desde 1876 ligada a uma igreja independente. Em 1900 a comunidade pede o atendimento do Sínodo.

Em 1901 começou a funcionar sistematicamente esta comunidade vinculada ao Sínodo, tendo 16 famílias e com 31 alunos na escola. (STEYER, 1999, p. 10)

A Comunidade de Bom Jesus II ficava no interior de São Lourenço. E começou a ser atendida pelo Sínodo em 1901. Uma das particularidades desta comunidade foi o funcionamento do primeiro seminário de formação de professores e pastores em 1903.

As Crônicas da Igreja apresentavam relação desta colônia com o início da colonização de Rheingantz:

Quando se iniciou o povoamento da picada de Bom Jesus por imigrantes oriundos da Pomerânia, nos idos de 1863 a 1868, logo também se tratou da organização de uma congregação. O sr. J. Rheingantz, diretor e corretor de terras dessa zona, doou mais colônia à congregação, a qual foi organizada a 10 de agosto de 1868, contando com a assinatura de 38 membros. Como não havia pastores e professores entre os imigrantes, nem existiam eles aí, a congregação teve que apelar para os leigos. (WARTH, 1979, p. 119)

Percebemos que, no início, da imigração muitas comunidades não mantinham vinculação sinodal, ou seja, não estavam ligadas a uma igreja confessional. Os imigrantes tinham necessidade de se organizarem em torno de associações religiosas e escolares para melhor sistematizarem sua vida comunitária. A comunidade de Bom Jesus também surgiu a partir de uma igreja considerada independente. Neste tipo de organização geralmente era designado um leigo, que, mesmo exercendo uma outra profissão, tinha um certo conhecimento para exercer o papel de professor e de pastor.

Segundo Warth (1979), as experiências com estes pastores e professores não estavam dando certo, por isso a comunidade desta colônia pede o atendimento do Sínodo de Missouri

O sucessor do pseudopastor A. Knabach foi Rev. Hartmeister de nossa igreja. Como se deu isso? Ora o 'pastor' Knabach, por motivo de bebedice se tornou indigno e foi destituído do cargo pela congregação, o sr. Alberto Leitzke, visitando em Arroio do Padre, ouviu um sermão do Rev. Mahler, da nossa igreja. Como o culto, e especialmente o sermão do Rev. Mahler muito lhe agradaram, falou com o Rev. W. Mahler das necessidades da congregação em Bom Jesus e o convidou a realizar ali um culto. O Rev. Mahler foi a Bom Jesus em companhia do candidato à teologia J. Hartmeister e realizou o culto. A congregação, profundamente comovida pelo sermão de um pastor luterano, elegeu o Rev. . Hartmeister como seu pastor. Pouco antes do Natal, em 1901, o sr. Leitzke foi a Pelotas providenciar a mudança do casal Hartmeister para Bom Jesus II. [...](WARTH, 1979, p. 119-120)

Notamos que a justificativa do Sínodo em se estabelecer numa comunidade, dependia em certo aspecto das necessidades dos colonos. As vezes por questões morais, os colonos não se sentiam bem tendo à frente um líder espiritual com uma má conduta. Também era levada em consideração a preparação e formação do pastor para atuar em seu meio. Por outro lado, o Sínodo mantinha um projeto fundamentado nos conhecimentos doutrinários e seculares do pastor, que geralmente atuava como professor. A necessidade dos colonos e do Sínodo se complementavam, embora não estivesse isenta de conflitos. No início esta congregação contava com 37 famílias e a escola tinha 26 alunos. (STEYER, 1999, p. 100)

Diante da contextualização dessas primeiras comunidades na região meridional do Estado, percebemos que o projeto do Sínodo de Missouri começa nesta localidade devido às decepções ocorridas na região do Vale do Rio dos Sinos pelo pastor Broders.

Um outro fator que pode ter auxiliado o surgimento do Sínodo nesta região foi a pouca penetração do Sínodo Riograndense bem como a grande quantidade de comunidades independentes, ou seja, as comunidades não eram assistidas no trabalho espiritual de forma sistemática.

surge a necessidade dos colonos em requerer um trabalho sinodal, porque esta instituição oferecia preparo, ensinamento religioso e de educação secular para os membros deste grupo.

Constatamos duas comunidades que não tinham atendimento religioso: a de São Pedro e a de Morro Redondo; e três comunidades oriundas das igrejas

independentes, já possuíam registros de batismos e de celebrações, mas desejavam organizar uma igreja com uma maior sistematização: Santa Eulália (que não ficou muito tempo ligada ao Sínodo), Santa Coleta e Bom Jesus.

Em outras localidades do Rio Grande do Sul, o Sínodo também estabeleceu algumas comunidades, mas destacam-se estas primeiras comunidades por representarem um pioneirismo na aceitação do Sínodo e por ainda ser a região meridional do Estado um dos locais de maior aceitação da instituição.

A expansão seria inevitável, porque a instituição para crescer não poderia ficar limitada a investir numa região. No estado do Rio Grande do Sul havia muitas localidades de imigração alemã e isso facilitava a penetração, pois a sua literatura e a educação se davam na língua alemã.

Em meio a tudo isso, o trabalho do Sínodo de Missúri expandiu-se a outras áreas do Rio Grande do Sul. Como resultado de viagens de Mahler, seus pastores passaram a atuar em comunidades nas regiões noroeste (Rincão dos Vales, hoje Santa Clara do Ingaí) e central (Toropi, Nova Santa Cruz, Jaguari e Rincão de São Pedro do Sul), nas colônias velhas (São Leopoldo, Dois Irmãos, além de Estância Velha, já atendida por Brutschin) e em Porto Alegre. Aqui, foram organizadas comunidade e escola no bairro Navegantes, a Comunidade Cristo e o Colégio Concórdia, integradas por um bom número de imigrantes teuto-russos. Já nos primeiros anos, as instâncias de administração da IELB seriam transferidas para a capital. (RIETH, 1990, p. 264)

Apesar de o foco do estudo centrar-se nas comunidades pomeranas da região sul, acreditamos ser importante apresentar as demais comunidades que foram criadas quase num mesmo período para entender melhor a instalação desta organização.

De acordo com relatos do Kirchenblatt em 1904, podemos notar a presença do Sínodo na região meridional, bem como em outras regiões do Estado, com o número de comunidades, escolas, alunos, participantes nos cultos, atuação nos batizados, na confirmação, comunhão, casamentos, sepultamentos, entre outros.

Tabela 1- Primeiros números das comunidades do Sínodo de Missouri

Nome dos pastores	Comunidades	Ptos de pregação	Almas	Comungantes	Votantes	Escolas comunitárias	Alunos	Batizados	Confirmados	Participantes da Santa Ceia	Casamentos	Sepultamentos	Anotações	Nome das comunidades
J. Hartmeister	1	-	240	143	35	1	26	15	8	141	-	2	4 alunos jovens vão ser preparados para a escola eclesiástica	Bom Jesus
R. Kern	1	3	331	143	59	1	31	42	20	61	31	5	Escolas noturnas com 8 alunos	Jaguary
	1	-	86	49	15	1	9	6	4	31	1	1	O professor que atende é um colono	Sertão
H. A. Klein	1	-	160	80	40	1	32	8	-	13	1	-		São Leopoldo
	1	-	120	60	30	-	-	4	-	-	-	-		Morro Pelado
	1	-	140	70	35	1	20	-	-	-	-	-	Nesta escola fica um professor	São Miguel dos Dois Irmãos
W. Moller	1	2	300	100	47	1	28	35	11	49	-	3		Toropy
R. Mueller W. Mahller	1	-	120	67	28	1	110	34	-	69	-	13	A escola diária tem duas classes. Escola noturna: 26 Escolas dominicais: 35	Porto Alegre
E. Schultz	1	-	130	70	20	1	32	8	8	58	1	1		São Pedro
H. Stiemke	1	-	179	74	25	2	30	20	7	45	2	5	Ali uma só vez foi pregado Números da escola falhos	Santa Eulália
A.Vogel	1	-	180	60	19	1	29	12	8	96	1	4	No inverno escola noturna duas vezes por semana	Santa Colleta
	-	1	35	-	-	-	-	3	-	33	-	-		

H. Wittrock	1	-	105	54	17	1	22	12	11	27	-	1		Rincão dos Valles
	1	-	100	45	17	1	12	13	5	32	1	-	Nesta escola tem um professor auxiliar	Osório

Fonte: Kirchenblatt, 01/02/1904, Ano 1, nº 7, p. 50

Como observamos na tabela as comunidades de Bom Jesus, São Pedro, Santa Eulália e Santa Coleta, e as de outra região, estão destacadas pelas atividades desenvolvidas pelo Sínodo. Notamos uma preocupação da organização do Missouri em colocar os dados estatísticos do começo de suas comunidades.

Em relação ao trabalho, chama atenção a presença escolar com o número de alunos, bem como dados sobre a escola nas anotações. Nestas anotações as informações são referentes aos problemas das escolas. Evidencia-se, assim, uma carência de professores para atuar. Na comunidade de Bom Jesus o destaque ficou para o seminário que estava preparando, na época, quatro jovens. Em Santa Eulália os trabalhos não eram realizados com muita regularidade, sendo que esta comunidade atualmente não pertence ao Sínodo. Ainda São Pedro e Santa Coleta aparecem na relação de escolas, sendo que esta última contava com uma escola noturna, provavelmente para alunos adultos. A única comunidade que não aparece nos dados estatísticos é a de Morro Redondo.

É natural que as comunidades na tabela estejam organizadas na sua fase inicial, tendo ainda uma comunidade por pastor, alguns pontos de pregação, ou seja, lugares que estavam começando a se organizar, geralmente nas casas de pessoas interessadas em se filiar ao Sínodo. Esses pastores, que atuaram nestas primeiras comunidades, eram missionários enviados dos Estados Unidos. A maioria deles não se mantiveram na mesma localidade, por isso a preocupação do Sínodo em formar o mais rápido possível pessoal qualificado.

Comparando as quatro regiões do Rio Grande do Sul, região sul, região noroeste, região norte e a região de Porto Alegre que tiveram comunidades que aderiram ao Sínodo, percebemos em destaque as comunidades da região meridional representadas pelas localidades já citadas, que detinham um total de 729 participantes. O total de alunos nas escolas soma o maior número que as outras regiões: 117 alunos nas escolas.

A região noroeste, a segunda região em que o Sínodo buscou fazer missão é representada pelas localidades de Jaguary, Sertão e Toropy, e conta praticamente com o mesmo número da região sul com 717 membros. Mas o número de alunos cai para 68 crianças nas escolas.

Da mesma forma a região do Vale do Rio dos Sinos, representada pelas localidades de São Leopoldo, Morro Pelado, São Miguel dos Dois Irmãos, Rincão dos Valles e Osório contam com 725 membros, mas com 96 alunos.

Comparamos as localidades para tentar visualizar o trabalho do Sínodo e a preocupação com a educação. Apesar de o objeto da pesquisa estar centrado na região meridional, por representar a região que alavancou o trabalho missionário e educativo da instituição, as outras regiões somaram-se a este projeto, expandindo-a para todo o Estado.

O número de alunos ainda era maior na região sul do Estado, talvez pela falta de estrutura nas escolas públicas daquela região, ou ainda, pelo descrédito das escolas religiosas que se tinham formado anteriormente.

A educação ocupou um lugar central na adesão dos fiéis. Disso não temos dúvidas, porque as escolas eram organizadas de uma forma que possibilitava uma aproximação entre a igreja e a escolarização.

Um outro dado interessante e diferente é o da região de Porto Alegre. O número de alunos, que chega a 110 em apenas uma escola, é quase proporcional ao número de membros, que totaliza a 120 almas. Provavelmente, nessa região muitos alunos não estavam diretamente ligados ao Sínodo, podendo a vaga na escola ser uma forma de buscar novos fiéis. Nesta região a escola não era rural, estava num contexto urbano, no qual havia mais mobilidade e diferenciação na aceitação dos fiéis. Além de que, deste número de alunos, podem-se descontar 61 alunos das escolas noturnas, que eram adultos, e alguns das escolas dominicais²⁸, entre os quais estavam incluídas crianças em idade não escolar.

A relevância do trabalho dá-se com a escola, podemos observar que o crescimento do Sínodo nas outras atividades estava relacionado com a escolarização e com o aprendizado de elementos que fortaleceriam a igreja, como a capacitação de professores formados no início para atuar; as escolas noturnas; as

²⁸ As escolas dominicais eram um costume das igrejas luteranas, em que se aproveitava a educação das crianças nos cultos a que os adultos assistiam. Então as crianças de todas as idades, até o momento do rito confirmatório saíam do culto para assistir, na escola dominical, histórias bíblicas e receber orientação religiosa.

dificuldades de se possuir um professor apto em relação aos princípios da igreja; a necessidade de inserir os jovens no rito de confirmação para o aprendizado da doutrina luterana.

O trabalho de expansão das primeiras comunidades formou-se em sua maioria com o objetivo de fundar uma igreja ortodoxa e hierárquica, ou seja, relacionado com os Estados Unidos, prezando a escolarização de seus fiéis com objetivos de educar na doutrina da fé luterana e com pessoal qualificado, os seus pastores e professores precisavam ter uma qualificação pedagógica e teológica adequada.

Além das dificuldades estruturais e humanas na instalação do Sínodo, uma das barreiras era a discordância de trabalho das outras organizações luteranas: as comunidades independentes, basta lembrar que a maioria das primeiras comunidades do Missouri vieram do movimento independentista religioso; e a instituição do Sínodo Riograndense, já havia se estabelecido em meados do século XIX.

No ano de 1902, o Sínodo se estabeleceu em Porto Alegre, logo em seguida no noroeste do Estado. Muitas comunidades desta região vieram de outras estabelecidas e a educação também era um alvo central para a propagação do trabalho. No noroeste do Estado a missão dava-se entre colonos e na região rural. O relato missionário pede mais trabalhadores, ou seja, precisa, tendo em vista o crescimento do Sínodo, de mais pastores. “Assim, exatamente a questão luterana conseguiu encontrar fundamento em Deus até aqui no Brasil[...] Pedimos que assim como nos deste colheita nesta terra, nos dê também trabalhadores ativos.” (DER LUTHERANER, 27/05/1902, Ano 58, nº 11, p. 166)

Para tanto, era preciso utilizar mecanismos para alcançar tais objetivos. Um deles era sustentar a religiosidade doutrinária através da escola, bem como conseguir absorver atividades de lazer desta comunidade para o campo religioso. Daí percebemos como os campos escolar e religioso estão constituídos neste processo.

A tensão entre as posições, constitutiva da estrutura do campo, é também o que determina sua mudança, através de lutas a propósito de alvos que são eles próprios produzidos por essas lutas; mas, por maior que seja a autonomia do campo, o resultado dessas lutas nunca é completamente independente de fatores externos. Assim, as relações de força entre ‘conservadores’ e os ‘inovadores’, os ‘ortodoxos’ e os ‘heréticos’, os ‘velhos’ e os ‘novos’ (ou os ‘modernos’) dependem fortemente do estado das lutas

externas e do reforço que uns outros possam encontrar fora-...].
(BOURDIEU, 1996a, p. 65)

Nesse caso, o campo religioso quer ser detentor de maior força, já que pretende determinar as estruturas dos demais campos. O Sínodo de Missouri, ao querer implantar um projeto de igreja confessional tendo como base o reforço da educação com a igreja, tenta sobrepujar o aspecto religioso sobre as demais esferas, mas não deixa de sofrer influências destas.

Para conseguir fortalecer o campo religioso, era necessário buscar uma diferenciação do que havia sido feito por outras denominações religiosas. Sabemos que no contexto do Rio Grande do Sul, no final do século XIX, as comunidades teuto-brasileiras eram atendidas por pastores livres ou por pastores vinculados ao atual Sínodo Riograndense, que ainda não era unido, por uma série de divergências teológicas e de condução da vida religiosa nas comunidades. Essas duas instituições religiosas: Sínodo Riograndense e as igrejas independentes eram as que mais atuavam entre os imigrantes evangélicos alemães, inevitavelmente o confronto seria maior com estas instituições.

Para entendermos melhor as bases confessionais do Sínodo de Missouri, colocamos no presente trabalho a caracterização da doutrina do Missouri e também do Sínodo Riograndense e das igrejas independentes.

Acreditamos que neste contraponto com outras instituições religiosas que pontuam a realidade das comunidades de imigração alemã, incluindo aí as comunidades pomeranas, é possível esclarecer alguns pontos que auxiliam a entender o processo de gênese e estabelecimento do Sínodo de Missouri.

3.1.1 Confrontos com organizações religiosas: Sínodo de Missouri e o independentismo

Conforme já foi dito, na constituição do Sínodo haveria conflitos e contradições na aceitação de uma orientação religiosa. As fontes relatam as dificuldades na aceitação da doutrina e as resistências de algumas comunidades se filiarem à igreja do Sínodo de Missouri.

Muitas vezes o Sínodo de Missouri não conseguia perceber os anseios e preocupações dos imigrantes que viviam no Brasil. Nesse contexto, apesar da comunidade dos pomeranos ser considerada fiel aos princípios doutrinários, havia comunidades ligadas às igrejas independentes.

O processo das igrejas independentes era visto como um desvio da igreja luterana, já que essas denominações não investiam na formação de pastores e professores, nem tampouco orientavam os membros de forma sistemática na doutrina religiosa. Para as igrejas consideradas institucionais, as pessoas que atuavam nas igrejas independentes eram considerados pseudopastores, ou seja, eram considerados falsos pastores por não possuírem formação teológica adequada. Rambo (2002) analisa o despreparo dos pastores livres com propriedade.

É perfeitamente compreensível que esse tipo de pastor de modo geral fosse visto com muita reserva pelos pastores ordenados. Entende-se também que o despreparo teológico e pastoral condenasse ao descrédito esta iniciativa da parte de não poucas comunidades que, por essa via, haviam tentado superar o grave impasse a que os levava o isolamento e o abandono religioso. De outra parte, a experiência fez com que as comunidades se comportasse como mini igrejas inteiramente independentes. Terminaram por consolidar seus próprios referenciais de fé, doutrina e disciplina religiosa. É óbvio que numa situação dessas o nível de religiosidade e da prática da religião dependesse exclusivamente da atuação do pastor e do empenho da comunidade. [...] (RAMBO, 2002, p. 67)

Nesse sentido, é possível perceber o porquê da forma pejorativa de tratar estes pastores como falsos. Eles não possuíam um preparo teológico e ainda cada comunidade mantinha uma autonomia e desvinculação com outro órgão institucional maior. As organizações independentes dependiam do líder espiritual e do relacionamento deste com a comunidade. Quando não havia concordância entre as partes, facilmente a comunidade pedia que o pastor se retirasse e escolhia imediatamente outro.

Da mesma forma, a questão do independentismo religioso é bem analisada no trabalho de Eliseu Teichman (1996), em que o autor aborda a constituição das comunidades livres independentes, especialmente no contexto pomerano contrapondo o movimento independente com as igrejas na Alemanha.

Assim sendo, considerando estes aspectos na relação do independentismo aqui no Rio Grande do Sul, expresso pela oposição das comunidades-livres aos sínodos, podemos dizer que distingue-se do da Alemanha no século XIX. Distingue-se, pois, primeiramente, porque o interlocutor não é o mesmo. Em momento algum, a oposição aos sínodos deu-se por causa da relação Igreja e Estado, pois aqui esta união nunca chegou a existir no que tange ao Protestantismo. Segundo, a oposição aos sínodos, por parte das comunidades-livres, ocorreu, principalmente, não sob a liderança de pastores, como foi na Alemanha, mas a partir da ação dos membros-leigos, que não queriam um compromisso com uma instituição maior e, até mesmo, se opunham abertamente aos pastores das instituições eclesiais. Em terceiro lugar, porque o fenômeno aqui, visto como um todo, não considerou a questão da confessionalidade como fator propulsor da oposição como na Alemanha, nem mesmo foi motivado por um movimento de despertar religioso. E um quarto motivo que distingue o movimento independentista daqui do da Alemanha, é que lá os núcleos que se constituíram como livres,

em não muito tempo também se encaminharam para uma estruturação maior, com a formação de sínodos. Aqui, justamente, não se queria a formação de um sínodo. (TEICHMANN, 1996, p. 21 e 22)

É interessante notar que a análise do autor parte de que no contexto brasileiro, especificamente no Rio Grande do Sul, o independentismo não se dava em contraposição ao Estado brasileiro, mas em decorrência de uma busca de autonomia por parte dos descendentes daqueles que haviam emigrado. A resistência aos sínodos foi forte, tanto ao Sínodo de Missouri como ao Sínodo Riograndense.²⁹

Os colonos temiam perder as suas propriedades para uma instituição sinodal, mas por sua vez eram acusados em não se preocuparem com os ensinamentos doutrinários e confessionais, mas apenas em manter uma religiosidade pautada na associação social e recreativa nas comunidades. Parece que neste estágio o campo do lazer predominava sobre o campo religioso, na medida em que a religiosidade era permeada por outras formas de sociabilidade como festas e cumprimento de rituais.

Vemos que as comunidades livres, independentes, tiveram um papel significativo no contexto religioso dos pomeranos, representando a maioria de fiéis pomeranos na região de Pelotas e São Lourenço do Sul até os dias atuais,³⁰ sendo que algumas das primeiras comunidades do Sínodo de Missouri surgiram a partir destas organizações independentes.

Na verdade, a “igreja independente” solidificou-se logo no início da imigração alemã e prezava por uma organização livre, sem estar vinculada a qualquer instituição sinodal.

Segundo Eliseu Teichmann (1996) a organização dos pomeranos busca um certo independentismo religioso devido às condições encontradas no Brasil: poucos recursos, estrutura deficitária nas colônias e acentuado descaso do governo. Estas condições, segundo o autor, teriam fortalecido a busca de uma ‘auto-

²⁹ Em relação ao Sínodo Riograndense, os conflitos com as organizações consideradas independentes também foi grande. Segundo Osmar Witt, (1990, p. 290), em 1891, em uma Assembléia de São Sebastião do Caí, o Sínodo Riograndense cria o cargo de pastores itinerante, ou seja, pastores que iriam nas comunidades atendidas por ‘pseudo-pastores’, para tentar convencer os membros a aceitar os préstimos do Sínodo. Era uma forma de trabalho que tentava conseguir que as comunidades livres se filiassem ao Sínodo, não impedindo resistências e conflitos entre as instituições.

³⁰ As comunidade independentes mantém sua força na região meridional do estado como aponta Ricardo Rieth (1990). “Atualmente existem no RS comunidades que se mantêm fiéis às origens da maioria das comunidades protestantes criadas até o último quartel do século XIX, que se preservam ‘livres’, ou seja, sem a vinculação de

suficiência' e se disseminado nas demais esferas da vida cotidiana, inclusive na religião. (TEICHMANN, 1996, p. 91)

Dentro deste contexto, as comunidades organizaram a vida religiosa de maneira desvinculada de uma organização sinodal. Buscavam preservar os costumes religiosos, alguns ritos importantes que a igreja trazia e também a educação religiosa e secular.

Os imigrantes pomeranos trouxeram consigo a sua fé e aqui a mantiveram, mas dentro das condições possíveis. Como não tiveram assistência por parte da igreja, nem do Estado, nos assuntos da religião e educação, organizaram-se com os recursos disponíveis, gerando uma série de peculiaridades no campo da vivência da religiosidade e organização eclesial. (TEICHMANN, 1996, p. 92)

No entanto, a organização independente não tinha uma preocupação em organizar as bases doutrinárias confessionais. Era escolhido o seu líder espiritual de acordo com suas necessidades. Em geral, eram pessoas que tinham uma formação intelectual melhor, mas que não as desobrigava de manter outra atividade, a maioria, além de pastores, eram agricultores. Buscavam na igreja o cumprimento dos ritos sacramentais como o batismo, comunhão e confirmação, exigindo-lhes, às vezes, uma preocupação com a escrita e a leitura. Esses imigrantes haviam experimentado uma liberdade que não havia na realidade alemã. Como comenta RIETH (1990):

Portanto, os primeiros imigrantes luteranos tinham uma liberdade no que tange à Igreja, que não conheciam na Europa. Sua participação em uma determinada comunidade não era obrigatória, não tinham seus pastores impostos por uma estrutura eclesiástica atrelada ao Estado e não precisavam pagar tributo eclesiástico. Pelo contrário, aqui no Brasil, eles mesmo organizavam suas comunidades, escolhiam seus pastores e fixavam o valor das taxas a serem pagas à comunidade. Os limites das comunidades e escolas geralmente coincidiam com os da colônia, povoado ou cidade em que estavam inseridas.[...] (RIETH, 1990, p. 256)

A organização independente era totalmente autônoma, no sentido de não se relacionar com Sínodo algum e não possuir vínculos entre si, por exemplo, as comunidades independentes não formavam paróquias. Cada comunidade tinha organização própria, estruturavam-se da maneira que lhes conviesse.

As comunidades livres na região meridional do Estado, no início do século XX, não foram influenciadas fortemente pelo Sínodo Riograndense, a instituição sinodal que tinha começado seus trabalhos no Rio Grande do Sul em meados do século XIX.

uma entidade eclesiástica maior. Em sua maioria, localizam-se nos municípios de São Lourenço do Sul, Canguçu, Pelotas e Camaquã, sendo atendidas por mais de 20 pastores-livres." (RIETH, 1990, p. 256)

Mas em relação ao Sínodo de Missouri, as relações foram estreitadas: ou em forma de adesão ao Sínodo ou em resistência e oposição. Entretanto a forma como o Missouri conquistou as comunidades não eram tão estanques como podemos pensar. O Sínodo entrava nas comunidades, especialmente as comunidades- livres, com um discurso centrado nas confissões, tentando convencê-las da necessidade dos princípios confessionais conduzirem a sua vida.

Enquanto permaneceu no Brasil, Broders [um dos primeiros pastores enviado ao Brasil pelo Sínodo de Missouri] colocou em prática um método para conquistar novas adesões de comunidades livres do sul do RS ao Sínodo de Missouri. Depois de contatá-las, marcando um dia com os interessados, ele iniciava com um culto no qual pregava um sermão com ênfase no aspecto confessional. Em seguida, acontecia a assembléia, composta por homens com mais de 21 anos de idade. Ali se expunha a confessionalidade luterana e suas praxes, como por exemplo, a inscrição à Santa Ceia. (STEYER, p. 39 apud SEIBER, 2003, p. 8)

Na combinação de explicação das confissões e da organização das práticas que implicariam estar vinculado a este Sínodo era centrada a propaganda da instituição. Percebemos que o sermão teria que possuir um diferenciador em relação às comunidades independentes, teria que superar o descrédito que os fiéis tinham na antiga organização através de argumentos teológicos e confessionais. Concomitante com a base teológica, a reunião em assembléia criava um comprometimento não só da comunidade como uma associação social, mas também como uma associação que representava uma confissão.

Quando o Sínodo de Missouri tentou estabelecer-se na região do extremo sul, algumas comunidades independentes estavam descontentes devido ao despreparo dos pastores ou por terem um certo descaso com a vida religiosa. Então, a valorização destas comunidades em ter uma confessionalidade ‘verdadeiramente luterana’ servia muitas vezes como um processo de diferenciação.

3.1.2 Confrontos com organizações religiosas: Sínodo de Missouri e o Sínodo Riograndense

No Rio Grande do Sul, na região de Pelotas e São Lourenço do Sul, o Sínodo instalou-se em 1900, tentando firmar-se como uma igreja de confissão luterana. Não podemos esquecer que neste contexto as comunidades já haviam sido formadas, já possuíam suas formas de religiosidade. Algumas comunidades independentes chamaram o atendimento do Sínodo, outras aderiram a esta

organização, devido ao próprio caráter missionário que este possuía e de que acabava se constituindo.

A confessionalidade do Sínodo de Missouri pode ser expressa de forma clara através dos estatutos, logo no início de sua fundação. Estas regras foram publicadas na revista brasileira oficial Kirchenblatt, (15.04. 1904) citadas por Steyer.

1- Confessar a Escritura Sagrada, tanto o Antigo como o Novo Testamento, como palavra escrita de Deus e única regra e norma de fé e vida.

2-Aceitar todos os livros simbólicos (confessionais) da Igreja Evangélica Luterana, que são: os três Símbolos Ecumênicos (Credo Apostólico, Credo Niceno e Credo Atanasiano); a Confissão de Augsburg Inalterada; a Apologia da Confissão de Augsburg; os Artigos de Esmalcalde; o Catecismo Maior e Menor de Lutero; a Fórmula de Concórdia- como pura, clara e correta exposição da Palavra de Deus.

3- Desligar-se de toda e qualquer promiscuidade eclesiástica, como por exemplo: servir pastoralmente a comunidades mistas (unidas, sem clara posição doutrinária).[...] (STEYER, 1999, P. 112 E 112)

Notamos que os preceitos do Sínodo estavam bem definidos e procuravam se diferenciar das demais comunidades religiosas que não confiassem nestas doutrinas. Os estatutos abordavam estas questões de confissão irrestrita diante de uma realidade religiosa que era complexa nesse período. Como se falou anteriormente, as outras denominações predominantes de cunho luterano eram mais flexíveis na sua abordagem doutrinária. Elas possuíam na sua gênese outras formas de atuar com as comunidades de imigrantes.

Em um estudo, o pastor Egon Seibert (2003) questiona acerca da identidade confessional da IELB, ou seja, do Sínodo de Missouri. Neste estudo se abordam os processos históricos com que se firmou esta identidade.

A IELB desde o começo, entendeu como identidade confessional a sua anuência à Escritura Sagrada como palavra infalível de Deus e a aceitação que as Confissões, reunidas no Livro de Concórdia de 1580 seja a clara e correta exposição das Escrituras Sagradas. Na realidade, os seus Estatutos e Código de Ética, respectivamente aceitos e subscritos pelas congregações e pastores a ele filiados, demonstram que a identidade confessional já foi buscada e encontrada há muito tempo e que ela pretende continuar fiel à mesma.[...]. (SEIBERT, 2003, p 12)

Percebemos que o Sínodo de Missouri, ao se instalar no Brasil, já tinha claros seus princípios doutrinários. Eles não tinham a preocupação de levar em consideração as crenças que as comunidades possuíam e, sim, através da confessionalidade e da missão procuravam instalar os seus projetos, divulgar a doutrina por meio de revistas e semanários, de estudos, da propagação da escola.

Evidente que a preocupação em formar escolas e disseminar a literatura para os imigrantes era uma prática similar do Sínodo Riograndense, mas este

parecia se adaptar mais facilmente às realidades doutrinárias das comunidades. Possuíam características diferenciadas quais aqui queremos expor.

Segundo estudos do pastor Wilhelm Wacholz (2003), parece que o Sínodo Riograndense não tinha uma preocupação tão acentuada com a confessionalidade, mas sim com a evangelização, isto também se dava através das escolas e da literatura, apresentando objetivos diferentes na propagação doutrinária, mas convergentes no estabelecimento nas comunidades.

Enquanto o Sínodo de Missouri tentava ganhar espaços nas comunidades através de uma confessionalidade coesa nos princípios eminentemente luteranos, através da instalação de seus missionários, o Sínodo Riograndense buscava atuar nas comunidades a partir dos anseios e necessidade que estas apresentavam, tentando adaptar-se à realidade dos seus membros.

Talvez isso se tenha dado pela diferença histórica de constituição do Sínodo Riograndense, que, a princípio, não era um Sínodo unificado. Havia muitos pastores de diferentes linhas e tendências que atuavam como pastores luteranos e que muitas vezes não tinham definição confessional clara. O Sínodo Riograndense instalou-se no Rio Grande do Sul no início da colonização alemã no Estado, mas sem um caráter unificado, somente em 1886 foi fundado oficialmente. Em primeira instância, os pastores eram enviados da Alemanha para o Brasil a pedido das comunidades, mas isso não era realizado de forma regular. Em 1864 foi enviado o P. Dr. Hermann Borchardt, para São Lourenço e Lomba Grande pelo Conselho Superior Eclesiástico de Berlim, este procurou agregar outras instituições da Alemanha unindo diferentes instituições. (Wachholz, 2003, p. 15-16)

O Sínodo Riograndense foi pioneiro no contexto da imigração como uma instituição religiosa evangélica oficial, ele pôde oferecer uma certa unidade de vinculação entre as comunidades, mesmo elas divergindo em questões práticas e teológicas. Um estudo de RIETH (1990) destaca a importância desta organização no contexto de imigração.

O Sínodo Riograndense teve grande importância, pois permitia ao protestantismo do Rio Grande do Sul apresentar-se com certa uniformidade diante das autoridades civis e empreender projetos impensáveis a uma comunidade independente, tais como a pregação itinerante, a criação de institutos de formação mais qualificados do que as escolas comunitárias, bem como entidades de diaconia. (RIETH, 1990, p. 258)

Mas a fim de o Sínodo Riograndense adaptar-se melhor à realidade das suas comunidades era necessário aceitar as diferentes confessionalidades, como RIETH (1990) complementa: “[...] Para permitir a filiação do maior número possível de comunidades num contexto marcada pela heterogeneidade de tradições doutrinária, decidiu-se não adotar uma base confessional específica.[...]” (RIETH, 1990, p. 258)

A formação histórica do Sínodo Riograndense propicia uma preocupação por parte de seus dirigentes e pastores com a evangelização nas comunidades, procurando não entrar em conflito com as posições doutrinárias. Não era vantajoso para eles manter uma base única, porque poderia causar mais desavenças e pouca adesão dos fiéis à instituição.

As comunidades de imigrantes buscavam muitas vezes a religiosidade como forma de sociabilidade entre as congregações e as pessoas, a imposição de uma base doutrinária única poderia gerar conflitos e enfraquecer o trabalho do Sínodo. Os missionários que atuavam afirmavam esta convicção.

Friedrich Fabri, afirmava que não era relevante que um missionário fosse um bom reformado, luterano ou unido, mas que estivesse fundamentado no Reino de Deus. A relação fundamental não deveria ser Reino de Deus e confessionalidade, mas Reino de Deus e conversão (WACHHOLZ, 2003, p. 17)

A afirmação parte de um pastor que atuou no início da organização deste Sínodo. Não havia o interesse em definir a confissão do missionário e das congregações, mas a preocupação era que as comunidades acreditassem no Reino de Deus e trabalhassem neste espírito cristão.

Analisando comparativamente os dois Sínodos, especialmente na constituição histórica dessas organizações, fica claro que o Sínodo de Missouri buscava inserir-se nas comunidades num projeto hierarquizado, ou seja, através da matriz dos Estados Unidos organizar-se-iam as igrejas e escolas nos seus pontos missionários de acordos com seus preceitos, daí era necessário constituir-se como uma base confessional forte. Já no Sínodo Riograndense a base da constituição das comunidades era através do convívio entre igreja e membros e cada pastor adaptava as doutrinas à realidade encontrada nas comunidades.

As duas instituições sinodais que mais influenciaram a difusão do luteranismo no Rio Grande do Sul tiveram perdas e ganhos com a solidificação da identidade confessional.

A indefinição confessional do Sínodo Riograndense proporcionou uma autonomia maior dos pastores, mas em contrapartida esta forma autônoma desencadeava alguns descontentamentos. Estas divergências provocaram alguns conflitos entre o pastor Brutschin, que mais tarde pediu a instalação do Sínodo de Missouri, e o pastor Rotermund, o qual foi destacado para divulgação da literatura do Sínodo Riograndense.

Por ocasião da Assembléia Pré- Sinodal para constituição do *Sínodo Rio-Grandense*, em 1886, a questão sobre a confessionalidade foi novamente discutida. Enquanto alguns membros da assembléia desejavam a formulação 'comunidades evangélicas' (Art. 1º), outros desejavam que se definisse o sínodo como soma de 'comunidades evangélico-unidas'.[...] Na mesma ocasião, o P. Pechmann defendeu que fosse suprimida do anteprojeto 'especialmente à Confissão de Augsburg' sob a alegação de que as comunidades não a reconheciam. O P. Brutschin engajou-se pela manutenção da formulação alegando que havia necessidade de clareza confessional, especialmente frente às 'seitas'. Finalmente, embora o próprio Rotermund fosse favorável à manutenção da formulação da *Confessio Augustana*, juntamente com outros, entendeu que ainda não havia maturidade para decidir sobre questões confessionais e que o objetivo principal do sínodo deveria ser reunir o máximo possível de comunidades. (WACHHOLZ, 2003, p 21 e 22) grifos do autor

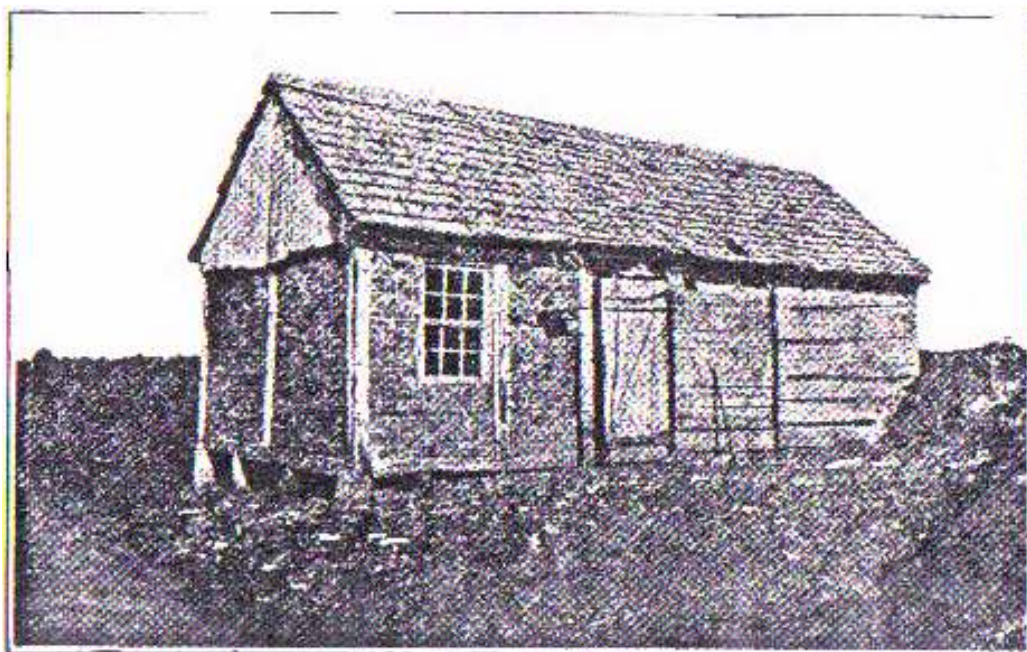
Notamos que, diante das circunstâncias as quais o Sínodo Riograndense vinha enfrentando, foram se constituindo novas formas de lidar com os problemas, o que gerou alguns conflitos. Apesar de muitos demonstrarem desejo em incluir as confissões no Sínodo Riograndense, acabaram tomando a decisão de não incluir determinadas resoluções para não comprometer o trabalho que vinha sendo realizado.

Consideramos importante comparar o Sínodo de Missouri com outras instituições religiosas que estiveram presentes no processo de formação da religião dos primeiros pomeranos, a fim de clarear melhor as posições doutrinárias dessas instituições e de acordo com a historiografia e pesquisas atuais.³¹

Definir a confessionalidade e posição doutrinária de uma determinada instituição religiosa não é tarefa fácil. Muitas vezes, a confissão não condiz com a prática nas igrejas. Mas entendemos que através de uma breve comparação podemos ter apresentado alguns princípios das igrejas de cunho luterano que se constituíram nos primórdios da imigração.

³¹ Muitos estudos apontaram as diferenças entre os sínodos que atuaram na região de imigração. Entre eles pode-se citar os trabalhos de GERTZ (1998), O perigo alemão. KREUTZ (2004) Professor Paroquial Magistério e Imigração Alemã, (2002) Modelo de uma Igreja imigrante: educação e escola (1990); RAMBO (2002) A Igreja dos Imigrantes; RIETH (1990) Dois modelos de Igreja Luterana: IECLB e IELB, entre outros.

Sínodo de Missouri e a Educação



Erste Anstalt zu Bom Jesus.

4.1 O fomento da educação doutrinária

O Sínodo no trabalho de missão, através dos periódicos e dos seus documentos defendeu a posição de ser uma igreja baseada na verdadeira fé luterana. A organização das comunidades, de forma hierárquica, primou por este objetivo.

No primeiro número do Kirchenblatt, jornal fundado no Brasil, aparece a convicção de o Sínodo expandir-se através da missão e ser completamente confessional.

Com nosso trabalho e a ajuda de Deus, almejamos alcançar um alvo bem específico: estabelecer um Sínodo fiel à profissão luterana nesse país. Mesmo se a sua presença for modesta cumprirá a sua missão. Mesmo um pequeno grupo luterano pode, se for fiel, cumprir o seu papel de guardião, defensor e pregador do puro evangelho. A influência de um Sínodo fiel e corajoso, que leva a sério seu chamado, vai além de todas as fronteiras. (KIRCHENBLATT, 01/11/1903, Ano 1, nº 1, p. 2)

O objetivo parece ser claro, o Sínodo mantinha uma preocupação com a missão, em termos de qualidade, não somente em filiar fiéis. Estes fiéis precisavam ser educados e admoestados na fé e doutrina verdadeira. Esta educação, como se apontou, não era só conhecer a doutrina, mas, também, possuir modos de conduta desejáveis que coincidissem com os preceitos do Sínodo. Não importava para a instituição contar com um número pequeno de adeptos, era necessário que esses se adequassem à doutrina pregada pelo Sínodo. Esta característica acaba sendo diferente do Sínodo Riograndense, que fortalecia sua instituição de outro modo, buscava as comunidades e se adaptava num primeiro momento a sua realidade, para depois conseguir a adesão dos fiéis. É possível perceber ainda na

³² Imagem do primeiro Seminário do Sínodo de Missouri em Bom Jesus, no interior de São Lourenço do Sul. (BEER, 1925, p. 126)

apresentação do Kirchenblatt a necessidade de divulgar a doutrina do Sínodo de Missouri como algo novo, de uma forma que as pessoas fossem educadas e formadas naqueles preceitos:

Existem, sim, muitos luteranos no Rio Grande do Sul, mas os pastores que deveriam reunir as congregações, não o fizeram até agora. Agiram de forma infiel, abandonado a sua profissão de fé.[...] Nós, todavia, não permitiremos ser desnorteados por esses fatos; sabemos de antemão que colocaremos nosso jornal à disposição de uma causa oprimida e humilhada. Isto nos dá ainda maior convicção de estar ao lado da causa luterana que está traída, abandonada e oprimida, dando-lhe todo nosso apoio. Queremos tornar o nome 'Luterano' novamente conhecido e utilizado. (KIRCHENBLATT, 01/11/1903, Ano 1, nº 1, p. 1)

O Sínodo faz questão de reforçar que as comunidades ditas evangélicas, não podiam considerar-se luteranas, porque não haviam sido preparadas para isto. Organizaram um periódico para divulgação de suas idéias e preceitos, sendo relevante a difusão da educação nas comunidades.

Entretanto, nem sempre era possível a adesão completa dos membros. O Sínodo Riograndense era criticado pelo Missouri na forma de atendimento, especialmente na despreocupação doutrinária. Entretanto, o Missouri apostava em uma posição mais radical e hierárquica, por isso, precisava contar com pessoas preparadas para o trabalho missionário.

De fato, a preocupação em divulgar a doutrina continuava em relação ao trabalho local das comunidades. Num relato do Kirchenblatt é apresentado um resumo como estava a comunidade de Santa Helena em São Lourenço do Sul, mencionando que: "O pastor, falando sobre os membros, afirma que são diligentes, lêem nossos textos, são freqüentes nos cultos e já conhecem a doutrina relativamente bem." (KIRCHENBLATT, 15/10/1904, Ano 1, nº 24, p. 188). Percebemos a importância que era dada ao conhecimento da doutrina e da participação na igreja. Era evidente que o Sínodo pretendia cumprir no seu projeto uma formação doutrinária nos membros.

Daí a necessidade de pessoal qualificado para trabalhar nas comunidades e possibilitar a doutrinação dos fiéis de forma eficiente, tanto na igreja como nas escolas inseridas no Sínodo de Missouri.

4.2 Preocupação com a formação de pastores e professores

A missão do Sínodo de Missouri tinha um projeto claro em expandir a doutrina luterana, baseada em preceitos doutrinários e ortodoxos. A posição da instituição era fortalecer uma igreja que respeitasse os princípios da igreja nos Estados Unidos.

A doutrina só teria sentido se pudesse ser divulgada através dos pastores e professores com formação na própria instituição. Nas primeiras tentativas da instalação do Sínodo foi sentida a falta de pessoas capacitadas para o trabalho na igreja. A causa para a situação religiosa entre os evangélicos estar difícil era o trabalho desenvolvido até então.

Deus nos tem dado no Brasil um grande campo missionário. Muitos dos nossos irmãos na fé eram servidos por pessoas perdidas que iam para o erro e deixavam-se conduzir ao desvio e contra os dez mandamentos. Esses companheiros tem usado o ofício de pregadores da reconciliação. Jogaram longe os verdadeiros princípios e mancharam as comunidades. Esses estragadores de alma trouxeram o talar como prova da sua incompetência. (DER LUTHERANER, 25/06/1901, Ano 57, nº 13, p. 197)

Podemos perceber que o estímulo em ter no Brasil um trabalho proveitoso dependia dos pastores e dos professores que iriam educar e doutrinar as comunidades. A educação para o Sínodo ocupava um lugar central, no sentido de orientar o grupo em que eles estavam inseridos. O relato pretendeu colocar o trabalho anterior dos pregadores como irresponsável e sem fundamentação doutrinária. Criticavam que buscam apenas reconciliar as comunidades e se adaptarem a elas para conseguir vantagens. A acusação sobre o trabalho dos pregadores era de eles não terem preparo algum, apenas usarem as vestes pastorais como um símbolo, não terem preparo teológico e nem pedagógico para orientar as comunidades. Também a conduta deles era criticada. Não possuíam uma postura moral adequada para o cargo de pastor. Assim, o relato de Broders no Der Lutheraner busca uma diferenciação e uma legitimação no trabalho missionário.

Se eu fosse um espírito errante e um pregador mentiroso eu pensaria somente em comer e beber, eram assim os exemplos dos pregadores para aquela gente. Se eu tivesse com estes transeuntes feito amizade, ali eles teriam tratado-me bem. Mas como eu não fiquei ao nível deles, eles me lançaram desafios. A nossa tarefa vai permanecer ao contrário daqueles matadores de almas de pessoas simples que com as almas enganadas acreditam que possam alcançar a graça de Deus. (DER LUTHERANER, 25/06/1901, Ano 57, nº 13, p. 197)

A conduta dos pastores que atuavam na época não era tolerada pelo Sínodo. Não admitiam fazer acordos com pessoas despreparadas. Há uma aposta na diferença do trabalho. É preciso ressaltar que a preparação das pessoas era necessária, para atingir objetivos de formação doutrinária e diferentes modos de

conduta das comunidades. Era visível que o projeto do Sínodo de Missouri não iria adiante sem o investimento necessário em pastores e professores. Este discurso tinha que ser reconhecido entre os do Sínodo de Missouri, a legitimação desta perspectiva era aceitável, entretanto, entre o grupo a ser conquistado era difícil o reconhecimento e a legitimação. Em estudos de Bourdieu (1996b, p. 112), o autor coloca que a distinção dos grupos precisa ser institucionalizada sendo visível e manifesta, então:

[...] torna-se visível, manifesto, tanto para outros grupos como para si mesmo, atestando a sua existência enquanto grupo conhecido e reconhecido, e afirmando sua pretensão à institucionalização. O mundo social é também representação e vontade; existir socialmente é também ser percebido, aliás, percebido como distinto. (BOURDIEU, 1996b, p. 112)

O que pretendemos analisar são as formas como o Sínodo justificou a sua instalação. Destacou-se como um grupo diferenciado dos demais que aqui se encontravam. No trabalho, não cabe inferir se realmente ele era, mas sim avaliar o que representou a tentativa de se colocar como distinto, e aí residiu um apelo moral forte na conduta das comunidades, primeiramente representada pelo pastor e professor e, logo em seguida, na educação através das escolas e igrejas. Era necessária a percepção de ser distinto e uma das formas de provar esta distinção era promover uma institucionalização agregada com a formação e organização das comunidades.

Nos primeiros anos o Sínodo perseguiu estes objetivos relatando nos periódicos o crescimento das comunidades e ressentindo a falta de pastores e professores no trabalho, atribuindo a falta de recursos humanos ao pouco crescimento do trabalho.

Uma prática comum do Sínodo era reunir-se em convenções anuais a fim de debater temas teológicos e pedagógicos, bem como avaliar o trabalho e elaborar um relatório à Comissão Missionária. Na convenção dos dias 06 a 11 de janeiro de 1906 em Toropi, o Sínodo avaliou o trabalho nas comunidades no Rio Grande do Sul. O objetivo principal dessa convenção era a avaliação das primeiras comunidades fundadas. É interessante neste relato números comparativos do ano de 1903 e 1905, alertando para o fraco número de pessoas para trabalhar como pastores e o crescimento de professores.

Tabela 2- Números de membros do Sínodo de Missouri e a relação de pastores

Ano	Comunidades	Votantes/ Almas ³³	Nº de pastores
1903	23	470/ 2758	15
1905	45	1300/9000	17

Fonte: Dados do Der Lutheraner, 10/04/1906, Ano 62, nº 8, p. 125

Notamos que o crescimento em comunidades havia aumentado consideravelmente e a adesão de novas comunidades era grande. Infelizmente o trabalho dos pastores ficava sobrecarregado, pois só haviam aumentado dois pastores naquele período. Entretanto, em relação à análise dos dados da escola e os dados do número de professores é animador.

Tabela 3- Números de escolas/alunos do Sínodo de Missouri e a relação de professores.

Ano	Nº de escolas	Nº de alunos	Nº de professores
1903	17	463	5
1905	30	900	17

Fonte: Dados do Der Lutheraner, 10/04/1906, Ano 62, nº 8, p125

Neste sentido, constatamos que o número de professores aumentou, ou seja, triplicou. Mesmo o número dos professores sendo considerado junto com os pastores que acumulavam a função de pastor e professor, é mostrado o aumento da atuação na escola. Observamos que não há uma relação na mesma proporção do aumento do número de alunos. Podemos inferir que o Sínodo era mais exigente no trabalho pastoral, sendo menos preocupado com a formação dos professores, mas, de acordo com as fontes, a necessidade de se investir em pessoal capacitado na escola era também importante. O aumento de professores deve-se em grande parte ao acúmulo de funções do pastor em atender à escola. Supomos que o investimento na educação foi acentuado no período e estava dando certo, devido ao aumento dos

³³Nos periódicos do Sínodo, bem como nas atas das comunidades, a diferenciação entre número de votantes e o número de almas era enfatizada. Os votantes eram aqueles que tinham poder de voto nas comunidades, pelos primeiros estatutos das comunidades as condições para ser votante seria ser homem, ter a maioria de 21 anos e manter o sustento do lar, ou seja, grande parte dos votantes eram casados. O número de almas refere-se ao total de membros, incluindo crianças, jovens e mulheres.

números dos fiéis. Por isso, o Sínodo segue apelando à Comissão Missionária que envie mais pessoas preparadas.

A necessidade para o trabalho se viu no relatório da missão. Muitas comunidades que esperavam um pastor sozinho tinham que ser consoladas para ter um pastor no futuro. Em especial, falta dedicados professores para que a juventude possa ser ensinada na verdadeira Palavra de Deus e viva nesta instrução. Também a falha do meio foi profundamente sentida. Que Deus nos dê aos nossos co-irmãos um coração fervoroso para ofertar, que o trabalho que foi muito abençoado não fique arrasado e minado. Que Ele mande mais trabalhadores na sua vinha. Que exatamente nos campos de missão dê esta fidelidade, esta prontidão, de negar a si mesmo e estar junto com o irmão. As dificuldades que devem ser vencidas nos são muito grandes, mas é importante que tenhamos vontade de vencer, não deixando de interceder com os irmãos fiéis. (DER LUTHERANER, 10/04/1906, Ano 62, nº 8, p 125)

De fato, apesar de haver mais trabalhadores na educação, o relatório denuncia que a qualidade da educação não é boa. Ainda falta muito para as comunidades serem fortalecidas e a educação preparar a juventude e as crianças na verdadeira Palavra de Deus. Podemos observar que havia resistências por parte do Sínodo em enviar outros pastores, ou, talvez, muitos não tinham o desprendimento necessário para abandonar os Estados Unidos e vir ao Brasil.

Em 1909 os relatos no Der Lutheraner chamam atenção de que o Distrito vem crescendo, mas no mesmo ano na Conferência em Santa Cruz, a Comissão de Missão revela que há poucos candidatos dos Estados Unidos a trabalhar no Brasil. A dificuldade no Sínodo sempre foi a falta de trabalhadores. Foram designados 6 para o Brasil, só 2 aceitaram. Por isso, duas paróquias estavam apreensivas por causa do trabalho distante, elas estavam em perigo estando sem atendimento. (DER LUTHERANER, 04/05/1909, Ano 65, nº 9, p. 113). É possível verificarmos que a organização sinodal tinha consciência de que deveriam atender de forma intensiva às suas comunidades, para realmente fortalecer a instituição, conforme seus preceitos.

O crescimento era maior no número de alunos e fiéis e o número de professores e pastores permanecia estável.

Tabela 4- Números de comunidades e pastores do ano de 1909

Ano	Comunidades	Votantes/Almas	Nº de pastores
1909	40	1519/ 10.000	18

Fonte: Dados do Der Lutheraner, 23/03/1909, Ano 65, nº 6, p. 88

A proporção entre o número de alunos e professores também apresentava falta de profissionais para atuar nas escolas.

Tabela 5- Números de alunos e professores do ano de 1909

Ano	Nº de escolas	Nº de alunos	Nº de professores
1909	Não consta	1165	18

Fonte: Dados do Der Lutheraner, 23/03/1909, Ano 65, nº 6, p. 88

Infelizmente, não aparece o número de escolas, para comparar com os anos anteriores. Notamos que o aumento de alunos e fiéis foi maior nos primeiros anos entre 1903 e 1905, estabilizando-se em anos posteriores. Uma das possíveis causas seria a falta de pastores e professores para trabalhar de acordo com o pensamento do Sínodo. Vale lembrar que muitos professores são colocados como auxiliares, ou seja, provavelmente o trabalho na escola ficava por conta do pastor, sobrecarregando-o de tarefas, acarretando, assim, um trabalho mais desgastante, não possibilitando o trabalho intensivo e doutrinário que o Sínodo gostaria de expandir.

Dessa forma, foi preciso investir o quanto antes na formação de professores e pastores para a sustentação do trabalho do Sínodo.

4.3 Seminário em Bom Jesus

4.3.1 Justificativa da fundação do Seminário

A preocupação com a formação de pastores e professores era acentuada no Sínodo de Missouri. Nos primeiros relatos da instalação no Brasil era apontada a necessidade de difundir a doutrina através da preparação de pessoas para atuar nas escolas e igrejas no Brasil. Em virtude, de haver poucos pastores disponíveis a vir no Brasil realizar o trabalho de missão, o Sínodo percebeu que era mais vantajoso formar pessoal entre os brasileiros.

Como foi apontado, a preocupação sempre foi com a qualidade doutrinária das pessoas envolvidas nas comunidades. O Sínodo buscou diferenciar-se no conhecimento bíblico e na difusão de uma doutrina luterana pura, ou seja, alinhada com as proposições do Livro de Concórdia de Lutero. O projeto inicial nos Estados Unidos contemplou a formação de professores e pastores desde a fundação desta

instituição. Como foi visto anteriormente, a preocupação do Sínodo de Missouri era fortalecer as bases doutrinárias a partir da fundação de igrejas e, junto com elas, escolas. Nessa perspectiva, havia uma necessidade clara de estabelecer uma diferenciação das demais organizações de cunho luterano no Brasil, como as igrejas independentes ou ligadas ao Sínodo Riograndense.

Essa diferenciação estaria centrada em sistematizar o conhecimento da doutrina luterana através de pastores e professores com formação acadêmica e teológica específica. Já era de praxe o Sínodo em solo norte americano adotar este sistema. Aqui no Brasil era necessário estabelecer um sistema semelhante para continuar a propagação da missão da igreja, atendendo aos seus interesses.

Os relatos da importância em fundar um seminário aparecem de forma clara. No *Der Lutheraner* foi contada de forma positiva a decisão de, em terras brasileiras, ser construída uma escola de formação.

Logo que foi fundado o Sínodo nos Estados Unidos em 1839 pelos nossos pais luteranos, já se tinha a preocupação dos fundadores em construir um instituto para a formação de pastores e professores. No número mais novo do *Kirchenblatt* é colocado a necessidade de um instituto para a formação de pastores e professores.[...] O motivo e o objetivo desta constatação é reunir pessoas jovens com dons para o estudo teológico junto com conhecimentos científicos e clássicos, que eles poderão ser os pastores e professores de sua própria terra.[...] (*DER LUTHERANER*, 19/01/1904, Ano 60, nº 2, p. 22)

O relato salienta a necessidade de uma instituição de formação de professores e pastores por já ser um costume do Sínodo nos Estados Unidos. É entendido que os jovens precisam se engajar no trabalho da igreja, em especial os jovens que moram no Brasil. O Sínodo enfatiza a necessidade de preparar alunos jovens para o trabalho religioso, mas também escolar, a fim de estabelecer uma formação diferenciada no trabalho da igreja. Assim, como no *Der Lutheraner*, um periódico americano distribuído por todos os lugares em que o Sínodo mantinha missão, o *Kirchenblatt*, um periódico brasileiro relata de forma semelhante as notícias da constituição do Seminário

Um Instituto para formação de pastores e professores. Este título designa algo que só é totalmente compreendido quando levado a cabo, mas temos a esperança de que ele trará torrentes de bênção sobre nossa igreja nesse Estado. Objetivo e alvo deste empreendimento é capacitar jovens vocacionados, ensinando-os sobre ciência e tecnologia, de forma que possam servir de professores ou pastores em sua própria região. (*KIRCHENBLATT*, 01/12/1903, Ano 1, nº 3, p. 23)

Diante dessas afirmações percebemos a necessidade da formação de jovens no Brasil, com isso o Sínodo pretendia demarcar uma identidade própria, querendo instaurar um *habitus* na formação destes jovens, e, conseqüentemente nas comunidades.

Um motivo determinante era o custo financeiro de formar pastores e professores no Brasil. Além disso, a maioria dos pastores não queria sair dos Estados Unidos, onde tinham uma situação mais estável, e, mesmo aqueles que vinham, acabavam tendo um custo elevado nas viagens longas e demoradas de navio e, ainda, havia a possibilidade de estes pastores imigrantes não se adaptarem à realidade brasileira. Como pode ser percebido nas reportagens dos dois periódicos.

Uma segunda constatação cai diante do nosso olhar: que este custo elevado da viagem poderia ser poupado. Este é o ponto principal, que a igreja local faça os seus nascidos aqui fortalecerem as igrejas, para que ela cresça em nosso meio. Então, primeiro se a santa igreja forma pastores e professores ela pode se tornar auto-suficiente e não ficar dependente do exterior. (DER LUTHERANER, 19/01/1904, Ano 60, nº 2, p. 22)

Da mesma forma o Kirchenblatt corrobora os motivos de fundar um seminário.

Dois fatores em especial nos estimularam a elaborar o presente projeto: o alto custo em se trazer trabalhadores de fora, e, segundo o mais importante, servir à igreja com servos nascidos e criados em seu meio, fazendo com que a igreja estimule seu próprio crescimento e fortalecimento. Pois, só depois da igreja formar seus pastores e professores é que ela pode esperar um dia ser totalmente auto-suficiente e independente do exterior. (KIRCHENBLATT, 01/12/1903, Ano 1, nº 3, p. 23)

Era necessário legitimar a formação dos pastores e professores em pessoas consideradas brasileiras. Era preciso provar e construir uma identidade nas comunidades com orientadores das próprias localidades, mas que tivessem a formação planejada pelo Sínodo. A autonomia apregoada pelo Sínodo referia-se especialmente ao lado financeiro. Em muitos momentos os relatos nos periódicos apontam no início do século as dificuldades financeiras do Brasil, com um processo inflacionário altíssimo e com a desvalorização da moeda, tornando difícil o auxílio do Sínodo e a permanência de pastores americanos em terras brasileiras. Entretanto, é considerável a motivação em oferecer formação a pessoas residentes no país, pois necessariamente contribuiriam para uma melhor identificação da igreja nesta realidade. A credibilidade e a legitimidade do Sínodo seria fortalecida com pastores e professores atuando em comunidades das quais eles faziam parte ainda jovens.

Conforme já foi abordado, a primeira experiência de comunidades ligadas ao Sínodo deu-se nas regiões de Pelotas e São Lourenço do Sul.³⁴ O trabalho de expansão da organização era maior nesta região do Estado. Como a preocupação com o ensino da educação cristã e escolar era fundamental para o Sínodo, foram enviados alguns pastores e professores dos Estados Unidos para consolidar o trabalho.³⁵ Estes pastores tinham formação teológica em seminários específicos dos Estados Unidos e eram de descendência alemã.

Um dos primeiros pastores enviado ao Brasil foi John Hartmeister. Chegou em Bom Jesus, São Lourenço do Sul em 1901, fundando uma das primeiras comunidades do Sínodo de Missouri, e, junto com esta comunidade, começou a funcionar o primeiro seminário de formação teológica para pastores e professores.

Este pastor fundou e foi diretor do Instituto de Bom Jesus, com objetivo de formar pastores e professores. Em um artigo do jornal Kirchenblatt intitulado “Ein Institut zur Ausbildung von Leheren und Predigern” (Um Instituto para a formação de professores e pregadores) redigido por Hartmeister (1904,p.37) retrata o início do Seminário.

Na segunda semana após a Páscoa do ano passado estava reunida a Conferência Especial de São Lourenço na Comunidade de Bom Jesus.[...] Durante longo tempo e detalhadamente houve aconselhamento a respeito do assunto que está exposto no título deste artigo.

Estava claro a todos nós: caso a obra do Senhor carecesse de ser trabalhada devidamente, sim, que no futuro fosse ainda melhor apresentada de que agora era possível, então deveriam ser elaborados passos no sentido de se conseguirem trabalhadores capacitados. A classe de professores e pregadores em muitos lugares de nosso país é representada por pessoas que são totalmente incapazes para este mister. [...] Em resposta à proposta do pastor Mahler a conferência resolveu unanimemente, de iniciar-se com a formação de jovens daqui para o trabalho da Igreja.[...] (HARTMEISTER, 1904, p. 37)

A capacitação de pessoas para o trabalho teológico e pedagógico era uma das justificativas para o Sínodo investir na formação de pessoal, a fim de difundir as doutrinas luteranas e propagar a sua missão, sem deixar de levar em consideração que seria menos dispendioso formar professores e pastores no Brasil do que financiar pessoas vindas de fora para o trabalho. Tinham consciência de que era preciso fortalecer a educação e a igreja dentro das comunidades já existentes.

³⁴ As primeiras comunidades do Sínodo de Missouri foram fundadas no interior de Pelotas e São Lourenço do Sul, com o predomínio da etnia pomerana. Foram elas: São Pedro e Santa Coleta no interior de Pelotas, e Bom Jesus no interior de São Lourenço do Sul.

³⁵ Os primeiros pastores enviados dos Estados Unidos que atuaram nesta região foram: o pastor Mahler na colônia São Pedro e, posteriormente, os pastores: A. Vogel, H. Stiemke e J. Hartmeister. (Steyer, 1999)

Os primeiros passos precisavam ser dados para realização do projeto. A escolha do local foi em função da proximidade de Bom Jesus com comunidades ligadas ao Sínodo.

Pergunta-se hoje, muitas vezes, o porquê da opção em localizar o Instituto em Bom Jesus II, uma colônia no interior de São Lourenço. Porque não na própria sede municipal de São Lourenço? Ou mesmo na capital do Estado, Porto Alegre? Primeiramente, porque na sede municipal ainda não havia uma congregação do Sínodo de Missouri. Por outro, na capital do Estado, para onde mais tarde foi realmente transferido o Instituto, na época, faltava a devida infra-estrutura para absorver tal projeto. Optou-se por Bom Jesus II por várias razões. A congregação tinha uma grande propriedade. Nesta propriedade os futuros alunos poderiam plantar e, assim ajudar na sua 'pensão'. Havia também um galpão que, com algumas adaptações, podia servir como 'internato', e a escola local como sala de aula. Por outro, Bom Jesus, mesmo localizado no interior, favorecia como local, pois se achava rodeado de outras congregações do Sínodo de Missouri, o que facilitava o envio de gêneros alimentícios e, principalmente, alunos. (STEYER, 1999, p. 82)

A justificativa em começar o seminário de formação de pastores e professores era construir um estabelecimento cercado pelas comunidades pomeranas para reforçar o projeto do Sínodo em fortalecer os seus princípios através da educação, tanto cristã como geral. Bom Jesus ficava rodeado por comunidades recentemente ligadas ao Sínodo, todas elas ainda a serem conquistadas pela perspectiva de uma igreja confessional. A inculcação de novos preceitos de sistematização de religiosidade e ensino era preciso ser reforçada, então nada melhor que instalar um seminário para servir de modelo e parâmetro aos membros da comunidade.

A maior parte desses membros eram de origem pomerana. Mais de uma vez os pioneiros do Sínodo afirmaram que os pomeranos eram aparentemente passivos, mas precisavam ser conquistados. Eram também muito desconfiados, precisavam absorver a sua confiança.³⁶

Ao mesmo tempo, as comunidades que cercavam Bom Jesus poderiam colaborar e auxiliar este projeto. É visível a necessidade de colaboração, porque o Sínodo investiu na construção de um seminário no interior, um lugar afastado dos centros maiores, mas próximo dos seus fiéis.

De fato, era uma boa maneira de mostrar às comunidades o sistema de ensino que o Sínodo de Missouri pretendia realizar. A formação seria vista e acessível aos jovens que viviam no Brasil, em especial, àqueles de origem pomerana.

Como segundo nosso conhecimento ainda não existe tal estabelecimento, ao qual jovens dispostos a receberem formação para o trabalho poderiam dirigir-se. A conferência decidiu conseguir-lhes tal oportunidade aqui. Nas terras pertencentes a esta comunidade os estudantes poderiam, por meio do trabalho de suas próprias mãos contribuir (cooperar) para sua manutenção (sustento) (HARTMEISTER, 1904, p. 37. Tradução de Mores na Pasta 2483).

Sabíamos que a maioria dos jovens ligados ao Sínodo de Missouri moravam na zona rural, por isso não seria tão difícil adaptarem-se às condições de estudantes e agricultores. O seminário estaria aberto aos jovens que se dispusessem a estudar e trabalhar na lavoura para conseguir o sustento. Eles, na maioria, já viviam da agricultura e poderiam assim conciliar o trabalho agrícola e os estudos. A maioria destes jovens possuía um *habitus* imbuído de religiosidade ligado com o trabalho. A partir da conceituação do *habitus*, discorrido anteriormente, percebemos que a formação deste se dá através da inculcação de práticas que os indivíduos acabam aceitando como naturais e legítimas, mesmo diante das diferenças. Bourdieu, (1996b) analisa este conceito ao revelar que:

A estratégia universalmente adotada para eximir-se duradouramente da tentação de sair da linha consiste em naturalizar a diferença e transformá-la numa segunda natureza através da inculcação e da incorporação sob a forma de *habitus*. [...] O trabalho de inculcação através do que se realiza a imposição duradoura do limite arbitrário visa naturalizar as rupturas decisórias constitutivas de um arbitrário cultural [...] sob a forma dos sentidos dos limites, fazendo com que alguns mantenham a sua posição ou se conservem a distância enquanto outros se mantêm em seu lugar e se contentam com o que são, a serem o que têm de ser, privando-os assim da própria privação. (BOURDIEU, 1996b, p.102 e 103)

Quando o autor se refere a “sair da linha”, ele quer reforçar que os indivíduos não possuem tanta autonomia de escolha como parece. Na maioria das vezes, a incorporação do *habitus* se dá a partir de disposições que acabam se naturalizando e se legitimando para se adaptar às condições impostas.

Os estudantes possuíam estratégias e disposições interiorizadas de um *habitus* religioso e ascético que lhes permitiam conciliar a condição de estudantes para serem pastores ou professores, aí se legitimarem por possuírem uma certa diferenciação, com a condição de trabalharem na agricultura, porque também na perspectiva religiosa o trabalho possibilitava uma aproximação dos valores protestantes, em que o trabalho dignifica e aproxima de Deus.

³⁶ Para aprofundar esta questão ver em Steyer (1999); Warth (1974)

Neste contexto, podemos analisar a teoria de Max Weber (1992) na questão da formação de uma ética protestante baseada na relação do trabalho com a religiosidade.

É certo que toda a literatura ascética, de quase todas as religiões, está saturada do ponto de vista que o trabalho consciente, mesmo por baixos salários da parte daqueles a quem a vida oferece outras oportunidades, é algo sumamente agradável a Deus. Nisto, a ascese protestante não produziu em si novidade alguma. Contudo, ela não se limitou a aprofundar até o máximo esse ponto de vista, pois produziu uma norma, que sozinha, bastou para torná-la eficiente: a de uma sanção psicológica através da concepção do trabalho como vocação como meio excelente, quando não único, de atingir a certeza da graça.[...] (WEBER, 1992, p. 128)

Em relação ao objeto do estudo, levei em conta que o trabalho tanto agrícola quanto intelectual, é valorizado neste contexto devido a um pensamento ascético voltado para a valorização de qualquer trabalho. As instalações do primeiro seminário comprovam a ligação que estes estudantes teriam em relação ao trabalho de pastor e professor com a agricultura.

4.3.2 Os estudantes

De acordo com o projeto inicial que se fundamentava em instalações simples e com poucos recursos, muitas vezes de forma improvisada, mas não desorganizada, os estudantes também foram buscados nas primeiras comunidades que o Sínodo conseguiu formar.

Segundo as Crônicas da Igreja, um compêndio que conta a história da igreja do Sínodo de Missouri, o professor Hartmeister descreve a trajetória dos primeiros alunos:

[...]Cinco alunos se matricularam. Nenhum deles pertencia à minha congregação, mas um aluno era de uma localidade próxima de Bom Jesus. Chamava-se Emílio Wille, o qual durante muitos anos serviu a igreja como professor e pastor. [...] Um outro aluno veio da paróquia do Pastor A. Vogel (Santa Coleta). Foi ele Francisco Hoffmann, que depois serviu como professor de nossa igreja em diversas congregações.[...] Dois alunos vieram da Congregação de São Pedro. Um deles foi Evaldo Hirschmann, que serviu pastor em diversas paróquias.[...] O outro chamava-se H. Drews. Este depois do fechamento do instituto em 1905, serviu como professor durante alguns anos, desistindo posteriormente. O quinto e último, o qual se matriculou mais tarde, fora enviado pelo pastor H. Wittrock de Cruz Alta. Tratava-se do inteligente Adolfo Flor, que veio a falecer prematuramente a 10 de novembro de 1918. Foi esta a primeira e única classe do Instituto de Bom Jesus. (WARTH, 1979, p. 161)

De acordo com esta descrição, percebemos que os primeiros cinco alunos eram na sua maioria das comunidades vizinhas, já ligadas ao Sínodo, ou fundadas por ele, como é o caso da São Pedro, sendo apenas um deles proveniente da região de Santa Cruz. Esta sucinta nota mostra que os integrantes deste primeiro projeto pretendiam receber uma formação teológica e também pedagógica.

Estes estudantes vieram de regiões próximas de Bom Jesus e foram convidados a partir da propaganda feita pelos pastores dos Estados Unidos.

Quando os primeiros pastores americanos propuseram a instalação do Instituto era preciso o aval da comunidade e o apoio dela para este projeto. Um dos primeiros alunos, Emílio Wille, foi contagiado por esta propaganda nos primórdios do lançamento desta idéia, como é contado num relato posterior em uma revista da Igreja:

Donde vieram os alunos para o novo Instituto? No sermão de propaganda para a obra no Domingo Misericordias Domini, o pastor W. Mahler dirigiu-se a um menino sentado perto do púlpito e disse: 'Aqui temos um moço apto para o estudo no novo Instituto'. O moço ficou tão impressionado que pediu licença aos pais para entrar no Instituto. Como velho pastor hoje ainda se lembra daquele dia e daquele momento. No decorrer do ano foram matriculados ao todo cinco alunos. (JOVEM LUTERANO, agosto de 1949, Ano X, nº 8, p. 119)

Esse jovem que estava ouvindo o sermão era o pastor Emílio Wille, que também relata a sua emoção em outro periódico da igreja. Nesse relato Emílio Wille observa que a comunidade não acreditava ser importante formar pastores e fazer parte de uma igreja doutrinária, mas o jovem preocupava-se com o projeto:

Finalmente, depois de muitos prós e contras, foi resolvido conceder a instalação do Instituto. Entretanto, ainda foi feita a pergunta: 'Donde serão tirados os estudantes?' O pastor Mahler respondeu que se houvesse um colégio também seriam encontrados alunos. O signatário destas linhas via e ouvia o pastor Mahler pela primeira vez. As suas palavras tocaram-lhe o coração. Não esquecerei que enquanto falava se dirigia a mim, dizendo: 'Este jovem que aqui está já servirá para o nosso instituto'. Fiquei entusiasmado com aquelas palavras. Ao chegar em casa declarei aos meus pais que pretendia entrar naquele estabelecimento. No dia seguinte o pastor Hartmeister falou-lhes neste respeito. Finalmente consentiram nisto, ficando combinado que em breve fosse para a casa do pastor a fim de ajudá-lo na arrumação do instituto.[...] (EMÍLIO WILLE In: Mensageiro Luterano, abril de 1949, Ano XXXII, nº 4, p. 26)

Notamos os conflitos formados para constituir em realidade o projeto do Seminário. A aprovação dessa obra precisava ser dada pela comunidade local, em Bom Jesus e sustentada pelas comunidades vizinhas.

O estímulo em formar estudantes brasileiros tinha os motivos já apontados. É interessante notarmos que, mesmo a primeira Assembléia Sinodal do Missouri em 1904 tendo sido realizada em Rincão de São Pedro, região noroeste do Estado, o Instituto estava fortalecido na região meridional do Estado, contando com a adesão de quatro alunos e mais tarde um quinto aluno. (DER LUTHERANER, 1904)

Na ata da primeira reunião sinodal ficou relatada a preocupação com um estudo sobre a implantação e funcionamento do Instituto. (Ata da 1º reunião do distrito-1904)

4.3.3 Início do seminário- Descrição e constituição

O seminário em Bom Jesus foi fundado em 27 de outubro de 1903, com apenas três alunos, matriculando-se logo em seguida mais dois alunos. Apesar de o seminário ter funcionado num curto período de tempo, ou seja, até 1905, acreditamos ser de extrema relevância a sua localização pela tentativa pioneira da igreja do Sínodo de Missouri estabelecer-se no Rio Grande do Sul e por ter influenciado significativamente a educação dos fiéis e das escolas que, posteriormente, permaneceram nas localidades próximas à região.

A documentação dessa época aparece em jornais ligados ao Sínodo, reforçando e apoiando esse projeto, com descrições e relatos do pastor Hartmeister. Era preciso encorajar as comunidades a apoiarem esta instituição. Em outro artigo do Kirchenblatt, o pastor Hartmeister com o título de “Ein Tag bei unsern Zoglingen” (Um dia entre os nossos alunos) faz a descrição detalhada do local, tanto da localidade como das dependências do Instituto. Do mesmo modo é descrito o cotidiano destes alunos, desde o seu trabalho na agricultura, até o currículo aprendido na formação teológico pedagógica. O artigo é relatado como se o leitor estivesse viajando com o autor dentro da localidade, no seminário e nas aulas.

No início do artigo o autor começa relatando:

Desejo convidar o prezado leitor para fazer uma visita ao nosso ‘Instituto’. Se o mesmo vem de longe, de uma viagem longa e penosa para a Colônia de São Lourenço não lhe deve causar contrariedade. [...] Primeiramente o caminho de Pelotas segue por campo chato, plano; mas aos poucos notam-se elevações do solo e que dão a entender, que estamos chegando mais perto da região das matas e morros das colônias propriamente dita. [...] Finalmente entramos na picada de Bom Jesus, a qual também é chamada de ‘Picada dos Pommer’ ou velha estrada, e logo mais estamos no local do destino. A picada de Bom Jesus é uma das mais velhas picadas desta colônia e é quase toda habitada por pomeranos.[...] (HARTMEISTER, 1904, p. 180)

O relato começa com a parte geográfica, deixando bem claro que a localização é na zona rural, distante do centro do Estado e das cidades próximas. O autor reforça esta questão para explicar aos leitores a dificuldade encontrada de deslocamento e acesso ao local, valorizando esse empreendimento no interior. No final, deixa explicitado a colônia possuir uma predominância pomerana. Salientamos, assim, a questão de etnia relacionada com o projeto de missão.

Em seguida, no mesmo artigo, o pastor Hartmeister relata e descreve a localidade, enfatizando a construção da igreja como sólida e maciça, estando ao lado o cemitério, “ela tem cinco janelas de cada lado com a parte superior arredondada na qual se encontra em vidro colorido; ela faz em sua localização elevada, uma agradável impressão.” (HARTMEISTER, 1904, p. 180) A referência da construção da igreja é significativa, faz parte de uma representação em valorizar a religiosidade, colocando como bela e valorosa a igreja do ponto de vista estético. Ela deve causar uma boa impressão, pois a materialidade da igreja representa para os fiéis a sua utilidade

O relato segue mencionando o que cerca a igreja: além do cemitério, a casa pastoral, que deve acolher os membros como se estivessem com a família.

Ainda descreve a viagem fatigante de carroça para o interior que pode ser compensado com “a vista panorâmica” da natureza que rodeava o local e também a quantidade de frutas existentes no pomar. (HARTMEISTER, 1904, p. 181)

Logo depois de dar uma descrição mais geral da localidade e da igreja, o pastor relata de forma detalhada as dependências do seminário.

A primeira porta leva-nos para o galpão que serve como despensa e semelhantes. Daqui passamos por uma outra porta para a sala de estar. O espaço existente para cinco pessoas não era por demais grande, por isso foi necessário economizar onde era possível. Duas camas são como camarotes de navios, afixados um por cima da outra. Uma mesa longa, um banco e nas paredes espaços para pendurarem-se chapéus e roupas de trabalho preenchem a peça. (HARTMEISTER, 1904, p. 182. Tradução de Mores, pasta nº 2483)

A descrição do local apresenta a maneira simples da organização daquele seminário, não descuidando da organização para acomodar os estudantes que ali conviveriam.

Podemos perceber num relato de Paul Schelp (1925) “Unser Seminar” (Nosso Seminário) em que é descrito o local que os estudantes teriam ficado.

Naturalmente não era uma construção majestosa de nossa comunidade. A foto mostra que ela é humilde. Era apenas um paiol vazio, que foi transformado em dois quartos. Um foi rebocado e tinha uma janela de

correr. Este era o quarto de estudo. O quarto maior guardava-se as enxadas, arado, grade, o que o colono precisa.[...] Todo o trabalho de madeira (carpintaria) foi feito pelo próprio pastor Hartmeister. A terra pertencia à congregação.[...] (SCHELP, PAUL IN BEER, OTTO 1925, p.8)

É interessante notar que, na descrição do local em que estes estudantes ficariam eram acentuados o local de estudo e as ferramentas de trabalho, bem como enfatizava-se o trabalho e a habilidade do pastor Hartmeister na carpintaria. Percebemos assim a relação do trabalho com o estudo que estes estudantes possuíam e fica claro que deveriam permanecer no trabalho posterior como pastores e professores. Não havia nenhuma resistência dos estudantes para o trabalho na agricultura porque, como já foi destacado, eles possuíam um *habitus* voltado para conciliar o trabalho com a formação doutrinária que iriam receber. O que defendo na pesquisa em relação à ética protestante é ser a disposição em aceitar qualquer tipo de trabalho agradável aos preceitos religiosos defendidos pelo protestantismo.

Ainda, dentro deste espírito de conciliar trabalho e estudo, o pastor Hartmeister reforçava a necessidade de continuar a formação de professores e pastores para haver uma sistematização de uma educação voltada para a doutrina do Sínodo.

Se uma Igreja, cuidou suficientemente para que haja professores em bom número e competente, então ela terá crescimento seguro e estável. Com isto também a unidade de espírito é essencialmente fomentada. Se, porém, cuidou negligentemente ou mesmo descuidou totalmente desta importante parte da missão, então sua decadência (ruína) pode estar assegurada (HARTMEISTER, 1904, p. 39)

O reforço em viabilizar o projeto do seminário do Sínodo de Missouri é apoiado, mais uma vez, em sistematizar a religião e o ensino através da organização religiosa ligada com a escolar. Hartmeister reafirmava a posição sinodal em fornecer formação teológica concomitante com a pedagógica para formar o pastor e professor, no mesmo sentido de diferenciação em relação a outras denominações religiosas.

4.3.4 Cotidiano no seminário

O cotidiano dos alunos é relatado de forma interessante nas fontes pesquisadas: tanto a rotina de trabalho, do estudo, das refeições e do convívio entre eles. Como é colocado na reportagem de Hartmeister.

Caso o nosso estimado hóspede queira passar um dia inteiro com os nossos alunos (educandos), então deverá estar de pé de manhã bem cedinho. Já antes do primeiro raio solar levantam-se. Cada um dirige-se

para o seu trabalho: tratar os animais, ordenhar as vacas (tirar leite), carregar água (buscar água), cortar lenha, varrer o pátio e assim por diante. Assim o sol nascente quase sempre nos encontra no café da manhã. Findas a refeição e a devoção matutina, trabalha-se na lavoura. Ainda, aqui como em outra parte, tem lugar o trabalho na escola paroquial. (HARTMEISTER, 1904, p. 182)

No cotidiano do seminário os alunos estavam engajados em diferentes atividades, o trabalho fazia parte da rotina dos alunos, e era compreensível esta relação, na medida em que eram provenientes de famílias de agricultores, portanto seu *habitus* era constituído desses princípios. Mas, sobretudo, a identidade teológica pedagógica do Sínodo era enfatizar a valorização do trabalho.

[...] A capacidade de concentração mental, tanto quanto o sentimento de obrigação absolutamente essencial para o próprio trabalho, estão aqui combinados com uma economia estrita que calcula a possibilidade de altos vencimentos, um autocontrole e uma frugalidade que enormemente aumentam a produção. Isso fornece uma base das mais favoráveis para a concepção do trabalho com um fim em si, como um valor que é condizente com o capitalismo; as oportunidades de superar o tradicionalismo são aqui muito grandes devido à educação religiosa. [...] (WEBER, 1992, p. 40)

Dentro dessa perspectiva weberiana o trabalho era interligado com a religião. O campo do trabalho reforçava no cotidiano protestante a legitimidade em conseguir alcançar a proximidade com a religião através de atividades ordenadas e regradas dos ofícios. A naturalidade colocada na relação de estudo, trabalho e religião era evidente na citação acima de Hartmeister. O autor situava o leitor do artigo no cotidiano dos alunos: a valorização do acordar cedo, do trabalho digno, das orações, ou seja, de todo o regramento das atividades destes alunos.

Parece que, ao relatar o cotidiano dos alunos, era preciso, num certo sentido, justificar a eficiência da formação não só de professores e pastores, mas também de uma certa maneira igualar o cotidiano dos estudantes aos demais membros ou futuros membros da organização do Sínodo de Missouri, embora criando a diferenciação na escolarização e na religiosidade.

Ficou evidente que o campo religioso, levando em consideração a constituição do campo como uma relação de forças e de domínio, ficaria fortalecido na distinção, mobilizaria os demais, mas ele se fortaleceria no engendramento com os outros campos.

Com isso queremos dizer que a constituição dos campos está imbuída de conflitos e lutas, e o que determina as suas posições nesta estrutura são os *habitus* e a diferenciação que conseguem fazer dentro do espaço social. Na constituição de uma formação teológica pedagógica do Sínodo de Missouri o campo religioso

parece reger o campo escolar e até o campo do trabalho, embora estes últimos possuam autonomia e especificidade própria. O engendramento dos diferentes campos dá-se no conflito e na tentativa de sobreposição ou subjugação de um campo pelo outro.

Em relação ao cotidiano dos alunos, o documento relata que eles trabalhavam na horta após o café da manhã enquanto o pastor atendia à escola paroquial ou auxiliavam o pastor na escola. (HARTMEISTER, 1904).

Havia muitas dificuldades financeiras no cotidiano desses alunos. Além do trabalho e da sobrecarga de estudo, muitas vezes as refeições eram simples, pois o pastor Hartmeister sustentava-os na maior parte de suas necessidades com o ordenado de pastor. Como tão bem relata Emílio Wille, um dos primeiros alunos.

As refeições as tomávamos em companhia da família do professor, reverendo Hartmeister. A esposa do professor foi uma verdadeira mãe para os estudantes. Levando em conta que os estudantes não pagavam pensão e que o professor não recebia ordenado além de o de pastor, bem se pode imaginar que não nos podia oferecer banquetes. Muitas vezes nossa 'mãe' não sabia o que por na mesa para saciar os estudantes famintos. Comia-se o que tinha: batata doce assada ou um pedacinho de pão de milho, etc. Nunca podíamos dizer que a família do nosso querido professor se servisse de uma refeição especial. Tudo quanto havia era fraternalmente dividido. [...] (EMÍLIO WILLE In: Mensageiro Luterano, Abril de 1949, Ano XXXII, nº 4, p. 27)

Os estudantes viviam num ambiente familiar com o seu professor. Era simples a rotina diária e passavam por muitas dificuldades. Inferimos que o Sínodo não estava investindo muito neste projeto. Ele deveria contar com a disponibilidade do pastor Hartmeister em acumular muitas tarefas e da boa vontade dos estudantes em suportar sacrifícios. As condições em que ficavam também não era uma das melhores. Conforme foi dito eles ficavam alojados em um galpão improvisado com aposentos para dormir e estudar, eram precárias as condições relatadas pelo pastor Hartmeister:

A porta que dava acesso ao quarto achava-se no interior do celeiro. Junto à janela havia uma mesa comprida para os rapazes trabalhar e estudar. Um banco fazia as vezes de cadeiras. [...] O quarto não era rebocado nem provido de aquecimento algum. Dias houve na estação mais fria em que não era possível aos rapazes trabalhar e estudar aí. Vinham então à nossa cozinha, onde tomavam conosco sempre as suas refeições. (HARTMEISTER, IN: Mensageiro Luterano, janeiro de 1951, Ano XXXVI, nº 1, p.4)

Nesse sentido, o cotidiano em conciliar trabalho e estudo apresentava muitas dificuldades, mas era valorizado e aceito este sacrifício para a capacitação de mais pessoas para o trabalho pedagógico e teológico.

4.3.5 Currículo do Seminário

Nas reportagens dos periódicos também é mencionada a estruturação do curso. Óbvio que o curso de formação de pastores e professores estaria estruturado de forma bem mais simples que nos Estados Unidos, tendo em vista as condições precárias das instalações e a falta de recursos humanos, tendo apenas um professor para o curso, que atendia simultaneamente a escola e a igreja. Mas é interessante notarmos que o Sínodo preocupava-se em divulgar o que se vinha fazendo e os conteúdos que os cursos abrangeriam.

[...] Devido à situação aqui da região, especialmente das colônias, serão iniciados dois tipos de cursos; em um, os alunos serão formados em quatro anos, estando aptos a serem professores. Eles poderão assumir um posto em algum lugar onde um pastor já lidera uma igreja.[...] (KIRCHENBLATT, 01/12/1903, Ano 1, nº 3, p. 23)

Notamos a preocupação com as escolas, porque os professores formados poderiam auxiliar os pastores que estavam sobrecarregados nas atividades da igreja e escola. Nesse sentido, para este primeiro curso era possível um término mais rápido para suprir uma necessidade local que acontecia. Então, no desenrolar do relato são apresentados os conteúdos essenciais de cada curso.

[...]aprenderão assuntos úteis no ensino escolar, como conhecimentos sobre a língua alemã e portuguesa; introdução à matemática; história, geografia e outros estudos relacionados. O outro curso de formação de pastores, será mais longo devido a sua natureza, ministrando com isso maior volume de aulas. Em ambos os cursos, será dada ênfase a formação do espírito e caráter, visto que ela é mais necessária e útil que a formação da mente.[...]. (KIRCHENBLATT, 01/12/1903, Ano 1, nº 3, p. 23)

De forma resumida, os conhecimentos eram de acordo com a realidade. Não eram privilegiadas as línguas clássicas como o grego, latim e hebraico, como acontecia nos seminários dos Estados Unidos. Entretanto, desde o início, foi dada a ênfase na formação do caráter e do espírito dos jovens. Essa valorização dava-se em virtude de uma necessidade em formar e instaurar um *habitus* voltado para os princípios morais e religiosos da instituição.

Esse *habitus* não dependeria somente da doutrina apreendida e dos conhecimentos clássicos e religiosos assimilados, mas especialmente dos modos de conduta que a religiosidade forma. Uma evidência é a afirmação de o currículo do seminário dever privilegiar a formação do espírito. Concordamos com WEBER (1982) ao analisar os estudos sobre religião.

[...] não é a *doutrina* ética de um religião, mas a forma de conduta ética a que são atribuídas recompensas que importa. Essas *recompensas* funcionam na forma e na condição dos respectivos bens de salvação. E essa conduta constitui o *ethos* específico de cada pessoa, no sentido sociológico.[...] (WEBER, 1982, p. 366, grifos do autor)

A partir dos estudos de Weber, podemos inferir que a doutrina por si só, ensinada tanto na formação dos pastores e professores, como nas escolas comunitárias mantidas pelo Sínodo, ou ainda, na igreja, não seria garantia para as pessoas participarem de acordo com os preceitos doutrinários. O que poderia garantir uma eficiente formação comunitária religiosa, especialmente no Sínodo de Missouri, seriam as condutas que as pessoas precisam adquirir para se sentirem pertencendo a uma religião e sendo aceitas na instituição. Nesse caso, os alunos do seminário não seriam formados somente para o conhecimento doutrinário, defendido pelo Missouri, precisavam ser educados em condutas que os levassem à prática desta doutrina.

Nos relatos posteriores do estudante Emílio Wille é possível perceber os conteúdos ali ministrados, confirmando o projeto inicial do Sínodo.

O horário regulamentar dos estudantes foi o seguinte: alvorada às 5 horas da manhã, com uma hora de tempo para se lavarem, além de outras ocupações, como tratar do animais, etc. Às 6 horas era servido café, seguido da devoção matutina. Uma hora das 6,30 às 7,30 era consagrada ao estudo. Das 7,30 às 11,30 os rapazes se ocupavam na lavoura, porquanto deviam trabalhar quatro horas por dia para o seu sustento próprio. Das 11,30 às 12 era tempo livre. As 12 em ponto era servido o almoço. Das 13,30 às 14 horas era o tempo de estudo. Das 14 às 17 horas havia aulas. Eram as seguintes matérias lecionadas: religião (Catecismo, História Bíblica e hinos), línguas (alemão, português e latim), História do Brasil e geral, geografia, história natural, aritmética, desenho, canto, caligrafia, além de outras matérias. (EMÍLIO WILLE In: Mensageiro Luterano, abril de 1949, Ano XXXII, nº 4, p. 27)

Esse relato é contado num período posterior, na visão de um dos primeiros alunos do Seminário. É destacada a rotina diária dos estudantes, confirmada por outras fontes, podendo perceber a valorização do trabalho no sustento dos seus estudos.

Hartmeister em 1904, em artigo publicado no Kirchenblatt, também reforça a organização curricular do Seminário.

A décima segunda hora reúne-nos novamente por ocasião do almoço. Então há hora de estudo por algum tempo e há o preparo para a frequência às aulas, que normalmente têm seu início às 14:30 minutos. Elas (as aulas) são dadas na igreja (ou na escola). As segundas, quartas e sextas-feiras iniciamos com uma aula de Religião. O pequeno Catecismo, hinos e salmos são decorados e repetidos várias vezes, nosso Catecismo Sinodal (de Schwan) é explicado e todos os versículos decorados. Esperamos terminá-

lo este ano. O ensino da Aritmética é dado por explicação oral das regras e por demonstração no quadro-negro. Exemplos e regras são anotados (lançados) em um caderno. São fixadas três horas semanais para este estudo. O mesmo número de aulas usamos para o ensino do alemão. Como manual de ensino usamos o 3º livro de leitura da nova série de Concordia Publishing House. Regras e exemplos são tirados do trecho da leitura. (HARTMEISTER, 1904, p. 183)

Nesse relato, o currículo escolar da preparação dos jovens como pastores e também professores fica explicitado. Ficava claro o currículo desenvolvido de forma detalhada, até nos horários previstos para cada disciplina. Enfatizavam o ensino religioso e doutrinário do luteranismo, relacionado com os estudos clássicos do conhecimento, porque reconheciam que a formação cultural e geral destes estudantes era necessária e possibilitava uma distinção em relação a pastores sem formação de outra denominação religiosa.

A preocupação com o ensinamento do Catecismo era essencial para a propagação das bases doutrinárias. A partir do ensinamento de Lutero, eles iriam conhecer a doutrina e a relação com a Bíblia, e assim poderiam exercer o papel de professores e pastores nas comunidades em que atuariam, com a devida distinção que o Sínodo pretendia propagar.

O relato faz questão de explicitar os horários das disciplinas, para dar um entendimento da sistematização do currículo e demonstrar a organicidade curricular. A identidade teológico pedagógica do Sínodo era construída e permeada por uma preocupação em sistematizar os conteúdos e oferecer, a partir da literatura de circulação da igreja, uma justificativa para a continuidade do projeto em formar professores e pastores no Brasil.

Ainda no artigo Unser Seminar (Nosso Seminário) são apresentados de maneira resumida os conteúdos curriculares trabalhados no Seminário.

Eram destacados assuntos de catecismo, história bíblica, alemão, latim, português, geografia, caligrafia, história natural, história do mundo, botânica e aritmética e canto. E o que se conseguia passar de ano mostrava-nos o resumo do conhecimento.[...] (SCHELP, PAUL IN BEER, OTTO 1925, p.89 Tradução Herbert Weiduschadt)

Em relação ao currículo é possível percebermos a importância de alguns conteúdos como a religião e o aprendizado das línguas. Em seguida viriam outros conteúdos que faziam parte da área pedagógica e formação geral, como história, aritmética e ciências.

Notamos que os conteúdos ministrados neste projeto inicial não tinham a mesma profundidade dos conteúdos ministrados em seminários dos Estados Unidos.

Nos seminários americanos, quanto aos conteúdos teológicos e pedagógicos havia um maior aprofundamento em relação às línguas clássicas e aos conhecimentos pedagógicos. Na verdade, naquela realidade havia uma estrutura física e humana maior nos seminários, como se observou em anos posteriores quando o Seminário já funcionava em Porto Alegre.³⁷

Entretanto, os conteúdos, mesmo de forma simples no Seminário em Bom Jesus, tiveram papel central na educação pomerana, sendo a maioria dos professores das primeiras escolas estes estudantes do projeto pioneiro do Seminário.

Neste mesmo relato, fazemos uma avaliação do primeiro ano de estudo dos jovens no Seminário.

O alvo principal sem dúvida foi alcançado. Todo o catecismo foi esclarecido e todos os versículos e perguntas e respostas de Schwan foram decorados. Além desses 15 hinos e 6 salmos, o catecismo menor de Lutero foi repetido inúmeras vezes, no alemão foi feita muita repetição no sentido das palavras e também na análise sintática, 11 trabalhos escritos foram terminados. Na matemática especialmente as 5 operações foram repetidas e as decimais e as fracionais concretizadas, a zoologia estava presente na instrução natural. Foi feito um passeio pela história universal e numa introdução do livrinho Kappes. As declinações e conjugações junto com formas irregulares foram repassadas em latim. As demais matérias foram distribuídas sem um livro especial de instrução o que dificultava o avanço do conhecimento. [...] (SCHELP, PAUL IN BEER, OTTO 1925, p.89)

Na avaliação do ano colocamos o que tinha sido alcançado no aprendizado teológico e geral pelos estudantes. Percebemos que o currículo era apreendido nas formas de um ensino clássico. Era importante, junto com os ensinamentos doutrinários, sob a forma de conhecer o Catecismo, trabalhar com os alunos o conhecimento geral e clássico.

Podemos nós ver conforme a revista da igreja (Kirchenblatt) para que fim e para que alvo este estabelecimento surgiu. Assim registra: 'especialmente na colônia foi estabelecido dois tipos de cursos; um para jovens que durava quatro anos (tipo ginásio) estes podiam ser administrados pelos pastores do local, era dada a gramática da língua alemã e alguns conhecimentos de matemática, história e artística. E o segundo curso se dedicava mais para os pregadores aprofundando doutrinas e formação de caracteres teológicos este mais importante do que as formações científicas'. (SCHELP, PAUL IN BEER, OTTO 1925, p.86)

Ficava evidenciada a necessidade de organizar o currículo de forma a atender a formação geral e a formação teológica. O primeiro nível seria de conhecimento geral para dar uma fundamentação clássica para os jovens, a fim de que eles pudessem ter um embasamento para no futuro se tornarem pastores, ou

³⁷ Segundo dados do Der Lutheraner

seja, consolidava-se um conhecimento geral para, na próxima etapa, aprofundar as doutrinas e os fundamentos teológicos de que os pastores se utilizariam no exercício de suas funções.

Mesmo assim, aparecem nos relatos as dificuldades na consolidação do cumprimento do conteúdo programático como falta de material didático: mapas no trabalho da geografia, livros no conhecimento das línguas, além de tempo reduzido de que os estudantes dispunham para um melhor aproveitamento. (HARTMEISTER, 1904)

Na verdade, o relato quer mostrar o esforço deste projeto. Mesmo o Instituto sendo precário nas instalações, em recursos humanos e na falta de material didático, era realizado um trabalho eficiente e de formação.

No final do artigo, Hartmeister reclama das dificuldades encontradas em manter o Instituto e da falta de tempo dos estudantes em se dedicar aos estudos de forma integral. Ressalta que “todas as horas do dia são preenchidas com trabalho honesto e penoso” (HARTMEISTER, 1904, p.184), notando assim a importância em justificar que os alunos não estavam ociosos. Eles sabiam da realidade que os agricultores viviam, porque eles trabalhavam da mesma maneira. O trabalho ficava valorizado, já que na cultura em que estavam inseridos os membros do Sínodo de Missouri havia uma ética voltada para o trabalho. O relato enfatiza a importância do trabalho, mas, em contrapartida, chama atenção para a necessidade de uma dedicação maior dos estudantes no conhecimento da doutrina e nos ensinamentos clássicos, até como uma forma de distinção e diferenciação.

Por isso, no final do artigo de Hartmeister é feito um apelo ao Sínodo para que se mantenha a formação de professores e pastores.

[...] Se no futuro a Igreja evangélica-luterana deve existir (vingar) no Brasil e ampliar a sua estrutura, então é absolutamente necessário que hajam professores e pregadores evangélico-luteranos. Mas de onde conseguir os mesmos? Até agora foram enviados pelo nosso Sínodo de Missouri da América do Norte. Mas lá momentaneamente há grande carência de pregadores. Por ocasião da distribuição dos chamados aos candidatos quase mal e mal a metade dos mesmos (chamados) puderam ser atendidos. Por exemplo, foram requeridos 72 professores, enquanto apenas 27 estavam a disposição.[...] A única saída, o único recurso consiste em que aqui tenhamos professores competentes e afinal que aqui sejam formados.[...] (HARTMEISTER, 1904, p. 184)

O Sínodo acreditava no estabelecimento e no fortalecimento das suas comunidades a partir de uma formação específica e realizada no Brasil, a fim de propagar e constituir uma identidade teológico pedagógica pautada numa

sistematização e ordenação na formação de professores e pastores. Inclusive, é ressaltada somente a necessidade de professores, porque se acreditava que o diferencial estava no investimento na educação escolar, não apenas doutrinária, mas na formação geral do professor e pastor.

4. 3.6 Conflitos e Disputas na Instalação do Seminário

Entretanto, as dificuldades não eram só em relação às más condições de estudo e à falta de material didático. O Sínodo, para se estabelecer e para conseguir dominar através do campo religioso o cotidiano de seus fiéis, passou por alguns conflitos e lutas. Seria inevitável que este processo acontecesse, já que nas disputas de diferentes campos e para que se formasse e construísse uma identidade teológica pedagógica era bem possível que aparecessem embates e conflitos que acabaram formatando e criando um processo de organização próprio dos indivíduos inseridos na instituição. Assim, aceitamos a análise de Bourdieu (1998), na definição de um campo. Para ele:

Um campo,[...], se define entre outras coisas através da definição de objetos de disputas e dos interesses específicos que são irreduzíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos.[...] Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc. (BOURDIEU, 1998, p. 89)

Nesse sentido, a comunidade no contexto pomerano não possuía um *habitus* religioso direcionado para a consolidação prevista pela instituição sinodal. Daí resultaram muitos conflitos e disputas para que o campo religioso, pautado nos fundamentos doutrinários do Sínodo de Missouri, se consolidasse.

Como já foi abordado anteriormente, as comunidades pomeranas haviam se organizado para criar igrejas e escolas, mas com outro sentido, de se sentirem parte de uma associação comunitária. O fato de estarem ligadas a uma instituição oficial preocupava-os na medida que representava o medo de perder a sua autonomia econômica e social. Ao mesmo tempo, o Sínodo investia neste projeto e tentava convencer as comunidades da importância de uma religião organizada e da importância do investimento na formação cristã e geral de pastores e professores.

Um dos primeiros conflitos relatados no artigo “Unser Seminar”, do professor Schelp, demonstrava como a questão econômica e a preocupação da comunidade em aceitar o projeto da instituição provocou alguns conflitos e divergências.

[...] A terra pertence a congregação. De fato, aquela pequena construção não poderia passar despercebida da fúria dos adversários. A testemunha ocular relata: 'Logo que o plano se firmou, a condição de fundar este projeto na comunidade se notava uma desconfiança e inimizade, patrocinada pelos de fora. A pessoa disse: 'Não deixem os norte-americanos construir sobre a terra de vocês. Quando estes senhores se firmarem nunca mais se livram deles'. De fato isto as pessoas acreditaram. (SCHELP, PAUL IN BEER, OTTO 1925, p.84 e 85 Tradução Herbert Weiduschadt)

O que percebemos neste relato é a preocupação com a questão econômica da propriedade. A terra em que seria construído o seminário era da comunidade. A congregação era formada por pessoas que não possuíam a mesma visão do Sínodo de Missouri em relação à organização religiosa. Eles tinham se acostumado a uma organização religiosa mais autônoma, sem maiores vínculos doutrinários a uma instituição. Ainda, havia uma desconfiança em relação ao Sínodo, porque ele não era totalmente originário da Alemanha, a desconfiança aumentava em função da origem do país do Sínodo.

Para eles, o campo religioso era formado a partir de princípios diferentes do Sínodo de Missouri. Eles sentiam a necessidade da religiosidade para cumprir os ritos religiosos e para estarem ligados a uma associação, entretanto, não viam necessidade em possuir pastores com formação específica. Acreditavam que isto poderia ser uma forma de os "norte-americanos" se apossarem de sua propriedade ou regularem seu cotidiano.

Torna-se claro, um "estranhamento" entre estes "dissidentes" e o Sínodo. A própria instituição considera-os como adversários. Não são vistos como luteranos, porque é mencionado no texto que a desconfiança e inimizade vinha de fora. É interessante notar, que "os de fora", enquanto não estavam contra o projeto, pertenciam à organização. Mas no relato, é ressaltado que aqueles que não concordaram com o plano eram vistos como inimigos. Obviamente, esta denotação parte da visão do Sínodo de Missouri, entretanto, não queremos entender os reais motivos da desconfiança de alguns membros, mas assinalar os conflitos e embates acontecidos na constituição do primeiro Seminário, corroborando com a idéia de as disputas e os jogos servirem para consolidar um determinado campo.

São colocados na literatura divulgada pelo Sínodo termos como "adversários", "inimigos", "os de fora", para mostrar que a discordância deste projeto representava uma forma de negar os princípios doutrinários, ou seja, as pessoas contra o Sínodo de Missouri estariam se indispondo contra o pensamento

organizativo e sistemático da doutrina luterana, que tinha como eixo central a formação de pastores e professores. Neste sentido aparecem as diferenças existentes dentro do grupo.

Outro relato interessante é do professor Hartmeister, o qual conta com muita propriedade em décadas mais tarde no Mensageiro Luterano os conflitos e as dificuldades do início da construção do seminário. O artigo é escrito pelo referido pastor, em 1951, com o título Semeando o Grão de Mostarda. Provavelmente o pastor Hartmeister encontrava-se nos Estados Unidos, e, assim, escreveu recordando-se como se desenrolaram os conflitos na comunidade.

Ele conta que no dia 22 de julho de 1903 haviam sido comprados 1800 tijolos para a construção do Instituto, mas, antes de arrumar os tijolos um grupo que fazia parte da comunidade reuniu-se na sua casa para impedir a realização do projeto. Eles, timidamente, afirmaram que a congregação não queria que fosse construído o seminário, mas Hartmeister não entendia o motivo da mudança de idéia. Todos os argumentos possíveis não adiantaram de nada, eles começaram a se dispersar, até que o pastor Hartmeister não acatou as decisões não considerando esta reclamação válida, porque não havia sido reclamada numa reunião oficial da comunidade. (HARTMEISTER, 1951)

Desde então as dificuldades aumentaram. O pedreiro não queria trabalhar mais na obra. Começaram a intimidar o pastor ameaçando-o com a passagem dos cavalos na estrada durante a noite. Dias depois os mesmos insatisfeitos o procuraram e apresentaram uma lista que continha os nomes dos membros que não estavam de acordo com a construção e disseram que o pastor tinha três meses para ir embora. Mas o pastor Hartmeister relata que agiu com cautela, olhou os nomes da lista e viu que a metade dos membros não havia assinado, e muitos nomes não eram assinaturas, apenas nomes relacionados.

Então, ele propôs uma assembléia da congregação para discutir e resolver o assunto e não ficou parado. Tentou de todas as formas convencer as pessoas da comunidade antes mesmo da reunião como ele textualmente conta:

Enquanto Emílio Wille (agora pastor daquela mesma congregação em 1947) se punha a caminho em busca de membros da Conferência de São Lourenço afim de os convocar para uma reunião de emergência no domingo seguinte, eu em casa me estafava em descobrir a razão de toda aquela excitação na comunidade. Fui ter com o colono em cuja residência se realizara a reunião de protesto na noite de segunda-feira. Era o cabeça da oposição. Aqui vim a saber que pessoas de fóra haviam prevenido a nossa gente que não nos permitissem nenhuma construção em seu terreno. Pois, se o fizéssemos, nós poríamos a mão no seu terreno e o

tomaríamos para nós (Era a reputação em que ao tempo eram tidos os americanos do norte no Brasil). Uma idéia destas era, naturalmente, ridícula, contudo criara todos aqueles distúrbios. (HARTMEISTER, In: Mensageiro Luterano, janeiro de 1951, Ano XXXVI, nº 1, p. 3)

A dificuldade maior era, pois, a aceitação de alguns membros em ter a construção de um Instituto nas terras da Igreja. A preocupação das pessoas recaía sobre a possibilidade da instituição tirar a sua autonomia em relação a decisões da comunidade, e ainda pensavam que poderia representar um risco para aquela comunidade perder a sua propriedade. A maioria dos membros estavam acostumados a pertencer a uma associação independente e viam com certa desconfiança a presença de uma instituição confessional, ou seja, uma instituição guiada por um órgão estabelecido nos Estados Unidos.

O pastor Hartmeister continua relatando que não discutiu com este membro, mas argumentou que, se o medo deles era o fato de os norte-americanos ficarem com suas terras, eles mesmos poderiam construir com os seus recursos o Instituto. Esta proposta seria levada na Assembléia:

Depois do culto, realizou-se a assembléia da congregação, não na igreja, mas no espaço entre a casa e cozinha. [...] No momento, em que mencionei 'construção', deu-se o pandemônio. Alguns gritaram: 'Não se construirá!', outros: 'Há de se construir!' (Em dialeto germânico: 'Et schall nicht bugt warn!'; 'Et schall doch bugt warn!'). [...] seguindo-se uma pausa, pedi-lhe que me ouvissem. [...] Eu restringiria tanto o custo líquido do material para a construção de uma só peça que poderiam facilmente custeá-la. Orçava em 5 mil réis por membro. Assumindo as despesas a construção proposta se tornaria propriedade deles, e ninguém lha poderia tirar. (HARTMEISTER, In: Mensageiro Luterano, janeiro de 1951, Ano XXXVI, nº 1, p. 3)

Vemos que houve necessidade de contornar a situação pelo pastor de uma forma sutil para ganhar a confiança da comunidade. Hartmeister percebeu que não adiantaria enfrentar diretamente as pessoas dissidentes e uma cisão causaria maiores danos para o projeto. A solução foi encontrada no próprio costume comunitário em organizar a igreja entre a comunidade. Cada membro pagaria uma quota pela construção, assim asseguraria o direito de propriedade. Nesta adaptação de ambas as partes, foi possível o entendimento.

A construção pôde ser iniciada, porém, não isenta de conflitos. Da mesma forma, o aluno Emílio Wille relata os conflitos que existiram depois da construção. Havia uma desconfiança em relação à instituição e ao projeto. As comunidades não acreditavam totalmente na organização religiosa. Assim, Emílio Wille conta como foi difícil o processo de construção do seminário, do qual ele mesmo participou:

Os tijolos já se achavam no lugar. Fiz o papel de servente de pedreiro. O pedreiro, descrente no sucesso da obra, fazia gracejos a respeito do empreendimento em geral a meu respeito em particular na qualidade de futuro estudante.[...] Quase ultimada a obra do pedreiro, porém correram boatos que caso, fôssem verdadeiros, tudo fracassaria. Já desde o princípio os adversários de nossa igreja instigavam os membros que não haviam concordado com esta construção. Afirmavam que se o Sínodo construísse qualquer obra, conseguiria direitos sobre o patrimônio da comunidade. (EMÍLIO WILLE, In: Mensageiro Luterano, abril de 1949, Ano XXXII, nº4, p. 27)

Apesar de o pastor Hartmeister ter resolvido em parte os problemas da construção, havia muitas desconfianças e contraditoriedades na instalação do projeto. O estudante Emílio Wille já se sentia fazendo parte do Sínodo e estava convicto do seu papel como futuro pastor. Enquanto isso, os que eram contra estavam desacreditados da construção.

Porém não foi possível uma coesão nas comunidades em relação aos interesses religiosos, mas, diante das dificuldades da instalação do Seminário, foi na diferença que se pôde perceber uma construção identitária teológica pedagógica do Sínodo.

Nesse sentido, podemos reportar conceitos defendidos por Stuart Hall (200,p.110), acerca da identidade.

Acima de tudo, e de forma diretamente contrária àquela pela qual elas são constantemente invocadas, as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente com aquilo que falta. [...] (HALL, 2000, p. 110).

Nessa perspectiva, o relato do professor Schelp continua mencionando o processo de resistência daqueles que não queriam a instalação do seminário, demarcando a diferença entre o grupo: os que eram adversários e os que apoiavam o projeto do seminário.

E, finalmente quando o pedreiro começou a obra, o pensamento se espalhou e repentinamente à noite os adversários desfaziam o que era construído. Eles (os adversários) sempre faziam suas reuniões em segredo. E de fato a noite (a tardinha) um grupo de opositores se reuniam na estrada, vaiando e praguejando contra o pastor Hartmeister na casa pastoral. Hartmeister, tranqüilo não se importava com isso, continuava lendo, estudando ou quem sabe orando. Bem assim ele fez com que o plano dos adversários não desse certo. E tudo continuava normal. Noutros dias os amigos vinham incentivá-lo com o seu projeto, e seu trabalho seguia tranqüilo.[...] (SCHELP, PAUL IN BEER, OTTO 1925, p. 85)

O conflito entre os que eram contrários à construção do Seminário e os defensores do pastor Hartmeister foi, portanto, intenso. Mesmo levando em conta que é uma visão do próprio Sínodo, a repercussão teve importância, já que foi

relatada nos mínimos detalhes. Entretanto, o projeto tinha apoio da comunidade, porque alguns incentivavam e apoiavam o pastor. Era necessário também que o pastor se mantivesse calmo diante dos conflitos para que pudesse apaziguar a situação e promover a concretização do projeto e a consolidação do campo religioso. Bourdieu (1998), defende o campo constitutivo de relações de forças que depende dos agentes e das instituições que querem demarcá-lo:

A estrutura do campo é um estado da relação de força entre os agentes ou as instituições engajada na luta ou, se preferirmos, da distribuição do capital específico que, acumulado no curso das lutas anteriores, orienta as estratégias ulteriores. [...] Outra propriedade, já menos visível de um campo: todas as pessoas que estão engajadas num campo têm um certo número de interesse fundamentais em comum, a saber, tudo aquilo que está ligado à própria existência do campo: daí a cumplicidade objetiva subjacente a todos os antagonismos.[...](BOURDIEU, 1998, p. 89)

O campo religioso desta comunidade foi sendo construído entre diferenças e conflitos. Era evidente ser necessário de criar um campo religioso que influenciasse e até mesmo se sobrepusesse aos demais campos: como o da família, do trabalho e até do lazer. A idéia de obter uma identidade teológica pedagógica, sistematizá-la e organizá-la sob a orientação do Sínodo de Missouri foi observada nas práticas da instituição. Esta identidade se constituiu, ao mesmo tempo, nas diferenças e também nos interesses em comum que apareceram entre os grupos.

Nesse contexto, a formação da identidade teológica pedagógica deu-se a partir da constituição de um campo religioso, e, portanto, fortaleceu uma identidade religiosa, ultrapassando a identidade de classe, étnica ou econômica, sem no entanto, estarem sobrepostas uma a outra, mesmo estando relacionadas. Podemos observar esta afirmação nos conceitos defendidos por Smith (1997):

[...] Tanto identidades religiosas como étnicas se empenharam em incluir mais do que uma classe dentro das comunidades formadas sobre as suas bases. As comunidades religiosas, quando aspiram a tornar-se Igrejas, atraíram todos os sectores de uma determinada população ou mesmo as que existiam para além das fronteiras étnicas.[...] As formas muito diversas de 'religião de classe' referidas por Weber sugerem as estreitas ligações entre identidades religiosas e de classe e o freqüente 'deslize' de uma sobre a outra'.

Contudo, a 'identidade religiosa' baseia-se em critérios bastante diferentes de acção e de necessidades humanas. Ao passo, que as identidades de classe emergem da esfera da produção e troca, as identidades religiosas derivam das esferas da comunicação e socialização. Baseiam-se em alinhamentos da cultura e dos seus elementos- valores, símbolos, mitos e tradições, muitas vezes sistematicamente em costumes e rituais. (SMITH, 1997, p. 19)

Ao diferenciar identidade religiosa formada a partir do campo religioso, não queremos defender que ela se dá de forma isolada ou numa posição binária

(conceito utilizado por Stuart Hall), ou seja, identidade de classe versus identidade religiosa. Mas ao concordar com estes conceitos pensamos que a identidade religiosa precisa estar imbuída de processos de sociabilidade e ser fortalecida através de símbolos e crenças, possuindo uma especificidade própria, embora na sua constituição preserve elementos de outras identidades, como a questão da identidade étnica e de identidade de classe.

No relato dos conflitos existentes na fundação do seminário, percebemos que o grupo era composto por uma mesma etnia: a pomerana. Neste aspecto, eles se identificavam, a não ser em relação ao pastor Hartmeister, que pertencia a outra etnia, bem como era oriundo de outro país.

Mas a identificação ocorre através da diferença: os que apoiaram o projeto se viram cada vez mais identificados com o Sínodo de Missouri, na medida em que se diferenciaram dos opositores. A demarcação da diferença é processual, ela aconteceu através dos conflitos. Para aqueles que apoiavam o projeto, a constituição de uma identidade teológica pedagógica era fortalecida e consolidada no grupo, como também para aqueles que se opunham. Os opositores, definiam também uma identidade religiosa diferente e contrária ao Sínodo, procuravam impedir a concretização deste projeto e, assim, definir uma identidade religiosa contrária.

Nos conflitos, o interesse econômico e social aparece de forma clara, a questão das terras e da propriedade era mais relevante para os contrários ao Sínodo, do que a aceitação da doutrina e da forma de organização da instituição sinodal. Se a identidade religiosa, como foi exposto anteriormente, é construída a partir de símbolos, rituais, em costumes e tradições, a identidade teológica pedagógica que o Sínodo buscava imprimir, não deixaria de abalar a base religiosa existente na comunidade.

Entretanto, inferimos que o Sínodo de Missouri tentou demarcar uma identidade teológica pedagógica diferenciada em relação ao que acontecia no contexto pomerano. As comunidades foram orientadas pelo campo religioso em praticamente todas as esferas do cotidiano. Para cumprir estes objetivos a necessidade de fundar estabelecimentos escolares e também criar um seminário na zona rural foi essencial para a consolidação deste projeto.

4.3.7 Término do Seminário de Bom Jesus e o início em Porto Alegre

O seminário em Bom Jesus durou pouco. O seu funcionamento na região de São Lourenço permaneceu por dois anos e tentou preparar alguns jovens mesmo com as precárias condições apresentadas. Assim como na primeira Assembléia Sinodal em Rincão de São Pedro em 1904, o entusiasmo pelo projeto do Seminário em Bom Jesus era grande. Em 1905 na segunda Assembléia Sinodal em Jaguari o Sínodo revela que o Instituto na região de São Lourenço tinha sido muito desgastante, devido à distância da capital de Porto Alegre. Na região central haveria mais possibilidade de crescimento e aceitação de professores dos Estados Unidos para trabalhar. (DER LUTHERANER, 1904 e 1905)

Mas, somente em 1906 na Conferência em Toropi que foi decidido o que se faria com o Instituto.

Sobre o Instituto a reunião trouxe novas conotações. Por enquanto, o plano original da transferência para Porto Alegre não se desenvolveu como se devia. Há falta de pessoas que tenham coragem para o ensino. Sobre os alunos que prontamente num ano foram instruídos e que tiveram a chance de receber a instrução para não perderem foram colocados em escolas pequenas, e mais tarde poderão praticar e aplicar em campo. Assim que o ensino verdadeiro se fixar em Porto Alegre então o Instituto será reaberto. (DER LUTHERANER, 10/04/1906, Ano 62, nº 8, p. 126)

As dificuldades eram as mesmas. Falta de pessoal capacitado para a instrução. Mas os alunos foram conduzidos nas escolas mesmo com um ano de estudo. O aproveitamento maior foi no campo pedagógico. Emílio Wille relata o final do Instituto e o destino dos primeiros estudantes.

Infelizmente, em maio de 1905, o pastor Hartmeister viu-se forçado a regressar para os Estados Unidos, devido o precário estado de saúde de sua esposa. Como o sucessor do pastor Hartmeister não pudesse atender as aulas do Instituto, os estudantes tiveram que voltar para as suas casas, mas por pouco tempo. (EMÍLIO WILLE, In: Mensageiro Luterano, abril de 1949, Ano XXXII, nº4, p. 27)

É bem provável que os estudantes tenham ficado decepcionados com o término do Instituto. Decerto ficaram tristes após tanto esforço durante aquele ano. Mas, logo em seguida, eles puderam aproveitar os seus conhecimentos, atuando nas escolas religiosas do Sínodo de Missouri.

[...] O estudante Adolfo Flor entrou numa escola em Santa Maria como auxiliar. O estudante Evaldo Hirschmann atendeu sucessivamente as escolas de Santa Helena e Santa Eulália. O estudante Henrique Drews lecionou na escola da comunidade de Costa do Arrôio Grande. E o signatário destas linhas tomou conta da escola de Santa Coleta. (EMÍLIO WILLE, In: Mensageiro Luterano, abril de 1949, Ano XXXII, nº4, p. 27)³⁸

³⁸ A fim de esclarecer as localidades citadas percebemos que apenas Adolfo Flor atuou em Santa Maria região central do Estado, os demais Evaldo Hirschmann, Henrique Drews e Emílio Wille atuaram em comunidades localizadas na região do interior de Pelotas.

Apesar de ter funcionado por pouco tempo o Seminário preparou estes jovens para atuar especialmente nas escolas pomeranas da região, enquanto aguardavam a possibilidade da conclusão dos estudos. Apenas o estudante Adolfo Flor não atuou na região de Pelotas e São Lourenço do Sul inicialmente, mas depois retornou em 1910 para atender Bom Jesus. Os outros estudantes permaneceram por muito tempo na região inicial do Sínodo. Mas, depois de reaberto o Seminário em Porto Alegre, a maioria dos estudantes teve continuidade de sua formação lá.

Em 1907 o Seminário foi reaberto em Porto Alegre. Seguiram para lá os estudantes Francisco Hoffmann e Evaldo Hirschmann e desistiu dos seus estudos Henrique Drews, enquanto Adolfo Flor e eu concluímos os nossos estudos no seminário de Springfield de Illinois, nos Estados Unidos. (EMÍLIO WILLE, In: Mensageiro Luterano, abril de 1949, Ano XXXII, nº4, p. 27)

Desses quatro estudantes³⁹ que continuaram a sua formação teológica e pedagógica, ou seja, foram formados pastores e professores, apenas um seguiu somente a formação pedagógica, este foi o estudante Francisco Hoffmann.

Mas o que se destaca é o trabalho realizado pela maioria destes estudantes na realidade pomerana, assumindo as escolas na função de professor.

Entretanto, a conclusão dos estudos daqueles que continuaram estudando deu-se em instituições do Sínodo de Missouri e eles continuaram como pastores e professores em escolas e igrejas. O relato do Der Lutheraner confirma o fim do Instituto “O Instituto foi fechado, pois estava no ‘meio do mato’ e transferido para Porto Alegre o que se deu em 1905. Dois que já haviam se adiantado nos estudos de pastor e professor foram terminar os estudos em Springfield.” (DER LUTHERANER, 21/05/1907, Ano 63, nº17, p. 167)

Fica demonstrado assim que o Sínodo havia crescido em outras regiões do Estado, por isso, precisava remodelar a instituição de ensino. O Seminário Concórdia em Porto Alegre foi reaberto em 1907 com uma maior estrutura física e pedagógica e formou um grande número de professores e pastores.

³⁹ De acordo com dados do Mensageiro Luterano e das Crônicas da Igreja sobre os estudantes formados no Seminário, percebemos que depois destes terem atuado nas escolas continuaram seus estudos. Formaram-se nos seguintes anos: em 1910 formou-se Adolfo Flor nos Estados Unidos, permanecendo em Bom Jesus São Lourenço do Sul entre 1910-1913; Emílio Wille formou-se com Adolfo Flor, atuando nas escolas da região de Pelotas e São Lourenço do Sul de 1911- 1923, em 1933 atuou como pastor na mesma região; Evaldo Hirschmann formou-se no Seminário Concórdia em 1915, atuando em Santa Coleta de 1921-1937 como pastor e professor; Francisco Hoffmann formou-se apenas como professor e foi o único que não atuou na região de Pelotas e São Lourenço do Sul. (WARTH, 1979; MENSAGEIRO LUETRANO, 1949)

Em 1909, as notícias sobre o Seminário reaparecem, justificando a eficiência da instituição.

O instituto em Porto Alegre com o diretor Weghaupt decidiu dar um relatório. Em três anos, três professores se formaram, era o segundo ano de aula e pudemos abrir com dez alunos, deste cinco foram novos que entraram. E no decorrer de dois anos foram ser professores e três permaneceram como alunos. O nome foi resolvido: Seminário Evangélico Luterano Concórdia.[...] Também a questão curricular foi ricamente aprofundada. Uma comissão se dedica a fazer um plano para as escolas rurais e as escolas da cidade.[...] (DER LUTHERANER, 04/05/1909, Ano 65, nº 9, p. 133)

Notamos a ampliação do Seminário e o fortalecimento da instituição a fim de suprir o trabalho de pastores e em especial, as escolas. A formação de alguns alunos era mais rápida devido à necessidade de mais trabalhadores nas escolas e nas igrejas. Fica evidente que a preocupação do Sínodo era orientar, através de um plano curricular adaptado para as escolas rurais e urbanas.

Mas as dificuldades em formar pessoal capacitado permaneceram por um bom tempo na preocupação do Sínodo. Em 1911 numa avaliação do Seminário em Porto Alegre continuou o alerta para o pouco tempo de preparação dos alunos.

É uma situação extremamente embaraçosa que um aluno, após somente um ou dois anos de estudo no seminário, tenham de sair para assumir postos em escolas do interior. Isso deve ser trabalhado de forma a se tornar algo cada vez menos necessário e, se for absolutamente necessário, que os estudantes dêem assistência, eles deveriam ser chamados somente após quatro anos de ensino. [...] (KIRCHENBLATT, 15/01/1911, Ano 8, nº 2, p. 11)

É possível notarmos que a falta de professores nas escolas era grande e o projeto do Sínodo contemplava de forma particular a escolarização religiosa e com orientação de pessoal capacitado e competente a fim de oferecer uma diferenciação. Se os professores não estivessem preparados, a educação correria o risco de fracassar ou não demonstrar a competência do Sínodo. Mas, mesmo assim, era preciso adaptar a situação à realidade encontrada. Muitas escolas precisavam de professores e não era possível esperar o tempo de formação. Entretanto, o Sínodo colocou essa preocupação na revista oficial para os membros e as comunidades terem ciência do que estava acontecendo.

O Seminário Concórdia, localizado em Porto Alegre, permaneceu por muito tempo funcionando como uma instituição de formação de professores e pastores.

Apesar de a pesquisa privilegiar o Seminário em Bom Jesus, acreditamos ser importante referendar à continuidade do projeto em Porto Alegre, porque a

continuidade da formação dos primeiros pastores e professores que atuaram nas escolas pomeranas deu-se naquela instituição.

O projeto do Seminário em Bom Jesus foi reverenciado em anos posteriores pelos periódicos do Sínodo apontando como um marco pioneiro do Sínodo em começar naquelas condições um curso preparatório de professores e pastores.

Nos quatro periódicos analisados: Der Lutheraner, Kirchenblatt, Mensageiro Luterano e Jovem Luterano em reportagens posteriores ao fechamento do Seminário em Bom Jesus os relatos narram homenagens deste empreendimento como sendo essencial na projeção do Sínodo no Brasil. A partir dele foi possível acreditar que a missão no Sínodo seria possível. Mesmo tendo funcionado por pouco tempo, nos periódicos do Sínodo este estabelecimento é retratado como um projeto de coragem e humildade, com pessoas da comunidade, professores e alunos que tiveram desprendimento e disciplina para conseguir levar o projeto adiante e formar alguns jovens para trabalhar nas primeiras escolas do Sínodo.⁴⁰

No presente trabalho, ainda podemos encontrar depoentes que foram alunas e alunos dos primeiros estudantes, já que, dentre eles, muitos foram professores nas escolas pomeranas.

⁴⁰ Muitas reportagens posteriores de homenagem ao Seminário encontram-se publicadas nos periódicos analisados. No KIRCHENBLATT há relatos nos números 01/12/1915, Ano 12, nº 23 p. 179 e 01/02/1929, Ano 24, nº 3, p. 18-19, com o título: “Discurso festivo feito durante o jubileu do seminário”. Também no DER LUTHERANER, 16/03/1915, Ano 71, nº 6, p. 104. Ainda, no MENSAGEIRO LUTERANO, Nosso Primeiro Seminário em Bom Jesus relatado por Emílio Wille, abril de 1949, Ano XXXII, nº 4, p. 26-27; Semeando o Grão de Mostarda, relatado por Hartmeister janeiro de 1951, Ano XXXXVI, nº 1, p. 2-4. No JOVEM LUTERANO, a O Grão de Mostarda que se fêz árvore, agosto de 1949, Ano X, nº 8, p 118- 120.

Memória e Cultura Escolar



5.1 Sínodo de Missouri e a organização escolar

Ao analisar o Sínodo de Missouri e a educação pomerana, percebemos como esta instituição procurou enfatizar a formação de um campo religioso a fim de demarcar uma escolarização expressiva dentre os sujeitos das comunidades. Para o projeto do Missouri era necessário propagar suas doutrinas através da educação. A escola foi um dos meios para alcançar estes objetivos.

Vemos nas fontes, os periódicos da instituição do Sínodo do Missouri, uma preocupação acentuada e incisiva com a escolarização das crianças e jovens, bem como com a difusão doutrinária sinodal, havendo uma preocupação em inserir uma conduta desejável nesses sujeitos, para isso era necessário preparar os professores.

Logo no início da sondagem para instalação do Sínodo o pastor Broders relata a precariedade da escola brasileira inserida nas comunidades de origem germânica, especialmente em relação à formação dos professores.

A escola está péssima. Os que eram apenas lenhadores na Alemanha foram instituídos como professores. A este tipo de gente são entregues as crianças. O povo mesmo não sabe a diferença, para eles está tudo nos conformes. Hoje veio um ex padre com a sua esposa de 16 anos. Veio falar com o pastor Brutschin. Este jovem pretendia assumir uma escola em Novo Hamburgo. O Brasil parece ser o lugar em que se reúne os mais miseráveis entre os povos. (DER LUTHERANER, 24/07/1900, Ano 56, nº 15, p. 230-231)

Esta preocupação com a formação moral e religiosa com a educação aparece desde o início da formação do Sínodo no Brasil, a instituição não conseguia entender a organização das comunidades que aceitavam pessoas sem capacitação ou sem formação religiosa para serem professores.

Antes mesmo da instalação do Sínodo no Brasil, os relatos do Der Lutheraner apontam a necessidade de fomentar uma educação cristã com pessoas capacitadas.

Recebemos um relatório que não se tem educação cristã e professores cristãos no Brasil, estando sujeito a terminar a verdadeira fé luterana. São muitas as congregações que querem ter seu professor próprio, não acham ou têm aqueles que não possuem missão social para o cargo. São pessoas que lêem pouco, fazem algumas contas, não preservam uma educação cristã. Em todo mundo é assim, e vale para todos, se a juventude não for instruída, não há futuro. (DER LUTHERANER 11/07/1899, Ano 55, nº 14, p. 125)

Há a preocupação em instruir os jovens para a doutrina luterana ser propagada, para este fim seria necessário haver pessoas habilitadas. Podemos inferir que esta educação cristã verdadeiramente luterana perpassava pela orientação da conduta das pessoas. Ora, já havia outras comunidades luteranas pertencendo ao Sínodo Riograndense ou organizações independentes ditas luteranas, mas, para o Sínodo de Missouri, essas instituições não estavam conseguindo cumprir a função de instrução e educação na fé luterana. Entendemos que o objetivo da missão era preparar estes jovens e crianças com formação luterana através de professores e pastores formados pelo Missouri. É ressaltada a preocupação com a questão de conduta dos professores que atendem às comunidades no Brasil. A preocupação com os que se dizem evangélicos luteranos é grande; segundo o Sínodo muitos não praticavam as orientações de uma verdadeira fé luterana.

Sobre a missão no Brasil- Havia no relatório de comissão inglês que nos três estados do sul tem juntos 1.4000.000 almas evangélicas, mas é triste que a maioria deles não tem nenhum compromisso com a igreja e os que são atendidos são por pastores que se preocupam apenas com a barriga. E não é necessário dizer que é urgente enviar pregadores para anunciar o verdadeiro evangelho. (DER LUTHERANER , 05/05/1899, Ano 55, nº 9, p. 83)

Nesse momento aparece a justificativa do Sínodo em se estabelecer no Brasil, na necessidade de difundir e anunciar o evangelho considerado por eles como o correto. As escolas pomeranas inseridas nesta instituição na região estiveram baseadas nesses preceitos. Não sabemos se realmente todos os objetivos do Sínodo foram alcançados, mas, de acordo com as fontes, o projeto era claro, fundar escolas cristãs agregando a mais pura doutrina luterana. Mas muitas dificuldades e empecilhos apareceram, surgindo conflitos e modificações no projeto. Sem dúvida, houve adaptações e mudanças do projeto inicial que colaboraram para uma cultura escolar específica das comunidades educadas pelo Sínodo.

⁴¹ Foto doada pela depoente Elfrida Lemke, da escola da igreja independente em Solidez

Nos relatos do periódico *Der Lutheraner* aparecem dificuldades do estabelecimento de escolas cristãs no Brasil. Uma situação interessante é quando o pastor Broders, o preposto para sondar as possibilidades da instalação do Sínodo, narra as suas incursões nas comunidades no interior de São Lourenço do Sul e Pelotas. A narrativa é detalhada no *Der Lutheraner*, pois este periódico era a visão da missão no Brasil. Ele narra a forma como foi recebido e, em forma de diálogo, justifica a situação do Missouri, não como uma invasão, mas como necessária para consolidar uma igreja e uma escola com pastores e professores que tivessem formação específica.

Às 8 horas esperamos alcançar a picada, pois o meu cavalo Fucks se adaptou com a calma brasileira. Estava começando a escurecer. A lua nos vinha como sombra. E as 10 horas estávamos lá. Oito horas nos arreios. Após cumprimentos cordiais e recepção cordial, uma refeição saborosa foi repartida conosco pelo hospedeiro. A comunidade encarregou-me gentilmente para fazer uma pregação na segunda feira de Páscoa e também a congregação receberia informações do nosso Sínodo e do trabalho missionário. “Mas a Congregação tinha um pregador, e eu não queria intrometer-me no ofício de ninguém! Para isto o meu Sínodo não me mandou ao Brasil!”

“Não é verdade, nós não temos um pregador, nós temos somente uma escola fundada pela comunidade. Nesta escola temos um professor que tem uma certa cultura, mas que é jóquei em Porto Alegre, ensinando a montar.”

“Bem, eu vou pregar na segunda feira de manhã” respondi.

“ Senhor Pregador, em toda Pelotas e São Lourenço ainda não encontramos um pregador estudado e que possui estas qualidades. Quase todos os nossos orientadores possuem um passado nebuloso.” (*DER LUTHERANER* 25/06/1901, Ano 57, nº 13, p.195)

É interessante notarmos que havia uma certa ética no Sínodo, pelo menos aparentemente, em não querer intrometer-se em comunidades já constituídas. Neste relato é reafirmada esta posição, embora em outros momentos muitas congregações do Sínodo sejam originadas a partir de comunidades de igrejas independentes. A justificativa em estabelecer esta prática reside no fato de que as comunidades necessitavam de um professor e pastor com qualidades e formação moral adequada para o cargo. Inferimos que o Sínodo precisou estabelecer-se com seus orientadores, formando pessoas capazes que tivessem a formação, tanto moral como intelectual, adequada.

Nessa perspectiva, a cultura escolar dessas comunidades vai sendo formada com determinados objetivos e formas, aparentemente não tão diferentes daquelas que já haviam sendo utilizadas por outras escolas étnicas, porque os pomeranos nesta região, inseridos em comunidades independentes, tinham estabelecido suas escolas. Nos relatos, o pastor Broders, de uma certa forma, afirma

que os orientadores da educação das comunidades não tinham formação adequada. Tentou salientar sua habilidade de pregador para evidenciar o seu conhecimento na orientação de uma educação cristã e escolar.

O Sínodo demonstrava a preocupação de evidenciar um signo distintivo nos seus estabelecimentos escolares, como, por exemplo, a presença de pastores e professores com formação específica. Esta distinção nem sempre era qualidade exclusiva dos professores do Sínodo de Missouri, porque muitos professores das escolas ligadas à igreja independente, muitas vezes, possuíam uma cultura elevada, entretanto, preferiam ser autônomos e não faziam questão de estar inseridos numa organização sinodal.

Mas a distinção que pretendemos realçar através da propaganda do Missouri é sutil e encoberta através da ênfase na estrutura organizativa desta instituição. Sabemos que a distinção precisa estar relacionada com o outro, para salientar o que podemos ver como diferente, e o que este diferente traz como vantagem. O ser distinto como define Bourdieu (1996a) relaciona-se com coisas diferentes, como traços distintivos que se tenta ocupar num determinado espaço:

Esta idéia de diferença, de separação, está no fundamento da própria noção de espaço, conjunto de posições distintas e coexistentes, exteriores umas às outras, definidas uma em relação às outras por exterioridade mútua e por relações de proximidade, de vizinhança ou de distanciamento e, também por relações de ordem, como acima, abaixo e entre;[...] (BOURDIEU, 1996a, p. 18)

Para entendermos as relações que se colocavam entre o Sínodo de Missouri e as outras organizações religiosas similares na doutrina e até em certas práticas de conduta é preciso visualizar que as diferenças são sutis e quase nem percebidas, ou seja, o que pode ser próximo, entre as igrejas já estabelecidas e o Sínodo, como a organização escolar relacionada com o âmbito religioso, o currículo, a ênfase no ensino da doutrina pode ser tornada pela propaganda do Sínodo algo como distinto, mesmo não sendo tão diferenciado em relação a outras denominações religiosas, a partir da defesa de uma maior hierarquização da estrutura que mantinham.

O Sínodo busca na sua implantação um projeto de educação e igreja como algo diferente, evidenciando o posicionamento da instituição sinodal em manter a sua organização distinta das demais, procurando fornecer um capital cultural (conceito defendido por Bourdieu) diferenciado das demais instituições que ocupavam espaço nas comunidades.

Entretanto este capital cultural diferenciado só trará resultados se for aceito como legítimo, ou seja, reconhecido pelo grupo, daí a importância da propaganda do Sínodo em formar pessoas que poderiam doutrinar os demais. Bourdieu(1996b) analisa o campo científico como um lugar de disputa e distinção, o que, por analogia, notamos na consolidação do projeto do Sínodo de Missouri para consolidar um campo religioso:

O reconhecimento, marcado e garantido socialmente por todo um conjunto de sinais específicos de consagração que os pares-concorrentes concedem a cada um de seus membros, é função do valor distintivo de seus produtos e de originalidade.[...] (BOURDIEU, 1996b, p. 131)

Inferimos que os pares concorrentes neste caso são as diferentes instituições religiosas que disputavam uma certa legitimidade e espaço na educação e na religiosidade das comunidades. Os conflitos aconteciam de forma visível, isso pode ser percebido tanto nas fontes escritas como nas orais, mas é nestes conflitos que aparecem ainda mais os traços distintivos dessas organizações.

Nesse contexto, aquela instituição que demonstrasse maior capacidade na legitimação da doutrina nas práticas escolares e religiosas e, conseqüentemente, fosse aceita por alguns no grupo, poderia fazê-los enxergarem-se como distintos, inserindo-se nas instituições. Ambos estão enredados, o grupo e a instituição. Por isso, a demarcação de um campo religioso e educacional neste contexto aconteceu entre a dialética das estruturas e das estratégias utilizadas.

As estratégias utilizadas se davam através da educação, nos discursos, nos periódicos, na defesa de uma estrutura hierárquica na igreja e, sobretudo, na formação de pessoas que possuíssem um discurso legitimado pela instituição. Como ressalta Bourdieu (1996b).

Mas o efeito de conhecimento exercido pelo fato de objetivação no discurso não depende apenas do reconhecimento concedido àquele que o detém; depende também do grau com que o discurso anunciador da identidade do grupo está fundado na objetividade do grupo ao qual está endereçado, ou seja, tanto no reconhecimento e na crença que lhe atribuem os membros deste grupo como nas propriedades econômicas ou culturais por eles partilhadas, sendo que a relação entre essas mesmas propriedades somente pode ser evidenciada em função de um princípio determinado de pertinência. (BOURDIEU, 1996b, p. 111)

Entendemos que os discursos que o Sínodo pretende legitimar, em parte, faziam parte da organização comunitária pomerana. As propriedades culturais e econômicas conseguiam adaptar-se com o projeto do Missouri em agregar escola e igreja. Também eram relevantes idéias que podiam ser partilhadas por um grupo,

então naquilo que o Sínodo de Missouri pudesse provocar estranhamento, como a hierarquização de estruturas, poderia ser legitimado com a possibilidade distintiva.

Percebemos que o diferencial do processo de distinção, poderia dar-se com este professor e pastor formado pelo Sínodo que iria ser o agente do fomento da organização escolar do Sínodo. A escola pomerana, dentro dessa visão, obedeceria a critérios de currículo e de utilização de material didático, bem como a orientação de modos de conduta a partir da coordenação doutrinária e pedagógica do Sínodo. Entretanto, este diferencial seria em relação ao processo de legitimação do Sínodo, e esta questão passa em maior ou menor escala pelas práticas vividas por estes grupos.

5.2 Cultura Escolar e Práticas escolares

Nesse sentido privilegiamos a discussão da cultura escolar, ou seja, buscamos analisar as práticas escolares vividas pelos alunos. Para tanto, precisamos entender como se constitui o modelo escolar e como as práticas educativas foram se formando e desenvolvendo, assim nos coloca Justino Magalhães(1998), quando procura analisar uma metodologia da história das instituições educativas:

O modelo escolar é simultaneamente meta e referente, uma vez que as instituições educativas a que se faz referência são constituintes do sistema educativo, ora sob o estatuto das escolas, ora sob os estatutos legitimados pelas políticas educativas. Enquanto escolas, inseridas numa estrutura acentuadamente instrutiva, marcada por uma sistematização informativa e normativa, integradas numa orgânica mais vasta, são todavia instâncias produtoras de práticas e representações que ampliam, complexificam, adaptam e recriam a cultura escolar.[...] (MAGALHÃES, 1998, p. 62)

Nesta abordagem queremos focar o papel da escolarização nas comunidades pomeranas para compreender o modelo escolar, tanto nas suas práticas, contrapondo ou complementando as orientações sinodais. As práticas e representações que formam a cultura escolar dão-se através da combinação e do confronto entre o que a escola pretende fazer e o que faz. É necessário analisar os preceitos e orientações das instituições, mas é importante do mesmo modo analisar o que a instituição diz ter realizado, sempre problematizando a análise.

A cultura escolar está intimamente relacionada com as práticas realizadas na escola, como os indivíduos representam estas práticas, passando inevitavelmente por apreender uma memória do passado, seja nas fontes impressas, ou nos depoimentos orais. A memória não é isenta de falhas, não representa uma

verdade absoluta, ela é construída e relacional através das representações que os sujeitos possuem das suas recordações mais significativas. Os estudos de Ecléa Bosi (1987) mostram a conceituação de memória. A autora coloca:

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo 'atual' de representações. Pela memória, o passado não só vem a tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, 'desloca' estas últimas, ocupando o espaço da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1987, p. 9)

As representações dos sujeitos inseridos numa determinada cultura escolar passam por lembranças subjetivas que devemos tentar apreender. Mas, sobretudo, tentar entender que a memória dos sujeitos não irá obedecer necessariamente a uma cronologia, uma linearidade. A cultura escolar, através da memória, precisa ser apreendida através das lembranças que teimam em se esconder e em lembranças visíveis.

Estes aspectos foram considerados ao analisar a memória dos depoentes na pesquisa. Buscamos privilegiar a cultura escolar nas entrevistas, tentando entender os silêncios, a desconfiança, a falta e o excesso de lembranças.

5.3 Memória e os depoentes da pesquisa

Como já foi abordado anteriormente, para entendermos as práticas e representações da cultura escolar, a categoria conceitual de memória é fundamental, porque é possível discutir uma memória escolar construída pelos sujeitos e pela instituição, esta sendo significativa na vida escolar, de alguma forma sendo selecionada ao ser lembrada. Neste sentido é preciso evidenciar que a memória é uma construção da sociedade.

As memórias que temos do trabalho ao qual nos dedicamos, de nossas reminiscências da infância, da escola em que estudamos, de todas as práticas vividas, enfim, têm uma validade relativa, histórica, já que são construídas socialmente. A sociedade determina em boa medida como devemos desempenhar nossas funções e com que categorias pensá-las, o que vale tanto para o indivíduo quanto para a coletividade. (NUNES, 2003, p. 11)

Dentro desta visão, ao se analisar a cultura escolar no contexto pomerano, buscamos evidenciar através das fontes, especialmente através dos depoimentos orais, o que determinou a memória coletiva dessa escolarização pomerana. Não podemos esquecer de que esta memória coletiva pode ser apreendida através de

um indivíduo que lembra a escola, o tempo de infância. Ele lembra o que lhe ficou de mais significativo, o que pode lhe trazer mais significado é a sua construção como aluno e como parte desta comunidade, por isso, ao mesmo tempo que esta memória é individual, ela é social.

Ao longo da pesquisa os depoentes foram escolhidos ou buscados em sujeitos que tiveram sua vida escolar em escolas religiosas, alfabetizados em língua alemã. No presente trabalho buscamos compreender através da memória destes sujeitos, a cultura escolar das escolas étnicas religiosas, tanto do Sínodo de Missouri, como de outras instituições, no intuito de poder comparar a educação neste período e contexto.

Diante disto, pretendemos o entendimento do projeto inicial do Sínodo de Missouri na instalação de escolas através dos depoimentos orais, percebendo a cultura escolar dos depoentes. Sabemos que o período da instalação do Sínodo e a vida escolar dos depoentes não correspondem à mesma data, mas, neste contraponto, podemos perceber aspectos relevantes da educação que o Missouri tentou estabelecer. O período de instalação do Sínodo na região foi no início do século XX, portanto não haveria depoentes para relatar a educação nesta época. Entretanto, nos impressos pesquisados há muitas notícias destacando a importância da escola, mas não constam de forma pormenorizada as práticas que ali se estabeleciam.

Podemos supor que a escola deveria ser o espaço em que a doutrina luterana e os preceitos do Sínodo fossem difundidos. Investiam nas crianças e jovens para a igreja estabelecer-se. Nos periódicos compreendemos, de forma clara, este interesse. No primeiro ano da publicação do Kirchenblatt foi publicado um artigo sobre a situação das escolas e nele se destaca a importância e o empenho das comunidades em fortalecer a sua vida escolar.

Sobre a situação das escolas: são atendidos 381 alunos nas nove paróquias; cada uma destas comunidades conta com escola própria. Lá nossas crianças não só se transformam em cidadãos aplicados, mas também em membros cheios de conhecimento. Em nossas escolas não é praticada somente a educação secular, mas também é ensinado o caminho da salvação. (KIRCHENBLATT, 01/12/1904, Ano 1, nº 7, p. 50) grifos do autor

Fica evidente um projeto escolar voltado para o conhecimento doutrinário, ao ser observado que o conhecimento secular deveria ficar em segundo plano, embora não se descuidassem da educação secular. O Sínodo segue expondo sua

preocupação logo em seguida, ressaltando estarem os pais das crianças já acostumados aos velhos costumes de não ter uma escola religiosa e doutrinária, seria mais difícil a tarefa de convencer nesta nova visão. Era preciso preparar as crianças cada vez mais.

Muitos pais acreditam, obviamente, que se seus filhos aprenderem a ler, calcular e escrever, já é suficiente; o catecismo e o ensino bíblico não seriam tão importantes, e seus filhos não necessitariam aprendê-los a fundo. Queiram estes pais pesar em seu coração as palavras bíblicas: 'De que adianta o homem ganhar o mundo e perder a sua alma?' ou 'O que o homem daria para libertar a sua alma?' Também em nossas comunidades existem pais que não são exatamente alegres com o ensino religioso diário na escola, se bem que eles têm de admitir que essas aulas em nada prejudicam o currículo normal, e que nossos alunos vão tão bem nas matérias seculares quanto seus colegas de outras escolas. [...] (KIRCHENBLATT, 01/12/1904, Ano 1, nº 7, p. 50)

É interessante notarmos que o Sínodo justifica-se através dos elementos bíblicos para consolidar uma educação religiosa. Mantém a diferenciação de outras escolas. Chama atenção para a pouca importância dos pais na religião dos seus filhos. Entretanto, ao que tudo indica parece não descuidar da educação secular, já que havia competidores de outras escolas, mas quer acrescentar a doutrina a uma escola de qualidade. Mas, no final do artigo, é exposta a esperança das crianças em valorizar os preceitos doutrinários da escola.

Esperamos que as crianças presentes em nossas escolas tenham, no futuro, uma visão mais correta do que aquela de seus pais; que futuramente elas nos agradeçam pelas aulas cristãs, mesmo quando seus pais não viam utilidade nas mesmas. (KIRCHENBLATT, 01/12/1904, Ano 1, nº 7, p. 50)

Nesta perspectiva, poderíamos supor que o Sínodo tentou elaborar um projeto que, a longo prazo, consolidasse a sua doutrina, e esta se refletisse na conduta religiosa das pessoas, sendo a escola a grande responsável. De que modo estas crianças aprenderam e absorveram a cultura escolar apregoada pelo Sínodo? Houve muitas resistências? Realmente a religião, pregada por eles como a verdadeira religião luterana, era tão enfatizada nas escolas ministradas pelo Sínodo? Como se dava o conhecimento secular? Como era a disciplina e a forma de aprender? Havia uma diferenciação tão acentuada das demais escolas étnicas religiosas?

Para tentar responder a estas hipóteses buscamos, através dos depoimentos orais, entender como se deu esta cultura escolar. Optamos por utilizar as entrevistas devido à dificuldade de encontrar fontes mais detalhadas do currículo e do material didático das escolas do Sínodo de Missouri. Nos relatos dos periódicos

vemos uma breve explanação da importância da escolarização inserida na instituição do Missouri, mas não conseguimos aprofundar estas questões.

Buscamos compreender, através dos depoimentos, o projeto de educação da instituição do Sínodo de Missouri, sendo que alguns depoentes foram alunos dos primeiros seminaristas em Bom Jesus, outros de pastores livres independentes, um de um pastor do Sínodo Riograndense. Apesar de alguns depoentes não fazerem parte do Sínodo de Missouri, é relevante a análise do seu depoimento, devido à similitude da realidade em que viviam. Todos os entrevistados eram agricultores, moravam no interior de Pelotas, Canguçu e São Lourenço do Sul. Eles não sabiam falar português na infância, a maioria falava somente em pomerano, apesar de terem contato com a língua alemã através das leituras dos pais, do uso da língua nos cultos ou do contato com vizinhos que falavam a língua alemã oficial.

5.3.1 Os depoentes da pesquisa

Tabela 6 – Relação dos entrevistados

Nome	Idade	Data de Escolarização	Localidade	Nome do Professor	Instituição Religiosa	Denominação Religiosa Atual
1- Flora Wendt	80	1934-1938	Santa Coleta Pelotas	Pastor Evald Hirschmann	Sínodo de Missouri	IELB
2- Arnaldo Ramson	79	1935-1939	Solidez-Canguçu	Pastor Erbert	Sínodo de Missouri	IELB
3- Irene Perleberg	89	1925-1929	Triunfo-Pelotas	Pastor Harbers	Independente	IECLB
4- Elfrida Lemke	84	1929-1933	Solidez-Canguçu	Wilhelm Lange	Independente	IELB
5- Hedwig Mueller	90	1924-1926	Santa Coleta Pelotas	Pastor Evald Hirschmann	Sínodo de Missouri	IELB
6- Alzira Karnopp	80	1935-1939	Nova Gonçalves- São Lourenço do Sul	Professor Liebe	Sínodo Riograndense	IECLB
7- Alida Mueller	90	1924-1927	Solidez-Canguçu	Professor Emílio Wille	Sínodo de Missouri	IELB
8- Elisa Scheutzel	94	1920-1924	Solidez-Canguçu	Professor Roberto Wille	Sínodo de Missouri	IELB

Como percebemos a maioria dos depoentes pertencia ao Sínodo de Missouri, dois depoentes estudaram e faziam parte da igreja independente, não

participando atualmente desta organização religiosa, porque se filiaram a instituições sinodais, um ao Sínodo de Missouri (IELB) e outro ao Sínodo Riograndense (IECLB). Somente um entrevistado já fazia parte do Sínodo Riograndense e permanece até hoje.

Os depoimentos em sua maioria são relatados por mulheres, tendo apenas um depoente homem. Este fato não foi proposital, foi devido a encontrarmos mais mulheres idosas do que homens. Podemos verificar que o depoente homem é um dos mais jovens, portanto, teve apenas um ano de escolarização na língua alemã, o restante do seu tempo de escolarização foi em português, devido à proibição do uso da língua germânica nas escolas.

O período de escolarização dos depoentes é quase o mesmo, em meados da década de 20 até o fim da década de 30. Nesta época havia um fomento das escolas étnicas religiosas e uma preocupação acentuada com a escolarização das pessoas ligadas à religiosidade. É possível visualizar no Sínodo de Missouri o trabalho dos primeiros pastores e professores, muitos deles iniciando sua formação e preparação pedagógica e teológica na primeira experiência no Seminário em Bom Jesus.

Há também um incremento na publicação de livros didáticos, tanto por parte da editora de Rotermond, do Sínodo Riograndense, como da Casa Publicadora Concórdia do Sínodo de Missouri. Nas entrevistas foi possível encontrar alguns destes materiais. Em especial, foi muito proveitoso o material da Casa Publicadora Concórdia encontrado com um dos depoentes.

Nessa época as escolas do Missouri haviam se estruturado. Talvez, possamos inferir que a preocupação do Sínodo de Missouri, através dos periódicos, com a escola e formação de pessoal capacitado produzia efeitos. Nas primeiras décadas da instalação do Sínodo a ênfase em desenvolver projetos missionários como trazer pessoal habilitado para o Brasil e investir no seminário tanto em Bom Jesus, como em Porto Alegre foi eficiente na formação da escolarização de seus fiéis. Entre os pomeranos a escola era fortalecida, não só aquela ligada ao Sínodo de Missouri, mas também as escolas relacionadas com as igrejas independentes e ao Sínodo Riograndense atuavam na realidade pomerana. Mas o Missouri tinha menos tempo de trabalho nesta realidade que as demais instituições citadas.

O contato com os depoentes foi significativo para a pesquisa, buscamos construir uma memória escolar dessas pessoas que tiveram a sua educação relacionada a um projeto religioso.

Apesar de os entrevistados falarem pouco de sua vida escolar, sendo uma das características do povo pomerano, a desconfiança, foi possível desvendar e descobrir a cultura escolar da época e do contexto. Em todas as entrevistas foi estabelecido um contato anterior e muitos dos depoentes já eram nossos conhecidos desde o tempo da infância. Procuramos no início da entrevista preparar o depoente para o assunto e conduzir a entrevista para as memórias escolares. Claro, que nem sempre era possível, porque a memória não é linear, ou seja, os fatos relatados foram aqueles que tiveram mais significado na constituição da vida dos sujeitos. Muitas vezes, os depoentes falavam outros assuntos que estavam circunscritos à época da escola. Por isso coloca Lucena (1997):

Lembrar é muito mais uma atividade do presente que um exercício de deslocar para o presente fatos já vividos. Rememorar não é o mesmo que viver novamente o passado, depende da releitura do sujeito que a produz numa sociedade que se diferencia daquela à qual se refere a lembrança. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão a nossa disposição no momento em que desencadeia o fluxo da memória. (LUCENA, 1997, p. 224)

O depoimento oral não pretende ser uma verdade absoluta da realidade vivida, mas pretende visualizar quais representações estes sujeitos têm na sua vida a partir das lembranças. Notamos, portanto, que é relevante entender, que é possível valorizar os depoimentos, mesmo aqueles que não lembram tanto da vida escolar, mas permitem perceber nas entrelinhas e no que está subentendido também as práticas escolares. Os depoimentos foram curtos, muitas vezes, entrecortados por outras lembranças. Mas podemos observar que eram feitos com muita emoção sobre um período da infância em que estes depoentes se constituíram como indivíduos. Todos os depoimentos revelam a ligação desses sujeitos com a religião atualmente, a importância da leitura nas suas vidas, sendo na maioria leitores de literatura religiosa. Inferimos que as representações de uma cultura escolar marcaram estes sujeitos.

De acordo com a tabela, em ordem cronológica das entrevistas, a primeira depoente foi Dona Flora Wendt. Esta entrevista foi feita na casa da depoente, a qual faz parte da comunidade do meu pai, que é pastor. É amiga da minha família. Mora no interior de Pelotas, em Santa Coleta. É viúva e mantém sua casa. Dona Flora não

fala e nem entende português até hoje. Lê muito bem em alemão e, para se comunicar, prefere falar em pomerano. A entrevista precisou de interpretes (a minha mãe e meu pai auxiliaram na entrevista). A conversa permeava por entre três línguas: alemão, pomerano e português. A entrevista foi muito proveitosa. Ela foi aluna de um dos primeiros estudantes do seminário em Bom Jesus: Evald Hirschmann. Ela destacou que o seu pastor era rígido e disciplinador e não falava pomerano, apenas se comunicava em alemão. Quando ela foi à escola não tinha nenhuma noção do alemão. Sua memória se reporta às atividades de música e religião da escola, as quais ela pratica até hoje na igreja.

A segunda entrevista foi com seu Arnaldo Ramson, o único depoente homem da pesquisa. A entrevista foi realizada na casa do depoente, onde vive com o filho e a nora. É uma pessoa falante e domina o português, tendo pouca dificuldade em se expressar. O depoente demonstra um nível cultural elevado, pois mantém hábitos de leitura atualmente, mas em língua portuguesa. Ele frequentou um ano na escola em língua alemã. O seu professor era rígido e disciplinador, veio da Alemanha, tendo sua formação no país germânico, mas era ligado ao Missouri. A sua memória é reavivada no sentido da nacionalização do ensino e na perseguição aos alemães.

A terceira entrevista foi com a Dona Irene Perleberg. A entrevista foi na sua residência na cidade de Pelotas, após contato com seu genro-neto, meu colega de mestrado. Esta depoente tinha sido amiga de infância da minha avó, tendo sido descobertas fotos da minha família na casa da depoente.

No início a depoente ficou um pouco desconfiada com a gravação, mas depois aceitou e a entrevista ocorreu normalmente. Dona Irene tem uma escolarização elevada, estudou além da formação primária, mostrou fotos da escola em São Leopoldo, onde ela teve uma formação complementar numa escola alemã católica. Consegue falar bem o português. Na formação primária ela estudou numa escola vinculada à igreja independente no Triunfo, no interior de Pelotas. Ela relatou que, no início, os seus pais eram ligados à Igreja do Missouri, mas, devido a alguns conflitos com esta instituição, mudaram para a igreja independente. Segundo a depoente, o professor era de uma eficácia e competência singular. Ele tinha uma ótima formação em escolas da Alemanha. A depoente relatou que ele possuía até uma máquina fotográfica, e ainda mostrou a foto tirada pelo professor com a turma.

Não teve muitas dificuldades na escola, ela já falava alemão com seus pais, apesar de, no cotidiano doméstico, falarem quase sempre em pomerano.

A Dona Elfrida Lemke concedeu a entrevista na sua casa no interior de Solidez. As lembranças de sua escolarização foram relatadas com prazer. Ela mantém hábitos de leitura em alemão até hoje. É interessante notar que na sua casa não havia somente literatura religiosa, mas outros livros, segundo ela, a sua biblioteca, começada pelo pai que tem mais de quinhentos volumes. Ela era uma conhecida e amiga da minha família. Dona Elfrida comunica-se facilmente em português e contou que a sua escolarização foi numa escola da igreja independente, em que o professor também fazia o papel de pastor. Ela relata que o seu professor tinha a formação em arquitetura na Alemanha e possuía uma cultura elevada e era muito eficiente. Um dado interessante é que sua escola era organizada pela comunidade independente, próxima à da escola do Missouri, mas relata que seu pai acabou se desentendendo com o professor do Missouri, na época o professor Emílio Wille, por isso optou em ir para a igreja independente. Não teve dificuldades na escola com a língua alemã, porque seu pai não era pomerano, tinha vindo de outra região da Alemanha, mas ela comenta que todos na sua casa aprenderam facilmente a falar pomerano, pois a vizinhança falava bastante o dialeto. Após o seu casamento ela passou a vincular-se ao Sínodo de Missouri. Dona Elfrida mostrou fotos da escola, livros e cartilhas utilizadas produzidas por Rotermund e histórias bíblicas produzidas por Dohms (pastor do Sínodo Riograndense).

Outra entrevistada foi a Dona Herdwig Mueller. Esta depoente mora atualmente em Triunfo, com um dos filhos. Ela ainda faz o almoço e criou os netos e bisnetos. Ela não sabe falar português, também faz parte da comunidade do meu pai. A entrevista precisou de uma intérprete, em pomerano, porque, apesar de a depoente ler em alemão, na oralidade ela tem dificuldades por não praticar mais a língua alemã. As lembranças de sua escolarização remetem à figura do pastor que era professor, o pastor Hirschmann, (um dos primeiros estudantes do seminário) o mesmo professor da Dona Flora (a primeira depoente). Dona Herdwig estudou em Santa Coleta e menciona que o professor era muito bravo, freqüentemente batia nos alunos. Ela não se considerava um boa aluna, muitas vezes fugiu da escola, escondendo-se para não ir à aula. Mas conseguiu alfabetizar-se, ainda lê a Bíblia, livros e revistas da igreja em alemão.

A sexta entrevistada foi Dona Alzira Karnopp. Ela é a única depoente pertencente ao Sínodo Riograndense e permanece até hoje na instituição religiosa. A entrevista foi concedida na sua residência, o contato deu-se através da neta que é minha aluna. Ela consegue comunicar-se em português, apesar de ter alguma dificuldade, porque no seu cotidiano doméstico comunica-se, na maioria das vezes, em pomerano. Ela relata a sua escolarização, mencionando que o seu professor era muito amável e nunca usou a violência física, apesar de sempre ter na escola uma vara. O seu professor sabia falar somente alemão. Ele era somente professor, ela comenta que na igreja do Sínodo Riograndense, pelo menos na sua região o professor não acumulava a função de pastor. Uma peculiaridade em relação ao currículo da escola foi o fato de que não era dada uma ênfase grande à religião no horário escolar. A formação religiosa acontecia mais com o pastor em outras ocasiões na igreja. Ela conta que não teve dificuldades em entender o professor, pois, apesar de falar pomerano com sua família, ela já tinha contato com a língua alemã através de vizinhos e amigos que não eram pomeranos. Ainda hoje, a depoente lê em língua alemã, mostrou alguns livros e a Bíblia em escrita gótica.

A entrevistada Dona Alida Mueller estudou em Solidez, interior de Canguçu. A entrevista foi na casa da depoente, a qual mora com o filho e a nora. Ela se mostrou muito animada com a entrevista, relatando a sua vida escolar com bastante exatidão. Ela entende bem o português, apesar de ter algumas dificuldades na oralidade. Foi aluna do professor Emílio Wille, (primeiro aluno do Seminário em Bom Jesus). Ela relata que, quando estudou, só falava pomerano, e aprendeu, na escola, alemão. Disse que não teve muitas dificuldades porque o professor sabia pomerano e, às vezes, falava no dialeto. De acordo com as entrevistas apenas um professor dos depoentes sabia falar pomerano. A depoente menciona que o seu professor não era eficiente, não ensinava muito bem, especialmente na disciplina de matemática. Ele valorizava mais a leitura e a religião. Ela acredita que ele não gostava muito de sua profissão, porque, na verdade, ele tinha a formação de pastor e, por um período, não pode exercer esta profissão por questões morais. A entrevistada ressalta que, nesta comunidade, além do professor havia um pastor, Augusto Drews. A depoente menciona que o pastor era um homem correto e um ótimo pregador. Apesar de a depoente não acreditar na eficiência do professor, ela ainda mantém livros de leitura e cartilhas, relatando que estes livros de história em gótico eram contados aos netos oralmente traduzindo para o pomerano. O material encontrado na casa da depoente

foi proveitoso na pesquisa, uma vez que é raro encontrar estes livros publicados pelo Sínodo de Missouri, na sua respectiva editora.

Por fim, a última depoente foi a Dona Elisa Scheutzel, ela estudou em Solidez no interior de Canguçu. Seu professor era Roberto Wille. A entrevista foi na sua casa e precisou de um intérprete já que a depoente fala somente pomerano. A depoente guarda boas lembranças da escola, relata que tinha muita facilidade em aprender, gostava do ambiente escolar. Seu professor era rígido e cobrava muito dos alunos. Dava uma grande ênfase à religião e, até hoje, ela sabe muitas passagens da Bíblia. Ela lê em alemão a Bíblia e as revistas da igreja.

5.3.2 Língua como categoria conceitual na pesquisa

5.3.2.1 Uso da língua na escola e no cotidiano

Analisei esta cultura escolar pomerana delimitando os depoentes como aqueles que ainda tinham estudado em língua alemã clássica, ou seja, antes do período de nacionalização de ensino. Optei por esta delimitação, porque considero que a língua alemã foi um determinante forte na implantação do projeto do Sínodo de Missouri, assim como no projeto de imigração alemã em geral, no que tange à alfabetização. Isto quer dizer que a literatura impressa, religiosa ou não, era em língua alemã, diferente dos dialetos utilizados pelos imigrantes.

Nesse sentido, percebi que estes sujeitos falavam uma língua na sua vida cotidiana, no seu trabalho, no ambiente familiar. Era a primeira forma de comunicação. Em seguida precisavam aprender uma língua diferente na escola e na igreja que era o alemão, o chamado o “Hoch Deutsch”, quer dizer o alto alemão, o alemão que possuía gramática, escrita e leitura. E também seria necessário aprender algumas noções de português, especialmente utilizadas nas relações econômicas.

Em relação ao dialeto pomerano a diferença era ainda maior. Ele é bem distante do alemão chamado clássico, apresentando uma diferenciação de pronúncia, oralidade e das formas gramaticais. Ainda é preciso ressaltar que os dialetos alemães, utilizados pelos imigrantes, não eram usados em língua escrita,

tendo desaparecido por muitos séculos na Europa o dialeto pomerano na forma escrita.⁴²

Os descendentes de pomeranos que na região meridional se estabeleceram precisavam aprender a língua alemã para poder entender a literatura circulante, especialmente a religiosa, bem como a Bíblia, o catecismo e os hinos utilizados na escola e na igreja.

Em relação ao Sínodo de Missouri a preocupação era maior. Quando esta instituição estabeleceu-se nesta região, a maioria dos pastores vindos dos Estados Unidos, se não todos, não dominavam o dialeto pomerano. Eles pregavam em comunidades onde os mais velhos sabiam a língua alemã, e às crianças e aos jovens era preciso oferecer uma escolarização na língua germânica. Nos primeiros relatos do pastor Broders é mencionado o uso da língua pomerana nas suas viagens de sondagem na região sul:

Sábado de manhã, as 8 horas estamos prontos para a viagem, vamos a galope, sempre adiante, cuidando com o arroio que está sempre cheio no inverno, arroio que faz a divisa entre Pelotas e São Lourenço. Passamos sem nenhuma dificuldade. Estamos na terra dos pomeranos. Nesta terra a língua portuguesa ainda não havia entrado. O pomerano permanece com a sua língua mãe. Tudo é alemão. Os colonos bem dotados, das casas bonitas, dos galpões enormes, do gado bem alimentado, de pastagens fartas anunciam que há uma boa situação por aqui, a qual a gente não encontra facilmente no sul do Brasil. [...] (DER LUTHERANER, 25/06/1901, ANO 57, nº 13, p. 196)

Percebemos o destaque para a língua pomerana. O relato mostra a prosperidade neste grupo. Nesse sentido, precisamos relativizar esta afirmação, porque Broders tinha interesse em apontar a região como próspera em alguns relatos e em outros aponta as dificuldades financeiras do Brasil, a fim de receber recursos da missão. Em relação ao uso da língua, o autor destaca que há pomeranos e “tudo é alemão”. Inferimos que muitos colonos já tinham contato com a língua alemã, seja com vizinhos de procedência alemã, seja através da leitura e da religião. Ainda é ressaltada a valorização deste grupo em preservar a língua de origem e ser resistente ao português.

Nesse sentido, os discursos produzidos pela escola e igreja foram legitimados com o aprendizado da língua alemã. Esta legitimação do uso da língua alemã e pomerana continuou permeando as relações dos sujeitos na escola e na igreja até a época da nacionalização do ensino. Os depoentes da pesquisa têm esta

⁴² Segundo estudos de Giancarla Salamoni (1986) o pomerano mantinha a língua escrita até o século XV.

relação com as línguas, alemão e pomerano, de forma marcante e presente no seu cotidiano.

Parece contraditório, mas os pomeranos, muitas vezes, usavam a língua alemã para se alfabetizar, legitimando-a nas relações escolares e religiosas, mas mantinham uma resistência no uso desta língua nas relações domésticas. Segundo um dos depoimentos é visível a separação do uso da língua em determinados lugares. Ao perguntar para uma das depoentes se eles falavam alemão em casa, ela menciona:

Sim, e pomerano também. Na venda do meu pai, quando eu trabalhava lá ai gente ganhava xingada se falasse em alemão legítimo. Chegou um pomerano e nos xingava, aquele que falava Hoch Deutsch. Depois da xingada mamãe ficou quieta. Eu perguntei para mamãe. Por que ele está me xingando? Ela disse: Não dá importância. A gente ficou com muita raiva dele. Ele pensava que a gente queria ser mais falando o Hoch Deutsch. Alguns colegas não falavam alemão em casa. Na minha casa era normal falar o Deutsch, os meus colegas tinham que aprender no colégio a ler e a falar o alto alemão. (Depoimento Irene Perleberg)

Fica evidente a separação do uso da língua, principalmente entre famílias pomeranas. A depoente coloca que na sua casa era falado alemão legítimo, porque a sua família tinha influência de outras etnias, diferente da pomerana. Então acontecia um certo choque com o uso da língua no grupo. É possível deduzir que no comércio, “na venda” sendo a família da depoente formada por comerciantes, era preciso respeitar a condição da maioria do grupo. Para ela, como aluna, provavelmente era mais fácil a escola, pela própria vivência familiar, mas ela aponta as dificuldades de muitos colegas no aprendizado.

É nítida a separação do uso da língua e sobretudo a utilidade delas. O papel da escola era instruir na língua alemã, já que a religiosidade passaria pelo seu uso. Assim, a utilização de formas lingüísticas é perpassado por discursos que precisam ser legitimados, neste caso, a educação escolar e religiosa contribuiu muito para esta legitimidade. Em se tratando do Sínodo de Missouri foi mais enfática que as outras organizações, no sentido de possibilitar uma maior comunicação entre a linguagem do Sínodo e o grupo pomerano. Conforme Bourdieu (1996b), para se obter esta legitimidade são necessários alguns critérios que:

Conforme se pode constatar, todos os esforços para encontrar na lógica propriamente lingüística das diferentes formas de argumentação, de retórica e de estilística, o princípio de eficácia simbólica, estão condenados ao fracasso quando não logram estabelecer relações entre as propriedades do

discurso, as propriedades daqueles que o pronuncia e as propriedades da instituição que o autoriza a pronunciar-lo. [...] (BOURDIEU, 1996b, p. 89)

O que queremos evidenciar é serem usados discursos produzidos pela língua considerada legítima para educar e falar, separando os usos da língua no contexto. Os discursos, quem se utiliza deles e quem os autoriza são relacionados entre si e produzem uma cultura escolar peculiar entre os pomeranos, em especial, naqueles inseridos no Sínodo de Missouri, já que esta instituição mantinha interesse numa educação doutrinária. A escola ensinava e valorizava uma comunicação numa língua que precisava ser inteligível na linguagem escrita, e sobretudo, religiosa. Aqueles que pronunciam, que aprendiam a língua alemã, usam-na em determinadas situações: na escola, na idade escolar, na igreja, ao longo da vida. A escola, tanto ligada ao Sínodo de Missouri, como as demais, precisava ensinar a língua germânica para todos se reconhecerem como fazendo parte de um grupo.

Daí a necessidade de colocarmos a língua como uma categoria central na análise da cultura escolar, delimitando o seu uso como forma de seleção dos depoentes na pesquisa. Os critérios para os depoentes foram, além do aprendizado da língua germânica na escolarização, o fato de terem freqüentado uma escola pomerana, sendo a maioria alunos de escolas ligadas ao Sínodo de Missouri. Entretanto, alguns entrevistados não faziam parte de igrejas sinodais: Sínodo de Missouri ou Sínodo Riograndense, mas eram de congregações independentes. Alguns dos depoentes tiveram como professores, alunos do Seminário Teológico em Bom Jesus. Alguns dos depoentes não falam atualmente o português, falam em pomerano e em alemão clássico. Este aprendizado da língua foi privilegiado nas entrevistas, era uma aprendizagem fundamental para a cultura escolar dos depoentes.

No início da escola eu não sabia nada em alemão, aí fui aprendendo aos poucos. Primeiro nós aprendemos a ler, depois começamos a entender. (Depoimento Flora Wendt)

Eu fui aprendendo alemão com o professor, ele explicava em alemão e sempre vai indo. Por causa da leitura, não havia livros em pomerano, era tudo em alemão. O pastor também falava. Eu aprendi todo o alfabeto (recitou o alfabeto em alemão- risos). Eles podiam demorar para aprender, mas depois pegavam. (Depoimento Irene Perleberg)

O uso da língua era ensinado de forma gradual e as crianças tinham que aprender. A língua alemã não era fora do contexto das crianças. Elas ouviam a língua nos cultos, alguns vizinhos falavam, alguém da família lia. A língua escrita era muito usada e visualizada pelas crianças antes mesmo da vida escolar. Claro, havia

muita dificuldade na aprendizagem, de acordo com os relatos vemos que era aprendido aos poucos, iam olhando, tentando entender os símbolos de uma leitura mecânica, como afirma Dona Flora e, depois, iam a incorporando na aprendizagem. Notamos que muitos professores precisavam forçar a leitura em alemão, pois muitos deles não sabiam comunicar-se em pomerano.

No contexto dessas comunidades há uma alternância do uso da língua pomerana e alemã. Todos aprendiam a língua alemã na escola. Mas alguns eram pomeranos e tinham contatos com a língua alemã antes da escolarização. O contato com a língua alemã podia ser através dos vizinhos.

Nós não falávamos em alemão, assim pomerano.[...] Eu tinha alguma noção do alemão naquele tempo do colégio, eu tinha vizinhos e amigos que falavam em alemão, então a gente já sabia um pouco de alemão. Aí no colégio não era difícil. 'Eu sabe tudo em alemão, falo tudo mas brasileiro eu não posso' (Depoimento Alzira Karnopp)

Ou através da própria família:

Minha mãe já sabia falar em alemão e as vezes conversava conosco, então quando eu entrei na escola, já entendia bem o alemão, mamãe falava conosco, ela veio da Alemanha, de uma região que se falava o 'Hoch Deutsch'. O meu pai que falava mais o pomerano, aí a minha mãe teve que aprender a falar os dois. (Depoimento Herdwig Mueller)

Na minha casa se falava os dois: alemão e pomerano. Os meus pais sabiam falar os dois. Eu não achei difícil aprender no colégio. O meu pai e a minha mãe só falavam em alemão. O pastor Augusto Drews parava lá e nós conversávamos em alemão ou pomerano. (Depoimento Alida Mueller)

É interessante notarmos que a diversidade e alteridade do uso das línguas era diversificado. Inferimos que as crianças não chegavam à escola despreparadas em relação à língua alemã. Nesta região não havia somente pomeranos, mas também pessoas de outras etnias germânicas que acabavam se comunicando. Mas o estudo aponta que a língua alemã, sem dúvida, fortaleceu-se através da escola e da igreja. Provavelmente os pais dos depoentes haviam sido educados em escolas étnicas. Neste espaço era legítima a aprendizagem da leitura para religião. Nos depoimentos fica constatado que o pomerano é usado nas relações domésticas e familiares. Às vezes, a situação se inverte, um exemplo disso é o de um depoente que falava o alemão e depois aprendeu pomerano com os amigos e vizinhos.

Eu aprendi a falar pomerano com colegas e vizinhos. Mas só na hora do recreio que a gente falava, no caminho para a escola. Na escola o primeiro professor não falava nada em pomerano, aí os meus colegas tinham mais dificuldade, mas eu os ajudava, e depois eles me ensinavam pomerano. (Depoimento Elfrida Lemke)

Há uma efetiva troca entre o grupo no aprendizado escolar e não escolar das línguas, as duas – pomerano e alemão – são consideradas legítimas. Entretanto, a língua portuguesa não era utilizada em nenhuma esfera pelos depoentes na época da escolarização.

5.3.2.2 Língua como pertencimento étnico

Ainda um outro fator foi considerado para ser usada a língua como uma categoria de análise principal. A língua alemã e o dialeto pomerano também possibilitariam um pertencimento étnico entre as comunidades, fortalecendo a religião e os costumes germânicos, determinando uma cultura escolar com algumas singularidades. Lúcio Kreutz (1998), defende a etnia como categoria de análise em história de educação, sendo reforçado por ele:

Tornar a etnia como categoria de análise em história da educação leva ao desafio da revisão de conceitos, da genealogia dos mesmos e dos prováveis enclausuramentos teóricos em determinado âmbito cultural. Pretende-se chegar a uma base, mesmo que provisória, que permita tornar mais transparente as múltiplas formas através das quais a dinâmica social é construída pelos diferentes grupos sociais e culturais. Neste sentido, a atenção para com o étnico poderá ajudar a detectar melhor a complexidade, através da qual o processo educacional e escolar foi se constituindo. Eleger a etnia como uma categoria de análise em história da educação significa, então, entender que o pertencimento étnico, enquanto uma singularização ou concreção do cultural numa especificidade própria, tem uma dimensão engendradora de articulação das potencialidades específicas de grupos no conjunto do processo histórico. (KREUTZ, 1998, p. 95)

O eixo principal é a etnia pomerana que, através dos seus costumes e tradições, conseguiu estabelecer-se como um grupo étnico de pertença, apesar de estar em contato com outros grupos étnicos germânicos. Neste pertencimento étnico a escolarização e a cultura escolar foram se desenvolvendo. O envolvimento com o Sínodo de Missouri, e até a aceitação dessa instituição passou por um processo em que o étnico é o ponto central. Apesar desse Sínodo estar localizado nos Estados Unidos, o que em alguns momentos foi motivo de desconfiança, eram os seus pastores e professores de descendência germânica e tinham como prova desta etnicidade o uso da língua alemã, tanto oral nos ritos religiosos e na escola, como escrito nos periódicos e literatura circulante. Justificavam-se assumindo uma escolarização doutrinária e pedagógica na língua germânica para se estabelecer como uma instituição religiosa. No primeiro periódico do Kirchenblatt, é destacada a

explicação sobre o que é o Sínodo de Missouri, apontando assim para as origens germânicas e o uso do alemão.

[...]o presente texto trata especificamente do que é o Sínodo de Missouri. Ele é o maior Sínodo Alemão da América do Norte, diferente de outros sínodos existentes lá, como o Sínodo da Reforma e o da União; todavia o Sínodo de Missouri não tem contato de nenhum tipo com esses outros. Existem sínodos luteranos de outras nacionalidades da América do Norte,[...]. Por ser um sínodo alemão, sua constituição diz que, durante as reuniões, somente a língua alemã é permitida. Com isso não se está dizendo que, se necessário, outras línguas não podem ser utilizadas pelos pastores em suas pregações.[...] (KIRCHENBLATT, 01/11/1903, Ano 1, nº 1, p.6)

Entendemos nesta explanação do periódico a imediata necessidade de explicar aos membros das recentes comunidades fundadas a procedência do Sínodo e a sua ligação com a língua alemã, preservam-se nos seus estatutos as reuniões e resoluções em alemão. Pela característica missionária do Sínodo, havia trabalhos dessa instituição em outras regiões em que a língua alemã não era conhecida, por isso é relatado, 'quando necessário' fazer o uso da língua local. Mas no Brasil, o Sínodo atuou nas comunidades de descendência germânica e este artigo reforça a sua ligação com a Alemanha para desfazer a desconfiança em relação a sua origem norte-americana. A língua alemã era tão valorizada nas primeiras comunidades que os periódicos produzidos para as primeiras comunidades eram em alemão na escrita gótica.

Para tanto, o Sínodo manteve a intenção de usar a língua germânica para aproveitar este sentido de pertença que essas comunidades tinham em relação ao uso da escrita e os ritos religiosos.

Nessa visão, do étnico como categoria da pesquisa, tendo a língua como principal sentido de pertença a este étnico e ao processo de escolarização é o que justifica a entrevista de depoentes que freqüentaram a escola no período anterior à proibição da língua germânica na escola.

Nos relatos percebemos que a língua alemã era utilizada para o aprendizado da leitura, da Bíblia, dos cânticos. Os primeiros pastores e professores do Sínodo de Missouri raramente falavam o dialeto pomerano, pois a maioria foi enviada dos Estados Unidos ou de regiões do Brasil que não falavam pomerano. Alguns pastores e professores das outras denominações religiosas, em sua maioria, vieram da Alemanha e eles ministravam a aula em alemão e os ritos da igreja como os cultos, ensino da doutrina, o cantar dos hinos na língua alemã. Um dos depoentes assim

relata o início de sua vida escolar com apenas um ano de formação em alemão, já que logo em seguida foi proibida a língua na escola. Ele começa a relatar a sua idade e a língua utilizada:

Ah! Eu tinha 8 anos. No primeiro ano de aula eu tinha no início 7 anos, depois eu completei 8 anos durante o ano em agosto, em janeiro comecei a aula, aí nós estudamos alemão, estudamos português, a gramática, uma pequena parte em português, mas o mais era em alemão. E, então em 39 inicia a guerra, então iniciou aquela perseguição com quem falava em alemão. Nós que só sabíamos alemão mudar tudo para o português, mas a história bíblica e de catecismo era em alemão, a confirmação era em alemão. (Depoimento Arnaldo Ramson)

Este depoimento demonstra que a língua era importante para a comunidade, especialmente para a vivência cristã, tão enfatizada pelo Sínodo de Missouri. Apesar de o depoente ter freqüentado às aulas apenas um ano em alemão, ele demonstra entender a Bíblia nesta língua e diz que gostava muito das cerimônias religiosas na língua germânica. Ao indagar sobre o entendimento do pastor sobre o dialeto pomerano o mesmo depoente relata que o seu pastor ficou na localidade até 1962, ou seja, mais de 20 anos, nunca o viu falando pomerano. Apenas disse que os filhos do pastor, que nasceram na localidade, aprenderam o dialeto pomerano com os seus colegas e amigos. Inferimos, pois, que este pastor, também professor, não dominava o dialeto pomerano e, se o entendia, fazia questão de utilizar a língua germânica porque era a forma usada e valorizada nos ritos religiosos.

5.4 A organização escolar das comunidades

Há necessidade de entender que estas escolas eram formadas ao lado das igrejas, e, portanto, eram vistas como escolas paroquiais. As escolas eram organizadas de forma multisseriada, e meninos e meninas as freqüentavam juntos. Na maioria das vezes, como se constatou nos depoimentos e nas atas, o pastor da comunidade era, ao mesmo tempo, professor.

As escolas ficavam dentro das comunidades. Pelo que pesquisamos nos periódicos, atas e depoimentos, as turmas eram compostas de 20 a 40 alunos, e todos freqüentavam juntos as aulas. As lembranças dos entrevistados, muitas vezes, divagavam para o trajeto para a escola, as dificuldades e o divertimento que faziam.

A minha escola era dois quilômetros mais ou menos distante da minha casa. Aquilo a gente fazia inverno ou verão. No inverno nós usávamos um 'schalapa', uma tamanca, sapato não se conhecia. (Depoimento Arnaldo Ramson)

Geralmente a escola ficava distante da casa dos alunos. Os depoentes relatam a dificuldade em caminhar e como faziam isto com prazer, porque, para as comunidades, a educação era valorizada, assim como o trabalho. Não importava a forma como se vestiam e sim a conduta que tinham.

Hoje é tudo mais fácil. Quando nós íamos à aula era tão longe, caminhávamos para aula mais de uma hora, agora todo mundo vai de ônibus. Quando estava chovendo nós não podíamos ir. Se nós tivéssemos pegado chuva na ida à escola, tínhamos que ficar molhados. Era mais de três quilômetros. (Depoimento Alzira Karnopp)

O trajeto é lembrado com saudades por muitos dos entrevistados. No caminho para escola eles conversavam, faziam amizades e aconteciam alguns desentendimentos. Conversavam no dialeto pomerano, trocavam alguns conhecimentos da escola. Daí a importância na organização escolar das comunidades, nas quais o convívio e a socialização das crianças poderia dar-se de forma eficiente.

Estas escolas funcionavam em forma comunitária, ou seja, a comunidade sustentava a estrutura física e mantinham o professor da escola. O prédio, por exemplo, era muitas vezes o mesmo local do templo. As escolas fundadas anteriormente da instalação do Sínodo de Missouri estavam organizadas desta maneira. O Sínodo, apesar de algumas diferenças de organização, num primeiro momento adaptou-se a esta organização.

Nas primeiras atas da comunidade de São Pedro, a ênfase dada à escola era acentuada. A comunidade foi fundada em 1900, em 1902 já foi fixado o valor da mensalidade escolar para não membros que era de 1 S 500 por mês, ou seja, os membros não pagavam a mensalidade, ou pagavam uma taxa menor, sendo esta um das vantagens de pertencer à comunidade. (Ata Comunidade de São Pedro 13/04/1902).

Em algumas atas da comunidade de São Pedro, em anos posteriores, aparecem as decisões em relação a taxas por parte de membros ou de não membros, ou também discussões sobre o pagamento de pessoas que possuíam muitos filhos, ou isenção para viúvas que não tinham condição de sustento. As atas colocavam nas suas resoluções:

Que a viúva Ebeling seja perdoado o pagamento da mensalidade escolar (Ata da Comunidade de São Pedro, 13/04/1902)

Que o Sr Baumbach seja permitido, de pela metade da sua contribuição à Comunidade enviar seus filhos à escola. (Ata da Comunidade de São Pedro, 06/07/1902)

Que a Sra Frederico Heidmann pode mandar seus filhos sem pagamento à escola, enquanto seu marido não estiver em casa (Ata da Comunidade de São Pedro , 05/10/1902)

Foi resolvido que cada criança pague 500 réis mensalmente, como mensalidade escolar e não membros paguem 1 S 500 por mês. (Ata da Comunidade de São Pedro, 01 /01/ 1906)

Notamos que a ligação entre a escola e a igreja é importante, porque logo no início da formação das comunidades o ensino doutrinário e pedagógico é ressaltado e sua suplementação implica questões econômicas e culturais para a implementação. Nas primeiras atas a mensalidade escolar era a taxa a ser paga, relativa inclusive à taxa da igreja. Como é apresentada em resoluções:

Os meninos devem ir à escola dos 7 aos 12 anos ; meninas dos 7 aos 13 anos, quem não mandar seus filhos à escola é obrigado a pagar.

Cada membro é obrigado a pagar de três em três meses (um quarto de ano), pontualmente uma mensalidade escolar; em caso contrário, o referido não pagador deve manifestar-se ou ele deixa de ser membro desta Comunidade. Antes que um membro seja excluído, o caso deve ser entregue ao Sr. Pastor Brandt, para que possa falar com a pessoa em questão.

Membros que não têm crianças em idade escolar pagam 3 S 000 por um quarto de ano (de 3 em 3 meses) para a escola; a quota relativa ao pagamento como membro fica a critério pessoal. (Ata Comunidade de São Pedro, 1/04/1906)

O projeto escolar dentro da comunidade religiosa era marcante, a orientação e a obrigação de os pais enviarem os filhos à escola eram quase obrigatórias, com sanções econômicas e morais, caso não concordassem. Podemos inferir que, no início da missão do Sínodo, não era possível cobrar das comunidades o pagamento da igreja, já que era praxe utilizar o pagamento da escola nas comunidades independentes. Daí a importância destacada de estudar a escola inserida nesta comunidade do Missouri para entender as práticas destes alunos e professores. Em relação às taxas podemos ver claramente nos livros caixa da comunidade que as contribuições para a igreja e escola começam em 1904 de modo conjunto. Os membros pagavam em quatro parcelas a igreja e a escola, por isso havia alguns membros que não contribuía, provavelmente porque não tinham filhos, ou estavam em dificuldades. Este modelo de contribuição aparece até o segundo trimestre de 1906. Neste ano, as contribuições dos últimos três trimestres começam ser diferenciados para escola e para igreja, apesar de a taxa da contribuição escolar no geral ser maior. Inferimos que, talvez, a maioria dos membros tivesse filhos, então, talvez contribuíssem mais na escola do que na igreja. (Anexo I- tabelas de pagamento das escolas)

Infelizmente, nos relatos orais, não podemos precisar a quantia que era paga à escola e à igreja. Mas os entrevistados afirmam que eram pagas taxas para a igreja e a para a escola. Sendo que, em algumas comunidades, havia um professor e um pastor exercendo de forma separada as suas funções. Em outras, como é o caso de Santa Coleta, as depoentes relatam que o professor era o pastor Hirschmann, acumulando as duas funções.

O Sínodo tinha um projeto que precisou se adaptar à realidade local e precisava de mais apoio financeiro da comissão de missão. No início as comunidades estavam acostumadas a pagar somente a escola, mas, depois de alguns anos, as pessoas já estavam mais preparadas para aceitar a orientação sinodal de ter mais autonomia financeira na parte religiosa.

Esta integração entre igreja e escola continuou durante os anos em que foi permitido às igrejas manterem suas escolas com autonomia. Na década de 20 nas atas da comunidade de São Pedro surgem comentários sobre os conflitos do pagamento e da permanência das crianças na escola e na igreja. há um relato interessante sobre um conflito entre um dos membros com a igreja.

Ainda, aliás, foi perguntado por que motivo o Sr. Loffhagen foi admoestado. Foi respondido em virtude de embriagar-se. Em seguida relatou o Sr. Reinaldo Gowert: O Sr. Loffhagen dissera a ele, que tanto fazia ser aceito ou não, que ele queria apenas que a sua família gozasse os direitos da igreja. (Queria dizer com isso: freqüentar igreja e escola e poder cooperar no pagamento do ordenado do pastor). (Ata Comunidade de São Pedro, 27/03/1927)

Aparece uma questão interessante. Um dos membros não estava se adequando às condições morais da comunidade, mas sabia da necessidade da escola para seus filhos, e via que um dos direitos de ser membro era o de os filhos terem acesso à educação. Não importava se ele fosse aceito como membro, gostaria apenas de continuar usufruindo os benefícios da igreja. A comunidade decide:

A um cristão não pode ser indiferente em pertencer ou não a uma comunidade ortodoxa, em ser ou não ser novamente membro em uma comunidade assim[...] se ele pediu só para a sua família o direito na igreja, para que a mesma tenha direito de freqüentar igreja e escola como membros iguais aos outros, ou pede para a sua pessoa. Se for o primeiro caso (para a família, então não há necessidade de mais tratativas. Se for o segundo caso (referente a sua pessoa), que ele então novamente se apresente. (Ata Comunidade de São Pedro, 27/03/1927)

Nesta ata não fica claro se o caso é resolvido, mas a comunidade tenta pressionar um dos membros, chamando-o para a sua responsabilidade. Era preciso convencer o membro da importância da doutrina. Podemos supor que havia freqüentemente estes conflitos nas comunidades. Muitas pessoas estavam acostumadas a pertencer a uma comunidade somente para ter a escola e não assumir de fato os compromissos doutrinários. Por isso, que percebemos a necessidade do Sínodo em oferecer uma educação voltada para a religiosidade doutrinária e um controle da conduta de seus membros.

Observamos nos relatos das atas da congregação que a educação era muito importante para a comunidade e, ainda, valorizada pelo Sínodo. Na verdade, o Sínodo não trouxe novidade nas escolas paroquiais. Elas já existiam neste contexto, mas apresentavam formas diferenciadas e criticadas pelo Sínodo, como, por

exemplo, pertencer a uma congregação sem conhecimento doutrinário ou nenhuma responsabilidade na conduta pessoal. Era preciso fornecer uma formação cristã e doutrinária aos seus alunos, para se diferenciarem dos professores de conduta duvidosa e professores sem formação.

O Sínodo, ao se instalar no Brasil, na comunidade de São Pedro, realizou uma festa de Natal como forma de diferenciação das outras denominações religiosas, a qual envolvia as crianças e poderia conquistar mais adeptos para a escolarização e a educação. Esta festividade é relatada numa carta endereçada ao Der Lutheraner, para a comissão de missão pelo pastor Broders, datada de 27/12/1900, ele conta a inovação da comemoração natalina. Inicia relatando a organização da festa.

No mês de novembro a citada congregação(São Pedro) reuniu-se numa reunião de diretoria geral e decidiu-se que haveria um culto infantil dentro dos princípios luteranos, lembrando o Natal, no qual as crianças com as suas respostas, com seu canto de Natal, mediante a apresentação de poesias natalinas, trariam o aprendizado nas aulas. É grande o número de pequeninos: 72. Destes 72, 32 freqüentam regularmente a escola.[...] (DER LUTHERANER, 05/03/1901, ANO 57, Nº 5, p. 69)

O que nos chama atenção é a realização de um culto infantil dentro dos princípios luteranos. Podemos supor que o trabalho da escola havia sido frutífero, já que muitas crianças participaram desta festividade. Era uma oportunidade de demonstração do trabalho escolar para toda a comunidade e de mostrar o diferencial que o Sínodo queria ressaltar. Na continuação da carta do pastor, publicada no periódico a forma de comemoração é colocada como uma inovação.

Finalmente a noite santa veio com toda a sua alegria que tinha se irradiado. As crianças na escola estavam preparadas sob a minha orientação e precisavam se reunir com lamparinas coloridas entre os arbustos em fila e em forma logo que começaram a cantar hinos de louvor: 'Eu venho desde os altos céus'. Entraram na igreja lotada. Uma tal surpresa não era esperada pelos membros da congregação, os cânticos sagrados continuavam igreja adentro. Onde acomodar todo este pessoal para tomar parte desta festa? Aproximadamente 250 estavam ali reunidos. Em cima das perguntas que eram feitas as crianças elas testemunhavam as coisas de Deus. Pelas respostas das crianças, corações frios foram aquecidos, tanto desconsolado consolado, quantas almas preocupadas nesta viagem da vida fortalecidas. Após as perguntas para as crianças veio uma mensagem em forma de conversa para os pequenos. (DER LUTHERANER, 05/03/1901, Ano 57, nº 5, p. 69)

O projeto estava lançado, preparar as comunidades na educação das crianças. O relato é contado como uma comemoração diferente do que os membros estavam acostumados. É reforçado que era preciso investir na escola cristã para

sensibilizar os adultos. Claro que precisamos problematizar as fontes. Esta carta enviada à comissão de missão poderia conter elementos de exaltação do sucesso da festividade. O pastor estava muito entusiasmado com o êxito das crianças, a fim de convencer a comissão de missão a enviar mais auxílio financeiro e humano, mas podemos pensar até que ponto a comunidade foi atingida.

Entretanto, é relevante notarmos que no primeiro ano do Sínodo as crianças tinham uma escola regular. O evento de Natal apresenta elementos novos, segundo Broders, como uso da música, cantos, apresentações teatrais, mensagem didática direcionada à fase infantil. Todos estes elementos prepararam as crianças a participar do programa de Natal, costume presente até hoje do Sínodo de Missouri, e lembrado por alguns depoentes.

Sempre no final do ano, nós nos preparávamos para a festa de Natal. Era muito lindo, os cantos, os versos religiosos. O pastor Hirschmann tinha um violino e sempre ensaiava conosco. (Depoimento Flora Wendt)
Eu gostava muito da época de Natal, a gente cantava, se reunia, enfeitava a igreja. Começava a ensaiar os hinos de Natal na escola. (Depoimento Alida Mueller)

Essa prática das festas de Natal fizeram parte por muito tempo da cultura escolar das comunidades. Serviu ao projeto do Sínodo com eficácia, porque se poderia agregar uma educação doutrinária, integrando as crianças e a família.

Nas atas e nos livros caixa de São Pedro são mencionados os gastos com as festas de Natal, como enfeites, presentes para as crianças, não só no início da instalação do Sínodo, mas até nos dias atuais.

5. 5 A figura do professor e pastor nas comunidades

Nos depoimentos é ressaltada a conduta do pastor e professor na comunidade. Ele não era somente um guia espiritual, mas deveria servir de exemplo na sua profissão. A sua família também é lembrada nos depoimentos, muitas vezes os seus filhos eram colegas dos depoentes, os quais relatam que a rigidez e a cobrança da moral com os filhos dos professores e pastores por parte desses educadores e religiosos era maior do que com os demais alunos.

Ao mesmo tempo em que aparecem nos relatos também é reafirmada nas atas e nos impressos a importância da figura do professor como aquele que iria ser competente e sério nos ensinamentos, bem como um espelho de conduta para a comunidade.

Parece central a figura do professor em relação a comunidades inseridas no Sínodo, mais ainda, porque é dada uma relevância forte à formação acadêmica e religiosa deste formador. Como já foi apontado o signo distintivo ficaria na formação do professor. Nos relatos uma questão aparece de forma muito interessante. Alguns dos depoentes foram entrevistados mesmo não fazendo parte da igreja do Sínodo de Missouri na época de sua escolarização, eram ligados a igrejas independentes. Entretanto, atualmente, pertencem a igrejas sinodais: IELB ou IECLB.

Os confrontos entre as instituições confessionais e as independentes aconteciam de forma freqüente, mas as escolas ligadas a comunidades independentes eram representadas nos relatos dos depoentes por professores extremamente competentes: eram oriundos da Alemanha e possuíam uma formação acadêmica sólida e também um comportamento moral exemplar. (Depoimento D. Elfrida Lemke) Entretanto, nas comunidades independentes não aparece regularidade na permanência destes professores que acabavam por não dar continuidade ao seu trabalho e, muitas vezes, eram substituídos por outros que não tinham tanta competência.

Nesse sentido, os professores e pastores do Sínodo de Missouri apresentavam uma uniformidade na formação, visualizando uma maior continuidade no trabalho, tanto é que inferimos que o signo distintivo nos professores das escolas independentes não apareceria de forma tão acentuada em pastores que tivessem uma formação específica ou uma conduta moral inabalável. Em dois relatos esta questão é destacada:

Eu comecei a estudar com um pastor que veio da Alemanha e ele era arquiteto...[...] ele era tão capaz que ele próprio desenhava os mapas e colocava os rios, cidades, lugares e localização no quadro, depois no último ano ele foi embora e o pastor que o substituiu não era formado já não era tão competente. (Depoimento Elfrida Lemke)

A comunidade era de Missouri tinha um pastor que era Missouri mesmo pastor, era um solteirão,...] Depois a comunidade se desentendeu com o Missouri, aí o pastor ficou pouco tempo, veio outro que era da Alemanha e era professor, este ensinou muitas coisas, tinha até uma máquina fotográfica e nós tiramos uma foto da escola com os alunos. (Depoimento Irene Perleberg)

Observamos que os conflitos entre o Sínodo e as igrejas independentes aconteciam, muitas vezes, pela excessiva preocupação com a 'verdadeira doutrina luterana' e com a rigidez dos professores e pastores desta instituição.

Nós preferimos ir na igreja livre porque o Missouri tinha o professor Emílio Wille, que fez muita confusão por aqui, o pastor era o Hirschmann. Meu pai, depois ficou amigo do velho Erbert, mas não passou para a igreja, mas se

dava bem com ele, trocavam até livros e revistas para ler. (Depoimento Elfrida Lemke)

Estes pastores e professores mencionados fizeram parte da primeira turma do seminário em Bom Jesus, que depois concluíram seus estudos para se formarem pastores e professores. Nas comunidades da região sul, atenderam por muito tempo. A sua formação foi baseada em ensinamentos que exigiam uma conduta moral firme e uma formação específica para escola. Os conflitos aconteciam, mas é interessante notar que, nos relatos, os depoentes que optam por permanecer na igreja independente são os que possuem um professor e, ao mesmo tempo, pastor com uma formação superior, ou seja, professores eram oriundos da Alemanha, falavam alemão. Quando os relatos apontam a mudança para um professor e guia espiritual pomerano, por exemplo, o ensino não permanece com a mesma qualidade.

Poderíamos pensar que a regularidade de um trabalho na escola era fundamental. Muitas vezes, as comunidades independentes não conseguiam manter estas pessoas, que iam embora, e precisavam ser substituídas por outros não tão competentes. O que percebemos para o Sínodo ser mais fácil porque fazia parte de uma organização mais sistêmica e hierárquica. Mas, na sua constituição, nas primeiras décadas de sua instalação, também apresentava dificuldades em conseguir pessoal preparado. Um dos textos do Kirchenblatt é apresentado com a seguinte nota:

Triunfo no Arroio Grande

Essa nossa congregação encontra-se em grande alegria; o encarecido pedido por um candidato a magistério, feito junto ao Seminário, foi atendido na pessoa do estudante Wilhelm Doege. Ele deve assumir a liderança de nossa escola congregacional até o sínodo providenciar um pastor para a referida congregação. Já estava mais que na hora de nossa escola em Triunfo ser colocada sob a direção e cuidado de um homem confiável, fato abordado pelo próprio professor em seu discurso de posse; as antigas mudanças de professores impediram um prosseguimento consistente na escola. [...] (KIRCHENBLATT, 15/10/1909, Ano 6, nº 20, p 156-157)

No próprio Sínodo de Missouri aconteciam muitas mudanças, especialmente pela falta de recursos humanos para atender às comunidades. As mudanças de outros professores são apontadas pelo fracasso da escola, ou também por uma orientação de pessoas competentes essencialmente em “homens confiáveis”, podemos pensar em profissionais que teriam sua conduta formada pelo Sínodo e orientada por ele. O projeto do Missouri parecia apostar nesta formação e contar

com o Seminário para formar jovens que atendessem às comunidades. Mas, no relato do Kirchenblatt, o jovem professor ainda precisava do apoio de outros pastores e professores que já haviam se estabelecido na região sul. Por isso, as comunidades reunidas facilmente em redes e interligadas entre si numa estrutura sinodal possibilitavam maior facilidade nas comunidades. Como reforça a continuidade do relato:

Somos muito gratos à Comissão de Missão do Distrito Brasileiro que, reconhecendo a real necessidade da comunidade, providenciou o envio de um dos estudantes do colégio de Porto Alegre. Após alguns dias de permanência em Pelotas, nosso jovem pastor foi buscado por um de nossos membros, sendo trazido em uma carroça[...] A pedido de nosso jovem amigo, a ida a Bom Jesus foi feita ainda naquela noite, em quatro horas de cavalgada sob a lua cheia [...]. Com renovado ânimo, a cavalgada foi retomada em direção à casa pastoral de Bom Jesus. Para nossa alegria, o Sr. Doege permaneceu alguns dias entre nós; usou o tempo para acompanhar algumas aulas da escola e para conversar com o pastor sobre aspectos da escola a ser assumida em breve.[...] (KIRCHENBLATT, 15/10/1909, Ano 6, nº 20, p 156-157)

A sondagem do local era importante, especialmente com auxílio de outros pastores e professores já instalados. O professor que iria iniciar nas comunidades conversava com os professores experientes de localidades próximas, assistia às aulas para saber da melhor metodologia para conquistar os alunos e a comunidade. A continuação do relato revela aspectos do início da escola e do pedido de ajuda dos pais para fortalecê-la, enfatizando aspectos que dificultariam a continuidade do projeto escolar.

Na segunda-feira, dia 27 de setembro, iniciaram-se as aulas, com a presença de seis crianças. O motivo de tão baixo número de crianças se deve provavelmente ao fato de que a notícia da chegada do professor ainda não chegara aos membros residentes distantes da escola, bem como a chuva que caiu nos dias anteriores. Em todo o caso, o número de alunos deve subir em breve para 20 25 crianças. Ficou acertado que o professor fará, a cada quatro semanas, uma reunião de leitura na igreja de Triunfo. [...] Que Deus, em sua fidelidade, dê ao professor em seu belo encargo paciência, sabedoria e amor, abençoando ricamente seu trabalho. [...] Que também os queridos pais não deixem de auxiliar na educação de seus filhos, mas se façam presentes ao lado do professor nessa missão divinamente aprovada. Também não posso deixar de agradecer a Deus pelo Seminário em Porto Alegre. Através desse nosso Instituto foi possível sanar uma necessidade verdadeiramente premente de uma de nossas congregações; isso os cristãos de Triunfo devem reconhecer agradecidamente.[...] (KIRCHENBLATT, 15/10/1909, Ano 6, nº 20, p 156-157)

O relato é revelador no sentido de perceber que esta comunidade apresentava algumas dificuldades, talvez por não ter tido um professor regularmente, a escola começa pequena, mas apostavam que deveria aumentar o

número de alunos. A figura do professor é destacada no sentido de que ele deve ser abnegado no seu trabalho e influenciar a comunidade na vida espiritual, fazendo o seu papel de pastor. Neste papel seria mais fácil convencer os pais da importância da educação escolar e religiosa. A notícia do Kirchenblatt faz um apelo veemente ao apoio dos pais para auxiliarem, provavelmente, no auxílio financeiro e na conservação de seus filhos na escola. O projeto do Missouri estava colocado em pedir ajuda ao Seminário, este possibilitava a formação de jovens para novamente auxiliar as comunidades e consolidar uma educação voltada para a religião. O Seminário é valorizado por ser uma instituição que buscava apoiar as comunidades através dos pastores e professores.

Por outro lado, alguns depoimentos revelam dificuldades nas comunidades em aceitar o Sínodo, percebemos também no Kirchenblatt o começo difícil da escola, apresentando a comunidade, por vezes, resistência em querer aceitar uma instituição sinodal. Muitas vezes, as comunidades acabavam aceitando por falta de opção, quando encontravam uma pessoa igualmente preparada não participavam mais do Sínodo, talvez por divergirem fortemente do modo de conduta que o Sínodo tentava impor às comunidades. O controle do modo de conduta é facilmente visualizado no regramento moral, nas esferas do lazer e na participação da vida social que as comunidades mantinham. A título de exemplo, temos um relato muito interessante no Kirchenblatt sobre uma festa de casamento e a prática da dança.

São Pedro

Como os leitores devem saber, existe em nossa região um pensamento imoral profundamente enraizado, que é a idéia de que não existe verdadeira celebração de casamento sem baile. O baile, assim se acredita, é o que caracteriza o casamento como tal. A dança, porém, como já comprovado anteriormente pelo Kirchenblatt, pertence aos prazeres mundanos.[...] Pode, porém, alguém, em nome de Jesus, dançar como o mundo dança?[...] (KIRCHENBLATT, 15/10/1909, Ano 6, nº 20, p 156-157)

Nesse sentido, a regulação moral poderia ter originado alguns conflitos entre as comunidades do Sínodo. O costume do casamento com dança era arraigado nas comunidades pomeranas, não seria tão fácil aceitar outra orientação sem divergências. A escola, não raras vezes, contribuía para este controle, cabendo à educação religiosa e formal modelar o pensamento das comunidades em uma desvinculação entre a vivência da igreja e do mundo. Ora, nem sempre teria sido tão facilmente aceito, já que fora colocada no impresso esta nota para chamar atenção

de outras pessoas sobre a prática da dança, geralmente, usada em festas de casamento.

Percebemos pelos relatos que o professor era quase sempre muito rígido, tanto no ensino, quanto no cotidiano social da comunidade. Nos depoimentos muitas vezes é mencionada a disciplina e a rigidez do professor com os alunos. A maioria dos professores utilizava castigos físicos nas aulas para punir o não aprendizado e o mau comportamento dos alunos. Era aceitável para a comunidade o professor utilizar as punições físicas para educar os alunos, da mesma forma que os pais também o faziam na educação de seus filhos.

O pastor que era o professor era muito, muito bravo. Ele castigava as crianças e deixava as marcas de tanto laço que dava. O dia que ele entrava com o casaco branco, com os beijos meio caído, nem sei... (Depoimento Arnold Ramson)

Sim, sim, eles eram muito rígidos. Esses alemães eram furiosos, batiam de vara de marmelo as vezes chicoteavam... (Depoimento Irene Perleberg)

O professor era bem duro, mas não batia muito. Uma vez eu levei uma batida de um livro na cabeça por não saber a letra certa, fiquei envergonhada. Não se podia conversar em aula, já era repreendido. (Depoimento Elfrida Lemke)

O pastor Hirschmann brigava por quase tudo, quando a gente cochichava, ele já ficava bravo e batia com a vara. (Depoimento Flora Wendt)

Quando ele olhava por cima dos óculos e branqueava os olhos a gente já sabia que ele estava furioso, os pequenos tinham que se cuidar. (Depoimento Hedwig Mueller)

É possível perceber como a rigidez e os castigos físicos estão presentes na memória dos depoentes. As vezes estes castigos eram físicos, mas também podiam ser de ordem verbal e moral, ao condenar o erro de um aluno ou o seu não aprendizado. Parece evidente que a educação precisava estar centrada na disciplina, como uma extensão da educação da família. Se houvesse reclamações das crianças aos pais a família iria defender o professor. (Depoimento Flora Wendt).

Nesse sentido, os relatos acima reforçam o papel do professor, que era, ao mesmo tempo pastor, como um formador da personalidade das crianças e buscava controlá-las no ensino e no cotidiano. Em relação ao Sínodo, este procedimento seria fundamental para fortalecer um campo religioso a partir da educação. Não se está querendo dizer que nas organizações independentes era diferente, tanto que, a contrapomos depoentes que tiveram sua educação nas igrejas independentes, mas aí a preocupação estava na rigidez e no controle quase exclusivamente para a eficiência do ensino ou dependeria das atitudes de um professor com uma formação mais especializada.

Os depoentes defendem até hoje os castigos corporais, não recriando os pastores ou professores.

Quando meus colegas não faziam o que o professor queria, eram castigados com a vara e deixava as crianças sem Fruetueck. Naquele tempo não era assim, se não fazia o que ele mandava ele apertava, e tem que ser assim. Agora, as crianças não se endireitam mais na escola. (Depoimento Alida Mueller)

Num dos relatos, a depoente parece agradecer pela rigidez.

Eu me lembro numa festa de Pátria, saímos da escola e tínhamos que marchar e cantar os hinos pátrios em alemão, isto era muito bom, a gente adorava. O pastor Hirschmann tocava violino, e uma vez eu estava com vergonha de cantar e não abria a boca direito para fazer a técnica de canto, aí ele colocou a vara do violino dentro da minha boca. Eu nunca mais esqueci a forma de cantar, mas eu adoro cantar até hoje, não tenho vergonha, cantei até pouco tempo no coral da igreja. (Depoimento D. Flora Wendt)

Esta relação com a disciplina e conduta enfrentada na escola continuou presente nas vidas das pessoas. Os depoimentos mostram que a rigidez produziu um efeito positivo, a aprendizagem do canto, e como D. Alida relata, notamos que ela não aceita o comportamento atual das crianças na escola, tendo aquele como modelo. Os entrevistados preocupam-se com a educação tanto da escola como da família dizendo que é muito “frouxa”, afirmavam que as crianças não têm disciplina, ou, ainda, eles comentam que a educação deveria ser como naquele tempo, como se buscassem resgatar um valor perdido. Nestas recordações os sujeitos enxergam seus valores de educação. É possível visualizar a cultura escolar produzida neles e por eles.

Esses dados são apresentados por crermos que é interessante observar como as práticas são construídas pelas vivências dos depoentes. Não queremos defender nenhuma posição contrária ou a favor dos castigos corporais. Mas sim entender como os depoentes legitimam os castigos corporais e verbais do professor, até o elogiam por isto, e lembram e como isto marcou a sua aprendizagem já que os castigos corporais eram um modelo construído e legitimado pelo grupo social naquela época e espaço.

Acreditamos que a formação da maioria dos pastores passava por estes princípios de rigidez e ordem. Eles deveriam especializar-se nos ensinamentos religiosos e clássicos e, ao mesmo tempo, serem exemplos de conduta e firmeza a fim de poder cobrar um comportamento desejável dos seus alunos.

Os castigos foram marcantes na memória dos depoentes, alguns relatos são detalhados na forma como as crianças eram disciplinadas.

Uma vez o pastor Hirschmann estava explicando com um mapa, ele botava o mapa na frente dele e via as cidades, os lugares. Eu não estava olhando e me virei para trás, aí já apanhei. Ele dava por qualquer coisa, sempre tinha a vara para qualquer coisa que os alunos faziam, se as crianças olhavam para trás, ele nem dizia nada, já batia. Ele tinha um outro tipo de castigo uma cadeira que as crianças tinham que se deitar em cima de bruços e pegava uma vara e batia tanto que voava os pedaços da vara por todos os lados. (Depoimento Flora Wendt)

Visualizamos, assim, que havia uma necessidade do controle corporal das crianças na vida escolar. A forma de sentar, não olhar para trás era necessário controlar os mínimos detalhes. Os castigos eram aplicados também quando as crianças não aprendiam. Era um método considerado eficaz para garantir o aprendizado.

O professor tinha uma vara desta grossura assim, ele chicoteava e dava. Por qualquer motivo ele castigava, por não aprender a lição, aquele que ele castigava e não aprendia e aí a coisa era feia. (Depoimento Arnaldo Ramson)

O meu professor era tão bravo, ele sempre tinha duas varas para nos castigar. Principalmente os guris apanhavam, as gurias quase nunca, eram mais quietas. Os guris o pastor Hirschmann pegava-os no colo ou numa mesa e batia neles com a vara de marmelo. (risos) (Depoimento Herdwig Mueller)

O professor Emílio Wille era meu professor. Ele ensinava do jeito que ele queria e tinha que aprender. Ele tinha uma vara no colégio, todo mundo tinha medo e ele apontava e se os colegas não se comportavam, assim ele dava. (Depoimento D. Alida Mueller)

O uso da vara aparece muito nos depoimentos. O professor se valia deste recurso para impor sua autoridade. Sabemos que a maioria das escolas neste período apresentavam estas características de disciplinamento e controle. Contudo, o professor deveria ser uma pessoa preparada para ser autoritário e, nas escolas ligadas ao Missouri, mostrar competência.

Nem sempre o professor era tão rígido, mas se utilizava do subterfúgio da vara como um símbolo de respeito, mesmo que não a aplicasse. Um dos relatos mostra de maneira interessante esta questão.

O meu professor não era bravo, ele não podia fazer nada, ele era muito bondoso. Naquele tempo tinha a vara na aula, as vezes ele estava bravo e batia com a vara no banco assim (mostra) mas ele não fazia nada a ninguém. O nome dele já dizia 'Liebe' então ele não fazia nada. (Depoimento Alzira Karnopp)

Mesmo o professor não agredindo os seus alunos, “porque ele era muito bom”, ele reservava a vara para mostrar às crianças um símbolo de disciplina considerado legítimo. O sobrenome dele em alemão quer dizer amor, e é fácil imaginar para uma pessoa não tão autoritária, as contradições a enfrentar, mas as relações de disciplina ficavam legitimadas com o uso dos castigos e ameaças, pela própria pressão da comunidade que almejava uma educação rígida na escola como em casa.

Os castigos corporais, a forma do uso da autoridade de pastores e professores não era uma prática pouco conhecida. Pela historiografia da educação notamos que, naquele período, o modelo de educação estava legitimado por estas práticas. Havia uma necessidade de controle para as crianças aprenderem. Este era um método eficaz, causava medos e dificuldades na aprendizagem e ainda as relações das crianças com os adultos era mais formal. Entretanto, os depoentes acabam concordando com estas práticas, porque legitimaram a forma de autoridade do professor, muitas vezes também pastor.

5.6 Currículo das escolas pomeranas.

Durante as entrevistas visualizamos de maneira sutil o currículo que estes sujeitos tinham na sua escolarização. Nos depoimentos não há uma linearidade na memória em relação ao que era ensinado na escola, os entrevistados iam-se lembrando na medida que iam-se recordando das práticas escolares. Estas práticas constavam das amizades, das relações com os colegas, e assim ia aparecendo o que era ensinado. Os dados orais foram extremamente relevantes, pois não se encontramos outra fonte escrita sobre os currículos destas escolas no período.

De acordo com os relatos dos depoentes as aulas aconteciam todos os dias pela manhã, e eram complementados na tarde com ensino confirmatório. Nos relatos aparece claramente que no início da aula era feita uma oração e, logo em seguida, continuavam ouvindo histórias bíblicas, que eram contos da Bíblia em forma de história ilustrada ou aprendiam os hinos religiosos. Através da religiosidade as práticas de leitura eram enfatizadas na aprendizagem dos alunos. Esta metodologia aparece em quase todos os relatos e seguiu até depois da nacionalização. Mas os conhecimentos clássicos também eram valorizados e transmitidos aos alunos.

As aulas eram... Não tinha boletim, não tinha por exemplo provas, nada, nada. O que a gente aprendia, se lia, se escrevia era ditado, gramática, ciências, geografia, matemática, tudo o que pertence naquele tempo para terminar a quinta série, nada de boletim, nada de prova, por exemplo a gente só entrou em algum estudo científico que não era do curso primário né, mas numa salada de frutas que a gente não tem prova, não se lembrava que a gente estudou, mas a gente ia até aos 14 anos. [...]isto se estudava de tudo entrava nas ciências da terra, na atmosfera, (pausa) Galileu, Galilei, a gente estudava de tudo, e foi bastante, bastante (não achava a palavra) aproveitável. (Depoimento Arnaldo Ramson, 76 anos)

Diante do relato percebemos que os conhecimentos clássicos tinham grande importância para os alunos. O depoente menciona alguns conteúdos e assuntos que ficaram marcantes na memória. Apesar de não termos uma avaliação formal com boletins e provas, as crianças aprendiam conhecimentos gerais que lhes possibilitavam algumas noções de mundo e da natureza. É claro que estes conhecimentos previam uma certa relação e subordinação aos preceitos da ordem religiosa do Sínodo.

Apesar de não haver uma avaliação formal e documental, havia uma avaliação comunitária, reforçando o sentimento de pertença e o engajamento entre escola, igreja e vida social comunitária. Como relata uma das depoentes:

Nós tínhamos provas, mas não boletim, só no final de cada ano, ou etapa, se fazia uma reunião com os pais para eles assistirem uma aula em forma de sabatina. Nós repetíamos nossos conhecimentos de história bíblica, matemática, gramática alemã e outros, assim os pais também revisavam o que tinham aprendido. (Depoimento Elfrida Lemke).

Esta prática é ressaltada no Kirchenblatt, em que é colocado:

Talvez interesse aos queridos leitores do "Kirchenblatt" saber como andam as congregações da região de São Lourenço:
Na sexta-feira anterior ao Domingo de Ramos foi realizada uma avaliação em nossa escola congregacional. Muitos pais e amigos de alunos se fizeram presentes. A avaliação foi realizada entre as 09h30min e as 12h30min, abordando todas as matérias ensinadas em nossas escolas. Os adultos presentes se interessaram pelo desenrolar da avaliação e puderam se convencer que as escolas ensinaram com diligência. (KIRCHENBLATT, 15/05/1908, Ano 5, nº 10, p 76)

Esta prática é interessante porque os pais podiam fiscalizar o ensino dos professores, e ainda valorizar a escola a partir da eficiência da instituição. Chama atenção que o sentimento comunitário era reforçado na escola, onde naquele momento de avaliação era compartilhado por todos. No relato da fonte é ressaltada a importância de a escola cumprir seu papel de formação estendida a toda comunidade. Esta prática de avaliação que integrava escola, igreja e família faz parte de um vínculo comunitário forte que estes grupos estabeleciam entre si. A

avaliação a que as crianças respondem oralmente também era realizada no ensino confirmatório na igreja.

Mas a organização curricular do Sínodo de Missouri manteve-se na aplicação dos conhecimentos básicos, privilegiando a religião no currículo escolar.

5.6.1 A religião no currículo

A religião ocupava o lugar central da escola no projeto do Sínodo de Missouri, como igualmente nas escolas independentes. Nos relatos os depoentes comentam que as aulas de religião aconteciam todos os dias, como sendo a primeira matéria do dia, usando catecismo, histórias bíblicas e hinos tanto em cancionários como em recitações.

Tinha bastante história bíblica, todos os dias iniciava-se com a história bíblica e com uma oração aí era meia hora de catecismo e de história bíblica, todas as manhãs, aí nós tínhamos leitura e depois gramática e aritmética, e geografia [...] (Entrevista Arnoldo Ramson)

Observamos que a religião vinha em primeiro plano. As histórias bíblicas eram histórias resumidas da Bíblia, escritas numa linguagem mais acessível. Muitas destas histórias eram escritas em livros e eram ilustradas. O uso do catecismo também era freqüente, mesmo as crianças tendo as aulas de ensino confirmatório fora do horário de aula, na escola era dada muita importância para este estudo. Muitos professores usavam a história bíblica para treinar a leitura.

A primeira aula era sempre religião (uma hora mais ou menos), depois tinha matemática, eu acho, depois as outras disciplinas, iam vindo: português, história. A história bíblica o professor dizia para em casa lermos e depois ele fazia perguntas da história da Bíblia. (Depoimento Elfrida Lemke)

Nesse relato é reforçado que o aprendizado da religião vinha em primeiro lugar, mesmo para um pastor da igreja independente. As práticas das escolas étnicas eram similares, porque a religião e a escola eram estreitamente relacionadas. Mas uma depoente que foi educada pelo Sínodo de Missouri comenta que também havia esta prática.

Tínhamos muita religião na escola, nós líamos a Bíblia, as vezes tínhamos que copiar algum versículo, ler as histórias bíblicas e depois contar. A gente contava para o professor o que tinha lido. Naquele tempo tinha bastante religião na escola. (Depoimento Herdwig Mueller)

Outro relato de uma aluna menciona como o aprendizado da Bíblia era valorizado, porque esta prática permanece nas suas lembranças.

Ele sempre dava muita religião. Ele ensinou muito a Bíblia como ele está dividida em duas partes, tudo em alemão, os profetas da Bíblia, aí eu digo assim (Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel, Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias). Ele ensinou o Marthin Luthers Catecismo, a história de Moisés. Agora ainda tem estudo bíblico em grupo e ainda me lembrava de Abraão, Isaac, eu me lembrava ainda os filhos de Jacó: Rubem, Simeão, Levi, Judá, Aser, Naftali, Josep e Benjamim, assim está logo no início da Bíblia. Isto eu nunca esqueci e foi muita explicação. (Entrevista Irene Perleberg)

De fato, o maior tempo era destinado à religião, seja aos estudos da Bíblia, do catecismo, ou, à preocupação em entender as partes da Bíblia. A religião deveria preparar as crianças a serem bons cristãos, mas também inserir um *habitus* desejável nas práticas de conhecimento e manuseio bíblico.

Uma outra forma de privilegiar a religião no currículo era o uso da música nas aulas. Como se pode observar nas escolas étnicas, especialmente naquelas ligadas ao Missouri o incentivo à música religiosa era muito forte.

Sempre tinha muita aula de religião, a primeira coisa que aprendíamos na aula era as histórias da Bíblia, o catecismo de Martinho Lutero, os cantos luteranos, o professor fazia nós cantar muito, ele ensinava com violino. (Depoimento Flora Wendt)

A necessidade de ensinar o canto às crianças e aos jovens era evidente, até como um signo distintivo. As crianças acabavam motivando-se com os cantos religiosos e, assim, participando da igreja.

Desde a constituição do Sínodo de Missouri a música religiosa sempre teve um destaque especial. As crianças eram ensinadas a cantar, praticavam a leitura e depois se apresentavam em várias festividades. Desde o início do trabalho do Sínodo a música em eventos religiosos era divulgada nas escolas. A música era usada nas festas de Natal pelas crianças da escola.

São Pedro (município de Pelotas) 15 de janeiro de 1904. Nossa primeira Igreja Luterana do Brasil, como nos outros anos, começou sua festa de natal de maneira bem festiva. Na escola os preparativos foram para a festa de Advento; as queridas crianças bateram palmas de alegria quando o professor falou: 'Agora vamos ensaiar bem animados algumas belas músicas para a festa de Natal'. Depois disso, qualquer pessoa que passasse pela nossa pequenina escola escutaria já de longe a alegre música e a cantoria. O pastor acompanhou os ensaios dos alunos com seu trompete, o que muito alegrou as crianças; elas aprenderam facilmente muitas das belas músicas natalinas, e até em várias vozes. [...] (KIRCHENBLATT, 01/02/1904, Ano 1, nº 7 p. 52)

O envolvimento da escola numa festa religiosa também fazia parte da cultura escolar dessas comunidades. O pastor aproveitava a escola para realizar uma atividade considerada prazerosa e divertida, sem descuidar da religião. Também era

uma forma de os pais aprovarem o trabalho da escola. Nesse sentido, o professor e o pastor tinham que ter conhecimento musical. Daí a preocupação do currículo dos seminários do Missouri, tanto dos Estados Unidos como no Brasil, privilegiar o aprendizado do canto ou de algum instrumento de música.

Além dos festejos do Natal, também as crianças cantavam em inaugurações de novas igrejas. Em 1908 foi construída uma nova igreja em São Pedro. A narrativa menciona a alegria dos fiéis na inauguração da bela igreja.

[...]Seguiu-se a procissão até a nova igreja, com a comissão à frente, seguida pelo professor e seus alunos, a seguir os pregadores e finalmente os demais convidados. O coro de trombones, que já se encontrava no novo local, nos deu boas-vindas.[...] A festa foi embelezada pela participação do Coral de Vozes da igreja local, bem como pelo Coral das crianças coordenado pelo eficiente Sr. Professor Gustav Hennenberg [...](KIRCHENBLATT, 01/08/1908, Ano 5, nº 14, p. 116)

Naquele período se tinha formado um coro de trombones de adultos, este já era um costume da região. Mas a importância da escola foi destacada com as crianças na comissão de frente e o com o coro das crianças que era ensaiado na escola.

Há relatos do uso da música por alunos em festas de casamento.

São Pedro Município de Pelotas: No Domingo, dia 9 de outubro Deus nos presenteou com uma bela festa. O Pastor Schultz foi unido em matrimônio à sua jovem esposa.[...] Nosso professor de Santa Eulália, presente e acompanhado pelo seu consorte, acompanhou o harmônio os hinos entoados pela igreja e as músicas dos seus alunos. As músicas muito contribuíram para o embelezamento da cerimônia [...](KIRCHENBLATT, 01/08/1908, Ano 1, nº 27, p.211)

Diante disto, ressaltamos que a música ocupava uma posição privilegiada no currículo das escolas. Também a música era utilizada em momentos fúnebres.

Santa Colleta-[...] Aqui infelizmente a morte entrou em nossa escola, levando uma ovelha do rebanho de Cristo consigo. Em 11 de setembro de 1908 faleceu Otto August Ferdinan Zietzke, filho de Karl Zietske e sua esposa Elisabeth.[...]Debaixo da direção do querido professor E. Hirschmann, os alunos tomaram a dianteira, entoando cânticos de consolo.[...] (KIRCHENBLATT, 15/03/1909, Ano 6, nº 6, p. 44)

Na pesquisa colocamos o uso da música religiosa porque acreditamos ser um elemento marcante na religiosidade. A educação musical nessas escolas foi um elemento agregador entre escola e religião. Com esta prática era possível integrar as crianças da escola na participação de eventos da igreja como festejos, casamentos e funerais. Esta estratégia do Sínodo permaneceu nas escolas por muito tempo. Os

próprios depoentes confirmam uso de cânticos, que, depois, em sua fase adulta, também continuaram a utilizá-los nos cultos.

Em todos os depoimentos aparece a importância da religião, especialmente da doutrina e das histórias bíblicas, que eram contadas alternadas em Antigo e Novo Testamento. Comprovamos nos livros de história bíblica que essa era narrada em forma lúdica para as crianças aprenderem e eram cobradas algumas partes decoradas. Este método mostra-se eficaz porque a maioria dos depoentes sabem a Bíblia em forma cronológica, os nomes dos profetas, as tribos de Jacó e outros conhecimentos. Este conhecimento bíblico e também do catecismo era valorizado na escola pomerana. As explicações que eram dadas com perguntas e respostas. Um dos depoentes relata que todos os seus irmãos usaram o mesmo catecismo (Depoimento Arnoldo Ramson), outra entrevistada menciona que não tinha catecismo por isso escrevia em um caderno as perguntas e respostas de Martinho Lutero (Depoimento Elfrida Lemke).

Aconteciam alguns conflitos nestas comunidades, pois muitos não estavam acostumados a entender uma comunidade luterana ortodoxa. É interessante notar como em desentendimentos na igreja a escola também era atingida, em especial no ensino religioso. Em 1925 na comunidade de São Pedro houve uma cisão, com muitos problemas entre os membros. O relato é longo e justifica vários motivos para a separação da comunidade, ou seja alguns membros se afastaram fundando sua própria comunidade. Muitos foram os motivos apontados, inclusive a questão escolar em relação à religião no currículo, aqui exposta.

Um desses argumentos era: A escola não presta[...] A escola não presta porque é dado demais ensino religioso. Mas se semanalmente cinco aulas de religião são demais, isso então demonstra claramente, quanto de religião a pessoa conhece e o que ela representa. É flagrante mentira, quando se diz que o ensino religioso é o que impede o homem de ter conhecimentos gerais e cultura, isso cada cristão sincero e sério sabe que conhece os versículos: Jó 28:28 Eis que o temor do Senhor é sabedoria; Salmos 111.10: O temor do Senhor é o princípio da sabedoria; Provérbios 9.10. (Ata comunidade de São Pedro- relatório anual de 1925)

Vemos o quanto a forma da religião no currículo do Missouri causava polêmicas nos conflitos entre o Sínodo e os seus opositores, que anteriormente faziam parte da mesma comunidade. Inferimos que a queixa do excesso de religião fosse uma desculpa para não continuar pagando a instituição, pois as outras comunidades livres e com do Sínodo Riograndense também privilegiavam no currículo o ensino religioso. Mas, provavelmente, o descontentamento era o ensino

da ortodoxia luterana e todas as práticas que a envolviam, como o ensino do catecismo, o conto das histórias bíblicas, os cantos para os festejos de natal e outras comemorações, as quais não deixavam tempo para outros conhecimentos, que envolvessem as crianças em outras atividades. Isto também poderia acarretar uma diminuição da permanência das crianças em casa, e a conseqüente ausência delas.

O Sínodo exorta para a necessidade da religião na vida das pessoas, mesmo nos conhecimentos seculares, justificando-a nos textos bíblicos. E mais adiante, no relato, reforça que:

E além disso é uma crassa mentira, que em virtude do ensino religiosos as matérias elementares (gerais) em nossa escola tenham sido descuidadas, prova o fato, que crianças que precisamente não são pouco inteligentes, mas que regularmente freqüentam a escola, tanto em religião como também nas matérias elementares, foram de 10 a 20 vezes melhor no estudo, do que outras, que em grande parte dos dias letivos perderam as aulas, motivo pelo qual nada estudavam, mas que agora queixavam-se da ruindade da escola. (Ata comunidade de São Pedro relatório anual de 1925)

De acordo com a posição do Sínodo, o fracasso das crianças não estava na educação dada por ele, mas a culpa ficava nos pais que impediam seus filhos de freqüentarem a escola. Na ata, o relato é contundente do envio das crianças à escola, podendo ser comprovada no livro de registros a ausência dos filhos dos opositores. O Sínodo, neste relato, defende o professor, reforçando que os opositores não deixaram seus filhos irem à escola, porque precisavam das crianças no trabalho da lavoura ou doméstico, querendo obter lucros pessoais. “Pois o trabalho em casa era preferido à ida para a escola. Enquanto se seguravam os filhos em casa, para gozar de vantagens momentâneas e lucro, advindo deles, foram-lhes roubadas vantagens espirituais.”(Ata Comunidade São Pedro- Relatório Anual de 1925)

Notamos claramente que o Sínodo tinha um projeto no qual o ensino da religião deveria ocupar uma posição privilegiada e justificavam-no para se ter de fato uma igreja luterana verdadeira.

Da mesma forma, os depoimentos comprovaram esta idéia, mesmo as depoentes da igreja independente tinham a religião destacada, porque conviviam lado a lado com a instituição do Missouri. Entretanto, em um dos depoimentos da entrevistada pertencente à Igreja do Sínodo Riograndense aparece uma diferenciação em relação ao ensino religioso.

Religião tinha. O colégio funcionava numa igreja. Mas aulas de religião, cantos, histórias bíblicas a gente não fazia, só as vezes, Sábado fim de

semana, nós tínhamos estas coisas de religião quando o pastor vinha. Porque o professor não era o pastor. As aulas mesmo eram mais de leitura, se lia bastante e um pouco de matemática. (Depoimento Alzira Karnopp)

Fica evidente que não podemos generalizar a partir de um depoimento a diferença do trato com o ensino religioso na instituição. Mas é clara a idéia de que houve uma diferença num mesmo período de uma instituição sinodal. Nas aulas da entrevistada, orientadas pelo Sínodo Riograndense, o professor ocupava-se de leituras, que eram religiosas, provavelmente, mas não com uma ênfase na doutrina religiosa. Este papel deveria ocorrer com o pastor que era itinerante, ou seja, não residia na comunidade, vinha esporadicamente fazer um trabalho religioso.

Não queremos negar a importância da religião nos depoimentos. Ela aparece e é lembrada na memória de todos os entrevistados e sempre justificada no uso da leitura e compreensão da Bíblia ou do catecismo, ou no uso ainda dos cânticos da igreja, nos estudos bíblicos e nos cultos.

Nos periódicos e nas atas há uma nítida expressão do ensino religioso nas escolas. Não só de maneira direta, como no ensino na escola, mas também nas festividades, nos cantos, sendo usado de maneira lúdica para ensinar as crianças e jovens e conduzi-los na doutrina que o Sínodo pretendia expandir.

5.6.2 Práticas de leitura e escrita

Além de o currículo privilegiar a religião nas escolas comunitárias, em especial nas ligadas ao Sínodo, as práticas de leitura e escrita eram evidentes.

Os depoimentos confirmam a necessidade de se aprender a ler, assim como revela o material didático encontrado.

Nós aprendemos a ler e depois começamos a entender. (Depoimento D. Flora Wendt)

Era importante ler a Bíblia e o catecismo. (Depoimento Arnoldo Ramson)

Eu consigo ainda ler, se eu pego a Bíblia (mostra a Bíblia em gótico). Aqui na igreja Bom Pastor, na cidade, aqui tem nas quartas feiras com o pastor sempre junto estudos em alemão. (Depoimento Alzira Karnopp)

Nós tínhamos bastante leitura, era mais leitura e escrita. (Depoimento Alida Mueller)

Nesses relatos orais percebemos a necessidade da leitura, muitas vezes, como já foi exposto, em detrimento da religião. Os modos de leitura e as práticas de leitura não são universais, elas estão inseridas em determinados contextos e relacionadas a alguns interesses. Nessa perspectiva da leitura, a pesquisa utilizou-se dos estudos de Roger Chartier em que aborda a constituição da leitura nos seus

diferentes modos de usar e de apreensão. O autor afirma que a leitura é uma prática cultural e produtora de sentidos.

Assim, é vão tentar identificar a cultura popular a partir da distribuição que se supõe específica de certos objetos ou modelos culturais. Tanto quanto a sua divisão, sempre mais complexa que parece, importa, com efeito, sua apropriação pelos grupos ou indivíduos. [...] Em toda a sociedade, as formas de apropriação dos textos, dos códigos, dos modelos partilhados são tão, se não mais distintas que as práticas próprias a cada grupo social. [...] (CHARTIER, 2003, p. 153)

Nesse sentido, podemos notar que a leitura de determinado grupo influencia e direciona determinadas práticas que distinguem o grupo e vice-versa. É necessário não entender somente como as práticas de leitura e escrita estavam presentes, mas como o grupo social se apropriou delas. Nos depoimentos percebemos a maneira que os entrevistados comentaram o uso da leitura. Relataram as dificuldades encontradas em ler uma língua diferente e a maioria comentou ter dificuldades de apreender este conteúdo, mas ainda se utilizar desta prática no cotidiano, através da leitura da Bíblia e de revistas da igreja.

As práticas de leitura também precisam ser entendidas a partir do fomento desta nas instituições. No caso da pesquisa buscamos compreender a escolarização na leitura, uma escolarização secular e religiosa, mantendo influência e exortação na doutrina luterana. Mas, de acordo, com a metodologia de Chartier, é possível deduzir que nem sempre o modelo que se pretende instaurar é apreendido. São inevitáveis modificações nos hábitos de leitura e de escrita, mesmo em instituições tradicionais como a igreja e a escola. O texto a ser lido, provavelmente será uma representação do que será apropriado pelo grupo.

[...] Os textos não são depositados nos objectos, manuscritos ou impressos, que o suportam como em receptáculos, e não se inscrevem no leitor como o fariam em cera mole. Considerar a leitura como um acto concreto requer que qualquer processo de construção de sentido, logo de interpretação, seja encarado como estando situado no cruzamento entre, por um lado, leitores dotados de competências específicas, identificados pelas suas posições e disposições, caracterizados pela sua prática do ler e, por outro lado, textos cujo significado se encontra sempre dependente dos dispositivos discursivos e formais- chamemo-lhes 'tipográficos' no caso dos textos impressos- que são seus. (CHARTIER, s/d, p.25-26)

Na verdade, não se pode entender as práticas de leitura de um determinado grupo como algo abstrato e descolado das vivências reais. O que estava circunscrito para ser lido pelas crianças tinha planejamento e seqüência. As leituras eram escolhidas pela instituição que orientava a educação dos pomeranos. Poderia ser de livros didáticos produzidos no Brasil no início do Missouri, ou, ainda, livros

produzidos nos Estados Unidos. Em contrapartida, não podemos afirmar que as leituras, tanto as religiosas como as seculares, detinham um caráter neutro, elas criaram representações do aprendido, tanto na linguagem escrita diferente do dialeto que se falava como mensagem a qual se queria instituir. Essas leituras, apesar de estarem controladas por uma instituição, não foram apreendidas pelos leitores linearmente e sem interpretação.

No presente estudo visualizamos que as práticas de leitura eram, em geral, nos livros didáticos, mas também serviam para preparar as crianças a lerem outros periódicos e revistas, de preferência vinculados à igreja. Naquela realidade, poucos poderiam ter acesso a uma literatura mais universal.

Uma das depoentes relata que na sua casa havia muitos livros e seu pai gostava de lê-los. O cuidado e o controle com os livros que seriam lidos também era das famílias. Uma das depoentes afirma que o seu pai possuía uma infinidade de livros, e só deixava os filhos lê-los após ele ter lido. A depoente relata:

Na nossa casa tinha muitos livros, o meu pai assinava o Koseritszeitung e depois o Brasilianpost, quando o Koseritz fechou. O meu pai controlava a nossa leitura. Ele lia um livro e dizia este livro não é bom para o espírito, eu ficava curiosa, mas respeitava a vontade dele em não ler aquele livro. (Depoimento de Elfrida Lemke)

Torna-se evidente que em algumas famílias com acesso à cultura escrita esta preocupação na formação dos filhos era acentuada. Mas havia a questão moral do cuidado da escolha da leitura. Era preciso institucionalizar a leitura como sendo benéfica, porém com ressalvas.

Na obra de Chartier *A Aventura do Livro: do leitor ao navegador* conversações com Jean Lebrun, os autores nas suas questões levantam a problemática da autoridade da igreja e da escola em selecionar os livros.(Chartier, 1999). No contexto da pesquisa notamos que estas instituições igreja e escola eram as grandes balizadoras na escolha de literatura. Porém as representações da leitura nem sempre puderam ser controladas.

O Sínodo de Missouri, pela sua ortodoxia, mantém esta preocupação em limitar o uso dos livros. Enfatizavam que o livros deveriam servir para formar as crianças e a juventude em leitores de uma literatura específica de sua doutrina se não para os preceitos da fé luterana. Percebemos a partir de um relato do *Der Lutheraner* a preocupação dos livros utilizados na escola, tanto elementar como superior. O artigo começa com a seguinte questão:

Como envolve o caráter pernicioso dos inimigos dos livros religiosos?

Estes livros perniciosos são usados na escola livre e em especial na escola superior, como nas faculdades. A própria revista luterana com bastante exatidão e firmeza critica esta questão de usar estes livros na escola. Entretanto, estes livros populares estão cheios de idéias evolucionistas. Não somente os livros americanos de geografia, de ciências da terra, ciências das estrelas, dos estudos da natureza, da arte da botânica e da zoologia estão repletos destes vícios. **Até os livros didáticos para instruções regulares que a gente não pode impedir que sejam assim. Por exemplo, a história mundial e a história da literatura, também são voltados para a idolatria humana, que, por exemplo, se infunda nos livros didáticos de história e se espelha com facilidade que a gente nem pode imaginar que forma possuem. Esta resolução firme de anunciar que a natureza está acima do próprio Deus é total falta de sentido de religião verdadeira. Que se anuncia e se faz mostrar nestes livros didáticos, é um grande perigo para a juventude.** É uma verdade incontestável que ninguém poderá negar que através desta frouxidão de religião que perpassa por estes livros muita gente nem nota que os professores não são cristãos. Para aqueles adolescentes, meus irmãos que isto pode ser desnudado com falsas idéias e que isto poderá ser modificado na escola particular e na instrução de confirmandos. Após este modo cristão ser destronado e aquele fundamento da fé soterrado a ver este invento anti Cristo ser bem mais fácil nas Universidades os filhos e filhas de pais luteranos tem muita dificuldade de permanecer na fé bíblica neste momento. (DER LUTHERANER, 29/04/1902, Ano 58, nº 9, p. 133-134) grifos nossos

Apesar de não se encontrar com exatidão quais livros eram utilizados naquela época, observamos que a preocupação na escola era com idéias que condenavam os princípios da religião no que tange à criação do Universo, já que rechaça as teorias evolucionistas. O Sínodo reclama da falta de controle de uso desses livros na escola pública e chama atenção para a importância de uma escola confessional e de os professores e pastores terem uma orientação firme quanto a este propósito para a juventude e as crianças não se perderem nesses princípios. Uma das críticas enfáticas é a da natureza estar acima do próprio Deus, sendo inconcebível para esta instituição o uso de material que colocasse em dúvida a teoria da criação do mundo ou de idéias contra os princípios doutrinários difundidos.

O Sínodo tinha uma grande aversão às idéias liberais e positivistas veiculadas no Estado. Não aceitavam que a religiosidade e os ensinamentos da Bíblia ficassem em segundo plano. Parece que a maioria das escolas religiosas na imigração alemã gaúcha seguiu estes princípios: rechaçar os ideais republicanos e positivistas. Como é abordado nos estudos de Kreutz (1990):

A escola comunitária católica e evangélica surgiu, a partir do período republicano, muito mais em decorrência de uma oposição das Igrejas à escola pública. E aí registra-se um fato curioso: no Rio Grande do Sul, governo positivista e igrejas, católica e evangélica, opoñdo-se de forma frontal quanto ao direito de conduzir o processo educacional, conseguiram, no entanto, durante a Primeira República desenvolver ações de colaboração em relação ao processo escolar. Esta ocorria especialmente através de

subsídios do governo republicano às escolas comunitárias. Porém, as igrejas não abriam mão de manter a condução do processo educacional, impondo, inclusive, sanções aos pais que enviassem seus filhos à escola pública.(KREUTZ, 1990, p. 215)

Apesar de os estudos do autor citado estarem localizados em comunidades do Vale do Rio dos Sinos do estado do Rio Grande do Sul, algumas similitudes se encontram no caso do Missouri na inserção da realidade gaúcha. Não sabemos se havia subsídios do governo, as fontes não relatam esta questão, mas houve incentivo por parte das escolas religiosas na educação das crianças nas comunidades, alertando os pais no cuidado com a escola ligada a uma instituição religiosa, inclusive, na escolha das leituras das crianças e também dos adultos.

Nos relatos do *Der Lutheraner* há uma preocupação acentuada com a escolarização do Rio Grande do Sul. Nas primeiras sondagens do Sínodo na região, o Pastor Broders menciona somente duas escolas públicas mantidas em Pelotas e São Lourenço do Sul.

O Sínodo vê com preocupação este fato e chama à responsabilidade as comunidades para se organizarem. Para eles a educação deveria vir da igreja, para que o ensinamento religioso pudesse ser contemplado.(*Der Lutheraner*, 25/06/1901. Ano 57, nº 13, p. 196)

A preocupação continua ao longo dos anos com a leitura e , especialmente, com o tipo de leitura orientado pelo Sínodo para as pessoas.

Em cada família, onde tenha crianças não se deve faltar a parte espiritual e de fato, muito crescimento em fé e obras. Como poderemos esperar que as crianças alimentem o seu crescimento? É melhor, que ao invés de termos livros volumosos, investir no *Kirchenblatt* que é um órgão de formação e informação. Gostaríamos de aprimorar o *Kirchenblatt* e usá-lo em todo o trabalho da igreja que se diferenciam de outros jornais de igrejas que não trazem a mensagem deste maravilhoso e cristão jornal. (DER LUTHERANER, 29/12/1908, Ano 64, nº 26 p. 416)

A leitura do periódico citado, também deveria tornar-se uma prática rotineira na vida das comunidades ligadas ao Sínodo. Ele orientava com mensagens curtas que permitiam uma acessibilidade maior do colono e de seus filhos às práticas de leitura. É interessante notar que o Sínodo não exige da educação da maioria das crianças uma leitura aprofundada, deslegitimando os livros volumosos. Para eles era melhor que as crianças aprendessem a doutrina luterana e os modos de conduta que as comunidades tinham para melhor adequá-los na vida religiosa e no cotidiano. As leituras eram mais curtas, traziam novidades e informações de diferentes regiões

do estado. Os participantes das comunidades, a maioria dos assinantes poderiam orientar de maneira simples os princípios da educação cristã e luterana.

Essas orientações sem dúvida influenciaram o currículo das escolas nas práticas de leitura, já que as relações entre família, igreja e escola eram estreitas. Além da orientação das leituras de revistas, a preocupação era também em relação ao uso dos livros didáticos. Supomos que seriam importantes para o ensino. Os professores precisavam deste recurso para um ensino eficiente.

Em relação ao uso dos livros didáticos, alguns depoentes apenas mencionam que tinham livros de leitura para aprendizagem do alemão, outros comentam sobre livros de histórias bíblicas, de catecismo e ainda de livros de matemática.

Mas, desde a fundação do Sínodo, o pastor Broders, o primeiro missionário do Sínodo, relata a necessidade de livros na escola para o ensino. As dificuldades aumentavam sem o uso deste recurso didático.

Para as crianças eu explicava a história bíblica e cantava canções espirituais. Mas os livros faltam, por isso eu tenho que explicar tudo, escrever no quadro até eles decorarem. Eu ensaiei com freqüência os hinos de Natal.[...] Na história bíblica estamos contando a história do pequeno Moisés. A história do pequeno Jacó interessa as crianças. Em primeiro lugar preocupa-me que eles decorem o catecismo.[...] Alegro-me quantas sementinhas que através da escola eu tenho conseguido semear. As crianças são muito queridas, normalmente pergunto-lhes se elas contam as histórias bíblicas em casa. A prezada Comissão pode perceber que estou entrosado com as crianças e propagando com isto. Sim, especialmente queremos missionar na escola e fazer o principal: aumentar o número de membros. (DER LUTHERANER, 11/12/1900, Ano 56, nº 25, p. 390)

Logo enxergamos a leitura e a escrita do projeto do Sínodo numa metodologia inicial, por força da necessidade, em praticar a oralidade. O pastor usa o recurso oral porque não queria utilizar outro recurso didático que não fosse do Sínodo de Missouri. Aponta as histórias bíblicas como uma novidade. É visível que a igreja do Sínodo de Missouri solidificou-se com a escola, pelo menos nesta comunidade inicial. O pastor Broders relata à Comissão que a missão deveria começar com as crianças para aumentar os membros. A escola servia como meio de propaganda.

Por isso, logo em seguida, o pastor Broders relata a diferença nas aulas com o auxílio do material didático.

O catecismo do Dr. Schawns⁴³, Nova História Bíblica e o nosso hinário foram introduzidos na escola. Sem história bíblica e sem hinário, tudo fica faltando. Sem este material eu era obrigado a repetir palavra por palavra até o respectivo hino, até o respectivo verso até que eles memorizassem. Era uma preocupação e um trabalho difícil que eu tinha, mas, ao mesmo tempo, trouxe-me muita alegria que naturalmente trouxe para a comunidade também. Esta instrução auxiliou a comunidade a conquistar novos membros. (DER LUTHERANER, 05/03/1901, Ano 57,nº 5, p. 69)

De fato, no início por um curto período, o método para ensinar era o oral. As crianças precisavam ouvir as histórias, memorizar os ensinamentos. Perdiam muito tempo com as crianças. Não era difícil usar algum material didático nas escolas. O Sínodo já tinha escolas nos Estados Unidos, provavelmente era enviado material para o início das escolas. Uma das depoentes da pesquisa, D Elisa Scheutzel, possuía um livro de história bíblica, mas infelizmente, não consta a editora e a procedência. Ela estudou numa igreja do Missouri. O livro consta de histórias resumidas da Bíblia e gravuras ao lado.

Percebemos nas práticas da leitura da história bíblica uma atividade lúdica em que as crianças deveriam contar em casa ou se encantar pelo estudo da Bíblia mais tarde. Esta prática de leitura não ficava restrita somente à escola, mas se estendia aos familiares.

As vezes, por necessidade, no decorrer dos anos, o Sínodo teve que se adaptar com a adoção de material didático. Um exemplo disto aparece nas atas da comunidade de São Pedro com a adoção da “Orthoépia de Rotermund”, para introduzir a língua portuguesa, um dos primeiros momentos da fiscalização nacional nas escolas paroquiais. Além da adoção deste livro é colocada nas atas a compra de mapas e atlas em português para adequar às normas que o governo impunha às escolas. Nas atas aparece uma reunião extraordinária em 11 de novembro de 1917 sobre o problema do uso do alemão na escola:

Esta reunião foi convocada em virtude de nova lei referente à escola.

Foi resolvido:

- I- Com respeito às matérias da escola, fazer uso de mais da metade do período escolar com o ensino da língua portuguesa;
- II- Dar o ensino religioso em língua alemã, bem como ler, escrever e falar em alemão;
- III- De ainda não ter aulas na próxima semana, visto que os livros para as matérias em português ainda necessitarem ser adquiridos. (Ata Comunidade de São Pedro 11/11/1917)

⁴³ Este catecismo é o catecismo menor organizado por Martinho Lutero. No texto Broders faz alusão ao Dr. Schawn, sendo que ele não era autor do catecismo, apenas organizou para a editora nos Estados Unidos. O Dr. Schawn tinha sido um dos presidentes do Sínodo de Missouri.

Apesar de esta lei ser imposta à comunidade, através dos depoentes que freqüentaram a escola quase uma década depois, sabemos que não foi totalmente cumprida. A comunidade resolveu acatar certas medidas para satisfazer em parte as exigências. Mas não esqueceu a ênfase na língua alemã, em especial no campo religioso, tanto para justificar-se diante da legislação, pois era necessário envolver a comunidade nos cultos e nos ritos na língua germânica, quanto para continuar dando sentido de pertencimento étnico em relação à língua.

Uma das preocupações eminentes era a aquisição de livros que cumprissem este acato à lei. Os depoimentos comprovam a utilização deste tipo de livro, a Orthoépia, em que se relacionavam palavras em alemão e português com gravuras. (depoimento D. Flora Wendt)

As práticas de leitura eram associadas às práticas de escrita, já que aprendiam a escrever. A escrita era em alemão gótico, aprendiam a escrever em letra cursiva, isso é comprovado na escrita das atas das comunidades. O material usado para escrita era diferente. Não tinham muitos cadernos, a maioria dos depoimentos menciona que os livros eram de leitura e não podiam escrever neles, pois eram usados por toda a família, ou seja, passados de uma criança mais velha a uma mais jovem. Geralmente o aproveitamento dos livros dava-se entre irmãos. A maioria não tinha papel para escrever, alguns até usavam papel, mas era usado em pequena escala.

Os depoimentos apresentam com freqüência que o uso maior da escrita na escola era na tabuinha (Tafel), onde se escrevia com uma pedra e depois se apagava.

Nós não tínhamos muito caderno, era aquela lousa, caderno era só para copiar, o resto só se escrevia tudo a mão com aquela pena de ganso, (disse em pomerano) não sei como se diz em português. Faz tanto anos! Eu tinha uma lousa, mas eu não me lembro onde ficou...(Depoimento Arnaldo Ramson)

Este depoente é de um dos mais jovens, relata o uso de cadernos, mas seus relatos são similares aos demais.

No colégio nós tínhamos cadernos e Tafel (lousa). Nos cadernos a gente só escrevia de vez em quando com tinta e pena de ganso. Uma vez por semana era com tinta, senão era com aquela tabuinha que apagava e escrevia de novo. (Depoimento Irene Perleberg)

Eu não me lembro muito bem. Mais não tinha caderno, nós escrevíamos na tabuinha e depois apagávamos, não tinha caneta, nós tínhamos um pano e uma pedra que nós usávamos. (Depoimento Alzira Karnopp)

A gente escrevia, a gente tinha Tafel, era com uma pedra e podíamos apagar quando não estava certo. Caderno nós não tínhamos. Eu não tinha nenhum caderno. Nenhum papel. (Depoimento Alida Mueller)

Na realidade, o uso da escrita era mais na “tabuinha” As crianças tinham que treinar a escrita. O que elas deveriam saber estava nas leituras ou na memorização. A “tabuinha” servia para um treino para a escrita. A maioria das escolas rurais organizavam a escrita dessa forma.

5. 6.3 As disciplinas do ensino secular.

Outros conteúdos eram contemplados nas aulas das escolas pomeranas. Apesar de a religião ser destaque em qualidade e quantidade na maioria das escolas étnicas, a escolarização também contemplava outros conhecimentos.

Pela necessidade de trabalho e para ser usada na vida cotidiana a matemática era muito valorizada. A escola também precisava atender às necessidades cotidianas do grupo. O ensino da matemática era difundido, pois, a criança necessitava ter domínio desse conhecimento para poder usar no dia-a-dia.

Eles aprendiam as operações elementares. Uma das depoentes relata a facilidade que tem com as contas até hoje:

Na matemática eu aprendi muito bem, eu não preciso máquina para fazer contas. Tinha a tabuada, a tabuada, as contas, tinha outras aquele era mais difícil Brauchrechner (frações), medidas estas coisas. (Depoimento Irene Ledeburg,)

A gente aprendia as contas por decomposição e de cabeça, hoje eu me perco... (Depoimento Elfrida Lemke)

Esse conteúdo era apresentado em livros didáticos estudados pela D. Elfrida Lemke. Alguns livros de matemática usados eram produzidos por Rotermund, “Rechnenschule” e neles apareciam as contas de cálculo mental e os cálculos com problemas de acordo com o cotidiano dos alunos.

Os estudos de Rambo(1996) e Kreutz (1994a) apontam a organização curricular das escolas étnicas religiosas voltadas para o ensino da Realia, ou seja, o conhecimento deveria passar pela realidade do aluno. Neste sentido, observamos o uso da matemática como um conteúdo voltado para a vivência dos alunos. Aprendiam os conceitos elementares e práticos da matemática. Alguns depoentes não se lembram da matemática, ou falam de suas dificuldades de aprendizagem.

Tinha matemática, mas não como agora , era diferente, eu não me lembro muito bem. Eu naquele tempo, como vou dizer, ‘eu era meio bura na aula’. Não tinha as outras matérias, só matemática e leitura e escrita em alemão. (Depoimento Alzira Karnopp)

Outra depoente relata a diferença do ensino da matemática.

O que eu aprendi no colégio foi mais ler, escrever e matemática, leitura tudo em alemão (alles Deutsch oder alle Dietsch). Não é como agora a matemática que meus netos e bisnetos estão estudando agora. (Depoimento Herdwig Mueller)

O que fica subentendido é a mudança do currículo da matemática percebida pela depoente. Provavelmente, na sua época de escolarização aprendiam uma matemática voltada para a realidade, para os cálculos mentais, que as pessoas pudessem utilizar nas situações domésticas e no trabalho.

Além da matemática como conteúdo significativo, relatos orais e fontes escritas do Sínodo, trazem o registro do ensino da história e da geografia, utilizando mapas. Podemos notar uma forma de leitura diferente, na disciplina de história o conteúdo principal estava nos livros e, às vezes, escreviam na lousa. Na geografia a localização daria às crianças noções de espaço em relação ao mundo e à realidade em que viviam.

Na escola nós aprendíamos com os mapas e tínhamos que dizer o lugar certo que o professor apontava. (Depoimento Herdwig Mueller)
No início nós aprendemos mais história. Mas depois veio uns brasileiros e venderam uns mapas. Aí aprendemos geografia. (Depoimento Irene Perleberg)

Um dos depoimentos aponta o uso de livros em história e geografia no tempo de escola.

Era em história, eu até hoje me lembro de muitas coisas que eu aprendi, por exemplo, as capitais, os países, eu me lembro da América Latina, os Estados Unidos, a Itália, a França, tudo a gente aprendeu naquele tempo, o professor explicava. A gente aprendia História do Brasil, Ciências, tinha um livro de leitura assim chamado 'Ordem e Progresso'. [...] (Depoimento Arnaldo Ramson)

Este depoimento mostra uma diferença dos demais, por ser de um dos depoentes mais jovens da pesquisa, ele estudou na época da nacionalização do ensino, portanto as suas recordações nas disciplinas de história e geografia estão mais presentes, especialmente em relação ao ensino da história. Os demais depoimentos não revelam o ensino da história. Parecem não recordar muito da história e nem da disciplina de ciências. Não conseguem explicitar com clareza o que se estudava, como se dava a prática dessas disciplinas na escola. A única disciplina mais concreta é a geografia em que são lembrados os mapas, talvez por

serem conhecimentos mais utilizados posteriormente na vida cotidiana ou, ainda, por serem aprendidos na escola com o recurso visual dos mapas.

5.7 O aproveitamento escolar

Diante do que foi exposto, nas entrevistas aparecem relatos das dificuldades em aprender os conteúdos. Mesmo os depoentes não tendo dificuldades na aprendizagem na escola, sempre se lembram de colegas que não correspondiam ao ensino ministrado.

Tinha um colega que tinha muita dificuldade. Eu muitas vezes tentei ensinar, mas não adiantava, eu acho que o professor assustava ele muito, ele se trancava. (Depoimento Arnoldo Ramson)

Muitos não queriam aprender, tinha um gurizinho que não se interessava. Ele ia comigo na aula, não queria aprender, não tinha vontade, a mãe dele disse 'Ah du bist gell so Schlau' (Tu és tão inteligente) e o nosso não quer ir, não tem vontade. (Depoimento Irene Perleberg)

Inferimos, assim, que muitas crianças passaram por fracassos escolares. Não conseguiram adaptar-se à escola. Seja pela maneira de o professor conduzir o ensino, seja pela forma de organização escolar, ou, ainda, pela dedicação às atividades domésticas da casa. Não conseguiram continuar indo à escola. Os entrevistados que tinham facilidade na escola, sempre recordavam de um colega ou vizinho que não se saía tão bem. Mas alguns depoentes relatavam que não eram alunos excelentes, tinham muitas dificuldades de aprendizagem.

Eu lia muito mal, tinha muita dificuldade de aprender, quando não sabia apanhava. (Depoimento Flora Wendt)

Na escola uns eram "meio burros", até eu (risos) a gente tem que falar o que é. Mas ainda leio a Bíblia, mas no início aquela escrita era tão difícil para mim aprender. (Depoimento Alzira Karnopp)

Uma vez eu fugi da escola, tinha que atravessar uma ponte, aí eu me escondi, não gostava muito da escola, eu não era a melhor aluna. (Depoimento Herdwig Mueller)

Apesar das dificuldades de aprendizagem acima expostas, esses depoentes ainda lêem a Bíblia e as revistas religiosas. Possuem um *habitus* de leitura imbuído de religiosidade. Apesar da pouca aprendizagem muitas vezes relatada por eles, são escolarizados, podendo-se supor que a escola conseguiu atingir seus objetivos naqueles alunos que não eram tidos como os mais inteligentes. Muitas vezes, a aprendizagem era dificultada pela relação do professor ou pelo pouco estímulo em conseguir aprender. Não deveria ser fácil aprender uma língua escrita tão diferente da realidade dos depoentes.

Entretanto, a escrita alemã e os demais conteúdos aprendidos na escola faziam parte da realidade vivida pelos depoentes, talvez, por isso, as vivências escolares continuaram a fazer parte de suas vidas até hoje.

Livros Didáticos nas Escolas Pomeranas



⁴⁴ Contra capa da Cartilha do Sínodo de Missouri- Imagem de Cristo acolhendo as crianças.

As escolas pomeranas, especialmente aquelas relacionadas a instituições religiosas buscavam auxílio e apoio em material didático próprio. O material usado precisava ser adaptado a sua realidade, ou seja, a escolas comunitárias religiosas e ainda consideradas étnicas. Nessas escolas o ensino se dava em língua alemã.

Diante desse contexto, o material didático destas escolas foi produzido e posto em circulação por editoras, no Brasil, muitas vezes relacionadas com alguma instituição religiosa. Sabemos que o material didático das escolas consideradas étnicas não desapareceu, apesar da perseguição aos alemães na época da nacionalização. Há estudos sobre a catalogação deste material.⁴⁵

Na pesquisa, durante as entrevistas, foi possível localizar alguns livros didáticos utilizados nas escolas da época. As fontes dos periódicos analisados e as atas da comunidade apontam para utilização de livros didáticos no Sínodo de Missouri.

A preocupação do Sínodo em manter uma editora no Brasil existia desde a sua fundação como distrito Sinodal brasileiro em 1904. Mas na década de 20 foi fundada no Brasil pelo Sínodo de Missouri a Casa Publicadora Concórdia, uma editora que era responsável por publicações religiosas e por livros didáticos de leitura. O Sínodo mantinha uma editora nos Estados Unidos a qual permitia a edição de livros no Brasil. Era a Concórdia Publishing House.⁴⁶

O Sínodo mantinha uma preocupação acentuada em relação aos recursos didáticos usados nas escolas. Este material era escasso e a dificuldade era grande em manter um ensino planejado e organizado. Observamos na análise do professor

⁴²Ver trabalho de KREUTZ, Lúcio. Material Didático e currículo na escola teuto-brasileira do Rio Grande do Sul. São Leopoldo, Unisinos, 1994 a).

⁴⁶ Na organização do Sínodo a preocupação em divulgar o pensamento doutrinário através de periódicos, revistas e livros teológicos se deu no início da fundação do Sínodo na América do Norte. No trabalho missionário, como no Brasil, esta preocupação se manteve. Na primeira ata da assembleia sinodal em 1904 um dos pontos discutidos era adotar uma sucursal do Sínodo de Missouri da Concórdia Publishing House de St. Louis em Porto Alegre, mas este assunto na assembleia não foi possível chegar a um acordo. A Casa Publicadora Concórdia foi fundada anos mais tarde, na década de 20. Até este período os livros usados dependiam do envio dos Estados Unidos. (Ata da primeira assembleia sinodal- 1904)

Rehefeldt como o Sínodo criou uma editora para suprir as carências de livros didáticos e melhorar a organização curricular das escolas.

Uma outra dificuldade, com a qual tivemos que lutar aqui em nossas escolas desde o princípio, como já observamos no primeiro relatório do Rev. Broders no 'Lutheraner' é a carência de livros próprios para o ensino. Até há poucos anos nós conseguimos quase que todos nossos livros escolares de nossa casa editora de St. Louis, Missouri. Há dois anos (1923) criou-se aqui uma Sociedade de Acionistas (Sociedade por Ações) que tomou a seu especial cuidado a edição de livros apropriados para nossas escolas. Em primeiro lugar foram impressos diversos títulos com a permissão da casa editora norte-americana para assim vender estes livros aqui por um preço aceitável. (REHEFELDT, 1925, p. 75-76)

Notamos que naquele período o Sínodo consegue organizar-se e formar uma editora a fim de produzir as suas publicações para as escolas.

Infelizmente, na atualidade, a editora no Brasil não sabe informar as suas publicações na época. Não houve um cuidado para a conservação do material. Quanto aos livros didáticos editados por Rotermund, que foram utilizados nas escolas religiosas, foram encontrados com um depoente que estudou na igreja independente.

Os livros didáticos, especialmente analisados nos estudos de Kreutz (2001b; 1994a), foram largamente usados nas escolas paroquiais. Kreutz analisa o papel de Wilhelm Rotermund (1843-1925), um pastor do Sínodo Riograndense que editou várias coleções de cartilhas utilizadas pelas escolas teuto-brasileiras. Segundo Kreutz (2001b) Rotermund:

[...]é considerado uma das principais lideranças na fundação do Sínodo Riograndense. Costuma ser descrito e lembrado como um pastor que teve muita influência no meio sócio-cultural e comunitárias dos imigrantes. Além destas funções ainda investiu de forma significativa nos livros didáticos. Pergunto: qual teria sido seu objetivo com os livros didáticos? [...] Entendo que o eixo propulsor da sua opção pelos livros didáticos não foi tanto econômica, mas, principalmente, sócio-cultural e religiosa. (KREUTZ, 2001b, p. 230)

Nesse sentido, os estudos de livros didáticos editados por Rotermund revelam a preocupação do ensino em privilegiar a realidade do aluno. Os livros de leitura contemplavam histórias e contos que faziam parte das vivências culturais e sociais dos colonos.

As cartilhas do Rotermund abordavam questões relacionadas com a cultura e realidade do imigrante, preocupando-se também com a religião, sem esquecer de enfatizar a questão moral e a conduta das pessoas.

Nesse contexto, Rotermund entendeu que o processo escolar poderia ser uma instância privilegiada de ação pastoral. Reconheceu a necessidade de produzir manuais escolares que fossem adequados à realidade dos imigrantes no Brasil. [...] Rotermund é conhecido como grande incentivador do ensino da língua portuguesa para imigrantes alemães. (KREUTZ, 2001b, p. 231)

A produção destes livros foi intensa e atendia aos objetivos da organização comunitária das escolas religiosas, especialmente as independentes. A necessidade de levar ao imigrante os conteúdos que fossem ao encontro de sua realidade era forte, inclusive em relação ao ensino da língua portuguesa. Eles precisavam valorizar a escola, para que tivessem êxito neste projeto.

Rotermund mantinha a preocupação em criar uma cartilha que se voltasse para o português, porque neste contexto a legislação já começava a cercar a escola de imigrantes alemães e também porque os colonos precisavam de um vocabulário em português para a sua realidade econômica e social e para exercer a cidadania brasileira.⁴⁷ Os livros de Rotermund foram reeditados repetidas vezes, devido à demanda que possuíam. Esta questão criava vulto devido à preocupação que os imigrantes davam à sua formação.

As publicações do Sínodo de Missouri, no Brasil, aparecem depois de muitos anos, anteriormente dependiam somente das publicações nos Estados Unidos. Mas, o Sínodo sente a necessidade de publicar livros didáticos no Brasil, devido ao crescimento das comunidades e escolas. Também era necessário obter uma autonomia em relação à matriz, e produzir material de acordo com a realidade brasileira.

A cartilha do Sínodo de Missouri, num primeiro momento, é parecida com a editada por Rotermund. Os títulos das cartilhas contam histórias curtas, outras mais longas, apresentando diferentes níveis. Algumas histórias da cartilha de Rotermund e do Missouri são as mesmas. Provavelmente faziam parte da cultura dos imigrantes, mas apresentam sutis, talvez nem tanto, diferenças quanto ao projeto de educação na qual estavam inseridas.

⁴⁷ Esta necessidade em adaptar-se a cidadania brasileira, mas tentando manter os costumes e a cultura alemã, era um dos princípios vitais para comunidades de imigração alemã. Abordamos este processo na discussão do duplo pertencimento, apresentados em vários estudos, como de Seyferth (1994); Gertz (1998;1994); Rambo, (1994); Kreutz (1994b); Meyer (2001).

Sabemos que o Sínodo de Missouri contava com material didático, provavelmente produzido nos Estados Unidos. Os periódicos comprovam que, desde o início, eram usados livros de leitura e religião nas escolas pomeranas.

Mais tarde, depois foi fundada a Casa Publicadora Concórdia, o estudo começou a indagar se havia material didático produzido por esta editora, por ser uma época de fomento dos livros produzidos no Brasil.

O único exemplar encontrado na casa de um depoente revela que o Sínodo de Missouri também esteve preocupado em editar os livros no Brasil. Neste capítulo queremos abordar a utilização dos livros didáticos nas escolas pomeranas, tentando compreender o projeto de educação das instituições, comparando os livros didáticos: o produzido por Rotermond e pela Casa Publicadora Concórdia.

O formato e o tamanho dos dois livros é apresentado quase de forma idêntica. A organização em diferentes níveis de leitura também é similar. O livro de Rotermond analisado, data no ano de 1924. Entretanto, o livro do Sínodo de Missouri não apresenta a data. A partir de um texto do livro, na verdade, um modelo de carta, inferimos que o livro foi editado em meados da década de 20.

A escrita dos dois livros, especialmente no prefácio e na apresentação é na escrita alemã gótica. A maioria das leituras está escrita em alemão gótico, mas em ambos livros, algumas leituras estão com a escrita em alemão latina. Isso demonstra a necessidade de adaptar as comunidades étnicas à realidade local. Ao mesmo tempo, em que se valorizava a escrita gótica, usada na escrita da Bíblia e na maioria dos livros em alemão, era necessário fornecer um suporte da escrita latina, ou seja, a que era usada na realidade brasileira. Segue-se a apresentação das capas e referências dos livros utilizados na análise.



Figura 6 -Capa dos livros usados no trabalho- A esquerda livro de Rotermund. A direita contracapa do livro da Casa Publicadora Concórdia.

Fonte: Livros Fibel fuer deutsche Schulen in Brasilien- Dr. Wilhelm Rotermund e Erstes Lesebuch fuer Evangelische Lutherische Schulen- Casa Publicadora Concórdia.

Uma das diferenças marcantes aparece no prefácio de ambos os livros. Sabemos que a produção de livros não acontece de forma neutra. O significado do livro não se dá apenas pelo seu conteúdo escrito, mas é relevante a forma como se apresenta. A forma dos dois livros é muito parecida. Começam com um prefácio de apresentação. Além da cartilha, que se tem somente no livro de Rotermund, porque o da editora Concórdia se apresentava apenas como livro de leitura, os dois livros

começam com uma oração curta e logo em seguida há textos sobre a escola, a família, as brincadeiras de crianças.

Num nível mais avançado as leituras contam histórias infantis e fábulas, exortações morais, adivinhações e charadas.

É interessante comparar as duas obras para tentar entender como o livro estava em determinada realidade, pois há apropriação do livro pelos leitores e esta apropriação está constantemente sendo construída, ainda mais se tratando de livros iniciais de leitura. Os estudos de Roger Chartier nos ajudaram a entender esta questão, o autor coloca a leitura como uma prática a ser inscrita na vida social. Os estudos de Chartier não apontam somente sobre a construção do texto a ser lido, mas também como os leitores se apropriam desses textos.

A apropriação, tal qual nós a entendemos, visa a uma história social dos usos e das interpretações, remetidas às suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as constroem. Conceder deste modo, atenção às condições e aos processos que, muito concretamente, determinam as operações de construção do sentido (na relação de leitura, mas em muitas outras também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que as inteligências não são desencarnadas e, contra as correntes do pensamento que postulam o universal, que as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas. (CHARTIER, s/d, p. 26-27)

Com o apoio da análise de Roger Chartier compreendemos que o livro didático destinado às escolas étnicas religiosas estava circunscrito por determinadas condições históricas e sociais. A sua elaboração nasceu de um processo, que, de modo nenhum, é neutro e aleatório, mas é descontínuo e adaptado muitas vezes a quem se destina o livro. A apropriação dos leitores aos livros não se dá de forma universal, ela apresenta peculiaridades e singularidades no uso dos livros.

Dentro dessa perspectiva, inferimos que através dos livros didáticos podemos perceber o projeto de educação da instituição do Sínodo de Missouri, que apresenta diferenças de outras instituições, mas consideradas importantes por tentarem demarcar uma identidade da instituição.

Em relação ao prefácio, a apresentação do livro, visualizamos esta diferença de projeto das instituições religiosas.

Prefácio- Livro Rotermond

Concomitante nesta 3ª edição de Rotermond, a cartilha que começa com a escrita em alemão, aparece um pequeno lançamento B, que começa com a escrita latina. Foi repetido a pedido de professores uma cartilha própria para escolas fora da Alemanha. Foram usados em especial questões pedagógicas relacionadas com as escolas, que em muitos estados brasileiros foram adaptados para a realidade local.

Nós queremos daqui para o futuro:

Lançamento A –começar com a escrita alemã.

Lançamento B- começar com a escrita latina

Os dois lançamentos que aqui reunimos são para dois anos de aula e também separamos do 1º ano do 2º ano de aula. Amigos e colaboradores desta cartilha, nossos agradecimentos por utilizar na escola e levarem aos alunos as leituras e exercícios que possam usar na vida escolar. Com exceção da última lição de leitura, nenhuma outra foi modificada.

Neste prefácio, percebemos que não era a primeira edição da cartilha de Rotermund. Havia uma maior circulação deste livro nas escolas étnicas. Os livros de Rotermund eram utilizados por diferentes instituições escolares e conhecidos pelo grande número de publicação. (Kreutz, 2001b). De imediato, visualizamos a preocupação pedagógica em adaptar a cartilha à realidade local, ou seja, uma experiência que vinha dando certo. Os livros tinham a escrita alemã gótica, estavam imbuídos de valores morais e religiosos da cultura alemã, mas precisavam mostrar a vida do colono no Brasil. Na cartilha de Rotermund são apresentadas numerosas gravuras relacionadas aos textos o que comprova esta intenção.



Figura 7- Conteúdo da Cartilha no ensino da letra “g”, na escrita cursiva.

Fonte: Cartilha de Rotermund- p. 21

Como podemos visualizar na gravura o livro conta uma parte inicial de leitura gótica cursiva, em que eram ensinadas as primeiras letras. Neste caso, o exemplo é da letra “g”. O ensino da leitura é ilustrado com a realidade brasileira nas

paisagens, nos animais, na vida do campo. Também contemplamos a gravura das crianças no meio rural, ora observando aos animais ora o trabalho na terra. Nesta mesma página, no lado direito, aparecem as moedas brasileiras com o lema da bandeira do Brasil, “Ordem e Progresso”. As moedas aparecem para o ensino da letra “g”. Dinheiro significa “Geld” em alemão, também se aproveita a página para relacionar outras palavras com as gravuras. No canto inferior direito vemos um vidro de veneno “Gift” com a escrita latina. Interessante notar como a escola deveria servir para realidade do colono destas comunidades.

No outro nível de aprendizado, o das leituras curtas, a cartilha também apresenta a realidade das crianças. Na segunda gravura é mostrado o trabalho em casa, o auxílio nas atividades domésticas. Diante disso, o prefácio cumpre os seus objetivos nas páginas da cartilha.



Figura 8- Ilustração na Cartilha no ensino da letra “f” na escrita impressa.

Fonte: Cartilha de Rotermund-p. 53

Uma das características fundamentais do projeto de educação na publicação dos livros de Rotermund era o incremento do intercâmbio dos professores, que, na região de imigração do norte do Estado, reuniam-se em associações tanto católicas como evangélicas.

A cartilha produzida pelo Sínodo de Missouri, como já foi apontado anteriormente, apresenta algumas diferenças. Uma das mais marcantes encontramos já no prefácio.

Prefácio do livro da Editora Concórdia

Antes de mais nada este livro é o primeiro de uma nova série de leitura para as nossas escolas evangélicas luteranas da América do Sul. Com isso integra-se de imediato a cartilha com o primeiro e segundo livro de leitura que existe para o distrito luterano norte americano, parte deste tornou-se e foi aceito como um novo número de leituras curtas adaptadas a própria realidade brasileira. O material de leitura é projetado para dois anos escolares. Junto à seleção, preceito e revisão do material de leitura estivemos nos esforçando para satisfazer o grau de dificuldade das crianças. O material completo recai em três graus, para facilitar a leitura das crianças com dificuldades. No livro, em anexo, estão também alguns pequenos trechos de leitura, os quais adentram na escola superior, com dificuldades aqui e em outros países. Entendemos que a grande ênfase deve ficar, em que as crianças devem ser ordenadas a assumirem uma visão de vida dentro dos mandamentos da bíblia luterana. **Lutero disse: “Em torno da igreja desejamos ter e preservar escolas cristãs. Deus preserva a igreja através da escola.”** Os jovens se tornarão com o espírito de Deus e santificados para a cristandade se mais cedo possível forem educados e criados em escolas cristãs. Sobre esta exortação nossa igreja reformada se assenta, é desejo vivo do Comitê que este livrinho possa para todos contribuir, para que os luteranos da América do Sul possam construir uma igreja. (Prefácio da Cartilha do Sínodo de Missouri)grifos nossos

O prefácio do livro é revelador. Contempla o projeto de educação do Sínodo de Missouri. Vemos que era um livro publicado recentemente no Brasil. Podemos supor que anteriormente os livros usados pelo Sínodo eram publicados nos Estados Unidos e este livro de leitura foi um dos primeiros a ser usado no Brasil. Interessante notar que eles mantinham a preocupação em adaptar o livro à realidade brasileira e demonstravam uma preocupação pedagógica em proporcionar a adaptação dos níveis de dificuldade para as crianças. Inferimos, também, que outros livros didáticos haviam sido utilizados nas escolas. Mas, diante das experiências das escolas comunitárias religiosas, havia a necessidade de produzir um livro direcionado para as escolas brasileiras, sem descuidar da parte cristã e doutrinária.

Este livro não começa com uma cartilha. Ele é um primeiro livro de leitura, começando com leituras bem curtas e aumentando o nível de dificuldade. Entretanto, as poucas gravuras que aparece junto com os textos, representam pouco a realidade brasileira, não é enfatizado como no livro de Rotermund. As ilustrações são menores e mais raras nos textos e não mostram muito da vida dos colonos no Brasil. Porém, apontam para a vida rural, relatando histórias de fábulas de animais e de atividades do campo.

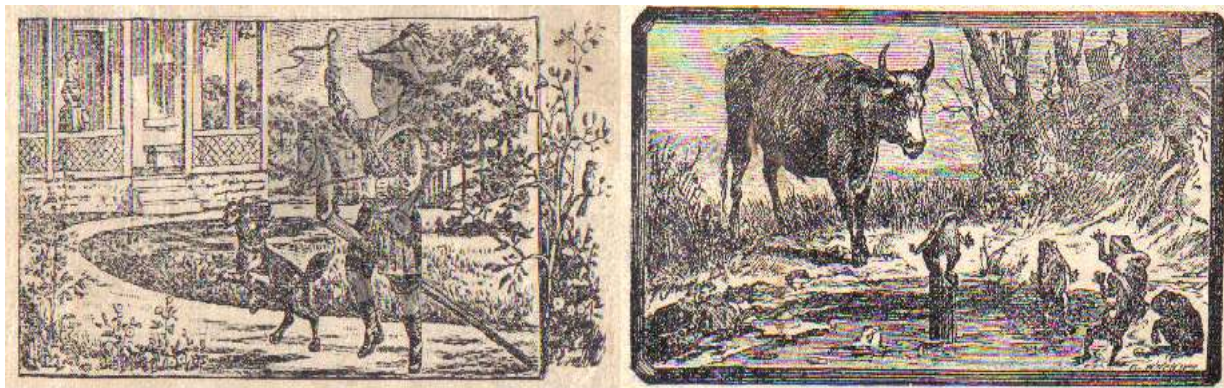


Figura 9 (direita)- Ilustração da Cartilha do Sínodo de Missouri. “A criança no cavalinho”.

Fonte: Cartilha do Sínodo de Missouri- p. 5

Figura 10 (esquerda) –Ilustração da Cartilha do Sínodo de Missouri: “O sapo e o boi”

Fonte: Cartilha do Sínodo de Missouri- p. 41

Nessas gravuras vemos que não havia muita relação com o modo de vida dos colonos no Brasil. Elas procuram mostrar os animais a fim de relacionar com a vida rural. Notamos que a preocupação com a realidade brasileira não era tão acentuada devido ao uso de texto mostrando a realidade alemã, por exemplo, como nesta ilustração e texto que mostra o Inverno na Alemanha.

40. Winter im Deutschland.

Woher die Flocken überall,
So lodet, weiß und fein?
Woher die Flocken ohne Zahl?
Es muß wohl Winter sein.

Nun rasch den Schlitten in die Hand,
Wir spannen uns selbst dran.
Im Winter ist ja, wie bekannt,
Für uns die Schlittenbahn.

Nach eh' der Schnee noch aufgetaut,
Da wird von manchem Kind
Ein großer Schneemann aufgebaut,
Viel größer, als wir sind.



Wir wissen auch, wenn's Winter ist,
Wenn's kalt wird, friert und schneit,
Dann kommt der liebe heil'ge Christ,
Der Kinder stets erfreut.

Figura 11- Ilustração da Cartilha do Sínodo de Missouri: “Inverno na Alemanha”

Fonte: Cartilha do Sínodo de Missouri- p. 50

O texto e a gravura apontam para outra vivência que é a das brincadeiras na neve na Alemanha, tentando relacionar a instituição do Sínodo de Missouri com a realidade alemã. Apesar de o Sínodo estar instituído nos Estados Unidos, o livro nos textos prefere colocar a relação da Alemanha por se considerar um Sínodo alemão. Daí podemos reforçar a necessidade do uso da língua e da questão étnica. Esta relação também se deve ao fato do projeto do Sínodo em valorizar a doutrina luterana, apoiada fortemente pelo uso da língua alemã.

No prefácio fica clara a necessidade de educar e ensinar as crianças pela doutrina luterana. É visível a valorização dos ensinamentos luteranos através da cartilha. Apesar de a cartilha do Rotermond ter um caráter religioso com leituras em forma de pequenas orações, não aparece exortação luterana ou qualquer menção em relação a Lutero. Já o prefácio da cartilha do Missouri remete ao ensinamento luterano na preocupação da educação das crianças e jovens e no projeto das escolas ao lado das igrejas. No final do prefácio é claro o uso do livro nas escolas para a construção e solidificação da igreja.

Este projeto de Lutero sempre foi central na consolidação de uma igreja voltada para a educação universal, ou seja, que abrangesse um maior número de crianças na escola. Nos estudos de Walter Altmann (1994) sobre Lutero é reforçada a preocupação do teólogo com a educação.

Ademais, Lutero enfatizou a demanda de que o sistema educacional deixasse de ser inacessível para a maioria da população e que sua abrangência fosse maior. Nesse contexto enfatizou mesmo a importância de que os cidadãos financiassem as escolas. Asseverava que seria necessário não apenas que reconhecessem a necessidade da educação própria e dos filhos e filhas, mas também de sustentar economicamente as escolas.[...] Não obstante, esse desafio à cidadania ainda não era fundamental para ele. Ficava sempre na dependência dos pais. Como será exposto mais adiante, Lutero haveria de responsabilizar as autoridades políticas municipais pela criação e manutenção das escolas. (ALTMANN, 1994, p.201)

A partir dos estudos sobre Lutero, percebemos que ele sempre teve no seu projeto de igreja a difusão da educação a todos. A escola deveria servir para uma educação relacionada com a religião. Numa fase inicial chama atenção para o compromisso dos pais, ou seja, num auxílio comunitário entre família, igreja e escola é que se deveria fortalecer a educação. Logo em seguida chama atenção do Estado para responsabilidade educacional. Porém, no processo das escolas étnicas no Brasil, as comunidades reunidas em famílias sustentaram as escolas, como no caso do Missouri, fortemente ligadas à doutrina religiosa luterana.

No livro didático do Missouri aparecem textos e leituras relacionadas com os ensinamentos de Lutero, além de orações e hinos da igreja. Uma das leituras, do segundo nível do livro, do título 46, que chama atenção é sobre a tradução da Bíblia por Lutero na língua popular alemã. O título é o seguinte “Quem nos contou tão atentamente em língua alemã as histórias bíblicas”.

Esse texto valoriza a importância das crianças ouvirem as histórias bíblicas e os ensinamentos de Lutero no conhecimento da Bíblia. No transcorrer da leitura é questionado aos leitores: “Fazer contas, ler e escrever é muito fácil, mas para o entendimento da Bíblia seu espírito tem que conhecer e aprender: isto não é o melhor que se pode ter na Terra?”. Logo em seguida o texto mostra a gravura de Lutero e o coloca como um homem que gostava da Palavra de Deus, por isso, estudou e traduziu a Bíblia. No final da leitura é ressaltado: “A frase fundamental da nossa igreja luterana sempre deve permanecer: ‘A Palavra de Deus e o ensino de Lutero jamais desaparecerão’”

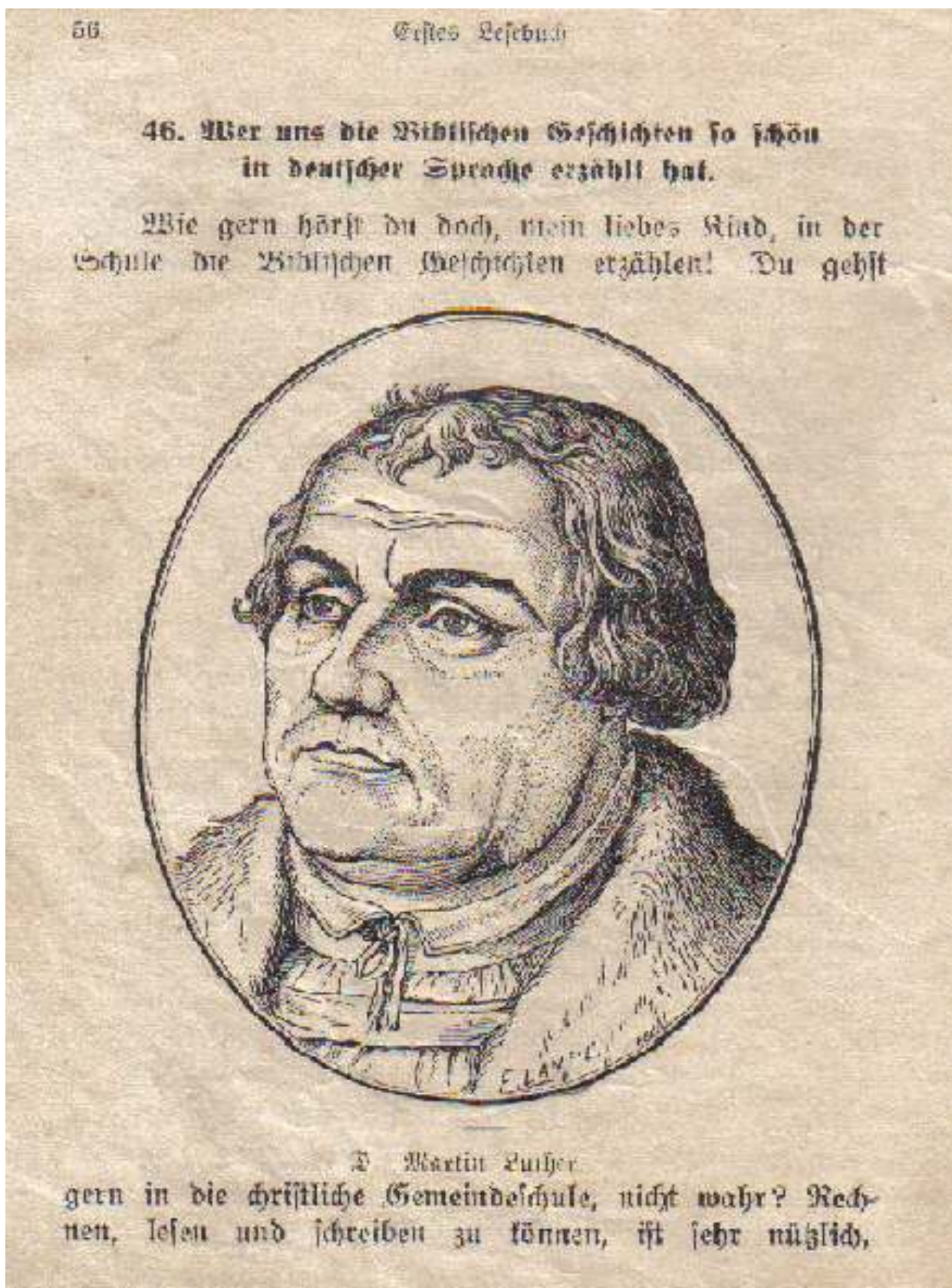


Figura 12- Texto e ilustração da Cartilha do Sínodo de Missouri: “Quem nos contou tão lindamente as histórias da Bíblia?”

Fonte: Cartilha do Sínodo de Missouri- p. 56

Na continuação das páginas do livro, é relatado no título 47. Lutero e Joãozinho. Este texto menciona a educação do filho do teólogo em forma de poema. O poema foi escrito por Lutero para o seu filho, educando-o na fé de forma lúdica e prazerosa.

Na continuação, é ressaltado no título 48 “ A tarefa de aprender e tomar a lição” conta a história a partir de uma ilustração. O texto fala que as crianças devem aproveitar o tempo livre, as férias de verão com o aprendizado. É contada uma pequena história em que a vizinha mais velha, Elizabeth (no texto é colocado o seu apelido em alemão Lieschens) auxilia os irmãos Berta e Theodor no trabalho de ensinar e tomar a lição do catecismo como os dez mandamentos e os artigos.

Berta é muito solícita, ela está estudando o catecismo, os dez mandamentos com a explicação, ela já sabe. Agora ela está estudando o 2º artigo da confissão. Ela está naquela explicação de Lutero: Eu creio que Jesus Cristo, verdadeiro Deus criado não gerado...e assim por diante. Deve ser decorado. Esta frase comprida na língua alemão é a mais bonita. Berta não deixa para trás até decorar. E que Deus dê a graça em colocar em nossas mentes, mas também em nossos corações. Após os irmãos ter aprendido a Palavra de Deus como se espera de crianças educadas e cristãs. (CARTILHA DO SÍNODO DE MISSOURI, p. 59)

A mensagem do texto a partir de pequenas historietas faz parte de um projeto educacional que visava à conduta das pessoas. Mesmo em casa, nas horas de descanso, nas férias era necessário não descuidar da parte espiritual e doutrinária. O aprendizado do catecismo e da Bíblia não deveria visar somente ao conhecimento, era necessário ser colocado “nos corações”, ou seja, estar imbuído na conduta das pessoas.

No texto é colocada uma ilustração em que, enquanto as meninas estudam o catecismo, o irmão Theodor estuda a história bíblica.

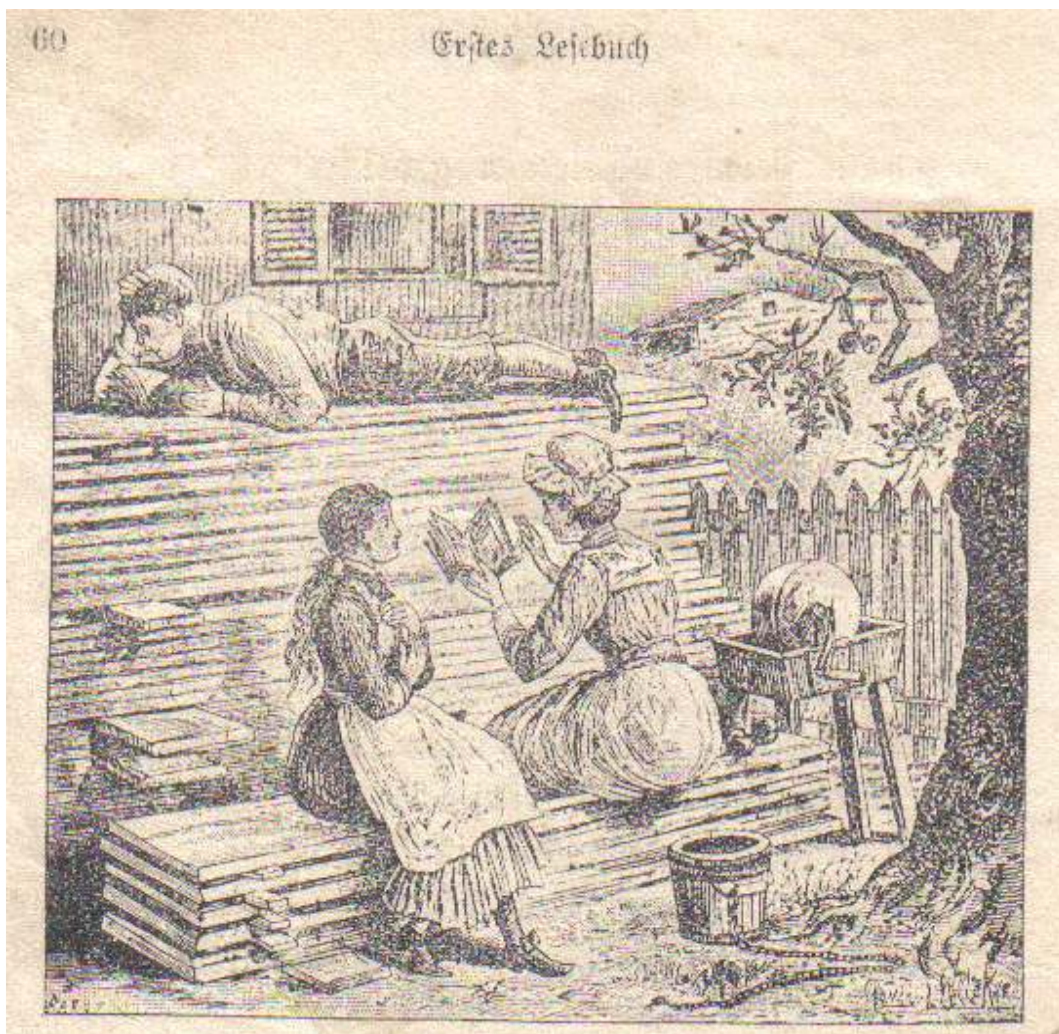


Figura 13- Ilustração da Cartilha do Sínodo de Missouri: “A tarefa de aprender e tomar a lição”

Fonte: Cartilha do Sínodo de Missouri- p. 60

Notamos o quanto o livro era usado em favor de uma divulgação de práticas religiosas e na inculcação de um *habitus* que privilegiasse a cultura religiosa calcada na cultura alemã luterana. Havia necessidade de controle das crianças na vida doméstica, no convívio com a família, nas horas de lazer.

Desde o princípio o Sínodo manteve esta postura ao apontar a escola como uma instituição que poderia doutrinar as crianças e espalhar esses preceitos na família. A educação era voltada para um comportamento em que as leituras e os saberes divulgados no lar deveriam ser os religiosos. No final do texto fica demonstrado claramente o intuito do Sínodo em controlar todos os hábitos de vida da comunidade, colocando a religião em primeiro lugar.

Tu estas vendo três maçãs no lado esquerdo de Lieschens no lado direito da página? Somente depois de ter terminado todo o trabalho escolar que elas foram comê-las. Primeiro a tarefa. Depois a brincadeira. O correto é amada criança, primeiro o dever, depois a brincadeira. Infelizmente muitas crianças não aprendem quase nada na escola, porque elas mesmo pouco freqüentam. (CARTILHA DO SÍNODO DE MISSOURI, p. 61)

De fato, a conclusão desta leitura nos revela a valorização do Sínodo no comprometimento das comunidades nas escolas e como foi possível instaurar uma conduta entre os pomeranos a partir da escola. A educação, especialmente a religiosa, deveria vir antes das necessidades vitais, como a alimentação. O chamado veemente era para a freqüência na escola, culpando-as do não aprendizado pela pouca dedicação.

Entretanto, o dever era relacionado com temas religiosos: a leitura do catecismo priorizava a leitura da Bíblia e só depois, no outro parágrafo, era mencionado o aprendizado da leitura e da escrita “Agora elas estão fazendo um ditado. Depois elas lêem frase por frase com freqüência, até ler de modo fluente. Também soletram as palavras difíceis” (Cartilha do Sínodo de Missouri, p. 62) e por último devem aprender a matemática.

A partir deste texto comprovamos nos depoimentos a valorização no currículo da religião, em seguida, viriam os outros conteúdos, que também eram considerados importantes no sentido de preparar as crianças como cidadãos e cristãos educados.

Mais adiante, nos dois títulos seguintes, as leituras são referentes à religião e doutrina. O título 49 : “Veio para todo o mundo e sobre as nuvens batizou em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” conta a história do início da evangelização dos discípulos aos povos pagãos, comparando com os missionários de hoje. Este texto reforça o espírito missionário do Sínodo. Coloca-os como pregadores e difusores do evangelho. E no título 50 “O que as crianças certa vez fizeram pela missão” conta a história de um grupo de crianças na Alemanha que cuidavam de lãs de ovelhas e as doaram para alguns missionários pregarem a palavra de Deus. No final da leitura é mencionado: “Tens tu, amada criança feito muito na missão? Cada dom que recebeste do teu espírito tu trazes para conservar a tua vida”. (Cartilha do Sínodo de Missouri, p. 71)

Estas leituras em seqüência demonstram a preocupação do livro didático usado nas escolas ser um veículo de propagação da doutrina do Sínodo. Através dos textos podemos observar que, junto com as leituras curtas e lúdicas, o Sínodo

fazia questão da formação das crianças através da apropriação dos textos contidos nos livros didáticos como uma forma de prepará-las para, no futuro, participar da igreja e consolidá-la aqui no Brasil.

Ainda para corroborar com a idéia de que a cartilha do Sínodo mantinha um projeto centrado na religião está o fato de o número de títulos relacionados com este tema, em comparação com a cartilha de Rotermond.

Não queremos afirmar que no projeto das escolas étnicas ligadas a outras instituições religiosas não havia preocupação com a religião, os depoimentos orais das entrevistadas mostraram a preocupação também com o ensino religioso. Mas defendemos que não tinham, a partir da comparação dos livros didáticos, a mesma ênfase na doutrina luterana.

Na cartilha de Rotermond constam 135 títulos de leitura: 27 do primeiro estágio, 60 do segundo estágio e 48 do terceiro estágio, mas com leituras avançadas. Desses títulos 9 estão relacionados diretamente com a religião em forma de orações, histórias da Bíblia e exortações na prática da vida religiosa.

Entretanto, na cartilha do Sínodo de Missouri, que, infelizmente, não está completa, (faltando algumas páginas no final) têm-se 140 títulos: 46 do primeiro estágio, 67 do segundo estágio e 27 do terceiro que está incompleto, provavelmente haveria mais leituras. Desses títulos, 24 apresentam textos religiosos como pequenas orações, admoestações aos fiéis como se deveriam orientar na vida religiosa e doméstica, canções religiosas, histórias da Bíblia resumidas, histórias sobre Lutero e histórias doutrinárias.

Comparando o número dos títulos, é visível a ênfase na religião por parte do Missouri, especialmente na questão de enfatizar a doutrina.

Por outro lado, à primeira vista as cartilhas são similares, na forma dos textos e na organização em forma de títulos e nos níveis de leitura: indo dos textos mais simples aos mais complexos.

Também foram comparados os títulos que relacionam os animais domésticos e animais peculiares da fauna brasileira. Muitos títulos são iguais, mas apresentam conteúdos diferentes, apesar de o tema e de a forma serem quase idênticas. As cartilhas tentam chamar atenção da criança para leitura através das suas vivências, daí a utilização das histórias de animais.

Outra forma lúdica e agradável, que demonstra a preocupação pedagógica de ambas cartilhas, é o uso de charadas e provérbios nos textos. Muitas vezes são

leituras curtas que rimam, ou ainda que são engraçadas. Na cartilha de Rotermond aparecem 4 textos em forma de charadas e provérbios, na cartilha do Missouri contam-se 10. Essas leituras estão distribuídas ao longo do texto, aparecendo em todos os níveis de leitura.

Nas duas cartilhas encontraram-se 3 histórias exatamente iguais: um título refere-se a uma oração da noite. Na cartilha do Missouri é colocada a autora desta prece, uma charada e uma fábula, apesar de a cartilha de Rotermond as histórias estarem mais detalhadas. (ver as histórias iguais em **negrito**- Anexo II)

Ademais, não admiramos que as cartilhas apresentassem semelhanças. Foram produzidas na mesma época. Para um modelo de escola idêntica, escolas étnicas. Eram escritas na mesma língua e com as mesmas formas. É mais fácil encontrar semelhanças do que diferenças. Daí a preocupação da pesquisa em encontrar estas diferenças no projeto do Missouri.

Como já foi mencionado, as diferenças são pequenas no uso dos textos que privilegiam a religião. Mas uma diferença que chamou nos atenção diz respeito a textos sobre a família na cartilha do Missouri. Logo no início do livro de leitura começam leituras relacionadas à família, mas ligadas à religião. Um dos textos menciona o engajamento dos membros da casa na educação religiosa das crianças.

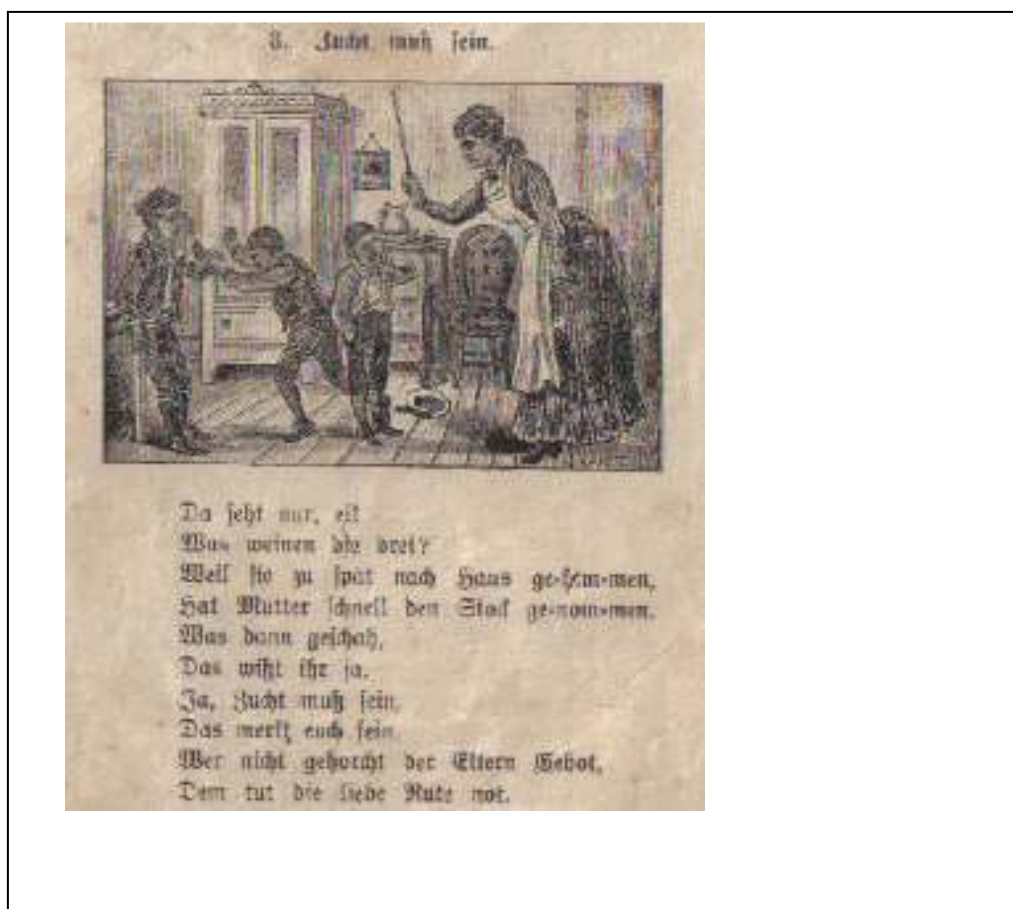
A casa paterna

O pai e a mãe são minha família. Eles são para mim as pessoas mais amadas na Terra. Eu vivo com meus pais em sua casa. A minha casa paterna é muito amorosa para mim. Eu aspiro neles muita alegria. Nenhum lugar é mais bonito que na casa paterna. Eles me fazem todos os dias muito bem. Comida e bebida, vestes e calçados eu recebo deles. Na noite, eu deito na minha cama. Durante o dia eu fico na sala e brinco no jardim. Dos meus pais eu escuto a Palavra de Deus. O meu pai lê de manhã e de noite a Bíblia. A minha mãe ora comigo. O meu avô conta histórias bonitas. A minha avó é muito simpática. Domingo nos visitam a minha tia e o meu tio. Com a minha irmã e irmão eu consigo cantar canções alegres. (CARTILHA DO SÍNODO DE MISSOURI- p. 2)

Podemos notar que o chamamento dos familiares é em torno da igreja. Tanto os pais como os avós fazem parte da família, mostrando que a organização da família nas comunidades pomeranas eram com elas reunidas em mais gerações e que todos tinham um grande apego religioso. Pelo menos o Sínodo pretendeu inculcar essa necessidade de a religião estar presente no lar.

O livro do Sínodo de Missouri apresenta outra leitura muito interessante. Esta leitura é ilustrada e mostra a educação dos filhos em casa. Mostra o castigo da

mãe nos seus filhos com o título “Disciplina precisa haver”, o texto é em forma de poema e mostra o uso da vara e a justificativa para este castigo.



Disciplina tem que haver
Ali enxergamos pois,
Chorando os três
Porque vieram muito tarde para casa
A mãe rapidamente pegou a vara
O que aconteceu?
Isto com certeza vocês sabem
Sim, disciplina tem que haver
Isto vocês observem com muita atenção
Quem não obedece às ordens dos velhos
A este falta a amável varinha.

Figura 14- Ilustração e texto da Cartilha do Sínodo de Missouri: “Disciplina precisa haver”

Fonte: Cartilha do Sínodo de Missouri- p. 4

Diante disto, percebemos como o uso dos castigos no ambiente doméstico e como a forma da educação em casa não era diferente das escolas. Além disso,

ressalta-se a legitimação dos castigos corporais. As crianças precisavam ser disciplinadas para a sua conduta ser moldada na obediência aos mais velhos e aos valores das comunidades étnicas.

O rigor na educação é valorizado, junto com os ensinamentos cristãos. Um dos textos interessantes que comprovam este ideal educativo é o de título número 1 do terceiro estágio, retratando Lutero como pai.



Figura 15- Ilustração e texto da Cartilha do Sínodo de Missouri: “Lutero como pai”

Fonte: Cartilha do Sínodo de Missouri- p. 79

Esta leitura é sobre a família de Lutero e como ele educava seus filhos. Ele tinha seis filhos e contava histórias bíblicas e cantava para eles. Na gravura aparece o seu filho Joãzinho visitando-o quando ele estava doente. Mas o que aparece de

interessante é a disciplina que ele tinha na educação de seus filhos. O relato continua.

Mas por ele ter sido um pai tão bom, ele era rigoroso. Quando suas crianças não queriam ouvi-lo ele pegava a vara. Pais de fato são muito bons quando sabem ser rigorosos. Por isso diz na Bíblia: “Quem ama o seu filho, o disciplina.”.

Uma vez João cometeu uma injustiça. Lutero não conversou três dias com ele, e não permitia que chegasse perto dele, até que João humildemente pediu desculpas. Quando a mãe e a senhora da casa intercedeu por João, Lutero falou fortemente: ‘Eu prefiro ver meus filhos mortos do que desobedientes.’

Ele disciplinou as crianças não com raiva mas pela verdade em que ele tinha para com eles. Por isso, todas as crianças devem tornar-se boas e honrar e obedecer os seus pais. (CARTILHA DO SÍNODO DE MISSOURI, p. 79)

Esta leitura reforça o modelo de educação rigorosa e disciplinada que o Sínodo queria imprimir. Lutero é colocado como um pai que ama e ensina, especialmente ensinamentos religiosos, mas que também não descuida da disciplina dos seus filhos. O Sínodo enfatizava que as crianças se tornariam boas se fossem obedientes a seus pais.

De fato, a disciplinarização era praticada num projeto comum entre família e escola. Na educação das crianças, neste período e nesta realidade, era comum os castigos corporais, bem como o controle das atitudes e dos mínimos detalhes do comportamento. Numa leitura inicial da cartilha do Missouri, há menção ao cotidiano escolar e ao direcionamento do comportamento das crianças como alunos.

A escola

A sineta tilinta. Nós alunos estamos quietos no nosso lugar. O professor se avança e vai adiante de nós. Nós o cumprimentamos. Ele nos agradece amigavelmente. Nós levantamos. Nós juntamos nossas mãos. Agora canta e ora o professor conosco. Nós nos sentamos. O professor nos conta bonitas histórias bíblicas. Nós aprendemos nestas histórias sobre o nosso bondoso Deus e conhecemos o nosso fiel Salvador. O professor nos questiona. Nós respondemos. Também ele nos mostra quadros ilustrados da Bíblia. Ele nos deixa olhar com todo o cuidado e os descreve. Ele fala versos e frases para nós decorarmos. Nós pronunciamos muitas vezes até aprendermos. (CARTILHA DO SÍNODO DE MISSOURI, p. 8)

Na verdade, o texto mostra como deveriam ser as relações entre professores e alunos, o controle do gesto, a ordem das coisas. Os movimentos quase automáticos. Junto com a disciplinarização, o texto relata o currículo escolar, apontando o início das aulas com as orações, o conhecimento bíblico, o uso das ilustrações das histórias bíblicas e as práticas de memorização das histórias e dos versos. Logo em seguida, a leitura segue contando as práticas na sala de aula.

Na escola todos aprendemos a ler, escrever e fazer contas. O que se tem lido e calculado está escrito na lousa. Na sala de aula é bem diferente do que lá de casa. Na escola muitas crianças se reúnem. Elas sentam no banco. Lá em cima está a mesa do professor e junto está a cadeira e a máquina de calcular na qual nós contamos e aprendemos a fazer as contas. Na parede tem o quadro negro e mapas geográficos. Eu escuto. Novamente toca o sino. Nós juntamos os nossos livros, nos levantamos com um verso final cantado, aí nós oramos:

Senhor Jesus, em ti eu vivo

Senhor Jesus, em ti eu morro

Oh Jesus teu eu sou, morto ou vivo

Faz-me salvo

A aula terminou. E comportadas as crianças vão para casa. (CARTILHA DO SÍNODO DE MISSOURI, p. 8 e 9)

O texto aponta as diferenças do aprendizado na escola e na casa. Relata o aprendizado de outros conteúdos, como a matemática, a geografia. Demonstra a disposição das crianças na sala, sentadas no banco. Mais um exemplo de disciplina. A conclusão da aula é com uma oração em forma de canto. Assim, as crianças devem ir embora de forma ordeira e pacífica para casa. A escolarização não deveria envolver somente o horário da aula, mas o trajeto da escola à casa deveria mostrar a educação destas crianças.

Na cartilha de Rotermund aparecem textos sobre a escola, mas não com essa ênfase doutrinária. Aparecem três textos em seqüência do segundo estágio sobre a escola com ilustrações. No título 6- “Rima da escola”, apresenta um poema relacionado com a escola. No título 7- “Na escola”, retrata o cotidiano escolar, descrevendo o ambiente escolar, não se preocupa tanto com a questão disciplinar, somente no final que o texto orienta os alunos a irem no trajeto para casa em silêncio. Ênfatiza-se a educação no trajeto para casa, seguindo o outro título 11- “Na escola”, é uma poesia que conta sobre o trajeto das crianças na escola.



Figura 16- Ilustração da Cartilha de Rotermund: “A viagem alegre”

Fonte: Cartilha de Rotermund- p. 57

Nesses textos a escola é descrita e não é apontada a organização curricular. Há uma preocupação com o comportamento das crianças quando elas vão à escola.

Uma peculiaridade da cartilha de Rotermund, que difere da cartilha do Missouri são os textos no final da cartilha. São textos maiores, talvez para um nível mais adiantado. Estes textos são as fábulas e histórias infantis contadas de forma detalhada e dividida em capítulos, mas ainda um diferencial maior acontece nas histórias relacionadas à história e à geografia brasileira. Os últimos títulos falam da colonização portuguesa e também da história da colonização alemã. Estes textos maiores abordam assuntos da fauna brasileira de modo mais aprofundado.

Interessante notarmos que os textos têm uma preocupação em formar as crianças para serem cidadãos responsáveis e cumprirem os deveres da Pátria. Um deles, o último título de número 46- “País de nossos pais” da segunda parte corrobora para esta finalidade.

Vós crianças que nasceram aqui no Brasil, não são mais alemães, e sim brasileiros. Mas mesmo assim não devem conservar a língua de seus ascendentes e não devem treiná-la?

Não, isto não é atitude de crianças boas e sim que envergonham seus pais e vocês serão iguais aquelas crianças que não conhecem a língua de boa qualidade dos vossos ascendentes que vieram até aqui e nos prezam e nos honram muito.

Certamente vocês são brasileiros, por isso, temos que aprender a língua da terra de vocês e praticar na escola a fim de que mais tarde possamos fazer parte da verdadeira vida cidadã de nosso país.

Mas em casa, entre a família, com o pai e com a mãe, aí vocês devem falar alemão através de vossos bons ascendentes que tem a sua Pátria.

Sem esta força de conduta não poderão ser bons brasileiros.

Empolgante comparação que vocês tem como brasileiros é o honrar os pais de vocês com a sua terra e com o Brasil. Como disse Olavo Bilac: ‘Ser brasileiro é cumprir os seus deveres’. É um dos componentes mais

empolgantes é de fato honrar os pais e respeitar a sua procedência onde vivem. (CARTILHA DE ROTERMUND, p. 150-151)

Este texto mostra a necessidade de orientação às comunidades étnicas, especialmente a instituição de Rotermund para influenciar o movimento germanista, sem esquecer a cidadania brasileira.

São textos que abordam a realidade histórica e a organização social das comunidades. Em estudos anteriores sobre os teuto-brasileiros são abordados estes conceitos como a necessidade de difundir a idéia do duplo pertencimento (Gertz, 1994; Kreutz, 1994; Rambo, 1994; Seyfert, 1994)⁴⁸ Do mesmo modo, os estudos discutem a utilização da realidade local e as questões sociais no currículo escolar, o uso da Realia e a divulgação e fomento destas idéias através da escola (Rambo, 1994, 2003; Kreutz, 1990, 2004)⁴⁹. Essas pesquisas, em sua maioria foram realizadas na região de imigração no Vale do Rio dos Sínodo no Estado, entretanto o livro de Rotermund foi usado na realidade pomerana.

Entretanto, a cartilha do Sínodo de Missouri não parece apresentar nenhum texto com estas características. Pode ser devido ao fato de que esta instituição não estava ligada ao forte movimento germanista a que a instituição de Rotermund estava relacionada. Na cartilha do Sínodo há um forte apoio ao uso da língua e cultura alemã, porém, relacionado mais com o espírito doutrinário luterano do que com o movimento germanista.

Interessante notarmos que as diferenças são pequenas. A análise que tentamos fazer é uma comparação para verificar se realmente o Sínodo de Missouri apresentava um projeto educacional diferenciado. Ao que tudo indica a instituição se diferenciou basicamente nos aspectos doutrinários e na elaboração de seu material didático.

A análise desse material foi de fundamental importância para o conhecimento do projeto educacional do Sínodo de Missouri.

⁴⁸ Estes autores tem estudado o movimento germanista de comunidades teuto- brasileiras. O movimento germanista estava imbuído da preservação da cultura e dos valores germânicos, especialmente a língua alemã. Neste sentido, segundo os autores supracitados, as comunidades viviam um duplo pertencimento em considerar a cidadania brasileira e exercê-la e conservar a cultura alemã no seu cotidiano. Este foi um dos objetivos de se organizar escolas em comunidades de imigração alemã, especialmente àquelas relacionadas ao Sínodo Riograndense.

⁴⁹ Os estudos destes autores destacam o estudo da Realia como conhecer a realidade das coisas, que englobavam o ensino da geografia, ciências naturais, história e história natural, interligados a estes conhecimentos era preciso uma formação moral direcionada para o cumprimento dos deveres sociais, políticos e religiosos.

Embora reconheçamos que, metodologicamente, a análise de apenas uma cartilha do Sínodo de Missouri e de uma cartilha de Rotermund possa ser considerada, em certo aspecto, insuficiente devido a falta de achados de material didático do Sínodo de Missouri, busquei no trabalho apresentar aspectos relevantes da organização da instituição do Missouri no contexto pomerano, ainda não analisadas em outras pesquisas.

Reconhecemos , ainda, que há necessidade de buscar outros materiais didáticos e aprofundar as pesquisas na história da educação, envolvendo a etnia pomerana e o Sínodo de Missouri. Mas, tentamos priorizar aspectos da educação dos pomeranos nesta instituição religiosa ainda não tão amplamente discutidos e problematizados. Sendo assim, privilegiamos levantar questões e análises a fim de contribuirmos para trabalhos posteriores.

Considerações Finais

Ao finalizarmos o trabalho, é fundamental retomar alguns pontos a fim de encaminhá-lo a consideração finais e apontar alguns pontos conclusivos da pesquisa.

Dentre os seus objetivos, tentamos entender a formação de uma identidade da educação pomerana e de uma instituição religiosa, o Sínodo de Missouri. O Sínodo buscou ser o locus, ou seja, a instituição de análise na qual as comunidades pomeranas estavam inseridas.

A primeira conclusão inferida é de que essa inserção não se deu de forma descontextualizada e fora das constituições históricas das comunidades pomeranas antes da instalação do Sínodo no Brasil. Por isso, abordamos o contexto pomerano, a sua formação histórica nas comunidades. Essa abordagem histórica mostrou que os grupos imigrados para o Brasil não foram homogêneos, cada etnia mantinha a sua especificidade.

Em relação aos pomeranos, é percebida uma organização comunitária coesa e predominantemente agrícola. Os pomeranos enfrentaram problemas na Alemanha, a maioria deles viviam em regime de servidão. Na imigração, a tendência deste grupo foi em mostrar-se mais isolado dos demais, considerado inferior em relação a outros grupos étnicos alemães.

Mesmo assim, os pomeranos não foram diferentes em organizar a vida religiosa e escolar dos outros grupos de imigração alemã. Mantiveram escolas e igrejas em forma de comunidades livres, sendo nesta região de Pelotas e São Lourenço do Sul o maior número de igrejas organizadas em comunidades independentes.

Mas uma instituição sinodal conseguiu conquistar a confiança desses pomeranos. Podemos inferir que o Sínodo de Missouri, ao chegar no Brasil, conseguiu uma maior penetração nessas localidades, talvez por não ter uma concorrência sinodal acentuada neste contexto, pois o único Sínodo no Estado, o Sínodo Riograndense, não era forte nesta região. Ou ainda, na busca de uma diferenciação da maioria das primeiras comunidades que aderiram ao Sínodo. Essa diferenciação era apregoada pelo Sínodo de maneira enfática, através dos primeiros pregadores e professores que se instalaram no Brasil e dos periódicos produzidos pelo Sínodo que circulavam na região.

Nesse ínterim, nas relações entre o Sínodo e as comunidades pomeranas, visualizamos uma identidade construída. Essa identidade foi entendida no trabalho não como algo natural e dado, mas adaptada, transformada no processo de instalação do Sínodo no Brasil.

Assim, foi de extrema importância a análise da formação identitária das comunidades, sendo ela observada nos periódicos, nas atas os conflitos surgidos no grupo e o modo como o Sínodo lidava com eles.

Nesse sentido, precisamos entender as origens do Sínodo de Missouri, quais eram as suas bases doutrinárias e a sua constituição histórica. Daí, percebemos que era relevante entender a organização do Sínodo na Alemanha, onde, em meados do século XIX, entrou em conflito com os ideais da igreja alemã, consolidada na época, a qual não se preocupava com uma pureza doutrinária e nem com os ensinamentos de Lutero. O Sínodo condenava o movimento racionalista e a união das igrejas reformadas luteranas, o chamado unionismo. A partir desse choque, o grupo descontente optou por migrar a um outro país, os Estados Unidos. Ali o projeto frutificou e começou a dar certo a consolidação de um igreja sinodal, ortodoxa e confessional.

Essa consolidação pode ser explicada por existir uma liberdade maior na América do Norte ou ainda por haver um grande grupo de imigrantes alemães. Em grupos imigrados é comum haver necessidade da obtenção de uma organização religiosa coesa e de acordo com princípios doutrinários definidos. Sua preocupação era de organizar-se na América do Norte, começando no Missouri, depois expandindo-se a outras regiões dos Estados Unidos e, havia ainda, por parte do Sínodo, uma necessidade de expansão a outros países.

Esse espírito missionário do Sínodo, fá-lo levantar a hipótese de começar o trabalho nas terras brasileiras, através de um pastor do Sínodo Riograndense que havia conhecido o Sínodo através de seus periódicos. Então, em 1900, o Sínodo interessa-se pelo Brasil.

Privilegiamos a gênese do Sínodo de Missouri para a compreensão dos processos que se formaram na sua instalação e as suas pretensões. Então, de acordo com a justificativa da missão em terras brasileiras, concluímos que o Sínodo pretendeu: a) diagnosticar aspectos da realidade brasileira para detectar se havia a possibilidade da instalação do projeto. Nesse sentido, para o Sínodo, segundo os primeiros relatos, houve muitas dificuldades pois não aceitavam a realidade dos imigrantes alemães no Brasil e nem os valores morais e religiosos das comunidades no Brasil. Mas, ao mesmo tempo em que as religiosidade das colônias de imigração eram consideradas distorcidas, o Sínodo apontava para a necessidade do trabalho, em especial em comunidades que não conheciam a “verdadeira doutrina”. Então, a instalação se justificava na implantação de um projeto numa comunidade pomerana considerada pura, a comunidade de São Pedro, embora notou-se que, logo em seguida, o Sínodo expandiu o seu trabalho em comunidades independentes na região pomerana e em comunidades de outras regiões do Estado. Entendemos que o Sínodo buscou encontrar uma aceitação única nas comunidades, mas, muitas vezes, precisou adaptar-se no seu projeto de missão, buscando adesão em comunidades que tinham formado a sua organização religiosa, através da instalação de pastores e professores qualificados e alinhados com suas bases doutrinárias. b) outra justificativa foi a necessidade de se firmar, representando-se como uma instituição considerada a “verdadeira igreja luterana”. Para isto foi preciso reinventar a tradição existente, descaracterizando as outras instituições religiosas, não as considerando como igrejas legítimas, em função de elas não terem uma doutrina coesa e hierarquizada. c) por fim, era importante fazer os participantes da igreja do Sínodo de Missouri conhecerem a doutrina, absorvendo os ritos e os modos de conduta adequados a esta orientação doutrinária. Assim, o Sínodo demarcou um campo religioso, colocando-se como central e buscando instaurar um *habitus* no qual pudesse interiorizar essas práticas.

A partir dessas justificativas o Sínodo percorreu os caminhos para a sua instalação. Algumas comunidades aceitam as orientações das instituições. Porém, dentro das comunidades não havia unidade na aceitação, a filiação ao Sínodo.

Nesse sentido, a formação dessa instituição perpassou com conflitos e com tentativas de buscar mais fiéis. O Sínodo, então, entrou em conflito com as outras instituições religiosas: as comunidades independentes e o Sínodo Riograndense. A primeira instituição era criticada pela não formação cristã e secular dos seus orientadores: os professores e pastores. Rechaçavam esta instituição, colocando o seu líder espiritual como um pseudopastor, numa nítida visão pejorativa em que denotava não ser considerado um pastor legítimo. Com a segunda instituição a crítica foi em relação à indefinição confessional e à falta de orientação nas suas comunidades a uma doutrina clara e de acordo com os princípios luteranos. Essas duas instituições consideradas luteranas foram as que rivalizaram com o Sínodo na demarcação de um campo religioso.

As comunidades independentes e as comunidades do Sínodo Riograndense para abrir mão de sua autonomia religiosa e escolar precisavam ter motivos fortes para aderir ao Sínodo de Missouri. Analisamos a adesão das comunidades, concluindo que havia uma necessidade de se diferenciar, buscando uma instituição confessional para se distinguir como uma igreja verdadeira. E o Sínodo buscou legitimar esta diferenciação, defendendo a pureza doutrinária. As comunidades foram atraídas pela propaganda e divulgação do Sínodo através de um trabalho de sondagem, em que apresentava a sua metodologia aplicada na escola e na igreja.

Entretanto, a adesão não foi homogênea, assim como muitos preferiram fazer parte de uma igreja sinodal, outros a viam com desconfiança, não a aceitando e a considerando prepotente. O Sínodo era considerado como uma ameaça. Esses confrontos fizeram parte da construção identitária das comunidades inseridas no Sínodo.

Para a legitimação como “verdadeira igreja luterana” não bastava o Sínodo se enxergar como tal. Precisava convencer as comunidades. Uma das formas encontradas era a preocupação que o Sínodo tinha em relação à educação. Uma educação doutrinária foi expandida através da organização escolar. Apesar dessas comunidades já possuírem uma organização escolar anterior à instalação do Sínodo, a instituição oferece uma educação dita por eles como diferente.

A educação necessitava de pessoal qualificado. Não poderia ser colocado nas escolas ligadas ao Sínodo de Missouri professores desqualificados, nem tampouco nas igrejas, pastores sem formação teológica.

Por isso, num primeiro momento o Sínodo, trouxe seus pastores e professores dos Estados Unidos, todos com formação específica, formados nos seminários norte-americanos, mas ressentiu-se da falta de pessoal para trabalhar nas comunidades inseridas no Sínodo. Nesse ponto, o Sínodo não podia atender sem pessoal qualificado, pois precisava ser diferente das outras instituições, nem tampouco, podia aceitar qualquer pastor ou professor. No início, o Sínodo pede à Comissão de Missão mais obreiros para trabalhar no Brasil, mas, de acordo com a realidade, o número de alunos, escolas e igrejas aumentou, permanecendo com quase o mesmo número de professores e pastores. Como o seu trabalho de missão buscava ser intensivo, ou seja, o pastor e professor realizavam um trabalho de qualidade, a situação agravava-se com a falta de pessoal qualificado.

Assim, o Sínodo começou um projeto que visava à formação de pastores e professores. Em situação precária, a fundação do primeiro seminário no interior de São Lourenço do Sul foi relevante porque foi possível visualizar as tentativas do Sínodo em estabelecer-se no Brasil. O projeto do Seminário foi um fator determinante da formação da identidade do Sínodo de Missouri, porque promoveu uma escolarização de estudantes que puderam atuar nas comunidades pomeranas.

A sua fundação foi escolhida em uma comunidade pomerana. A maior parte dos seus alunos eram pomeranos. Esse projeto se justificava na falta de recursos humanos para atuar nas igrejas e escolas. Segundo os relatos do Sínodo o principal motivo era evitar gastos, bancando viagens aos missionários norte-americanos, os quais, muitas vezes, não se adaptavam à realidade brasileira. Esse era um motivo contundente.

Mas o que aparece claramente é a formação de jovens brasileiros como professores e pastores, orientados pela doutrina considerada pura pelo Sínodo. Assim, ao mesmo tempo em que se evitavam gastos, era possível formar pessoas que iriam atuar no meio em que viviam.

Nesse sentido, constatamos que a necessidade de se diferenciar e demarcar uma identidade foi valorizada pelo Sínodo. A partir da formação teológica e pedagógica de jovens estudantes foi possível moldar as condutas e interiorizar *habitus* condizentes com os seus princípios.

Na análise do Seminário constatamos vários aspectos:

1- A justificativa do seminário ser em Bom Jesus deu-se em função de esta comunidade estar cercada por comunidades pomeranas, que poderiam fornecer apoio ao projeto.

2- O início do seminário deu-se numa instalação rústica e simples sem esquecer a formação dos jovens. O cotidiano dos jovens era permeado por horas de trabalho e horas de estudo, sendo valorizado o trabalho braçal e laborioso dos estudantes.

3- O currículo do seminário foi baseado nos seminários norte-americanos, porém adaptado ao tempo e às condições que se tinha. O currículo enfatizava o aprendizado da religião, sem esquecer os conhecimentos seculares. A ênfase pedagógica era dada, os alunos tinham contato com a escola comunitária e podiam exercer a função de professor. Nesse sentido, apesar das dificuldades, os alunos foram vistos como aplicados e disciplinados, ou seja, acabaram interiorizando um *habitus* religioso e pedagógico de acordo com os princípios do Sínodo.

4- A maior relevância da constituição do Seminário na pesquisa deu-se em relação aos conflitos e disputas na instalação do Instituto. Como já analisamos, as comunidades não tinham um pensamento único, as divergências ocorriam. A partir dos desentendimentos enfrentados na instalação do Seminário, percebemos que parte da comunidade sentia-se ameaçada com o Sínodo. Este projeto do Seminário afetou as relações comunitárias, provocando uma instabilidade na aceitação do Sínodo. Alguns sentiram-se ameaçados, com a legitimidade da sinodalização da comunidade. Mas o Sínodo conseguiu realizar a instalação com muita astúcia, demonstrando seriedade e capacidade de convencimento ao grupo descontente. Agiu no convencimento do projeto, adaptando-se às desconfianças surgidas, mas não se descaracterizou na defesa doutrinária. Esse impasse contribuiu para uma definição identitária ainda maior daqueles que estavam iniciando a sua vinculação ao Sínodo. Destacamos que a identidade é construída e reforçada a partir de conflitos, pois eles forçam a uma tomada de posição dos envolvidos.

5- O término do Seminário em Bom Jesus não se deu com o término da comunidade religiosa ou escolar. A justificativa para o fechamento nesta localidade se deu em função de ele ficar isolado das demais regiões do Rio Grande do Sul. No período do fechamento as outras comunidades do Sínodo de Missouri, em outras localidades do Estado, estavam fortalecidas. O Sínodo decide transferir esta instituição para Porto Alegre anos mais tarde. O principal motivo foi o abandono do

pastor Hartmeister do Brasil por motivos de saúde. Percebemos que não houve nenhum substituto e o seminário em Bom Jesus parou de funcionar. Mas destacaram-se no trabalho as atividades dos primeiros estudantes do Seminário. No fechamento da instituição estes primeiros estudantes foram designados para trabalhar em escolas ou como auxiliares das escolas. A maioria trabalhou entre comunidades pomeranas. Concluímos que eles adotaram os ensinamentos da doutrina do Missouri nas escolas religiosas em que atuaram. Mesmo não tendo completado a sua formação puderam suprir em grande parte a falta de professores na região. Eles trabalharam nas escolas com orientação de pastores, nesse sentido aliviavam a sobrecarga dos pastores que não precisavam envolver-se com as atividades escolares. A identidade teológica pedagógica difundida pelo Sínodo de Missouri possibilitou um avanço na escolarização de seus fiéis, através de pessoas formadas seguidoras de uma ortodoxia luterana.

Ao analisarmos a educação pomerana, compreendemos que, ao se pesquisar a formação identitária desta etnia, foi necessário entender as práticas escolares e a cultura escolar dessas comunidades. A abordagem da cultura escolar teve um aporte significativo nos depoimentos orais dos alunos. A partir das lembranças e das recordações compartilhadas numa memória social dos depoentes encontraram-se alguns aspectos do cotidiano da escola pomerana.

1- A organização escolar já estava estruturada no contexto pomerano, mas foi legitimada como um diferencial pelo Sínodo de Missouri, a partir do ensino doutrinário com professores de formação qualificada.

2- O ensino da escola se dava na língua alemã, a fim de poder ser utilizada na leitura da literatura da igreja e nos ritos religiosos. Os alunos se comunicavam no dialeto pomerano, mas as aulas eram dadas no alemão clássico. Identificamos diferentes usos para as duas linguagens: o pomerano usado no ambiente familiar e social e o alemão usado na escola e na igreja. Nesse sentido, a língua, tanto o dialeto como o alemão, deram um sentido de pertencimento desta etnia.

3- As escolas eram multisseriadas, apresentando turmas mistas e serviam para preparar as crianças na fé cristã, para serem membros atuantes da igreja e ao mesmo tempo, cidadãos ordeiros e pacíficos.

4- A figura do professor foi fundamental no sucesso das escolas pomeranas, especialmente daquelas pertencente ao Sínodo de Missouri. Deveriam ser formados e possuir uma conduta moral exemplar. Notamos que usavam métodos rígidos com

castigos corporais, legitimados na comunidade. Os professores eram na maioria pastores, mas quando não possuíam formação teológica faziam muitas vezes o trabalho religioso, auxiliando o pastor. Do mesmo modo, concluímos que as escolas do Sínodo de Missouri moldaram uma identidade escolar na busca de uma qualificação dos professores. As comunidades independentes começaram a sentir a concorrência do Sínodo por ter pessoal qualificado. Percebemos esse fato nos depoentes da pesquisa que tiveram a sua escolarização nas igrejas independentes, tiveram professores qualificados com uma conduta moral aceitável. Mas, estes professores não permaneciam muito tempo nas comunidades, a rotatividade era maior que a do Sínodo de Missouri, então o trabalho dessas escolas não se conseguia uma continuidade. Alguns dos depoentes, segundo seus relatos, não se mantiveram nas comunidades independentes. Buscaram o trabalho do Sínodo, que mantinha uma organização hierarquizada e organizada na distribuição de seus professores.

5- Em relação ao currículo das escolas pomeranas, a religião ocupava um papel central no cotidiano escolar. Em especial, na instituição do Sínodo de Missouri constatamos um investimento maior no conhecimento religioso através das leituras do ensino de histórias bíblicas, do ensino da música, que era usada em diferentes momentos da comunidade. A escola possuía um elo forte nas atividades da igreja. Os alunos apresentavam-se nas festas das comunidades, nos sepultamentos e nas festas de Natal. Ainda, a vida escolar servia de preparação para rito da confirmação, no período da escola, os alunos aprendiam as noções básicas do Catecismo, que depois seriam aprofundadas no ensino confirmatório. Ainda as práticas de escrita e leitura eram enfatizadas na escola, com intuito de fortalecer a doutrina religiosa. Em função do aprendizado da leitura era possível ler a Bíblia, o Catecismo, as revistas e a literatura do Sínodo de Missouri que circulavam na realidade pomerana. Mesmo a ênfase sendo na religião, a escola pomerana não descuidava dos conhecimentos seculares. Nesse sentido, a organização do Missouri, ao apresentar um diferencial, não poderia esquecer-se dos conhecimentos básicos para obter uma escola qualificada.

Ao entendermos alguns aspectos da cultura escolar, notamos no currículo a presença de práticas religiosas e de leitura específicas usadas nas escolas orientadas pelo Sínodo de Missouri. Essas escolas possuíam material didático próprio. Analisamos dois livros: um produzido pelo Sínodo de Missouri, pela sua

editora no Brasil, outro a cartilha de Rotermond, produzido por um pastor do Sínodo Riograndense.

A análise do material didático foi muito importante para confirmar e revelar um projeto educacional diferenciado do Sínodo de Missouri. A comparação entre as duas cartilhas contribuiu para entender a construção de uma identidade teológico-pedagógica do Missouri. A instituição elaborou o seu material didático privilegiando um ensinamento doutrinário luterano. As diferenças da cartilha do Sínodo de Missouri com a cartilha de Rotermond serviram para comparar a perspectiva de educação que se queria dar nas escolas das comunidades. Percebemos que as diferenças foram sutis. Ambos livros possuem a mesma forma de organização. Os conteúdos apresentam semelhanças. Apesar de os dois livros apresentarem leituras relacionadas com a religião e a conduta moral dos alunos, a cartilha de Rotermond também apresentou textos sobre religião em forma de orações, versos, mas o diferencial foi não contemplar leituras religiosas específicas da doutrina luterana.

Ainda, a cartilha de Rotermond apresentava textos da realidade social e política da imigração, não aparecendo na cartilha do Sínodo de Missouri. Isso demonstrava outra característica da instituição do Missouri. Eles buscaram não se envolver em questões sociais e políticas. Procuraram no seu projeto educacional e religioso formar uma identidade alinhada aos princípios hierárquicos de uma igreja que deveria estar preocupada em formar, através da educação, alunos e fiéis nos conhecimentos ortodoxos da religião luterana e promover uma conduta moral aceitável na vida pessoal.

Percebemos na educação pomerana influências de uma construção identitária do Sínodo de Missouri, sob muitos aspectos abordados. Constatamos que a formação dessa identidade demarcou um campo religioso nas comunidades pomeranas, legitimando este campo, através de um projeto educacional, na formação de professores e pastores e no fomento de escolas confessionais. Neste sentido, a instauração de um *habitus* religioso foi necessário, para que estas práticas diferenciadas pudessem fortalecer-se.

Não buscamos um trabalho exaustivo para entender as bases confessionais de cada instituição, mas consideramos como estas instituições se representam. Assim, analisamos aspectos da formação da identidade do Sínodo de Missouri.

Entendemos que essas questões não se encerram neste trabalho. As pesquisas neste campo são escassas, especialmente em relação à organização

escolar que envolveu as comunidades pomeranas e o Sínodo de Missouri. Certamente, muitos aspectos poderão ser abordados em outras pesquisas e poderão contribuir para a compreensão de uma análise mais aprofundada de diferentes perspectivas.

Entretanto, buscamos encaminhar pontos e questões até então desconhecidos. Não houve uma educação única e uniforme entre as comunidades pomeranas. Apesar de a organização escolar pomerana apresentar de forma geral, muitas similaridades, foi possível constatar que aquelas que tiveram a presença do Sínodo de Missouri, apresentaram diferenças, que, apesar de sutis, formaram uma identidade própria. É evidente que não foi uma identidade essencial e criada sem as influências do contexto histórico e social. Foi necessário a esta organização de escolas pomeranas reinventar costumes e tradições que já existiam e reforçar aqueles pontos que precisavam demarcar.

Por isso, acreditamos contribuir na compreensão de uma educação de escolas confessionais e aos desdobramentos da influência das instituições religiosas.

Referências Bibliográficas

- ALTMANN, Walter. **Lutero e Libertação**. São Leopoldo, Sinodal e Ática, 1994.
- ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e modernização: a cidade e Pelotas no último quartel do século XIX**. Pelotas, UFPEL; 2000.
- ANUÁRIO LUTERANO. Igreja Evangélica Luterana do Brasil. **Cristo para Todos**. Porto Alegre, Concórdia, 2005.
- BASTOS, Maria Helena Câmara. Espelho de Papel: a imprensa e a história da educação. IN: SOUZA, José Carlos Araújo e GATTI, Décio Júnior (org.). **Novos Temas em História da Educação Brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas, Autores Associados, 2002.
- BECK, Nestor Luiz João. **Compreender o Passado Abraçar o Futuro: vocação da igreja na expectativa do reino de Deus**. São Leopoldo, edição do autor, 1996.
- BEER, Otto. 25 Jahre unter dem Sudlichen Kreuz (1900-1925). Porto Alegre, Concórdia, 1925.
- BOBSIN, Oneide. Max Weber como 'teólogo': leitura teológica da Ética Protestante. **Caminhos**. V 3, nº 2, jul/dez. 2005, p. 211-231.
- BOURDIEU, Pierre. **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola**. Rio de Janeiro, UERJ, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas sobre a teoria da ação**. Campinas, Papirus, 1996a.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas lingüísticas: o que falar e o que dizer**. São Paulo, USP, 1996b.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa, Difel, Bertrand Brasil, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.

- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade lembrança de velhos**. 2ª ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- BURKE, Peter . Abertura: A Nova História, seu Passado e seu Futuro. IN: BURKE, Peter (org.) **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo, UNESP, 1992, p. 7-37
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Por uma História Cultural dos Saberes Pedagógicos. IN: SOUSA, Cynthia Pereira de e CATANI, Denise Barbara. **Práticas Educativas, Culturais Escolares, Profissão Docente**. São Paulo, Escrituras Editora e Distribuidora de Livros, 1998, p. 31-40
- CATROGA, Fernando. Memória e História. IN: PESAVENTO, Sandra Jatahy. (org.). **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre, UFRGS, 2001, p. 43-69
- CHARTIER, Roger. **Formas e Sentido Cultura Escrita: entre distinção e apropriação**. Campinas, Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 2003.
- CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro do leitor ao navegador conversações com Jean Lebrun**. São Paulo, UNESP, 1999.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Lisboa, Difel, s/d.
- CUNHA, Jorge Luiz da e GARTNER, Angelika (orgs). **Imigração Alemã no Rio Grande do Sul: história, linguagem, educação**. Santa Maria, UFSM, 2003.
- DEMARTINI, Zélia de Brito Fabri. História da Educação da População Brasileira: diferentes grupos sociais e diferentes fontes. IN: SOUSA, Cynthia Pereira de e CATANI, Denise Barbara. **Práticas Educativas, Culturais Escolares, Profissão Docente**. São Paulo, Escrituras Editora e Distribuidora de Livros, 1998, p. 181-193
- DREHER, Martin (org.). **500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional**. São Leopoldo, EST, 2002.
- DREHER, Martin N. Notas para uma História da Educação Protestante no Brasil. **Estudos Leopoldenses**. Vol 4, nº 6, 2000, p.133-150.
- DREHER; Martin (org.). **Populações Rio- Grandenses e Modelos de Igreja**. Porto Alegre, São Leopoldo, EST/Sinodal, 1990.
- DREHER, Martin Norberto. **Igreja e Germanidade: Estudo Crítico da História da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil**. Porto Alegre, EST, 1984.
- FACHEL, José Plínio Guimarães. **As Violências contra alemães e seus descendentes durante a Segunda Guerra Mundial em Pelotas e São Lourenço do Sul**. Pelotas, UFPEL, 2002.

- FIORI, Neide Almeida (org.). **Etnia e educação: a escola alemã do Brasil e estudos congêneres**. Florianópolis, Tubarão, UFSC, Unisul, 2003, p. 71-89.
- FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa, Presença, 1989.
- GERTZ, René. **O Perigo Alemão**. 2ª ed. Porto Alegre, Universidade/ UFRGS; 1998.
- GERTZ, René. A construção de uma nova cidadania. IN: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira. (org.). **Os Alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e cultura**. Canoas, ULBRA, 1994, p. 43-54.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? IN: SILVA, Tomás T. da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.
- HALL, Stuart. **Identidades Culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP & A, 1997.
- HARTMEISTER, Jonh. Ein Institut zur Ausbildung von Lehrern und Predigern. **Evangelisch Luterisches Kirchenblatt**. Porto Alegre, 37-40, 1904.
- HARTMEISTER, Jonh. Ein Tag bei unsern Zoglingen. **Evangelisch Luterisches Kirchenblatt**. Porto Alegre, 180- 188, 1904.
- HOBSBAWN, Eric. **Sobre a História**. São Pulo, Companhia das Letras, 1998.
- HOBSBAWN, Eric. **A Era dos Impérios: 1875-1914**. 3ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.
- HOBSBAWN, Eric. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HOBSBAWN, Eric. **A Era das Revoluções: 1789-1848**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.
- HOBSBAWN, Eric. **A Era do Capital: 1848-1875**. 5ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.
- HOPPEN, Arnildo. **Formação de Professores Evangélicos no Rio Grande do Sul I Parte (1909-1939)**. São Leopoldo, edição do autor,
- KENT, George O **Bismark e seu tempo**. Brasília, Universidade de Brasília, 1982.
- KLIEMANN, Luiza Helena Schmitz. **RS: Terra e Poder- História da Questão Agrária**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986.
- KOLLING, Nilo. **Educação e Escola em Contexto de Imigração Pomerana no sul do Rio Grande do Sul**. Pelotas, FAE/UFPEL, 2000. (dissertação de mestrado)

KREUTZ, Lúcio. **Professor Paroquial: magistério e imigração alemã**. Pelotas, Seiva, 2004a.

KREUTZ, Lúcio. Currículo Escolar, Culturas e Imposição de Língua Única. **Anais do X Encontro Sul- Riograndense em História da Educação**. Pelotas, Seiva, 2004b, p. 215-227.

KREUTZ, Lúcio. Língua de Referência na escola teuto-brasileira. IN: CUNHA, Jorge Luiz da e GARTNER, Angelika (orgs). **Imigração Alemã no Rio Grande do Sul: história, linguagem, educação**. Santa Maria, UFSM, 2003, p. 133-157

KREUTZ, Lúcio. Imigrantes e Projeto de Escola Pública no Brasil: diferenças e tensões culturais. In: Sociedade Brasileira de História da Educação (org.) **Educação no Brasil História e Historiografia**. Campinas, Autores Associados, 2001a. p.119-144.

KREUTZ, Lúcio. Um pastor elaborando e imprimindo material didático: desvio de função? IN: TAMBARA, Elomar e PERES, Eliane (orgs). **Anais do VII Encontro Sul-Riograndense de Pesquisadores em História da Educação**. Pelotas, maio de 2001b, p 229-241

KREUTZ, Lúcio. A Educação de Imigrantes no Brasil. In: LOPES, Elaine Marta Teixeira; FARIA, Luciano Filho Mendes de; VEIGA, Cintia Greiva. **500 anos de História da Educação no Brasil**. 2ª ed Belo Horizonte, Autêntica, 2000a. p.347-370.

KREUTZ, Lúcio. Imigração Alemã e Processo Escolar na Argentina, no Brasil e no Chile, de 1824 a 1930. **Estudos Leopoldenses**. Vol 4, nº 6, 2000b, p. 23-36.

KREUTZ, Lúcio. Etnia e educação: perspectivas para uma análise histórica. IN:SOUSA, Cynthia Pereira de e CATANI, Denice Barbara. **Práticas Educativas, Culturais Escolares, Profissão Docente**. São Paulo, Escrituras Editora e Distribuidora de Livros, 1998, p. 93-110.

KREUTZ, Lúcio. **Material didático e currículo na escola teuto-brasileira do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo, Unisinos, 1994a.

KREUTZ, Lúcio e RAMBO, Arthur. Germanismo Pedagógico no Rio Grande do Sul: perspectivas de pesquisa. **Estudos Leopoldenses**. Vol 30, nº 137, maio/junho, 1994b, p. 79-92.

KREUTZ, Lúcio. Escolas de imigração alemã no Rio Grande do Sul: perspectiva histórica. IN: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira. (org.). **Os Alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e cultura**. Canoas, ULBRA, 1994.

- KREUTZ, Lúcio. Modelo de uma igreja imigrante. IN: DREHER; Martin (org.). **Populações Rio-Grandenses e Modelos de Igreja**. Porto Alegre, São Leopoldo, EST/Sinodal, 1990, p 201-217.
- LANDO, A.M. ; BARROS, E. C. Capitalismo e colonização: os alemães no Rio Grande do Sul. IN: DACANAL, J. H.; GONZAGA, S. (org.) RS: **Migração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.
- LEAL, Maria Cristina e PIMENTEL, Marília Araújo Lima (org.). **História e Memória da Escola Nova**. São Paulo, Loyola, 2003.
- LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. 4ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
- LORAU, Paul. **La lectura Del tempo pasado: memória e olvido**. Madrid, Arrecife Producciones, 1999, p. 31-70.
- LOPES, Eliane M. T., GALVÃO, Ana Maria de O **História da Educação**. Rio de Janeiro. DP e A, 2001.
- LOPES, Elaine Marta Teixeira; FARIA, Luciano Filho Mendes de; VEIGA, Cintia Greiva. **500 anos de História da Educação no Brasil**. 2ª ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2000. p.347-370.
- LUCENA, Célia. Tempo e espaço nas imagens das lembranças. IN: VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes (org.) **Os desafios Contemporâneos da História Oral**. Campinas, Editora do Centro de Memória, 1997, p. 223-266.
- MAGALHÃES, Justino. Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas. IN: SOUSA, Cynthia Pereira de e CATANI, Denise Barbara. **Práticas Educativas, Culturais Escolares, Profissão Docente**. São Paulo, Escrituras Editora e Distribuidora de Livros, 1998, p. 51-69.
- MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul- Um Estudo Sobre a Cidade de Pelotas (1860-1890)**. 2ª ed. Pelotas, UFPEL, 1993.
- MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira. (org.). **Os Alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e cultura**. Canoas, ULBRA, 1994.
- MEYER, Dagmar Estermann. Língua e religião como instituintes da nacionalidade. IN: Cunha, Jorge Luís; GARTNER, Angelika (org.) **Imigração Alemã no Rio Grande do Sul: história, linguagem, educação**. Santa Maria, UFSM, 2003, v1, p 187-214
- MEYER, Dagmar Estermann. “Alemão”, “Estrangeiro” ou “Teuto-Brasileiro”? Representações de Docência Teuto-Brasileiro no Rio Grande do Sul. **História da Educação/asphe**. Pelotas, UFPEL, abril 2001. nº 9, p.

- MENDES, José M. O desafio das identidades. IN: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.) **A Globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 503-540.
- MULHALL, Michael George, **O Rio Grande do Sul e suas colônias alemãs: 1836-1900**. Porto Alegre, Bels, 1974.
- NUNES, Clarice. Memória e história da educação: entre práticas e representações. IN: LEAL, Maria Cristina e PIMENTEL, Marília Araújo Lima (org.). **História e Memória da Escola Nova**. São Paulo, Loyola, 2003, p. 9-25
- OSÓRIO, Fernando Luís. **A Cidade de Pelotas**. 2ª ed. Porto Alegre, Globo, 1962.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. (org.). **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre, UFRGS, 2001.
- RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação? In: *Educar em Revista*, nº 18, ° 13 a 28. Editora da UFPr. Curitiba Paraná, 2001.
- RAMBO, Arthur Blásio. O teuto-brasileiro e sua identidade. IN: FIORI, Neide Almeida (org.). **Etnia e educação: a escola alemã do Brasil e estudos congêneres**. Florianópolis, Tubarão, UFSC, Unisul, 2003, p. 71-89.
- RAMBO, Arthur Blásio. A igreja dos Imigrantes. IN: DREHER, Martin (org.). **500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional**. São Leopoldo, EST, 2002, p. 57-73
- RAMBO, Arthur Blásio. Nacionalidade e Cidadania. IN: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira. (org.). **Os Alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e cultura**. Canoas, ULBRA, 1994, p. 43-53
- REHFELDT, Mario L. **Um grão de mostarda: A História da Igreja Evangélica Luterana do Brasil**. Porto Alegre, Concórdia, 2003. v.1
- REHFELDT, L. C. Unsere Schulen IN: Beer, Otto. **25 Jahre unter dem Sudlichen Kreuz (1900-1925)**. Porto Alegre, Concórdia, 1925.
- RICOUER, Paul. **La lectura del tiempo pasado: memória y olvido**. Madrid: Arrecife Producciones, 1999: 31-70.
- RIETH, Ricardo W. Protestantismos na América Meridional. IN: DREHER, Martin (org.). **500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional**. São Leopoldo, EST, 2002, p. 139-141

RIETH, Ricardo W. Dois modelos de Igreja Luterana: IECLB e IELB. IN: DREHER; Martin (org.). **Populações Rio-Grandenses e Modelos de Igreja**. Porto Alegre, São Leopoldo, EST/Sinodal, 1990, p.257-267.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Globo, 1969.

SALAMONI, Giancarla. A imigração alemã no Rio Grande do Sul- o caso da comunidade pomerana de Pelotas. **História em Revista**. Pelotas, v. 7, 25-42, dezembro, 2001.

SALAMONI, Giancarla. **Produção familiar: possibilidades e restrições para o desenvolvimento sustentável- o exemplo de Santa Silvana- Pelotas RS**. Rio Claro, SP, Tese de Doutorado, Curso de Pós Graduação em Geografia, 2000.

SALAMONI, Giancarla. (coord) **Valores Culturais da Família de Origem Pomerana no Rio Grande do Sul- Pelotas e São Lourenço do Sul**. Pelotas, UFPEL, 1996.

SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. IN: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira. (org.). **Os Alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e cultura**. Canoas, ULBRA, 1994, p. 11-27.

SCHHELP, PAUL IN BEER, Otto. 25 Jahre unter dem Sudlichen Kreuz (1900-1925). Porto Alegre, Concórdia, 1925.

SEIBERT, Egon Martin. O que se pode afirmar sobre a identidade confessional nas Igrejas de tradição evangélico-luterana no Brasil a partir do seu surgimento, e o que se aprende daí para a atual procura por identidade confessional?. IN: **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 43, n 1, jan/jul. 2003, p. 7-13

Sociedade Brasileira de História da Educação (org.) **Educação no Brasil História e Historiografia**. Campinas, Autores Associados, 2001. p.119-144.

SOCIEDADE EDITORA DE PUBLICAÇÕES ESPECIAIS. **Álbum Oficial do Sesquicentenário da Imigração Alemã**, Porto Alegre, EDEL, 1973.

SOUSA, Cynthia Pereira de e CATANI, Denise Barbara. **Práticas Educativas, Culturais Escolares, Profissão Docente**. São Paulo, Escrituras Editora e Distribuidora de Livros, 1998.

SOUZA, José Carlos Araujo e GATTI, Décio Júnior (org.). **Novos Temas em História da Educação Brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas, Autores Associados, 2002.

- STEYER, Walter O. **Os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e o Luteranismo: a fundação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil e o confronto com o Sínodo Rio-Grandense 1900-1904**. Porto Alegre, Singulart, 1999.
- SHARPE, Jim. A História Vista de Baixo. IN: BURKE, Peter (org.) **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo, UNESP, 1992, p. 39-62.
- SMITH, Anthony D. **A identidade nacional**. Lisboa: Gradiva, 1997. [Cap. 1: *Identidades nacionais e outras*, p 13-33]
- TAMBARA, Elomar e PERES, Eliane (orgs). **Anais do VII Encontro Sul-Riograndense de Pesquisadores em História da Educação**. Pelotas, maio de 2001.
- TAMBARA, Elomar. Problemas teórico- metodológico da História da Educação. IN: SAVIANI, Dermeval, LOMBARDI, Claudinei. **História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual**. Campinas, SP, Autores Associados-HISTEDBR, 1998, p. 79-87.
- TAMBARA, Elomar. **A Educação no Rio Grande do Sul sob o Castilhismo**. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós Graduação em Educação, 1991. Tese de Doutorado.
- TEICHMANN, Eliseu. **Imigração e Igreja: As comunidade- Livres no Contexto da Estruturação do Luteranismo no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo, Instituto Ecumênico de Pós Graduação, Tese de Mestrado, 1996.
- TOURAINÉ, Alain. O Retorno do Actor: ensaio sobre sociologia. Lisboa, Instituto Piaget, 1996. [**As duas faces da identidade**]
- ULRICH, C. O. As colônias Alemãs no Sul do Rio Grande do Sul. **História em Revista**. Pelotas, v.5, p 137-161, dez/ 1999
- WACHHOLZ, Wilhelm. "IECLB": caminhos de uma confessionalidade (diagnósticos e prognósticos). IN: **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 43, n 1, An/jul. 2003, p. 14-28
- WARTH, Carlos H. **Crônicas da Igreja: Fatos históricos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil: 1990- 1974**). Porto Alegre, Concórdia S. A ., 1979.
- WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. São Paulo, Editora da UnB, 2004.
- WEBER, Max. **A ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. 7ª ed. Livraria Pioneira Editora, 1992.
- WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. 5ª ed. Rio de Janeiro, L. J. C,1982.

WEIDUSCHADT, Patrícia. **O Lazer e a construção da identidade numa comunidade rural de descendentes germânicos em Pelotas.** Pelotas, ICH/UFPEL, setembro de 2004, monografia de especialização.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN: SILVA, Tomaz T. (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, Vozes, 2000. p. 103- 133

Periódicos e revistas pesquisadas.

Der Lutheraner, St Louis, Concordia Publishing House, 1899-1915. Revista Oficial da The Lutheran Church Missouri Synod (EUA)

Evangelisch- Lutherisches Kirchenblatt Sued-Amerika, Porto Alegre, 1903-1904; 1908-1913- Revista Oficial da Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

Jornal do Comércio, 02/03/1875, nº 48, p. 1. Pelotas

Artigos do Mensageiro Luterano:

EDIÇÃO. Um pouco de História: A igreja dos irmãos. **Mensageiro Luterano.** Rio de Janeiro, maio de 1938, Ano XXI, nº 5, p.39-40

EDIÇÃO. Nossa Igreja no ano de 1846. **Mensageiro Luterano.** Rio de Janeiro, junho de 1946, Ano XXIX, nº 6, p. 43.

EDIÇÃO. Um pouco de História: A igreja unida alemã. **Mensageiro Luterano.** Rio de Janeiro, junho de 1938, Ano XXI, nº 6, p 47-48

Edição. Os Saxões. **Mensageiro Luterano.** Rio

WILLE, Emílio. Nosso Primeiro Seminário em Bom Jesus, São Lourenço do Sul, R. G. S. **Mensageiro Luterano.** Rio de Janeiro, abril de 1949, Ano XXXII, nº 4, p. 26-27.

HARTMEISTER, Jonh. Semeando o Grão de Mostarda. **Mensageiro Luterano.** Rio de Janeiro, janeiro de 1951, Ano XXXVI, nº 1, p.2-4.

Artigos do Jovem Luterano:

MULLER, G. J. Nosso Sínodo. **Jovem Luterano.** Porto Alegre, julho de 1945, Ano VI, nº 7, p. 101-103.

REIMNITZ, Elmer. Os começos duma grande igreja. **Jovem Luterano**. Porto Alegre, outubro de 1946, Ano VII, nº 10, nº 147- 149.

HELMER, M. O Trabalho da Igreja entre os Jovens, é um Milagre de Deus. **Jovem Luterano**. Porto Alegre, fevereiro de 1947, Ano VII, nº 2, p. 22-26.

REHFELDT, L. C. O Grão de Mostarda que se fêz Árvore. **Jovem Luterano**. Porto Alegre, agosto de 1949, Ano X, nº 8, p. 118-124.

Atas:

Ata da primeira assembléia sinodal do Sínodo de Missouri no Brasil (1904)

Ata da comunidade de São Pedro (1900- 1925)

Livro de Registros:

Livro de Registros da Comunidade Luterana de Santa Coleta- Batismos, Casamentos, Sepultamentos e Confirmação- 1876-1902

Cartilhas:

SÍNODO DE MISSOURI. **Erstes Lesesbuch fuer Evangelisch- Lutherische Schulen**. Porto Alegre, Casa Publicadora Concórdia, s/d.

ROTERMUND, Wilhelm. Dr. **Fibel fuer Deutsche Schulen in Brasilien**. São Leopoldo, Porto Alegre, Rotermund e Co, 1925/1927.

ROTERMUND, Wilhelm. **Praktische Rechenschule in vier Heften fuer Deutsche Schulen in Brasilien**. São Leopoldo, Porto Alegre, Rotermund e Co, 1925/1927.

ANEXO I – Pagamento das escolas e igrejas 1905 e 1906

Ano Contábil de 1905.
Contribuições para Igreja e Escola

	I	II	III	IV
1. W. Gówert	10.000	10.000	10.000	10.000
2. C. Gówert	9.500	10.000	10.000	10.000
3. F. Gówert	9.000	9.000		
4. A. Gówert	9.000	9.000	9.000	9.000
5. C. Marten	10.000	10.000	10.000	5.000
6. A. Kütter	9.500	9.000		
7. A. Drews	10.000	10.000	10.000	x
8. F. Drews	10.000	10.000	x	
9. A. Baumbach	5.500	5.000	5.000	5.000
10. R. Stein	10.000	10.000		
11. J. Hirschmann		5.000		
12. K. Hirschmann				
13. F. Heidemann	3.000			
14. A. Konrad		6.000	x	x
15. A. Roll	10.000			
16. A. Peter		10.000		
	105.500	113.000	54.000	39.000

Anexo II –Títulos de Livros

Títulos- Fíbel Rotermund

- 1- Os gatos
- 2- Os gatos (repete)
- 3- Os meninos e os gatos
- 4- O galo
- 5- O galo (diferente)
- 6- Os cinco pintinhos
- 7- O galo (repete a 4)
- 8- O ganso ladrão
- 9- A vaca
- 10- Por exemplo
- 11- O anjo da guarda
- 12- O pássaro
- 13- O menino Jesus
- 14- Jesus viveu como criança
- 15- O cachorro
- 16- O peixe
- 17- Charada
- 18- A abelha
- 19- O colibri
- 20- Miezchen (nome de pessoa)
- 21- O galo e a galinha
- 22- As lâmpadas
- 23- O que nós temos
- 24- O pássaro agradecido
- 25- Oração da noite**
- 26- Prece
- 27- Para um novo ano

Segundo ano

- 1- Querido Deus
- 2- Na escola
- 3- Meu caderno
- 4- A borracha
- 5- Oração da manhã
- 6- Rima da escola
- 7- Na sala de aula
- 8- O pão no caminho
- 9- A viagem alegre
- 10- Estar novo
- 11- Na escola
- 12- A casa
- 13- A ovelha
- 14- O cavalo
- 15- Por favor, um cavalo
- 16- O cavalo de ferro (trem)
- 17- O burro
- 18- O porco
- 19- Charada**

- 20- O bode
- 21- O ganso
- 22-Oração da noite
- 23-O cachorrinho e Spisschen (nome de cachorro)
- 24-O rato
- 25-O ratinho
- 26-O rato esperto
- 27-Ratinhos
- 28-O gatinho
- 29-O rato e o gato
- 30-O pássaro (igual)
- 31-O menino e o pássaro
- 32-O ovo
- 33-O galo da manhã
- 34-Como o rouxinol aprendeu a cantar
- 35-Provérbios
- 36-O que tu tens?
- 37-O menino arteiro
- 38-O tempo
- 39-Ano e dia
- 40- A empregada preguiçosa
- 41-Provérbios
- 42-O sol brilha
- 43-Trabalho
- 44- As abelhas
- 45-As abelhinhas
- 46-A borboleta
- 47-O menino e a borboleta
- 48-A manhã
- 49-De manhã
- 50-O que a criança faz de manhã
- 51-O entardecer
- 52-A canção do entardecer
- 53-As árvores
- 54-O céu
- 55-Nas estrelas
- 56-O querido pastorzinho
- 57-O piedoso agricultor
- 58-O compatriota
- 59-A tempestade
- 60-A tempestade (diferente)

2ª Parte

- 1- O livro de leitura
- 2- Bons conselhos
- 3- A noite
- 4- A igreja
- 5- A criança ora
- 6- Montanha e vale
- 7- Não zombe com os aleijados

- 8- Não faça nada de maldade
- 9- O coração da criança
- 10-As flores
- 11-A rosa
- 12-A verde natureza
- 13-Melhorar com o tempo
- 14-Olhos de Deus
- 15-Não brinque com o fogo
- 16-Na selva
- 17-Brasil
- 18-Os brasileiros bondosos
- 19-Os índios brasileiros
- 20-Os primeiros portugueses no Brasil
- 21-A terra na América
- 22-A primeira colônia no Brasil
- 23-Como as cidades e as outras localidades foram fundadas
- 24-Como as pessoas vivem nas vilas
- 25-Como as pessoas vivem no país
- 26-Os africanos
- 27-A cana de açúcar
- 28-A goiabeira
- 29-A banana
- 30-A folha e a formiga
- 31-O mate
- 32-O pica-pau
- 33-O amendoim
- 34-O porco espinho
- 35-O milho
- 36-A flor da paixão
- 37-O colibri
- 38-A mula
- 39-O morcego
- 40-Nosso café
- 41-O tamanduá
- 42-O caracol
- 43-O lobo e os sete cabritinhos
 - I- Como a cabrita esperava suas crianças
 - II- Como o lobo bateu na porta e duas vezes foi mandado embora
 - III- Como o lobo entrou e conseguiu render os cabritinhos
 - IV- Como a mãe retornou e descobriu um cabritinho que escapou do lobo
 - V- Como a mãe salvou seus filhos e o lobo mau teve o seu castigo
- 44-O cachorro na água
- 45-Chapeuzinho Vermelho
 - I- Quando Chapeuzinho Vermelho foi levar um presente para a sua avó
 - II- Como o Chapeuzinho Vermelho e o lobo encontraram-se no caminho
 - III- Como o lobo se disfarçou de vovó para pegar o Chapeuzinho Vermelho

IV- Como o caçador salvou a vovó e Chapeuzinho Vermelho.

46-O lobo e o carneirinho

47-Frau Holle (nome de mulher)

I- A madrasta malvada

II- A filha dedicada e trabalhadora

III- A filha preguiçosa

48-País de nossos pais.

Títulos Livro: Erstes Lesebuch- Casa Publicadora Concórdia

Primeiro Estágio

1- Oração

2- Oração

3- Os pais e Deus

4- Os pais da casa

5- Frases

6- Karo (nome do cachorro)

7- A mãe e o filho

8- Disciplina precisa haver

9- Montar no cavalinho

10-Frases

11-O pequeno Gernegross

12-Oração de agradecimento

13-O Gato e o rato

14-Charada

15-Frases

16-Rima da escola

17-A escola

18-Zelo pela escola

19-O livro

20-Treino silábico

21-Adolfo

22-Rima do bastão

23-Como as coisas são

24-Oração da noite para os pequeninos

25-O ano

26-A canção de maio (autor: Overbeck)

27-A canção das estações (Autores: Hoffmann v. Fallersleben)

28-O Estado verde

29-Alerta

30-O peixinho

31-A Ovelha

32-Frases

33-De onde vem as coisas

34-O navio

35-O caracol vagarosos

36-A abelha

37- Para os pequeninos

- 38-quem finalmente se lembrou das flores
- 39-Charada
- 40-O lobo e o cabritinho**
- 41-Charada**
- 42-O cavalo e o pato
- 43-O recruta (Autor: Friedrich Gull)
- 44-A batida do moinho (autor: Ernst Anschutz)
- 45-Há paz em toda a floresta
- 46-Canção de Natal (Autor: Martinho Lutero)

Segundo estágio

- 1- Oração da manhã
- 2- Oração da noite (autora: Luise Hensel)**
- 3- Beber e comer
- 4- O homem
- 5- Feito novo (Autor: Fr. Ruckert)
- 6- Higiene
- 7- O relógio
- 8- Os irmãos
- 9- A mãe da casa e o gato
- 10-Frase
- 11-Der Pudel
- 12-Venha até a mim e me escute. O que foi falado do cavaleiro
- 13-O gato
- 14-O amor fortalece
- 15-Provémio
- 16-O animal de estimação
- 17-O valente João
- 18-O homem da areia (autor: Hermann Kletke)
- 19 a- Perguntas, o que se tem resposta (autor: Hermann Kletke)
- 19 b- Perguntas, o que não se pode responder
- 20- Zwei wissen es
- 21- Deixai vir a mim as criancinhas (autor: Wilhelm Hen)
- 22- Com Deus (autor: Hermann Kletke)
- 23- Canção da Páscoa
- 24- Carta
- 25- O pássaro no ninho (autor: Wilhelm Hen)
- 26- O alegre passarinho
- 27- A rã e o boi
- 28- Como as coisas são
- 29- A aranha
- 30- O peixe
- 31- Frau Schwalbe
- 32- Charada
- 33-Provémio
- 34- A laranja
- 35- A casca das nozes
- 36- O caçador
- 37-Charada
- 38- O corvo e a raposa

- 39- Onde a briga leva
- 40- Inverno na Alemanha
- 41- O diálogo de Natal
- 42- O pardal
- 43- Michel no gelo
- 44- Carta
- 45- Carta
- 46- Quem nos contou tão atentamente em língua alemã as histórias da Bíblia
- 47- Lutero e Joãozinho
- 48- A missão de aprender e tomar lição
- 49- Veio para todo o mundo e sobre as nuvens batizou em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo
- 50- O que as crianças certa vez puderam fazer pela missão
- 51- A cidade
- 52- O ninho do passarinho
- 53- O inverno
- 54- Provérbios em torno de provérbios
- 55- O pássaro
- 56- Três pares e um (corpo humano)
- 57- Os dois cabritos
- 58- O cavalo e o burro
- 59- O cachorro avarento
- 60- A proteção do anjo
- 61- O amado Salvador venha até a nós
- 62- A rã e o camundongo
- 63- O que todos os animais aprendem
- 64- Das Gurteltier (Tatú)
- 65- O que eu tenho (corpo humano)
- 66- A guerra com armamento da cozinha
- 67- Da arvorezinha que desejava outras folhas

Terceiro Estágio

- 1- Lutero como pai
- 2- Para o dia de aniversário
- 3- Perguntas em forma de charada
- 4- (título ilegível)
- 5- O cavalo
- 6- A criança atenta
- 7- Palavras ditas semelhantes
- 8- O bebê e o carneiro
- 9- (Título ilegível) autor: M. Loewenstein)
- 10- O burro carregador de sal
- 11- A igreja
- 12- As flores do sol
- 13- Os Tomates
- 14- (falta página)
- 15- (falta página)
- 16- Pássaros nas árvores
- 17- A (inelegível) Autor: Hoffmann von Fallersleben)

- 17 b – Para o tempo de sementes (Autor: Matthias Klaudius)
- 18- O eco
- 19- O grande tamanduá
- 20-O lobo e o homem (autor: Irmãos Grimm)
- 21-O prado azul escuro
- 22-A raposa e o caramujo
- 23-O cervo branco (autor: Ludwig Uhland)
- 24 Junker bravateiro
- 25- Charada
- 26- Agora o seu inimigo passa fome (Autor: Konigsb. Missionsblatt)
- 27- Cortesia sempre regulamenta cada situação

Falta o restante do livro

Obs: As histórias em negrito são as que repetem nos dois livros

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)